

MARÍLIA GARCIA BOLDORINI

AS SINGULARIDADES PATRIMONIAIS NO CONTAR BIOGRÁFICO:  
PAISAGEM, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE JOINVILLE

JOINVILLE

2018

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

MARÍLIA GARCIA BOLDORINI

AS SINGULARIDADES PATRIMONIAIS NO CONTAR BIOGRÁFICO:  
PAISAGEM, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE JOINVILLE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), como requisito parcial para obtenção do título de mestre.  
Orientadora: Professora Doutora Roberta Barros Meira.

JOINVILLE

2018

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Boldorini, Marília Garcia

B687s As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville / Marília Garcia Boldorini ; orientadora Dra. Roberta Barros Meira. – Joinville: UNIVILLE, 2018.

213 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

– Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio cultural – Joinville. 2. Biografia – Crítica e interpretação. 3. Memória coletiva. I. Meira, Roberta Barros (orient.). II. Título.

CDD 363.69

Elaborada por Rafaela Ghacham Desiderato – CRB-14/1437

**Termo de Aprovação**

“As Singularidades Patrimoniais no Contar Biográfico: Paisagem, Memórias e Narrativas de Joinville”

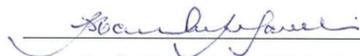
por

Marília Garcia Boldorini

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Roberta Barros Meira  
Orientadora (UNIVILLE)

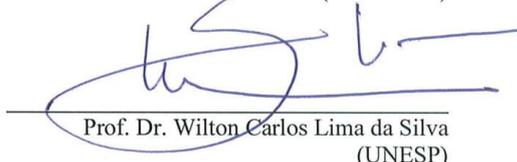


\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli  
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

**Banca Examinadora:**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Roberta Barros Meira  
Orientadora (UNIVILLE)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva  
(UNESP)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes  
(UNIVILLE)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli  
(UNIVILLE)

Joinville, 19 de fevereiro de 2018.

*Para meus pais, aqueles que me dão asas para voar e são um motivo para eu sempre voltar.*

## AGRADECIMENTOS

Após um período de dois anos de bastante dedicação e de trabalho árduo, não poderia deixar de agradecer àquelas pessoas que fizeram parte, nem que fosse com uma palavra de incentivo, desse processo.

Agradeço, em primeiro lugar, como sempre em minha vida, aos meus pais, que me oportunizaram, e o continuam fazendo, na medida do possível, mais esse desejo, o desejo da busca constante por melhoria, nem que isso significasse em muitos casos abdicar de seus próprios planos para que eu pudesse cumprir os meus.

A meu irmão, Flávio, os momentos de acolhimento quando eu me senti frágil. Aposto que o fará sempre que eu precisar.

A minha orientadora, Professora Roberta Barros Meira, a paciência, a calma, a sapiência e a leveza com que lidou com todo o desenvolvimento do trabalho, além da confiança que depositou em mim quando nem eu mesma sabia que caminho seguir. Sua mão a me guiar foi fundamental e de uma presteza admirável.

À Professora Taiza Mara Rauen Moraes, minha mentora desde a época da graduação e uma das primeiras pessoas a acreditarem no meu potencial no campo da pesquisa. Agradeço a ela a confiança depositada, os conselhos, as orientações e as palavras sempre gentis ao se referir a mim, bem como a sua presença, essencial e como não poderia deixar de ser, na minha banca de qualificação.

À Professora Mariluci Neis Carelli, coordenadora do Grupo de Pesquisa Cultura e Sustentabilidade, ao qual este trabalho se vincula, e também agora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), além de membro da minha banca de qualificação, o olhar perspicaz em relação ao meu trabalho e as sugestões a ele dirigidas sempre que necessário fosse e a doçura com que sempre me tratou.

A todos os professores do mestrado, alguns mais distantes, outros mais próximos, Professora Ilanil Coelho, Professora Raquel Alvarenga Sena Venera, Professora Luana de Carvalho Silva Gusso, Professora Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes, Professor Euler Renato Westphal, Professora Nadja de Carvalho Lamas, Professora Dione da Rocha Bandeira, Professor João Carlos Ferreira de Melo Júnior, Professora Patrícia de Oliveira Areas, Professor Paulo Ivo Koehntopp, fora as já citadas Professora Roberta, Professora Taiza e Professora Mariluci, as discussões em sala de aula e os diferentes olhares compartilhados sobre os mais diversos temas.

Todas as aulas foram determinantes para o resultado final deste trabalho. Agradeço também à Professora Maria Luiza Schwarz, toda a gentileza e sabedoria compartilhada em nosso grupo de pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Pessoal (Capes), o financiamento do projeto de pesquisa e a oportunidade dada a mim de cursar o mestrado.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da Univille, a atenção e o zelo dispensados aos alunos.

Aos meus colegas de curso, os momentos juntos, as discussões, as sugestões e as angústias divididas, tão frequentes no processo de pesquisa.

À Professora Raquel S. Thiago e a Wilson Gelbcke, a simpatia e a gentileza, além da disponibilidade, com que me receberam em suas casas para as entrevistas, que, estou segura, só enriqueceram este trabalho e vieram a contribuir com ele.

Aos meus amigos de todas as horas Rafaela, Rafael e Bárbara, o apoio e os ouvidos a escutar meus desabafos quando o cansaço batia, e aos meus companheiros de treino, especialmente Wesley, Sâmia e Goretti, a torcida, o incentivo e o suporte.

A minha tia Maria Cristina, o encorajamento e as palavras carinhosas e de estímulo.

Por fim, a todos aqueles que viram, direta ou indiretamente, o quanto eu me dediquei a este trabalho e me esforcei para transformar mais esse objetivo em realidade.

*“Às vezes parecia que de tanto acreditar  
Em tudo que achávamos tão certo  
Teríamos o mundo inteiro e até um pouco mais  
Faríamos floresta do deserto  
E diamantes de pedaços de vidro”.*

*Andrea Doria,  
de Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá*

## RESUMO

A dissertação apresentada tem como focos principais os valores e os significados do gênero textual biografia e o confronto entre os discursos literários, históricos e patrimoniais na construção das memórias, das narrativas e da paisagem cultural que permeiam a cidade de Joinville, localizada no norte de Santa Catarina, fazendo alusão às ideias de Schama (1996), Bosi (2005), Morais (2011) e Olanda e Almeida (2008). Para analisar tais questões especificamente em textos biográficos, objeto da pesquisa, foram escolhidas duas obras numa tentativa de compor uma amostra. São elas: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000). A proposta deste trabalho é refletir acerca das inúmeras teias de disputa que envolvem os discursos correntes de uma cidade, nesse caso Joinville, pensando em âmbito social, sobretudo, mas também político, econômico e de gênero. Elementos como poder, representatividade e disputas por espaço ficam bastante evidentes nos discursos selecionados, fazendo com que seus reflexos sejam sentidos diretamente na dinâmica social joinvilense. Pensa-se, compartilhando da ideia de teóricos como Foucault (1996), Candau (2016) e Pollak (1989; 1992), que a forma como as memórias, as narrativas e as paisagens culturais aparecem no discurso reflete a perspectiva do autor da obra, e essa maneira de pensar sofre influência e também é influenciada pelo pensamento vigente na sociedade, impactando nos arranjos sociais do local, compartilhando dos conceitos de Canclini (1990), Bhabha (1999) e Schwarcz (2013). Portanto, o objetivo geral aqui consiste em verificar o papel desempenhado pelos textos biográficos e por seus autores na construção do discurso patrimonial da Joinville do século XX. Utiliza-se a fim de alcançar esse propósito também a obra *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, de Carlos Ficker (1965), considerando-a a história “oficial” de Joinville. Para tanto, este estudo tem cunho descritivo e qualitativo, procurando focar a linguagem – tanto literária quanto as falas derivadas das entrevistas com os autores dos textos analisados – como ponto primordial de abordagem, pelo viés de Schmidt (2014), Benjamin (1994), Sarlo (2007) e Arfuch (2010). A investigação integra a linha de pesquisa Patrimônio Cultural e Sustentabilidade, uma das correntes de investigação do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). Conclui-se o trabalho com a premissa de que a biografia carrega em seu cerne representações do real ao que se refere ao mundo exterior, fazendo com que o discurso literário seja mais um discurso que envolve memórias, narrativas e o patrimônio cultural do grupo que descreve.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; paisagem cultural; narrativa biográfica; memória literária.

## ABSTRACT

This dissertation has as main focuses the values and meanings of the textual gender called biography and the confrontation between the literary, historical and patrimonial speeches on the construction of memories, narratives and cultural landscapes that permeate Joinville city, located in the north of Santa Catarina, alluding to the ideas of Schama (1996), Bosi (2005), Morais (2011) and Olanda and Almeida (2008). In order to analyze these questions in biographic texts specifically, since they are the object of the research, two books were chosen on the attempt of compound a sample. The books are: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, by Wilson Gelbcke (2004), and *Eu, Wittich Freitag*, by Raquel S. Thiago (2000). The aim of this project is to think about the many dispute webs that involve the current speeches of a city, in this situation Joinville, considering especially the social purview, but also the political, economic and the gender ones. Elements as power, representativeness and disputes for spaces are extremely evident on the selected speeches, and their reflections are directly felt on joinvilense social dynamics. Likewise the theorists as Foucault (1996), Candau (2016) and Pollak (1989; 1992), we think that the way the memories, the narratives and the cultural landscapes are shown on the speech reflects the author's perspective, and this way of thinking is affected by the current thought of our society, as well as it affects this thought, interfering the social arrangements of the place, sharing the concepts of Canclini (1990), Bhabha (1999) and Schwarcz (2013). Therefore, the general objective of the study is to verify the performed role of the biographical texts and their actors on the construction of the twentieth century Joinville's patrimonial speech. We also use in order to achieve this purpose the book *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, by Carlos Ficker (1965), considering it as the "official" history of Joinville. For this purpose, the study has a descriptive and qualitative nature, trying to focus the language – the literary one and also the speeches from the interviews with the authors of the analyzed texts – as the primordial approach, by Schmidt (2014), Benjamin (1994), Sarlo (2007) e Arfuch (2010). The investigation integrates the research line Cultural Heritage and Sustainability, one of the lines from the Post-Graduation Program on Cultural Heritage and Society from the University of Joinville's Region (Univille). We conclude the Project taking the premise the biography has in its core representations of real referring to the exterior world. It makes that the literary speech is one more speech that involves memories, narratives and the cultural heritage of the group it describes.

**Keywords:** cultural heritage; cultural landscape; biographical narrative; literary memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Wilson Gelbcke e sua biografia sobre Olívia Maia Mazzolli, <i>Primavera em pleno outono</i> , de 2004.....	145
<b>Figura 2</b> – Raquel S. Thiago e sua biografia sobre Wittich Freitag, <i>Eu, Wittich Freitag</i> , de 2000 .....	147

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 “SE É SEMPRE OUTONO O RIR DAS PRIMAVERAS”: GÊNERO, PODER E BIOGRAFIA EM UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA</b> .....	<b>35</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	36
1.2 A BIOGRAFIA ATRAVÉS DOS TEMPOS: FOUCAULT E O DISCURSO LITERÁRIO.....	38
1.3 ANÁLISE FOUCAULTIANA DO DISCURSO EM <i>PRIMAVERA EM PLENO OUTONO</i> .....	43
1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
1.5 REFERÊNCIAS.....	59
<b>2 O DESENNOLAR DE UMA MEADA MULTICOLOR: BIOGRAFIA, GÊNERO, PAISAGENS E O DISCURSO OFICIAL EM JOINVILLE</b> .....	<b>61</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	62
2.2 BIOGRAFIA COMO GÊNERO: LIMITES ENTRE FICÇÃO E REALIDADE.....	64
2.3 A BIOGRAFIA: DETALHES DO GÊNERO TEXTUAL .....	72
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
2.5 REFERÊNCIAS.....	84
<b>3 O GÊNERO BIOGRAFIA E A PAISAGEM CULTURAL: CONSTRUÇÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL</b> .....	<b>87</b>
3.1 INTRODUÇÃO .....	88
3.2 REVISÃO DA LITERATURA.....	92
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
3.4 REFERÊNCIAS.....	97

<b>4 O CONTAR SOBRE A CIDADE: A BIOGRAFIA E AS MEMÓRIAS QUE DISTINGUEM O LUGAR .....</b>	<b>99</b>
4.1 INTRODUÇÃO .....	100
4.2 BIOGRAFIAS E O DISCURSO OFICIAL CORRENTE: MEMÓRIAS EM DISPUTA .....	103
4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	119
4.4 REFERÊNCIAS.....	121
<b>5 A PAISAGEM INSCRITA NA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS HOMENS: O CASO DE DUAS BIOGRAFIAS JOINVILENSES .....</b>	<b>123</b>
5.1 INTRODUÇÃO .....	123
5.2 ESPAÇOS FEMININOS × ESPAÇOS MASCULINOS: O GÊNERO EM PAUTA.....	126
5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	138
5.4 REFERÊNCIAS.....	138
<b>6 O BIÓGRAFO E OS SEGREDOS DA NARRATIVA BIOGRÁFICA: O ROTEIRO PARA AS MEMÓRIAS DE JOINVILLE .....</b>	<b>141</b>
6.1 INTRODUÇÃO .....	142
6.2 O VIVER SOB O OLHAR CRÍTICO: A IDEIA DO NARRADOR.....	144
6.3 PORTAS ADENTRO: O BIÓGRAFO EM PRIMEIRO PLANO .....	152
6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	159
6.5 REFERÊNCIAS.....	160
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>169</b>

**APÊNDICES .....178**

APÊNDICE A – CAPA DO LIVRO <i>PRIMAVERA EM PLENO OUTONO: A JOVEM OLÍVIA FAZ 80 ANOS!</i> , DE WILSON GELBCKE.....	179
APÊNDICE B – CAPA DO LIVRO <i>EU, WITTICH FREITAG</i> , DE RAQUEL S. THIAGO .....	180
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): RAQUEL S. THIAGO .....	181
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): WILSON GELBCKE .....	183
APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA .....	185
APÊNDICE F – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM: RAQUEL S. THIAGO .....	188
APÊNDICE G – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM: WILSON GELBCKE .....	189
APÊNDICE H – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS .....	190

**ANEXOS .....193**

ANEXO A – NORMAS DA REVISTA <i>EM TESE</i> .....	194
ANEXO B – NORMAS DA REVISTA <i>ANTARES: LETRAS E HUMANIDADES</i> ...	197
ANEXO C – NORMAS DA REVISTA <i>CONFLUÊNCIAS CULTURAIS</i> .....	199
ANEXO D – NORMAS DA REVISTA <i>DIÁLOGOS</i> .....	201
ANEXO E – NORMAS DA REVISTA <i>INTERTHESIS</i> .....	203

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A escritora francesa Simone de Beauvoir, em seu romance autobiográfico *Memórias de uma moça bem-comportada*, conta que desde a infância já almejava tornar-se no futuro uma autora célebre. Isso porque admirava os escritores, colocados por seu pai em um patamar acima dos sábios, dos eruditos e dos professores, e porque “os livros, todo o mundo lia: tocavam a imaginação, o coração. Davam ao autor a glória mais universal e a mais íntima” (BEAUVOIR, 2017, p. 129).

A intelectual segue explicando que, ao chegar à noite, gostava de escrever tudo o que lhe tinha passado ao longo do dia, pois temia o esquecimento. Ainda, que a literatura lhe garantiria a imortalidade que compensaria a eternidade perdida: “Escrevendo uma obra tirada de minha história, eu criaria a mim mesma de novo e justificaria minha existência. Ao mesmo tempo serviria à humanidade; que melhor presente lhe podia dar do que livros?” (BEAUVOIR, 2017, p. 129).

Com esse registro, podemos começar a adentrar no mundo das biografias, um dos gêneros textuais<sup>2</sup> mais em voga atualmente e que suscita inúmeras discussões das mais variadas ordens. Na emergência do combate ao esquecimento, da garantia da imortalidade e da compensação da eternidade perdida, como bem diz Beauvoir (2017), a biografia é uma potente representação das memórias, sejam as nossas, sejam as de outrem, e uma das formas que temos de explicar as relações que estabelecemos com o mundo para quem as questiona, ou para quem as deseja copiar.

A biografia consiste em uma narrativa que explicita acontecimentos, em geral de maneira linear e cronológica, ocorridos com indivíduos que, por algum motivo, querem ter sua vida descrita nas páginas de uma obra, ou foram julgados por alguém como relevantes para tal. Por isso, é um dos gêneros pertencentes ao grande grupo da literatura que talvez mais tenha compromisso com a verossimilhança da realidade que o permeia.

---

<sup>1</sup> Parte deste texto integra o artigo “No rastro da história das mulheres: a biografia em discussão”, o qual foi submetido à publicação em 6 de dezembro de 2017, ao periódico *Scripta*, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Até a data da impressão deste volume, não se obteve resposta quanto à submissão.

<sup>2</sup> Entendemos o conceito de gênero textual pela visão de Motta-Roth (2005), que diz que o gênero textual é uma combinação entre elementos linguísticos de diferentes naturezas (fonológica, morfológica, lexical, semântica, sintática, oracional, textual, pragmática, discursiva e ideológica) que se articulam na linguagem utilizada em contextos recorrentes da experiência humana e socialmente compartilhados, tornando-se uma prática social dividida e reconhecida como integrante de dada cultura.

Para cumprir a fidedignidade que se espera de um texto biográfico, a construção de seu discurso envolve ampla pesquisa de todos os tipos – documental, bibliográfica, iconográfica, entre outros –, a elaboração explicativa da vida que se almeja narrar e, por fim, o desenvolvimento textual do relato. Sendo assim, o gênero torna-se um campo de experimentação para o historiador, que deve controlar a vida da personagem, num constante embate entre o polo científico, que comprova os fatos ali descritos, e o polo ficcional, cujos elementos preenchem as lacunas deixadas pela documentação escassa em algumas das situações (AVELAR, 2010).

Todavia, Schwarcz (2013) salienta que é importante que o historiador, ou o autor de modo geral, tome cuidado com um ponto ao se lançar a escrever um texto biográfico: a fim de dar caráter de unicidade ao texto, ele por vezes pode cair na armadilha de inventar episódios, buscando coerência e coesão à narrativa e tomando o controle da vida da personagem. No entanto esse controle tão ambicionado pelo biógrafo com o desenvolvimento de sua narrativa é ilusório, compreendendo o que defende Pierre Bourdieu (2006). Para o autor, a produção de uma história de vida lida com essa vida como um relato coerente, com uma sequência predeterminada de acontecimentos com significados e direção, como um todo construído sem falhas ou passos mal dados, o que sabemos não ser verdadeiro ao se tratar da vida de um indivíduo.

Aqui, entretanto, é importante abrir parênteses no sentido de esclarecer o debate proposto por Bourdieu (2006) especificamente sobre histórias de vida. Ele explica que história de vida consiste em uma das noções tomadas por campos científicos sem reflexão ou problematização da questão, como se a vida verdadeiramente fosse uma história capaz de ser relatada em palavras. Partindo desse pressuposto, a vida seria um trajeto com início, meio e fim, no sentido de sucessão de acontecimentos. O relato que dessa vida advém é organizado como uma história lógica e cronológica, baseada num sentido razoável, numa consistência e constância, e possui certa intenção subjetiva e objetiva. Ou seja, corresponde a um projeto.

Levando em conta essa peculiaridade que a biografia carrega em seu cerne, é possível atribuir ao gênero a característica do hibridismo<sup>3</sup>, pois o texto biográfico pode

---

<sup>3</sup> Termo usado por Néstor García Canclini (1990) para referir-se a misturas interculturais. Em sua obra, o autor explica o hibridismo cultural principalmente como o resultado da interação da cultura indígena com a cultura de elite. No nosso caso, utilizamos *hibridismo* para nos referir a textos que não se limitam

ser objeto de estudo tanto do campo da historiografia quanto do da literatura. Ele suscita, portanto, informações à historiografia e constitui-se como fonte às investigações que englobam memória e identidade – pilares do patrimônio cultural. Por sua vez, quando falamos da biografia no que concerne à literatura, na medida em que o texto biográfico é uma narrativa, ele serve de base para delineamentos do grupo, bem como dos lugares, dos costumes, dos hábitos etc. Igualmente, a biografia faz-nos pensar a relação da escrita com a leitura dos espaços por um viés tanto histórico como literário, mediante um método que se reconstrói por uma experiência de séculos e se adapta às visões patrimoniais locais, nacionais ou transnacionais.

A importância da biografia como objeto de estudo passou por grandes momentos de oscilação desde a Antiguidade, sofrendo altos e baixos, mas voltou com força à academia depois de a Escola dos Annales<sup>4</sup>, no século XX, legitimá-la – e a literatura, de maneira geral – como fonte primária, bem como na década de 1980 a história nova ter visto na biografia uma grande oportunidade de estudo, discutindo as figuras retratadas na obra, suas funções e seus papéis para a sociedade (LE GOFF, 1998; ALMEIDA, 2014). Afinal de contas, como declara o estudioso François Dosse (2015, p. 17), mediante a biografia, “tornam-se possíveis a prática de estudos transversais e o diálogo entre universos de interpretação diferentes”.

Assim, além de ser laboratório para experiências de romancistas, psicanalistas, etnólogos e sociólogos, o gênero é frequentemente usado por historiadores (DOSSE, 2015), considerando que a narrativa usa como pano de fundo os acontecimentos da história que lhe é contemporânea. Por intermédio da narrativa biográfica, de acordo com as palavras de Avelar (2010), é possível fazer uma análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos nela descritos, e os detalhes biográficos têm como função ilustrar a realidade mais ampla por meio de um indivíduo utilizado como exemplo, tal a imagem de uma construção social. Schwarcz (2013) sobre isso é bastante enfática. Ela afirma que não basta contar a história do agente biografado, mas é fundamental situá-lo em seu grupo e no contexto social em que se encontra inserido. Esse ponto para a antropóloga é de extrema importância, a ponto de ela até

---

apenas a um campo de estudo, mas que podem ser aplicados em vários, como, por exemplo, a biografia, que pode ser objeto de pesquisa da história, da literatura, da antropologia etc.

<sup>4</sup> Movimento historiográfico surgido na França na primeira metade do século XX e fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch que provocou inúmeras mudanças metodológicas na historiografia, por meio da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa (GASPARETTO JÚNIOR, 2017), como, por exemplo, o texto biográfico.

mesmo sugerir a troca da noção de biografia pelo conceito de trajetória de relações – do indivíduo em relação ao grupo em seus diversos campos sociais.

Partilha desse mesmo raciocínio Bourdieu (2006). O teórico esclarece que é indispensável no texto biográfico reconstruir o contexto, a “superfície social” em que age o indivíduo, compondo uma pluralidade de campos em todos os momentos. Afinal, como assegura Levi (2006, p. 176), “uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”.

Na medida em que a biografia é um conjunto de elementos, entre eles o/a biografado/a, o grupo social em que ele/a está inserido/a, os lugares que percorre, faz-se necessário pensar a narrativa biográfica em sua totalidade, lançando olhos aos fatores que a influenciam, bem como a sua função em contexto abrangente.

Preocupada em desvendar o mundo e seus processos de desenvolvimento social, a biografia traça um panorama da vida de um membro do grupo social por meio do qual se distinguem as relações que esse indivíduo trava com a sociedade, o tempo, o espaço, a política, a economia e a cultura, ou seja, com os fatos que se desenrolam a sua volta. Não só o indivíduo não leva o protagonismo da obra, embora esse seja o pretexto para ter sua vida exposta em um livro, mas ele tampouco é, de acordo com as palavras de Avelar (2010), digno da reconstrução biográfica por unicamente sua singularidade. A questão da biografia é que o indivíduo ali representado sintetiza várias outras vidas e serve de passagem para a apreensão de marcos mais amplos, com vistas, conforme declara Dosse (2015), a satisfazer o leitor, que por sua vez quer mergulhar numa época que não é a sua. O autor ainda afirma que a biografia às vezes também é usada como uma justificativa para abordar um tema histórico, ou se divide em duas partes: uma com foco no relato factual, e a outra com enfoque no exame de questões controversas.

Nesse mesmo sentido está o pensamento de Giovanni Levi (2006, p. 167):

Em certos casos, recorre-se a ela [a biografia] para sublinhar a irreduzibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; já em outros, ela é vista como o terreno ideal para provar a realidade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e regras sociais.

Todavia, o que leva alguém a querer contar sua história em um livro, ou tê-la contada nas páginas de uma obra? Retomando Beauvoir (2017), ela explica que uma das razões para isso pode estar em precisar justificar a própria existência, sobretudo em um mundo em que a cada dia mais notamos que nada é feito para durar, tudo é efêmero e tem tempo de vida limitado. Isto é, tudo está relegado ao esquecimento e a um instante, único e fugaz, que pode durar pouco ou muito tempo, mas que um dia acabará. Num mundo em que o tempo corre mais do que conseguimos acompanhar pelo relógio, e as populações aumentam progressivamente, precisamos sobressair de alguma forma, sermos representados de algum modo, fazermos-nos presentes naquele momento e fazer valê-lo. Além disso, muitos veem a biografia como um meio de não se tornar somente passado, e o relato biográfico surge como um instrumento para deixar sua marca na sociedade com que conviveu, ou que ainda convive.

Na mesma linha estão as reflexões de Dosse (2015), para quem o desejo de escrever uma biografia existe haja vista “a ânsia de vencer o esquecimento, a finitude da existência, e o cuidado de transmitir, imortalizar a ação humana a ser perpetuada na lembrança dos pósteros, na memória coletiva” (DOSSE, 2015, p. 129).

Assim, tem-se uma premissa bastante expressiva no que diz respeito à perpetuação de lembranças a fim de compor a memória coletiva, também entendida como cultura comum, a qual é compartilhada pelos diversos membros da mesma comunidade. A fim de formar uma memória coletiva da qual todos tenham “orgulho”, e na intenção de constituir uma identidade para determinado grupo social, na maioria das vezes é preciso levar adiante o esquecimento/apagamento de certos acontecimentos e/ou indivíduos que de algum modo destoam do que se quer apregoar. Há que se pensar, no entanto, que essa decisão não é tomada arbitrariamente, mas sim conforme a conveniência do momento, por alguns indivíduos que se subjugam, ou são subjugados, como de mais valor do que os demais.

Quando esboçamos o retrospecto do gênero textual biografia através dos séculos, podemos perceber que essa modalidade textual foi um grande e importante instrumento para tal, pois uma de suas funções era justamente construir modelos exemplares de indivíduos para que esse padrão de comportamento e estilo fosse seguido pelos demais membros daquele determinado grupo social.

Para Schwarcz (2013), o texto biográfico surgiu primariamente com o pressuposto de enaltecer e engrandecer aquele que seria biografado. Ainda na Antiguidade, as biografias davam destaque preponderante ao caráter político,

religioso ou moral da personagem, objetivando a moral e os bons costumes das gerações futuras (ALMEIDA, 2014; DOSSE, 2015). Passando para a Idade Média, quando o catolicismo foi eleito como a religião oficial, os textos biográficos tornaram-se hagiografias, ou seja, narrativas que intencionavam glorificar a Deus usando para isso a vida de santos e padres, afinal era conveniente à Igreja propagar sua crença em todas as situações, até mesmo em obras literárias, e a instituição via nas hagiografias uma grande oportunidade de expansão de seus valores e preceitos (DOSSE, 2015). No Renascimento, o enfoque passou a ser em falas e diálogos, e seus protagonistas mais recorrentes eram homens com cargos públicos, assim como santos medievais e homens da Antiguidade, buscando aqui o sentimento do herói. Situação parecida viveu a biografia na Idade Moderna, quando, mediante o movimento geral à procura da individualização, forjava-se o herói da narrativa como o representante do Estado-nação, configurando a identidade nacional. A mesma tendência manteve-se nos séculos XIX e XX, porém passou-se a focar para além do biografado, mas também para o que havia a sua volta (ALMEIDA, 2014; DOSSE, 2015).

Então, verifica-se que a função da biografia sempre foi identificar modelos exemplares da sociedade, os quais ficavam restritos a, de acordo com o que se constatou na evolução do discurso biográfico, homens, brancos, pertencentes à elite e católicos, no que se refere a sociedades ocidentais, reflexo do desenvolvimento da sociedade e de seu pensamento ao longo da história, considerando que o texto biográfico, conforme nos aponta Schwarcz (2013), não apenas reflete o momento em que se insere: “Ao contrário, ela [a obra de arte, de maneira geral] estabelece um diálogo interno, remonta convenções, cria modelos” (SCHWARCZ, 2013, p. 61).

Por essa razão, embora este trabalho discuta o gênero textual biografia, não podemos nos esquecer de que as mesmas questões que o permeiam são também significativos questionamentos que se referem à literatura de forma geral, entendendo o discurso, portanto, como proferido por alguém em algum contexto, e nenhum desses aspectos pode ser deixado de lado.

Sobre isso nos explica Vincent Jouve (2002, p. 21): “O texto, como resultado de uma vontade criadora, conjunto organizado de elementos, é sempre analisável, mesmo no caso das narrativas em terceira pessoa, como ‘discurso’, engajamento do autor perante o mundo e os seres”. Consequentemente, ele sempre terá uma intencionalidade, e faz-se necessário que o leitor esteja ciente desse fato, para que

não se torne objeto de manipulação, mas que saiba assumir uma posição em relação ao que lê. Afinal, a leitura garante-se como parte interessada de uma cultura e instala-se em um contexto cultural específico: “Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo quer os recuse quer os aceite” (JOUVE, 2002, p. 22).

Assim, como dito, a intencionalidade da narrativa e a cautela que devemos ter ao lidar com o texto biográfico não se restringem a esse tipo de texto exclusivamente, mas ambas as características perpassam todo o âmbito literário. No que concerne à seleção de modelos e padrões dos atores a serem biografados, por exemplo, o crítico literário e estudioso da literatura brasileira Alfredo Bosi (2005) percebe essa peculiaridade além da biografia, mas na literatura de modo geral. Ele explica que o velho historicismo já seguiu a trilha de que a literatura é a representação das ideologias dominantes provando que toda obra literária reproduz os traços básicos e essenciais da cultura do seu tempo (BOSI, 2005). Então, precisamos ter em mente tal ideia para não cairmos na questão da verdade absoluta. Como nos explica a referência na área da literatura brasileira e estrangeira Antonio Cândido (2006, p. 51), “o ponto de vista preponderante nos estudos filosóficos e sociais quase até os nossos dias foi, para usar uma expressão corriqueira, o do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros” – mesmo cenário encontrado no campo dos textos biográficos.

Pensando então na historiografia da literatura brasileira, Bosi (1994) acredita que a origem da literatura nacional não poderia ter se dado com base nos moldes europeus, em que a maturação das nações condicionou a história cultural além-mar, tal qual aconteceu.

Por conta disso, para entendermos a literatura brasileira de maneira integral, faz-se necessário compreender primeiramente as nuances que a envolvem como um todo, desde o seu princípio, e ver a literatura da ótica da afirmação de um complexo colonial de vida e de pensamento:

A colônia é, de início, o objeto de uma cultura, o “outro” em relação à metrópole: em nosso caso, foi a terra a ser ocupada, o pau-brasil a ser explorado, a cana de açúcar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria-prima a ser carregada para o mercado externo. A colônia só deixa de o ser quando passa a sujeito da sua história. Mas essa passagem fez-se no Brasil por um lento processo de

aculturação do português e do negro à terra e às raças nativas; e fez-se com naturais crises e desequilíbrios. Acompanhar este processo na esfera de nossa consciência histórica é pontilhar o direito e o avesso do fenômeno nativista, complemento necessário de todo complexo colonial (BOSI, 1994, p. 12).

Na medida em que alcançamos a percepção de que o Brasil se constituiu como colônia e se moldou a favor do interesse de poucos, constatamos a função social que a literatura nacional tem exercido perante os brasileiros através dos séculos.

Desde o seu início, a literatura vem funcionando em prol do desenvolvimento do sentimento nacionalista dos integrantes do grupo social brasileiro: “A literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros” (CÂNDIDO, 2006, p. 138-139), dando recursos e sendo uma ferramenta para que o grupo social entendesse o seu país, ou tentasse forjá-lo conforme os preceitos contidos nos textos literários em circulação.

Hoje em dia, embora ainda seja possível observar esse caráter formador na literatura, tal característica já não é mais tão forte quanto o era no período colonial e posteriormente a ele. Todavia, um resquício desses tempos ainda é muito evidente nas escolas, por exemplo, que têm como papel “formar” a criança. O indivíduo começa o processo de construção de sua identidade e da visão que tem a respeito da sociedade e do mundo que habita ainda na infância, época que passa a frequentar a escola, local visto como o difusor do conhecimento comum e de elementos da história do país. Nesse período de aprendizado, as crianças familiarizam-se com obras literárias determinadas (TODOROV, 2010), as quais compõem o conjunto de livros que são leitura obrigatória, os chamados clássicos da literatura nacional.

Essas obras escolhidas trazem uma série de pressupostos da história do país selecionados previamente, conforme visões de mundo particulares, para representar a nação, com nomes de personagens relevantes e os símbolos mais marcantes eleitos por alguns, compondo o que o filósofo e linguista Tzvetan Todorov (2010, p. 68) chama de “cultura essencial”, isto é, “cultura de base na qual se implantam os saberes próprios das diferentes áreas do conhecimento, arte ou ciência, religião ou filosofia”.

Aqui lembramos mais uma vez de Beauvoir (2017), que explica que entendeu em certo momento da sua vida, já com a ideia fixa de se tornar escritora, que “os romances, as novelas, os contos não são objetos estranhos à vida, mas que a exprimem a seu modo” (BEAUVOIR, 2017, p. 129). Tal afirmação é respaldada por Cândido (2006), que trata a literatura como um fenômeno da civilização,

completamente dependente do entrelaçamento de vários fatores sociais. O teórico vê na construção literária a expressão de uma visão coerente da sociedade descrita, num processo dialético que envolve o indivíduo e o grupo social a que pertence, desde que se começou a pensar seriamente na literatura como um dos reflexos da sociedade:

Isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Helder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staël, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (CÂNDIDO, 2006, p. 28-29).

Portanto, referindo-nos conjuntamente do menor para o maior, a biografia, a literatura e a arte, nessa ordem, são elementos essencialmente sociais, pois, como afiança Cândido (2006), esses elementos tanto dependem da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em diversos graus de sublimação, quanto por produzir sobre os indivíduos efeitos práticos, alterando sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Concorda com o autor Schwarcz (2013, p. 65), no momento em que diz:

Trata-se, pois, de não restringir a análise de uma obra de arte, um ensaio, um diário, uma crônica à biografia isolada de seu autor ou ao contexto em que foi produzida. Tampouco lidar com ela de maneira isolada de seu momento político e social.

Nessa ótica, existe no campo dos estudos literários a pesquisa de tipo sociológico, que se dedica de maneira preponderante a verificar em que medida as obras espelham ou representam a sociedade, detalhando seus vários aspectos – de certa forma o que se pretende com o trabalho que aqui se apresenta. A modalidade consiste em basicamente estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem nos livros. Também há uma abordagem que investiga a função política da obra e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado. Em todos, porém, “nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a função na sociedade” (CÂNDIDO, 2006, p. 21).

Essa questão torna-se objetiva quando tratamos especificamente do gênero biografia. Mediante o resgate biográfico de personalidades representativas de nossa cultura, é possível constatar como foi construída a memória nacional crítica da qual é

porta-voz o biógrafo, servindo este como antena e prisma de um patrimônio cultural coletivo (CYNTRÃO, 2006). Partilha dessa opinião Levi (2006), ao refletir acerca da relação entre biografado/a, contexto e grupo social envolvido:

A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de coerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas (LEVI, 2006, p. 180).

De qualquer maneira, a grandeza de uma obra depende da sua relativa intemporalidade e de sua universalidade (CÂNDIDO, 2006). Nessa mesma perspectiva, Jorge Coli (2012) afirma que todo documento/testemunho histórico possui algo de artístico, salientando que a arte deve ser concebida não como forma ou objeto, mas como pensamento. É graças à materialidade da obra que esses pensamentos – sobre o mundo, sobre os homens, sobre tudo – são desencadeados.

Nesse sentido, Cândido (2006) contribui com a discussão explicando que a compreensão da obra é dependente direta de três funções que exerce, as quais dificilmente têm mesmo peso na feitura e/ou leitura de uma manifestação literária. A primeira função, intitulada função total, deriva da elaboração de um sistema simbólico, transmitindo certa visão de mundo por intermédio de instrumentos expressivos adequados escolhidos pelo autor da obra, cuja intenção é exprimir representações que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo. Já a segunda função, chamada de social, reflete o papel que a obra desempenha na instituição das relações sociais, objetivando o reforço da consciência dos valores sociais e a preservação e a transmissão de crenças e fatos que fundamentam a tradição da cultura. Por sua vez, a última função é a ideológica, que muitas vezes se funde com a função social, levando em conta o sistema de ideias que a obra transmite, seja de maneira consciente, seja inconscientemente.

No entanto, é importante observar aqui que a construção de sentidos efetuada na leitura varia conforme os tempos, os lugares e também as comunidades, de acordo com cada autor e cada leitor, ambos em constante transformação. Sendo assim, um mesmo texto pode ter inúmeras significações, dependendo de como ele é recebido pelos leitores. Esse pensamento vai na contramão da ideia de que o texto é puramente semântico e de que ele exala estabilidade (CHARTIER, 1991).

Ao nos referirmos à linguagem escrita, caso deste trabalho, devemos levar em conta o fato de autor e leitor estarem afastados um do outro no tempo e no espaço, fazendo com que tal relação seja demarcada pela sua assimetria: “Nosso olhar [do leitor/do espectador de uma obra de arte], nossas questões e pontos de partida estão sempre condicionados e viciados por nossos filtros culturais e equacionamentos de época” (SCHWARCZ, 2013, p. 66).

Por isso, ao encarar uma narrativa, o leitor deve atentar-se ao jogo das relações que ali se apresenta, tal qual a reconstituição do contexto, para o entendimento da obra. Portando a característica da multiplicidade de sentidos e sendo “recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre a uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época” (JOUVE, 2002, p. 24). Contudo o leitor não pode interpretar a obra como quiser; há uma série de critérios para tal, como a coerência interna e a coerência externa da narrativa, por exemplo. Logo, os sentidos do texto variam a cada leitor, a cada autor e a cada instante, o que faz com que o texto seja único e nunca se repita. Trata-se da variedade de sentidos implícita nos textos, transformando a literatura em uma fonte rica de inspiração.

Sob esse aspecto, entendemos que existem inúmeras maneiras de se narrar a mesma história. No caso específico deste trabalho, vamos lidar exclusivamente com a linguagem escrita, composta de um conjunto de signos arbitrários que denominam as coisas e que são compartilhados por uma sociedade. Faz-se preciso ter em mente, então, que as palavras, quando bem arranjadas, formam frases cuja união consiste em um texto, em uma história, mas essas palavras estão por aí aos montes e à disposição de todos, cabendo a cada indivíduo usá-las da maneira como melhor lhe convém.

Da mesma forma que a literatura e sua seleção de atores e narrativas não são imparciais, a falta de neutralidade também é vista no emprego da língua e em tudo que a usa como instrumento. Afirma Cândido (2006, p. 147, grifos do autor), no tocante à literatura e sua imparcialidade velada:

Entendemos por literatura [...] fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura,

porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”.

Sendo assim, para Todorov (2010), a língua é um dos elementos mais sobressalentes da cultura do grupo social e por meio dela podemos dividir nossos pensamentos, alegrias, anseios, medos e frustrações. Segundo o linguista, do mesmo modo como acontece com qualquer aspecto cultural, a língua não é neutra; está carregada de pensamentos, ações e julgamentos legados por herança histórica, e seu poder é tão preponderante que ela é capaz de moldar a mentalidade dos integrantes do grupo social em que circula.

Conseqüentemente, como a língua descreve a realidade, ela acaba fazendo-o de dada perspectiva, transmitindo uma visão de mundo particular – no caso da literatura, a ótica do autor que escreve a obra. O escritor, por conseguinte, ao criar a sua narrativa, busca por intermédio dela assegurar o seu poder e perpetuar o seu jeito de perceber o mundo, bem como indiretamente o jeito como ele é percebido pelo mundo, dividindo a realidade em que está inserido acerca daquele momento em que vive, além de suas experiências particulares, com o leitor. No entanto há que se lembrar que às vezes esse compartilhamento de visão acontece de maneira consciente, às vezes não; cabe aos leitores atentar-se para tal, a fim de não se deixarem persuadir por uma única visão de mundo. Assim como diz Schwarcz (2013), ao fazer a análise de um texto literário, não podemos nos situar apenas em relação à narrativa e às personagens ali descritas, mas localizar também o contexto em que o autor se insere, tal qual as convenções que o formaram e o informaram.

Atuando como reflexo da realidade e da sociedade em que se insere, as manifestações artísticas em geral são inerentes à vida social e necessárias à sobrevivência dos grupos, partindo do princípio de que são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. A sua peculiaridade reside nas oportunidades de individualidade a que se lançam em diversos terrenos e nas inúmeras ramificações de um mesmo grupo social. “Isto permite, ao mesmo tempo, uma ampla margem criadora e a possibilidade de incorporá-la ao patrimônio comum, fazendo do artista um intérprete de todos, através justamente do que tem de mais seu” (CÂNDIDO, 2006, p. 80).

Por essa razão, o público, ávido por consumir memórias, sempre foi correspondido pela sociedade e pelos autores que a tomam como inspiração. O desejo de retratar vidas e de ter leitores que se interessam por essas vidas é observado desde os primeiros registros de narrativas biográficas, datados do século V a.C., quando se tiveram os primeiros indícios da literatura ocidental.

Dosse (2015), por sua vez, ao analisar o mercado editorial francês atual, afirma que o êxito das obras biográficas é tão espetacular que elas ocupam os primeiros lugares nas listas dos mais vendidos, e os títulos mais populares permanecem nelas por pelo menos três meses. No Brasil o cenário não é muito diferente. Ao visitar livrarias, deparamos com estantes repletas de livros de memórias, confissões, biografias, todos eles querendo contar a história de uma vida, na clara intenção de o protagonista tornar-se sujeito, ser visto e reconhecido aos olhos da sociedade e deixar sua marca num mundo que a todo o momento sofre com a guerra velada entre o que lembrar e o que esquecer.

Schmidt (2014) destaca também o fenômeno chamado voyeurismo, ou seja, a vontade do público de observar a intimidade do outro, sobretudo das grandes celebridades, uma das razões que explicaria a sede por biografias, com o propósito de desnudar a personagem ou à procura de um “escândalo” pessoal que seja capaz de deixar a figura biografada, notável por algum feito tido como grandioso, mais próxima do comum.

Pensando por essa ótica, ressalta-se a vontade de entender melhor o ser humano, por intermédio da observação de suas atitudes e das relações que trava com o seu mundo interior e o exterior, assim como com as coisas e pessoas a sua volta, ou ainda haja vista o anseio de compreender os processos e mecanismos externos que circundam esse indivíduo, numa tentativa de abranger a completude do mundo. Afinal, vivemos imersos na tecnologia, e a todo momento estamos conectados às redes sociais, a tal ponto que nos acostumamos a observar os outros e a sermos observados constantemente, num jogo em que nada se esconde; pelo contrário, tudo é necessário exibir. Essa tendência não podia ficar de fora do mercado editorial, ávido por “furos” de suas personagens biografadas.

Embora tenha grande representatividade no mercado editorial e apesar do florescimento do gênero por entre os leitores, são poucos os trabalhos que tratam do tema biografia, suas nuances e seus meandros, talvez porque por muito tempo o texto biográfico foi relegado a segundo plano, ou tido como um subgênero, não sendo

considerado objeto de estudo no campo historiográfico, social, político nem econômico, por exemplo.

Considerando todos os aspectos expostos aqui, a problemática que envolve esta investigação é cerceada principalmente pelas seguintes indagações: É possível limitar a vida, sendo esta uma sucessão de experiências e acontecimentos, a um único relato, em geral cronológico e coerente? Será que a vida e tudo o que dela advém cabem em palavras, no discurso literário? Ao narrar uma história de vida, é prudente a cobertura total, ou convém a omissão de certos detalhes? O que interessa contar: a completude da vida, ou seus pontos mais significativos? Como definir quais são os pontos mais significativos de uma vida? Com que interesse? Como essas memórias interferem no imaginário social? Elas são capazes de alguma maneira influenciar o discurso vigente? O conteúdo de um texto biográfico é capaz de deixar marcas positivas e negativas em uma sociedade? De que modo o discurso se propaga perante os seus leitores?

Esses e outros questionamentos permeiam esta dissertação, que pretende verificar por meio de uma pequena amostra composta de duas obras classificadas como pertencentes ao gênero textual biografia como aparecem nos discursos biográficos as discussões que envolvem teorias acerca de memória social, esquecimento e patrimônio cultural, de maneira a perceber se há influência, ou não, do gênero na construção do discurso e como ele se confronta e/ou se assemelha ao discurso oficial circulante no município de Joinville, Santa Catarina – cidade em que está localizada a Universidade da Região de Joinville (Univille), que promove o Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, em que este trabalho está enquadrado, seguindo a linha de pesquisa Patrimônio e Sustentabilidade.

Para a seleção das obras a serem alvo da análise discutida aqui, tendo em vista que seu foco principal é a construção do discurso patrimonial da Joinville do século XX – período escolhido para análise, em virtude da questão do pouco tempo para o desenvolvimento da pesquisa –, pensou-se em narrativas que contemplassem atores oriundos da cidade, ou que viveram nela pelo menos a maior parte de sua vida. Também por conta do pouco tempo disponível para a investigação, ela será feita com base em duas obras apenas. É importante reforçar ainda que a análise dessas obras terá cunho qualitativo, e não quantitativo. Ou seja, pretende-se trabalhar “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que

corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 22-23).

Então, em julho de 2016 foi feita uma pesquisa exploratória na página virtual da Fundação Biblioteca Nacional<sup>5</sup>, utilizando a ferramenta de busca rápida do catálogo disponível no *site*, por meio dos filtros: ano edição: de 1901 a 2000 (século XX); material: livro, livro raro, obra e obra rara; idioma: português; termo de pesquisa “Santa Catarina”. Com isso, apareceram 38 registros, dos quais alguns foram excluídos por conta do próprio título da obra, que se referia algumas vezes à fundação de cidades, por exemplo, assunto que não é o enfoque do trabalho, e outros porque conseguíamos perceber pelo título que o material não se tratava de uma biografia.

Com esses critérios de exclusão, foram encontradas 24 publicações ao todo, das quais a maioria (ao total 19) era sobre homens. Das poucas biografias que tinham a mulher como protagonista da história, cinco na totalidade, quatro eram a respeito de religiosas católicas. Quanto às biografias com biografados, das 19 encontradas, três eram sobre religiosos que professavam o catolicismo e nove sobre políticos que desenvolveram seus trabalhos em Santa Catarina e que também trabalharam como advogado e/ou empresário.

Refinando mais um pouco a busca, agora usando como filtro mais um termo, “Joinville”, apareceram sete registros, dos quais apenas três serviriam para este estudo.

Para não nos limitarmos apenas a uma única fonte de busca, recorreu-se também à rede Pergamum<sup>6</sup>, por intermédio da qual se chegaram a 10 obras: duas sobre mulheres<sup>7</sup> e oito sobre homens<sup>8</sup>, entre os quais estão empresários, políticos, artistas e religiosos católicos.

Com base nesse levantamento, foi possível chegar a uma conclusão já no início da pesquisa. Assim como em todas as áreas sociais, a literatura, um dos retratos de nossa sociedade, aqui representada pelo gênero textual biografia, também fica aquém

---

<sup>5</sup> A instituição é depositária do patrimônio nacional bibliográfico e documental e considerada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) a sétima maior biblioteca do mundo e a maior da América Latina, com um acervo de aproximadamente nove milhões de itens. Por meio de catálogos *online*, a bibliografia brasileira corrente é divulgada.

<sup>6</sup> Sistema informatizado de gerenciamento de dados do acervo das bibliotecas da Universidade da Região de Joinville (Univille).

<sup>7</sup> São elas: Anita Garibaldi e Olívia Maia Mazzolli.

<sup>8</sup> São eles: Abdon Baptista, Wittich Freitag, Raul Schmidt, Carlos Gomes de Oliveira, Fritz Alt e Dom Pio de Freitas Silveira.

quando falamos de equilíbrio de gênero, e essa breve busca pelas obras a serem trabalhadas aqui comprova a tese.

Das obras encontradas, a maioria esmagadora era sobre homens, constatando que existe um grande desequilíbrio entre aqueles que têm suas histórias contadas e quem não tem o direito de as ter (leiam-se, as mulheres), corroborando o que foi constatado quando se delineou o trajeto da biografia através dos séculos. A grande disparidade que existe entre os dois mundos, o masculino e o feminino, se faz presente igualmente no campo literário, numa clara confirmação de que, embora já estejamos no século XXI, o patriarcalismo ainda predomina em nossa sociedade, assim como foi prevalente ao longo de todo o histórico da biografia no Ocidente, assunto que será debatido com mais profundidade nos capítulos que seguem.

Todavia, o balanço desigual entre biografados não se dá somente em relação às mulheres, mas a todos os grupos minoritários, como os negros, os pobres e aqueles oriundos de religiões diferentes do catolicismo. As biografias encontradas têm como protagonistas em geral políticos que também atuaram no ramo empresarial e/ou no da advocacia, personagens escolhidas pelo mercado editorial, que trabalha conforme a demanda social, com base na tese de que a burguesia sonha em achar salvadores, em entregar-se a grandes homens para defender seus interesses econômicos (DOSSE, 2015). Transformando pessoas comuns em heróis, quem sabe a sociedade seria inspirada para tomar suas próprias atitudes e alcançar grandes feitos.

O levantamento bibliográfico comprova a percepção sobre o gênero biografia como aquele que aponta modelos exemplares à sociedade, não diferindo da Antiguidade, quando os primeiros registros acerca de biografias surgiram, da mesma forma como foi essa a prática do discurso biográfico na Idade Média, comprovando-se então a tradição, que se mantém até hoje, de centrar-se na história de homens ilustres, com a tônica incidindo sobre os políticos (DOSSE, 2015).

Porém, ao averiguar tal fato, ficam os questionamentos: como falar da história da sociedade sem dar nem vez nem voz às mulheres, por exemplo? Ou de pessoas simples, que fazem parte do cotidiano e que integram o mundo tanto quanto os grandes políticos e empresários? Ou de simples trabalhadores, que por meio do seu trabalho assumem as rédeas do desenvolvimento e fazem o mundo avançar? Nesse sentido, a pesquisa sinaliza que todos têm o direito de sair do obscurantismo e do

esquecimento, além de ter sua história presente na historiografia, afinal todos os indivíduos, sem exceção, são extremamente representativos em seu contexto.

Tendo isso em mente e de acordo com o levantamento das obras apresentado aqui, selecionaram-se duas narrativas biográficas que, pensa-se, melhor representam as discussões pretendidas: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke; e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago. Optou-se por escolher obras que tivessem o retrato de uma vida feminina e outra masculina, para analisar os contrapontos e as semelhanças entre as narrativas. Também se quis dar ênfase à biografia de uma vida ordinária, comum, contrariando a tendência mundial de retratar vidas de grandes personalidades, e à de uma figura costumeira no ramo da biografia, como uma maneira de refletir acerca de quem tem o direito de ser protagonista da história e a quem cabe a mera coadjuvação. Além disso, pretendeu-se que as obras tivessem autores de sexos diferentes, numa forma de verificar as diferenças e similitudes em ambos os relatos feitos por visões completamente distintas, seja pela questão de gênero, seja pelo aspecto profissional.

*Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, primeira publicação do gênero textual biografia do escritor Wilson Gelbcke, discorre sobre a vida da professora e ex-funcionária da Receita Federal Olívia Maia Mazzolli relatada por ela própria ao autor. Olívia é natural de Joinville, nasceu na década de 1920 e, juntamente com o seu marido, atuou como voluntária em trabalhos sociais a fim de ajudar famílias em necessidade, por meio do Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef). Já o autor do material, Wilson Gelbcke, nasceu em São Paulo (SP) em 1933, e reside em Joinville desde 1947. Aposentado, tornou-se escritor somente em 1997. É autor de obras juvenis, romances, poemas e biografias. Também é pintor e faz as ilustrações dos próprios livros. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

Por sua vez, *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago, conta a história de vida do empresário e político Wittich Freitag. Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, pois aqui construiu e consolidou a primeira fábrica de refrigeradores da Região Sul brasileira, a Consul, marco para a industrialização joinvilense, e criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Atuou como vereador, deputado estadual e por duas vezes foi prefeito, exercendo seu trabalho sempre de Joinville. Já Raquel S. Thiago, autora da obra, é natural de Joinville e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ela foi pró-reitora de Extensão e professora da Univil,

das disciplinas História de Santa Catarina e Formação Econômica do Brasil, e hoje está aposentada. Suas pesquisas envolvem história, história de Santa Catarina e história regional, principalmente nos seguintes temas: história, identidade, memória, colonização e imigração. É membro da Academia Joinvilense de Letras e autora de livros, artigos científicos e matérias de jornal.

Nessa lógica, esta pesquisa tem cunho descritivo e qualitativo, fundamentando-se em fontes bibliográficas e documentais, bem como em entrevistas, procurando focar a linguagem – tanto literária quanto as falas derivadas das entrevistas que se realizarão – como ponto primordial da abordagem.

Aqui são travados diálogos entre várias vozes: biografado e biógrafa, biografada e biógrafo e estudiosos da memória social e da paisagem cultural, constituindo por fim um texto polifônico, pensando cada interlocutor de seu próprio lugar de fala. Em seguida à análise das obras selecionadas, os autores de cada um dos livros foram contatados para uma entrevista semiestruturada<sup>9</sup>, com o intuito de confrontar a narrativa escrita com a fala dos entrevistados, além de também observar diferenças e semelhanças entre os gêneros. Deseja-se discutir o processo de criação das obras e como se deu o trabalho de pesquisa e de escritura da narrativa com base na fala dos autores das obras selecionadas.

Logo, a dissertação foi estruturada em seis capítulos, além da presente introdução e das considerações finais. Todos os capítulos foram escritos em forma de artigo científico e já submetidos à publicação, alguns com aceite favorável até a data da impressão deste volume.

O primeiro capítulo pensa o gênero textual biografia como um discurso literário, reflexo das variadas teias de disputa entre narradores e biografados, como, por exemplo, no caso das mulheres, em geral relegadas a segundo plano quando se trata do acesso à memória. Por isso, debate-se a narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke, cuja personagem central é uma mulher. Discute-se então a questão de gênero e como ela aparece narrativamente, enfatizando a escassa representatividade feminina na literatura, reflexo do fenômeno chamado de concorrência de memórias e do pensamento ocidental predominante. A

---

<sup>9</sup> Tais entrevistas foram gravadas, com a autorização prévia dos entrevistados. A sua realização, assim como todo o projeto, teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Univille, de acordo com as atribuições definidas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n.º 466/12 e o Parecer n.º 1.977.038.

análise baseia-se no texto de Michel Foucault *A ordem do discurso*, que propõe a investigação das configurações de saberes relacionando poder e conhecimento como formas de controle social, aspectos investigados na análise da biografia, e a exploração da linguagem como construtora de mundo.

Por sua vez, o segundo capítulo é centrado na análise da outra obra escolhida como objeto de estudo desta investigação, *Eu, Wittich Freitag*, de autoria da professora e historiadora Raquel S. Thiago. Pretende-se, nessa perspectiva, por intermédio da análise da narrativa, discutir também questões de gênero, considerando que aqui se tem a situação contrária da que se viu na obra anterior: uma mulher fala da vida de um homem. Também são salientadas as questões de quem tem o direito a ter sua vida contada e é possuidor de memórias, devendo essas memórias serem perpetuadas, afinal o protagonista da obra é visto como o modelo exemplar de biografado (homem, branco, da elite), considerando a história do gênero biográfico e as personagens que ela costumeiramente retrata. A análise fundamenta-se na força do discurso biográfico e em como o protagonista foi moldado para se tornar exemplo de membro do grupo social.

O terceiro capítulo introduz um tema a ser trabalhado por esta pesquisa, a paisagem cultural, verificando-se a importância da literatura, e da biografia especificamente, para a construção de representações do patrimônio cultural de dado grupo social com enfoque especial na paisagem cultural. Para isso, ressalta-se a relevância da paisagem cultural em textos literários, não esquecendo-se, no entanto, de que a maneira como ela é representada sofre influência conforme a visão do autor.

Já o quarto capítulo faz a análise comparativa entre as duas obras escolhidas para a investigação, numa tentativa de perceber como o discurso biográfico, mediante dois exemplares, traz o elemento da paisagem cultural da Joinville do século XX à narrativa, pensando no poder que esse elemento tem e se ele interfere de algum modo nas discussões do campo da memória e do patrimônio cultural, reforçando ou negando os discursos oficiais da cidade. Como discurso oficial, tomamos como narrativa a publicação *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, de Carlos Ficker (1965), importante influenciador do discurso que envolve Joinville e suas políticas públicas desde o seu lançamento.

No quinto capítulo, por sua vez, traça-se um panorama das memórias de Joinville enfocando os espaços que são descritos nas biografias. Pensa-se aqui, por meio do balanço comparativo entre os dois textos biográficos, em como esses

espaços interferem no contar biográfico, pensando nas possibilidades de atores de sexos distintos narrarem de forma similar ou diferente os lugares presentes nas histórias. Um dos pontos levantados na discussão é mais uma vez a questão de gênero, apontando como o gênero é determinante para a circulação nos espaços sociais e, conseqüentemente, para a dinâmica social e configuração da cidade.

Por fim, no sexto e último capítulo são trazidas à baila as entrevistas com os autores das obras, Raquel S. Thiago e Wilson Gelbcke. A discussão pauta-se na figura do autor, refletindo acerca do debate sobre autor, narrador e biografado. Ainda, trata-se do processo de desenvolvimento do texto biográfico e de questões peculiares que dizem respeito ao gênero, mediante o contraponto entre o que dizem os autores entrevistados e a literatura específica acerca do modo de fazer e pensar biografia. Além disso, o lugar de fala dos entrevistados também é averiguado nessa análise. Um deles é historiador, e o outro escritor profissional. Quer-se examinar nesse caso as diferenças e/ou as similaridades de percepção sobre o que narrar a respeito do/a biografado/a e como desenvolver essa narrativa, pois, como afirma Schmidt (2014), historiadores que trabalham com textos biográficos têm o intuito não de desnudar o protagonista, mas sim de “explicar historicamente os percursos de seus biografados, de pensá-los a partir de seus projetos e campos de possibilidade” (SCHMIDT, 2014, p. 139), diferentemente de jornalistas e escritores em geral, cujo foco permanece na vida pessoal da personagem.

# 1 “SE É SEMPRE OUTONO O RIR DAS PRIMAVERAS”: GÊNERO, PODER E BIOGRAFIA EM UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA<sup>1</sup>

## “SE É SEMPRE OUTONO O RIR DAS PRIMAVERAS”: GENDER, POWER AND BIOGRAPHY UNDER A FOUCAULDIAN ANALYSIS

### **Resumo:**

Este artigo trata do gênero textual biografia como um discurso literário, ou seja, um conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético que fixa tradições e costumes de épocas e culturas. As reflexões são dirigidas para as inúmeras teias de disputas entre narradores e biografados. Às mulheres, frequentemente, por exemplo, ficava vedado o acesso ao domínio da memória. Nesse sentido, foi discutida a narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004). Como a personagem central da obra é uma mulher, buscou-se tratar da questão de gênero e de como ela se situa narrativamente, bem como a precária representatividade feminina na literatura, reflexo do fenômeno chamado de concorrência de memórias e do pensamento ocidental predominante. A análise pauta-se em Michel Foucault (1996), no texto *A ordem do discurso*, que propõe a investigação das configurações de saberes relacionando poder e conhecimento como formas de controle social, aspectos investigados na análise da biografia, e a exploração da linguagem como construtora de mundo.

**Palavras-chave:** literatura brasileira; biografia; análise do discurso; Wilson Gelbcke.

### **Abstract:**

This article is about the textual gender biography as a literary speech, i.e., a group of literary books of a perceived aesthetics value that fixates traditions and habits from times and cultures. The thoughts are directed to many disputes between narrators and the biography subjects. To women, frequently, for example, it was forbidden the access to the memory domain. So, it was discussed the narrative *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, by Wilson Gelbcke (2004). As the central character from the book is a woman, the gender issue was also discussed, as well as the few female representativeness on the literature, reflection of a phenomenon called memory competition and of the predominant Occidental thought. Michel Foucault's experience on the text *Fearless speech* (1996) was brought considering the knowledge configuration and the relationship between power and knowledge as a social control way, examined items on the analyses of the biography, and the language exploration as constructor of the world.

**Keywords:** Brazilian literature; biography; discourse analysis; Wilson Gelbcke.

---

<sup>1</sup> O artigo segue as normas da revista *Em Tese*, para a qual foi submetido à publicação em 12 de abril de 2017. Obteve-se o aceite favorável quanto à publicação em 5 de outubro de 2017, porém até a data da impressão deste volume o número da revista ainda não tinha sido disponibilizado *online*, nem o *link* de acesso ao artigo.

## 1.1 INTRODUÇÃO

Vivemos num tempo em que a reivindicação por seu próprio espaço é latente, o que faz com que o sujeito sinta o desejo e a necessidade de deixar sua marca no mundo, como se essa marca fosse a única forma de confirmar sua existência. Não basta, contudo, fazer-se lembrar em sua contemporaneidade; é preciso também com que sua imagem, história e feitos sejam perpetuados com o passar de gerações.

Um modo de se fazer lembrar e de não se deixar esquecer é por meio dos livros de memória, que abarrotam as prateleiras das livrarias, todos querendo contar histórias, virtuosas ou não, de indivíduos escolhidos a ser rememorados naquelas páginas. Entre tais livros, aparece o gênero textual biografia, um dos mais populares atualmente e presente muitas vezes nas listas dos mais vendidos, quando um indivíduo desponta por si próprio ou por algum feito grandioso para a sociedade.

O mercado editorial, aquecido pelo gênero biografia, atende a um público ansioso por consumir memórias de figuras públicas, principalmente aquelas que sobressaem na atualidade. Essa proliferação de livros de memórias no mercado editorial pode ser explicada por Huysen (2000), que constata que a nossa cultura está obcecada com a memória e teme o esquecimento. Assim, faz questão de registrar tudo, como uma forma de manter o passado sempre presente. São os espectros do passado assombrando a sociedade e articulando, pela via do deslocamento, um medo crescente do futuro, num tempo em que a crença no progresso está profundamente abalada. Por isso o passado está vendendo mais do que o futuro. Essa seria uma hipótese para a grande procura por biografias nos dias de hoje. Outra proposição consiste no que chamamos de adentrar na vida alheia, já que o gênero literário dá essa oportunidade ao leitor, leitor este que geralmente precisa imiscuir-se em questões íntimas ou particulares do indivíduo biografado a fim de confirmar a admiração que sente.

A biografia consiste em uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa. Em termos etimológicos, a palavra *biografia* vem do grego *bios*, que significa vida; *graphein*, escrever; e *ia* é a partícula formadora do substantivo abstrato. Então, biografia constitui a escrita da vida (BORGES, 2005 *apud* ALMEIDA, 2014).

A questão fundamental do estudo da biografia é o fato de, por intermédio dela, ser possível fazer uma análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos. O detalhamento biográfico tem a funcionalidade de ilustrar a realidade mais ampla por meio de um indivíduo que é usado como exemplo, como a imagem de uma construção social (AVELAR, 2010). Ademais, a biografia é um tipo de discurso pertencente ao conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, ou seja, a literatura. O filósofo e linguista Todorov (2010), por exemplo, acredita que a língua, modo pelo qual se dá a literatura, não é uma ferramenta neutra, mas está impregnada de pensamentos, uma vez que descreve a realidade transmitindo uma visão de mundo.

Logo, compreender um dos instrumentos da linguagem, ou seja, a língua, é fundamental para compreender também a mentalidade do grupo que fala aquele determinado idioma, já que este é reflexo da cultura. Para Todorov (2010), a língua determina a composição do grupo social a que pertence. Comum a milhões de pessoas, trata-se de parte preciosa da identidade de uma nação. Pela língua se torna possível dominar os códigos comuns, os quais possibilitam entender o mundo.

Compreende-se o mundo mediante códigos, isto é, representações. Tais representações não são cópias fiéis dos fatos, nem aproximações estatísticas apenas. Dessa forma, não refletem passivamente a natureza das coisas, e sim organizam-se de maneira particular, tornando-se combinações e escolhas que poderiam ter sido diferentes, mas são aquelas por diversos motivos. Assim, a representação que temos a respeito de cultura, por exemplo, não é automática, porém fruto de uma construção que se processa a todo o momento.

Tendo em vista a ideia de representações de cultura e visões de mundo, é impossível não trazer para tal discussão as experiências teóricas de Michel Foucault, que se dedicou nos anos 1960, 70 e 80 aos estudos envolvendo a noção de sujeito produzida por uma configuração de saberes, uma relação de poder e suas próprias ações. As teorias do pensador giram em torno da relação entre poder e conhecimento e como ambos são usados como forma de controle social por intermédio das instituições sociais.

Ao assumir a cátedra vacante no Collège de France, em função da morte do filósofo Jean Hyppolite, ocupante até então da posição, em 1970, Foucault passou a centrar-se em reflexões dirigidas para a expressão do discurso no tocante à história do pensamento ocidental. Em sua aula inaugural na instituição, que se tornou mais

tarde a obra denominada de *A ordem do discurso* (1996), ele procurou desnudar a relação entre as práticas discursivas, de modo geral, e os poderes que as permeiam.

É interessante observar um diagnóstico inicial da produção dos discursos que circulam na sociedade desde os gregos, bem como das instituições que estão inseridas nesse processo, objetivando sempre o controle da sociedade. No decorrer da sua explanação, Foucault elenca os vários procedimentos utilizados para controlar tais discursos, comprovando que todo discurso vem travestido de desejo e de poder, afinal não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta e o poder do qual se quer se apoderar.

Considerando que o discurso literário é um dos discursos com que Foucault se preocupa e que a literatura consiste numa das formas de descrever o grupo social e suas memórias, moldando um dos pilares da cultura nacional, buscou-se neste artigo fazer a análise de uma obra do gênero textual biografia levando-se em conta os procedimentos de controle do discurso descritos pelo teórico, com base principalmente na publicação *A ordem do discurso*. A obra abordada na análise, *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, do escritor Wilson Gelbcke (2004), é um relato sobre a vida de Olívia Maia Mazzolli, que desenvolveu em Joinville (SC), sua cidade natal, um importante trabalho voluntário em prol de famílias desamparadas socialmente.

Pensa-se, portanto, a literatura, assim como explica Schmidt (2008), como uma produção estético-escritural, como uma matéria significativa situada no domínio da cultura, mesma corrente usada nos estudos literários contemporâneos.

## 1.2 A BIOGRAFIA ATRAVÉS DOS TEMPOS: FOUCAULT E O DISCURSO LITERÁRIO

Como passos iniciais, crê-se significativo fazer um retrospecto do desenvolvimento do gênero textual biografia ao longo da história do conhecimento ocidental, assim como traçar um paralelo entre esse diagnóstico e a perspectiva foucaultiana acerca do discurso como forma de controle e poder, além de notar as inúmeras idas e vindas da biografia como objeto de estudo. Segundo Foucault (1996, p. 8-9),

em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Esse controle do discurso também se exerce no discurso literário, através do tempo e em todas as sociedades, com algumas peculiaridades, porém independentemente de cultura. Tendo em vista o percurso da biografia no mundo ocidental, veem-se registros do gênero já na Antiguidade, quando com a biografia se objetivava enfatizar o caráter político, moral ou religioso da personagem a ser biografada. O efeito moralizante e exemplar e a concepção de grandeza eram os elementos mais importantes (ALMEIDA, 2014). O discurso, por conseguinte, precisava estar fincado na verdade, aspirando respeito e terror, pronunciar a justiça e somente ser pronunciado por quem de direito (FOUCAULT, 1996), de modo a inspirar confiança e a fazer com que o biografado fosse um exemplo a ser seguido. Na época o discurso biográfico tinha o intuito de educar e de transmitir os valores dominantes às gerações futuras (DOSSE, 2015), já pensando na questão como forma de controle e ordenação da sociedade (FOUCAULT, 1996). Aqui se destaca a obra *Vidas paralelas*, de Plutarco, por exemplo. Trata-se de 25 pares de biografias, cada um narrando a trajetória de um herói grego e um romano.

Mais tarde, no período medieval, apareceram as hagiografias, cujo propósito consistia em glorificar a Deus pela vida dos santos, além de indicar à humanidade modelos de virtude e de santidade. Viram-se, portanto, o afunilamento do gênero e a relevância da Igreja para a época. Nesse período se nota com muita clareza a grande influência da Igreja em muitos aspectos, como na literatura, tema do presente artigo, e, por consequência, na sociedade como um todo. Logo, podemos considerar tal instituição o que Foucault (1996) chama de “sociedades de discurso”. Como o foco do teórico são as instituições que detêm o poder e, por sua vez, o controlam, são elas que conservam ou que produzem os discursos – instrumento usado com esse intuito –, mas a circulação desses discursos só é liberada num determinado espaço e com regras estritas, como é o caso da Igreja. O discurso é protegido, defendido e conservado em dado grupo.

Com o advento do cristianismo, a biografia até então era utilizada como um recurso para difundir na sociedade os valores religiosos pregados pela religião, tomando por modelo vidas exemplares (DOSSE, 2015). Nos dias atuais, a influência

da Igreja já não é mais tão potente, embora ainda sejam nítidos seus resquícios. Então, conforme o diagnóstico de Foucault (1996), chega-se à conclusão de que as “sociedades de discurso” já não mais existem, porém ainda ocorrem formas de apropriação de segredos e de não permutabilidade que interferem de maneira preponderante no pensamento ocidental corrente.

Chegando ao Renascimento, ocorreram certas mudanças no processo de criação do gênero. A estrutura da biografia, por exemplo, passou a ser por temas, embora algumas tenham continuado a ser organizadas cronologicamente, e a ênfase era agora em falas e diálogos (BURKE, 1997 *apud* ALMEIDA, 2014). Portanto, constatamos aqui que o período foi importante para ressaltar a existência de uma unidade entre as palavras e as coisas, como diz Foucault (1996).

Os protagonistas do período giravam em torno de homens que ocupavam cargos públicos, além de santos medievais e homens da Antiguidade, a fim de reforçar a grandeza futura do herói.

Na Idade Moderna se tem como obra inaugural o romance *Tristram Shandy*, de Sterne. Sua primeira publicação data de dezembro de 1759. Nesse livro, o autor destaca a extrema fragmentação de uma biografia individual mediante o diálogo entre o protagonista (Tristram), o autor e o leitor. Outra obra de destaque do gênero também do século XVIII é *Jacques, o fatalista*, de Denis Diderot, um cético quanto às possibilidades da biografia em captar a essência do indivíduo. O autor aqui também lançou mão do diálogo para dar conta da fragmentação do eu (SCHMIDT, 2004; AVELAR, 2010).

Segundo Foucault (1996), nesse período predominava a cultura clássica, marcada pelo desejo humano de classificar o mundo. Então, vemos surgir aqui ciências analíticas, como a taxonomia, a gramática geral, a história natural, entre outras, que tinham a intenção de investigar minuciosamente seus objetos de estudo. Por isso a preocupação das biografias da época em apreender a essência do indivíduo por meio de sua extrema fragmentação.

Além disso, todo conhecimento precisava ser verificável e útil, além de verdadeiro. Essa vontade de verdade apoiava-se num suporte institucional, reforçado e reconduzido por um conjunto de práticas como a pedagogia, os sistemas de catalogação de livros usados pelas bibliotecas, os laboratórios etc.

A época foi marcada também pelo rompimento da unidade entre a linguagem e as coisas, criando-se o que o teórico chama de “idade da representação”. A representação consiste no elemento que distingue e harmoniza as classificações, levando à ordem. Ainda, viu-se aqui o início do movimento geral em busca da individualização, e o herói da narrativa biográfica passou a ser cogitado na configuração da identidade nacional, em geral representada por um grande homem (DOSSE, 2015). Buscava-se então o sentido de Estado-nação, e precisava-se de um representante dessa pátria.

Já no século XIX, o gênero deveria ser científico e artístico, além de uma forma de contribuir para o conhecimento, a crítica e a reflexão de pessoas cultas (GAY, 1999 *apud* ALMEIDA, 2014), porém houve novos interesses por parte do público de biografias, os quais passaram a se mostrar mais curiosos pelos pecados e virtudes dos protagonistas. O apetite biográfico impulsionou o mercado editorial, que publicava então obras longas e com vários volumes, bem como edições baratas de biografias de personagens conhecidas, a fim de atingir o grande público.

Almeida (2014, p. 308) destaca: “Em razão do próprio interesse do público, muitas biografias desmascararam reputações até então intocadas, de modo a exatamente enaltecer as virtudes burguesas e indicar caminhos que não deveriam ser seguidos”. Talvez esse interesse tenha se dado, conforme o pensamento foucaultiano, porque a Modernidade tenha se caracterizado pela busca da estrutura oculta das coisas, sendo instaurada, então, a “idade do homem” (FOUCAULT, 1996).

Na mesma época a literatura inglesa sofreu influências do período vitoriano, o que se refletiu na biografia, com a exacerbação da história dos grandes homens e o culto do herói. Intencionava-se apresentar homens superiores com atributos essenciais a uma vida gloriosa, e eram salientados a dedicação ao trabalho, a capacidade de sacrifício, a temperança e o sentido de dever. O caráter, como ressalta Gay (1999 *apud* ALMEIDA, 2014), era mais importante do que o intelecto. Evitavam-se verdades que denegriam a imagem positiva do protagonista, e a infância era excluída do conteúdo, como se nunca tivesse acontecido. Via-se muito aqui a hipocrisia. Como nota ainda Almeida (2014, p. 309), “resistir à tentação de expor os personagens à crítica popular em razão de assuntos ‘constrangedores’ era um efeito da civilização e o privado deveria ser mantido intacto. O moralismo biográfico prevaleceu”. Visava-se agora ao futuro, cujo propósito era a constituição de um projeto de cunho universalizador.

Na primeira metade do século XX há duas obras representativas do gênero. Uma delas é *Orlando*, de Virginia Woolf, que faz uma crítica aos biógrafos por imaginarem que tinham o poder de controlar os eus de um indivíduo, afinal um único eu possui milhares de eus; e a outra é o inacabado *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, a qual rejeita a linearidade e procura escapar da ilusão da unidade da vida (SCHMIDT, 2004; AVELAR, 2010).

Em 1954, Arsênio Frugoni escreveu sobre o reformador do século XII Arnaud de Brescia na obra homônima, um exemplo de utilização de perspectiva narrativa no estudo de trajetórias individuais. Nos dez capítulos que o livro contém, o autor faz a análise de um conjunto de fontes, do qual se apreende uma imagem diferenciada da personagem. Ele não busca sintetizar esses fragmentos em uma imagem totalizadora nem descobrir alguma essência ou unidade. Logo, não dá um sentido geral à narrativa, mas toma partido do fragmento, da descontinuidade do real.

Ainda no século XX, com o modelo macroestrutural da Escola francesa dos Annales, reconheceu-se a biografia pela sua legitimidade como objeto de pesquisa, mas ela ficou restrita à biografia representativa e ao estudo de caso. Houve a diminuição da importância do indivíduo na história, correlacionando-o ao mundo político (ALMEIDA, 2014). Le Goff (1998), um dos grandes representantes desse movimento historiográfico, complementa que a biografia da história nova, sem reduzir as grandes personagens a uma explicação sociológica, esclarece-as pelas estruturas e estuda-as mediante suas funções e seus papéis. Ou seja, por volta de 1980, o gênero biografia retornou à baila com pontos comuns com a nova história política, especialmente francesa, numa renovação do fazer história.

O interesse pelas biografias então passou a girar em torno dos movimentos da sociedade, com foco no individualismo e na liberdade do homem na sociedade e da compreensão de seu papel nela, e do desenvolvimento das disciplinas que investigam o homem em sociedade, como a antropologia, a sociologia e a psicanálise. Com as mudanças nas disciplinas acadêmicas oriundas das crises dos grandes paradigmas, surgiu a curiosidade pelas ditas minorias sociológicas, sem contar o efeito do psicológico no percurso do homem na sociedade.

Parecia, por sua vez, essencial transmitir na biografia as estratégias da racionalidade dos sistemas como o estruturalismo e, depois, o pós-estruturalismo. Um representante desse pensamento é a obra inglesa de James Boswell datada de 1791 a respeito da vida de Samuel Johnson. Nesse período novos métodos de investigação

da vida do biografado começaram a ser usados, como documentos e entrevistas, além de se constatar também a forte relação de convivência entre o historiador e a personagem. Isso por conta da preocupação em contar a verdade, mediante a dramatização de diálogos.

Vê-se, portanto, que as mudanças que aconteceram no tocante ao gênero textual biografia são o reflexo do desenvolvimento da sociedade no decorrer da história, tendo em vista que a literatura em geral consiste em um espelho do grupo social ao qual ela pertence.

Pode-se perceber que a biografia ao longo da história sempre teve como função essencial identificar modelos exemplares da sociedade, de maneira a utilizá-los no futuro, numa perpetuação daquela figura às novas gerações. Como o propósito geral, de acordo com Foucault (1996), paira a todo o momento no ordenamento da sociedade, viu-se na biografia uma chance de reproduzir modelos existentes, os quais devem se manter pelo mais longo espaço de tempo possível.

Ao mesmo tempo, destacam-se como sujeitos históricos nas biografias figuras eminentemente nacionais e regionais particularmente significativas na construção de um ideal de identidade da própria nação ou de uma sociedade local que se constituía. As biografias, ao despertar a imaginação sobre determinados atores, fortalecem a sensibilidade da análise histórica que carrega em seu bojo tanto um imperativo de amnésia social como de glorificação da memória de certos segmentos da sociedade. Se considerarmos os estudos de gênero, por exemplo, consegue-se mapear que uma das características dessas biografias consiste no fato de sua abrangência ser igualmente limitada a parcelas dos componentes mais ricos ou singulares da população.

### 1.3 ANÁLISE FOUCAULTIANA DO DISCURSO EM *PRIMAVERA EM PLENO OUTONO*

A análise aqui exposta tem como base *A ordem do discurso*, do filósofo Michel Foucault (1996). Na obra o autor explica que, se quisermos analisar o discurso em suas condições, jogos e efeitos, é preciso optar por três decisões: questionar nossa vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e suspender a soberania do significante. Essas três opções são englobadas por dois conjuntos de análise: o conjunto genealógico, pensando em como se formou o discurso haja vista

suas normas específicas, os sistemas de coerção e as circunstâncias de aparição, crescimento e variação; e o conjunto crítico, baseando-se na prática do princípio da inversão, mostrando a força exercida pelo discurso. Os dois conjuntos diferem apenas quanto ao ataque, à perspectiva e à delimitação, no entanto ambos objetivam desvelar o jogo da rarefação imposta, com o poder fundamental de afirmação.

Igualmente, propõe-se aqui uma discussão literária, conforme sustenta Schmidt (2008), feita pela perspectiva atual das práticas que envolvem a teoria da literatura, que dizem que o termo *literário* passou com o tempo a ser cada vez mais visto integrado à cultura. Ou seja, trata-se de um campo de produção histórico-social atravessado por diferentes valores, relações e interesses específicos. Por isso, precisa-se pensar a literatura como um fenômeno histórico contextualizado e inserido nos modos de produção material e nos processos sociais concretos.

Por esse viés, aprofundam-se questões sobre a relação da literatura com representações culturais, com modos de subjetivação e com a constituição de identidades, particularmente à luz do reconhecimento das relações saber/poder e poder/saber inscritos nos mecanismos de controle e legitimação do processo de construção das tradições literárias (SCHMIDT, 2008, p. 129).

Levando em conta tais premissas, foi trazida aqui a narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, primeira publicação do gênero textual biografia do joinvilense Wilson Gelbcke. Trata-se de uma narrativa sobre a vida de Olívia Maia Mazzolli relatada por ela própria ao escritor. O livro também traz poemas e crônicas de sua autoria, além de fotografias dela e de sua família.

Olívia Maia Mazzolli é nascida em Joinville (SC), atuou como professora e também foi funcionária da Receita Federal. Fundou em 1980, juntamente com o seu marido e outros casais do Movimento Familiar Cristão, o Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef), uma entidade sem fins lucrativos que ajuda anualmente com orientações e aconselhamentos centenas de famílias afetadas por problemas de desagregação e crises. A instituição é hoje referência nas áreas de orientação e aconselhamento familiar, psicoterapia, psicopedagogia, pedagogia, fonoaudiologia e assessoria jurídica (GROTH, 1999).

Inicialmente, é importante explicar o porquê da escolha da obra analisada. Após o levantamento feito de narrativas biográficas, constatou-se que a maior parte delas é a respeito de vidas masculinas, reflexo da sociedade machista em que vivemos e da

cultura predominante, na qual os homens são caracterizados como o sexo forte, ou seja, servem como exemplares de indivíduos almeçados pela sociedade, e as mulheres, portanto, não são dignas de registro. Essa ideia, de acordo com Schmidt (2006), deriva do conceito de família patriarcal, usado através do tempo como uma forma de organização de poder e estruturada hierarquicamente. *A priori* o patriarcalismo foi moldado a um segmento específico e privilegiado da população, mas veio a se tornar modelo para as relações tanto da esfera pública como da esfera privada, e a literatura e as representações que a cercam não ficaram aquém desse formato, vide a quantidade de biógrafos e de biografados que foi encontrada nas pesquisas.

Há também biografias sobre mulheres, mas quando isso acontece elas concernem praticamente em sua totalidade a histórias de religiosas católicas – aqui se vê também o predomínio da Igreja Católica no país, embora este seja tido como um Estado laico. Ademais, as biografias encontradas giram em torno de artistas, políticos e empresários importantes em termos econômicos. Com isso, é possível inferir o jogo de interesses e o fenômeno chamado por Todorov (2010) de “concorrência de memórias”. Objetiva-se, segundo essa ideia, não o conhecimento exato do passado, mas o reconhecimento pelos outros de seu lugar na memória coletiva da sociedade a que pertence ou pertenceu a personagem retratada na obra.

Tendo em vista a homogeneização dos tipos a ser biografados na literatura desde a Antiguidade, época dos primeiros registros do gênero textual, são trazidos então Bauman (2012) e o seu conceito de cultura. O filósofo polonês compreende cultura como o instrumento da ordem, ou seja, uma espécie de oficina que busca assegurar o padrão estável da sociedade, podendo a liberdade dos elementos que a compõem a fim de garantir a manutenção do padrão da totalidade. Os propósitos de cultura, assim, para o teórico, são homogeneizar os heterogêneos e unificar os diferenciados. Cultura transforma-se num sistema, a ser adequadamente apreendido, descrito e representado.

Uma das formas que o referido sistema utiliza para procurar manter essa padronização e homogeneização da sociedade é por meio da literatura, por exemplo, que interfere sobremaneira no processo das representações, em razão de conflitos entre os diferentes grupos que compõem a sociedade. Esses diferentes grupos e seus conflitos são responsáveis pela base da cultura do grupo que a carrega: a memória coletiva. Essa memória, assim como as representações, é uma construção, ou seja,

a seleção de fatos do passado feita não por especialistas, mas por esses grupos de influência no interior da sociedade, que procuram defender seus interesses.

Candau (2011) reflete sobre a questão quando diz que a memória coletiva, por ele chamada de memória compartilhada, é manipulada, como uma estratégia, favorecendo a solidariedade e a mobilização do grupo mediante esse processo permanente de eliminação e escolha dos fatos: o que lembrar e o que esquecer, gerando fenômenos como a amnésia social e a glorificação de representantes de segmentos específicos da sociedade.

Por conseguinte, temos uma das mais importantes funções da memória humana: a capacidade seletiva. Mas, para além dessa função prática, a memória pode ser (e é) facilmente manipulável, prestando-se também a fins políticos e ideológicos. Logo, os grupos de poderio econômico, em vista de nossa sociedade capitalista, passam a compartilhar crenças e representações parciais relativas a cada um deles com um único objetivo: o poder. Essa atitude funciona como uma estratégia, favorecendo a mobilização de tais grupos por meio de um processo permanente de eliminação e escolha, sempre com o propósito de demonstrar seu poder e reivindicar seu espaço (CANDAU, 2011).

Portanto, há na sociedade um esforço no sentido de se elaborar uma memória oficial, que passa então a ser divulgada em publicações, filmes, músicas e é expressa no que Nora (1993) chamou de “lugares de memória”, como monumentos, museus, comemorações. Essa memória, baseada na dialética lembrança e esquecimento, legitima muitas vezes práticas sociais calcadas em princípios de superioridade cultural ou racial. Como afiança o historiador, quanto menos vivida for a memória, mais ela tem a necessidade de suportes exteriores e de referências materiais.

Dessa maneira, pensou-se em trabalhar com o livro *Primavera em pleno outono* por ele fugir do senso comum e por não tratar de pessoas tão corriqueiras nos discursos biográficos. Além disso, biografias que retratam a vida de mulheres são muito raras, com exceção daquelas que contêm narrativas sobre grandes nomes midiáticos.

Considera-se, igualmente, que se podem perceber os balanços irregulares efetuados sobre o gênero das biografias como mais uma das formas de exercício do poder masculino. Nesse particular, trata-se, a nosso ver, de uma carência que está diretamente relacionada à negação de um direito partilhado de memórias. Afinal de contas, seria preciso modificar o método de reconstituição das histórias não como um

direito exclusivo de alguns grupos ou gênero. Basta um simples olhar, como observa Ginzburg (1989), para formas de saber e experiências cotidianas que constituíram no século XIX a noção de patrimônio que era “em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais” (GINZBURG, 1989, p. 167), embora essa realidade não seja colocada em primeiro plano nem se oponha frontalmente, até o presente, às noções enraizadas no senso comum, na historiografia e na literatura de uma protagonismo masculino. Como resultado e pelo fato de a maioria dos atores lembrados pela história ser homem, a narrativa adotada nas poucas biografias sobre mulheres aponta para uma complexa tensão que se mantém nos caminhos conjuntos trilhados pela literatura e pela história.

A obra inicia-se com uma introdução, texto em que o autor tem a oportunidade de expor suas motivações para a escrita dessa obra especificamente. Logo, Gelbcke apresenta ao leitor Olívia Maia Mazzolli, a personagem central da narrativa. A primeira metáfora que ele usa para falar da biografada é “um baú de recordações” (GELBCKE, 2004, p. 7), o que indica possivelmente uma pessoa tímida, fechada em seus pensamentos e reservada, porém com inúmeras histórias curiosas para contar.

Já no primeiro parágrafo o autor abusa de adjetivos como “belos exemplos” e “excelentes trabalhos voluntários”, ao ressaltar os feitos da protagonista, numa clara demonstração de admiração pela pessoa de Olívia. Por sua vez, no segundo parágrafo, os adjetivos utilizados para descrever a personagem são “destemida e brava mulher” (GELBCKE, 2004, p. 7), numa alusão ao fato de que para uma mulher ser brava e destemida é sinal de respeito e até mesmo de surpresa, principalmente se considerarmos que o autor do texto, nos idos dos seus 60 anos quando escreveu a obra, foi criado em uma época em que a mulher não tinha voz nem vez. Predominava massivamente um mundo pautado nos feitos dos homens. Por conseguinte, uma mulher ser mais do que uma simples dona de casa naqueles tempos representava uma grande ruptura com o modelo social em voga.

Vê-se também a indicação desse machismo velado no terceiro parágrafo, quando se diz que Olívia, embora tenha exercido o magistério e posteriormente atuado no serviço público, fora seu trabalho voluntário, encontrou “*ainda* tempo para sonhar, através de seus poemas repletos de ternura” (GELBCKE, 2004, p. 7, grifo meu). Ou seja, fora suas *obrigações* de mãe, esposa e dona de casa, ela conseguia arranjar tempo para si. Mais adiante, quando o autor se refere à infância da biografada, afirma: “Já com responsabilidades aos cinco anos de idade” (GELBCKE, 2004, p. 7).

Aqui se presume, com essa afirmativa, que ela cuidava das tarefas domésticas e/ou dos irmãos desde muito nova, porém a indagação que fica é se essas mesmas responsabilidades seriam transferidas a ela se ela fosse um rapaz, por exemplo, sem obrigações, em termos sociais, em relação à casa ou aos irmãos.

Além disso, na introdução Gelbcke anuncia: “Já nas primeiras perguntas que lhe fiz pude sentir que o livro seria escrito a quatro mãos. As respostas de Olívia Maia Mazzolli formam uma autobiografia” (GELBCKE, 2004, p. 7). Podemos notar tal fato no decorrer da narrativa, pois são intercalados trechos de depoimentos da biografada. Embora Foucault (1996) afirme que uma mesma e única obra literária pode dar lugar a tipos de discurso bem diferentes, não é o que se vê na obra investigada. Tanto autor quanto biografada parecem compartilhar das mesmas ideias, talvez por ambos terem idades parecidas, terem escolhido a mesma cidade para construir suas vidas e terem origens semelhantes. Observa-se, entretanto, que as falas de Olívia são mencionadas literalmente para que haja a repetição, proposital, como uma confirmação do que se diz. O segundo discurso, para Foucault (1996), é uma possibilidade aberta de fala, cuja função é dizer o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro, permitindo-lhe dizer algo além do texto, mas com a condição de que o texto seja dito e de certo modo realizado. Ou seja, a repetição dá veracidade ao que é dito.

O prefácio, de autoria de Mirna de Liz Holetz, sobrinha de Olívia, é derivado de uma saudação à biografada por ocasião do aniversário da tia do ano 2000. Já no título, “A tia em que eu queria me espelhar” (HOLETZ, 2004, p. 9), pode-se perceber a admiração da sobrinha para com a tia, e isso fica bastante explícito também no desenrolar do texto. Mirna conta que a tia nasceu em maio, enfatizando ser aquele o mês dedicado às mães; provavelmente por isso os dons maternais da protagonista, conforme a sobrinha. Na continuação, a autora segue falando de sua relação, e a de seu marido e seus filhos, com a tia. Vê-se aqui, então, mais uma vez a retórica advinda da ideia patriarcal de que um dos papéis sociais que envolve a mulher é a reprodução. Ser mãe consistiria na função natural da mulher no horizonte idealizado de uma ideia de família patriarcal (SCHMIDT, 2008). É importante lembrar que Olívia não teve filhos biológicos, mas adotou os filhos que o marido teve em seu primeiro casamento, por talvez a maternidade ser inata à mulher.

Auxiliar do médico no século XVIII, colaboradora do padre e do professor no século XIX, Badinter (1985) afirma que a figura feminina foi desenvolvida pelos séculos “alienada” pelo e para o homem, sendo feita não para si mesma, mas para

agradar ao marido, cedendo e suportando até mesmo a injustiça e, quando mãe, pronta a viver pelo e para o filho.

Feita para sofrer e gostando disso, a mulher não pode encontrar melhor ocasião de exercer seus dons do que na maternidade. O papel de esposa, muito necessário, não bastará à plena realização de sua feminilidade. Para que uma mulher cumpra a sua vocação, é preciso que seja mãe (BADINTER, 1985, p. 249).

Trata-se, destarte, do mito da maternidade, concebida no século XIX como um sacerdócio, ideia que repercute ainda hoje: um real sacrifício de si mesma, a fim de se adequar, porém, entre a natureza da mulher e a função de mãe.

É interessante destacar o trecho: “Foi acima de tudo mãe, pelo amor, carinho, compreensão e apoio que, generosamente, seu querido Humberto *permitted* continuasse a dedicar àqueles a quem acolheu” (HOLETZ, 2004, p. 9, grifo meu). O verbo *permitir* usado na citação é uma nítida confirmação de que Olívia e a sobrinha viveram num tempo em que, novamente como já observado antes, a mulher precisava da permissão do pai e, mais tarde, do marido, para abrir espaços de voo.

O narrador, para dar início à biografia propriamente dita, traz o contexto sociocultural da década de 1920 como pano de fundo para introduzir a personagem central da obra, nascida em 1924. Ao citar pela primeira vez a biografada, fala da sua filiação, relatando mais detalhadamente sua descendência materna, numa alusão de que, para entendermos uma pessoa de maneira mais completa precisamos saber de suas referências e de seu *background*. Na primeira fala de Olívia, ela conta brevemente sobre o romance vivido pelos seus avós por parte de mãe:

Não conheci meu avô Paul Oscar, mas sei por intermédio de minha mãe e de poesias e desenhos de sua lavra que era homem culto e fino. Ele imigrou para Joinville com apenas 18 anos de idade, porque tinha asma e procurava lugares mais quentes para viver. Aqui ele sentiu falta de sua amada, que deixara na Alemanha. E foi buscar a meiga Ulrica, mulher muito simples e sem cultura<sup>2</sup> (GELBCKE, 2004, p. 15).

---

<sup>2</sup> Como o texto de Gelbcke (2004) sofre constantes interferências do depoimento literal de Olívia, sendo portanto intercaladas falas do narrador e falas de Olívia na mesma narrativa, optou-se por apontar com uma nota de rodapé os casos em que é a voz de Olívia que aparece, para demarcar a fala da biografada, já que para a pesquisa a diferenciação dessas duas vozes é fato expressivo à análise. Logo, nos casos em que há nota de rodapé, trata-se da fala literal de Olívia.

Com essa fala, é possível observar que a visão que Olívia Maia tem a respeito de cultura é a mesma que nos foi imposta por muito tempo, tal e qual conceituada por Bauman (2012). Cultura é como sinônimo dos conteúdos que se aprendem na escola, sendo excluídas todas as facetas não oficiais e não institucionalizadas, numa clara tentativa de se manter o padrão estável da sociedade e sua homogeneização. Mesmo quando se passa a falar da cultura como um bem simbólico, como um direito e como valor econômico, a cultura feminina continua a ser muitas vezes sublimada.

O narrador segue contando sobre os avós de Olívia e como se desenrolou sua história aqui no Brasil, após terem imigrado da Alemanha, e especialmente sobre a mãe, Frida. A família de Frida, ao estabelecer-se no Brasil, abriu uma pousada em Pirabeiraba, distrito do município de Joinville. Nesse pequeno hotel foi onde a mulher conheceu “Eleutério Júlio da Maia, um caboclo bem brasileiro, descendente da família Gonçalves da Maia” (GELBCKE, 2004, p. 18).

Com essa passagem, podemos verificar a presença do mito das três raças, que por longo tempo se tentou forjar como marca da identidade nacional. Ou seja, o brasileiro era o resultado da mistura dos três grupos que se encontravam no território nacional e de suas influências culturais: o europeu, por intermédio da colonização e imigração ao país; o africano, que veio ao Brasil em decorrência do regime escravagista; e o índio, que já ocupava essas terras desde antes da chegada dos portugueses. Logo, se o pai de Olívia era “um caboclo [filho de índio com branco] *bem brasileiro*” (GELBCKE, 2004, p. 18, grifo meu), ele era prova viva dessa mistura de raças. Eleutério tinha sangue indígena, oriundo dos primeiros habitantes das terras brasileiras; e também sangue europeu, da porção civilizada.

O narrador, ao descrever a família que Frida e Eleutério construíram, afirma que ela “sempre soube lutar para educar os filhos, sem esmorecer para vencer os duros obstáculos da época” (GELBCKE, 2004, p. 18). Então, nota-se nesse trecho o grande valor que a educação tem tanto para o narrador quanto para a biografada, por crer ser relevante dividir essa informação com o biógrafo e com o leitor.

A importância da educação formal/escolarizada e o apreço que temos por ela perpassam-nos até os dias de hoje. A cada ano que passa, maiores ficam as exigências em relação aos estudos. Não importam os sacrifícios a serem feitos, o estudo deve sempre vir em primeiro lugar. A sociedade brasileira, construída aos moldes europeus, por conta da colonização majoritariamente portuguesa, que começou nos idos de 1500, vê o grau de escolaridade como reflexo de cultura e, por

consequente, de evolução. Ou seja, quanto maior o grau de escolaridade de determinado indivíduo, mais elevado é o seu *status* perante a sociedade, o que nada tem relação nessa situação com poderio econômico. Escolaridade para a civilização ocidental é vista como sinônimo de *status* social. Fora isso, baseamos nossa educação no modelo da Europa, trazendo novamente o pensamento da elite dominante de que o europeu é o civilizado e, por isso, deve servir como espelho, facilitando o caminhar em direção ao progresso tão almejado pelos setores brasileiros.

Trazemos, porém, da cultura dominante não apenas o modo de pensar a educação no país. Kothe (1997), em sua obra *O cânone colonial*, discute sobre o assunto por meio de uma reavaliação da herança colonial como imposição de uma identidade externa. A interferência europeia e, no caso brasileiro, especificamente portuguesa, tornou-se intrínseca ao povo brasileiro, não sendo mais percebida, portanto, como um discurso que vem de fora. Além disso, foi imposta uma identidade a esse grupo que na grande maioria dos casos não era a sua, o que também ajudou no assujeitamento. Passou a ser natural ser o outro, não sendo possível agir com autenticidade, por não saber como fazê-lo, talvez. O Brasil, conforme o autor, foi formado pela ótica da oligarquia latifundiária luso-brasileira. Então, mediante uma política sistemática de assimilação, em vez de integração, houve o aniquilamento da língua e da cultura de diversos grupos sociais, como os índios e os negros, restando àqueles que foram vítimas da situação a identificação com o novo sistema, ou a emigração. Afinal, o reducionismo para os que detêm o poder é sinônimo de avanço e progresso, pois a sua cultura é a única válida e possível. Esse pensamento predominante perdura, na perspectiva de Kothe (1997), até os dias de hoje, mas não por seu valor, e sim por ter força suficiente para impor-se de modo contínuo. Impõe-se como válido o que corresponde às necessidades políticas do partido dominante, ou seja, a versão dos fatos adequada aos interesses hegemônicos em certo momento e lugar.

Por essa razão, o brasileiro sempre se viu e foi visto como atrasado, numa constante comparação com o europeu, o outro, num claro menosprezo por sua história e sua gente. O Brasil, por ser considerado e por considerar-se país em desenvolvimento, investiu ao longo de sua história em cursos técnicos e profissionalizantes, cujo único objetivo é preparar profissionais para os setores terciários do mercado de trabalho, também conhecido como prestadores de serviço. Mão de obra qualificada, para os governantes do país, sempre foi equivalente de

progresso. Essa ideia perpetua-se desde 1500, e atualmente, com as novas propostas governamentais, percebe-se que tal pensamento continua o mesmo. Portanto, educação aqui é vista como algo duro, trabalhoso, mas compensador, por ser garantia de renda e de elevado *status* social.

Sobre essa crença que temos a respeito de educação, Foucault (1996) também declara que ela, embora seja de direito, por ser o instrumento que dá ao indivíduo acesso a todos os tipos de discurso, está marcada pela distância, pelas posições e pelas lutas sociais. A educação, assim como o discurso, não é neutra nem isenta de parcialidade: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44).

A questão é reforçada com um depoimento de Olívia sobre o pai, gerente de um engenho de erva-mate, que acabou ficando desempregado por conta da queda do mercado do mate, causando por isso à família problemas financeiros. “Mas a união da família e a garra de minha mãe supriam as dificuldades, com muito trabalho e confiança”<sup>3</sup> (GELBCKE, 2004, p. 18). Aqui podemos inferir a crença da importância de uma família unida para Olívia, já que pela fala se constata que, se não fosse por essa união, provavelmente eles não teriam sido bem-sucedidos ao enfrentar tais problemas.

É interessante observar que o narrador primeiramente descreve toda a família materna de Olívia, começando por seus avós, sua imigração ao Brasil, a vinda ao mundo dos filhos e depois como a mãe da biografada conheceu o pai. Também se fala um pouco dos irmãos de Olívia só para, depois disso, narrar um pouco da história do pai, Eleutério. De qualquer forma, os únicos fatos mencionados acerca dele são em relação a sua vida profissional e a sua vida política, não sendo citados detalhes a respeito de seu relacionamento com os filhos, por exemplo, ou com a esposa, ao menos no primeiro capítulo da obra, como se ele fosse menos importante do que a mãe para a *história* da biografada.

O fato de o autor ter tratado tal tema da forma como o fez reflete o pensamento da sociedade de que o pai, homem da família, tem como função prover a família, trazer dinheiro para casa e ser responsável por seu sustento, principalmente no começo do século XX, época do início da nossa história, quando eram pouquíssimas as mulheres

---

<sup>3</sup> Fala literal de Olívia.

no mercado de trabalho, e o direito ao voto ainda era restrito aos homens. Não se sabe, por exemplo, se a mãe de Olívia se envolvia com política ou não, mas isso não era relevante, então é algo que não vale a pena ser mencionado.

É importante inferir aqui também a diferença de nacionalidade dos pais de Olívia, talvez por isso a ênfase na história da mulher em detrimento da do pai. Embora os dois tenham nascido em terras brasileiras, Frida era descendente direta de europeus, visto como os civilizados e evoluídos, grupo em que se quer espelhar, enquanto Eleutério era descendente de índios, bárbaros e involuídos, que precisavam ser adestrados. Assim, não havia necessidade de adentrar na história paterna, por ela talvez não ter nada a acrescentar.

Verifica-se ainda nessa questão o fato de na cidade de Joinville ter-se muito proeminente o discurso da tradição alemã, numa tentativa de se forjar uma história singular e identidade para o município. De fato, Joinville recebeu em 1851, ano de sua fundação, as primeiras levas de imigrantes, em sua grande maioria alemães, mas também suíços e noruegueses. Todavia, essas terras já eram ocupadas por indígenas e africanos escravizados – grupos que foram apagados da história oficial municipal. Então, o destaque especial que o autor dá à família de Frida, tipicamente de imigrantes europeus, no discurso biográfico analisado vem ao encontro do discurso oficial que se procura manter sobre Joinville, reforçando a ideia de uma cidade cuja identidade é a alemã.

Na sequência, ao ser trazida uma fala de Olívia concernente aos envolvimento políticos do pai, ela aborda o que lembra de sua infância quanto a esse assunto e expressa o seu pensamento atual no tocante a ele. Ou seja, só depois de adulta, mulher feita, pôde revelar seu ponto de vista referente a uma situação que já havia ficado no passado.

Num único parágrafo que trata do relacionamento de Eleutério com os filhos – nada é dito sobre o relacionamento homem e mulher –, o narrador diz: “Era homem extremamente ligado à família. De fortes princípios morais, não admitindo certas liberdades que se observa hoje em dia” (GELBCKE, 2004, p. 21). O narrador demonstra não concordar com a flexibilização na educação familiar, ao questionar “certas liberdades que se observa hoje em dia”, ao colocar em xeque as “liberdades” que se têm hoje em dia como contrárias aos princípios morais preestabelecidos. No entanto questiona-se de quais princípios morais o narrador está falando, ou acredita que deveriam ser mantidos iguais aos do passado.

É significativo ressaltar que o narrador, aquele que conta a história, já é um senhor de idade, criado em um regime rígido, que sofreu décadas depois com a ditadura militar, e num mundo em que o homem tinha vez e voz, em detrimento da mulher. Ademais, tem-se presente ainda a questão de o biógrafo ser homem e se dispor a narrar a história de uma personagem mulher. Por toda a criação diferenciada entre homem e mulher e posição social, é impossível o assunto feminino x masculino não vir à tona nas falas da personagem ou na narrativa do autor. Enquanto o homem tem o mundo aos seus pés e acesso ilimitado a ele, o mundo feminino sempre foi muito menor e mais restrito. Era permitido à mulher apenas o que o pai e, posteriormente, o marido acreditavam que era o melhor, levando-se em conta a opinião da sociedade. Quando muito a mulher podia se manifestar a respeito de temas sociais e morais.

Todavia, Foucault (1996) salienta que o discurso dito permanece dito e ainda está por dizer, como se fosse uma releitura. Assim, o discurso analisado no presente artigo foi dito em 2004, ano de lançamento da obra estudada e, portanto, marcado num tempo. Haverá, por conseguinte, a repetição desse discurso indefinidamente, como se esse pensamento fosse a vontade de verdade. Ele pode ser compartilhado por alguns, mas é temeroso afirmar que o mesmo pensamento é comum a todos os que viveram na época em que o livro foi escrito. O discurso é decorrente de um jogo de vontades e de interesses e produzido em determinado tempo histórico. Então, resta ao leitor, nesse caso, ter atenção sobre o que é dito, para que o que lê não seja transformado em verdade única.

Na sequência, num depoimento de Olívia, ela fala da casa em que ela e sua família moraram de 1925 a 1937: “É o casarão hoje desvirtuado (virou casa de pagode, ou coisa parecida), na esquina da rua Procópio Gomes e Plácido Olímpio (rua Ipiranga em nosso saudoso tempo)”<sup>4</sup> (GELBCKE, 2004, p. 21).

Aqui é curioso notar dois pontos do trecho do relato. Primeiramente, que o casarão em que morou, conforme seu pensamento, na atualidade está *desvirtuado*, isto é, marcado por um novo uso, que deixou de ser uma habitação familiar e está *virado em casa de pagode, ou coisa parecida*, conforme o juízo crítico da biografada. Vê-se que Olívia não concorda com a mudança de uso do espaço, muito menos com

---

<sup>4</sup> Fala literal de Olívia.

casas de pagode<sup>5</sup>. Pagode, talvez por ser um estilo musical oriundo do movimento negro e dos escravos, associou-se desde a sua origem a classes mais baixas da sociedade, o que se choca bastante com a realidade dos anos 1920 e 30 em Joinville, cidade em que à época havia o predomínio de imigrantes alemães, suíços e noruegueses, todos de pele e cabelos claros. Portanto, o preconceito está presente nessa fala, veladamente, porém.

Como assegura Bauman (2012), tudo o que está à margem da sociedade, que se expande nas fronteiras, assusta. Com novas possibilidades, é mais difícil constituir a ordem e a padronização da sociedade, abrindo brechas para outros tipos de conduta. Além disso, a existência de passagens de fronteira sem controle equivale ao colapso do sistema, isto é, à quebra da forma de subordinar a liberdade dos elementos à “manutenção de padrão” da totalidade.

O outro ponto a ser destacado é o fato de o pagode caracterizar um aspecto cultural de origem africana, conferindo a esse grupo uma identidade. Pensando aqui a questão da identidade nacional, não podemos esquecer que esse campo não está isento de disputas nem de imparcialidade. Ou seja, precisa-se ter cuidado com o que vai se propagar a respeito de determinado grupo, tendo em vista que, pela tendência da homogeneização de um grupo social, todo aquele conjunto pode ficar marcado por uma característica específica, entretanto que nem sempre reflete a realidade dos fatos. Olívia questiona padrões culturais diversos da matriz europeia como o pagode, por romper com uma hegemonia cultural e historicamente marcada.

Além disso, considerando que os europeus são vistos ao longo dos séculos como os superiores e civilizados, servindo de modelo a ser seguido pelos demais, qualquer outro elemento cultural originado em culturas que não estão em conformidade com as características ditas civilizadas não deve ser multiplicado nem incentivado. É o caso das danças e das músicas do pagode, derivadas das tradições africanas.

Em segundo lugar, Olívia refere-se à antiga rua em que morava como “em nosso saudoso tempo”<sup>6</sup> (GELBCKE, 2004, p. 21). Declara, portanto, que sente saudades de um tempo que já passou, que ficou para trás, uma tendência muito

---

<sup>5</sup> Pagode é um estilo musical parecido com samba, cuja origem remonta a cidade do Rio de Janeiro em fins da década de 1970. O termo *pagode* oriunda de festas que aconteciam nas senzalas de escravos negros e quilombos, à época da escravidão no Brasil, e como vertente musical nasceu às margens dos acontecimentos musicais dos meios de comunicação do país.

<sup>6</sup> Fala literal de Olívia.

comum sobretudo dos mais velhos, que afirmam que tudo em seu tempo era melhor do que nos dias atuais. É comum ouvirmos a frase “no meu tempo não era assim”, ou “naquele tempo que era bom”, já que as pessoas são nostálgicas e tendem a esquecer – ou querem não lembrar – coisas ruins, guardando nas lembranças apenas o que aconteceu de bom.

É curioso constatar que, ao longo da narrativa apresentada no livro, se destacam acontecimentos felizes e nostálgicos, com a ideia de um passado romântico, haja vista que existe a tendência de romantizar o que passou, não lembrando, talvez propositalmente, as coisas ruins ou aqueles problemas corriqueiros por que todos passam. Vê-se no decorrer da obra uma vida carregada de afeto, sensibilidade e bons momentos. A ideia do passado paradisíaco vem à tona, assim como a questão do que se quer lembrar e do que se quer esquecer.

Foucault (1996) indaga o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente. O perigo não está no que é falado, porém na intenção com que se fala. Afinal, nem sempre se retrata a realidade dos fatos, ou se rememora aquilo que se acredita importante e que vale a pena ser repassado adiante, numa tentativa de moldar o futuro e os indivíduos que dele farão parte. Se para tudo há uma intenção, seja ela positiva, seja negativa, resta a nós, leitores, refletir sobre o que é dito para que o discurso não seja utilizado tal e qual um instrumento de verdade e manipulação de poder.

Desse modo, tratando-se de literatura, concorda-se com Schmidt (2008) quando afirma que não é possível considerar as histórias literárias como ponto de vista de seus critérios de veracidade ou correspondência entre história e narrativa somente. Faz-se necessário apontar questionamentos acerca dos conhecimentos que são gerados nessas histórias por seus constructos e quanto aos interesses que os cercam.

#### 1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É consenso entre os pesquisadores do campo do patrimônio cultural que a característica principal e mais marcante de qualquer grupo social é a língua. Esta é o primeiro elemento de identificação de um grupo social e determinante da composição da identidade cultural. Comum a milhões de pessoas, trata-se de parte preciosa da

identidade e cultura essencial, afinal por ela se torna possível o domínio dos códigos comuns que permitem entender o mundo.

Por isso, deve-se compreender que a língua passa a ser uma força designista da mentalidade do grupo que a utiliza, pois vem carregada de sentidos e símbolos próprios daquele grupo que dela faz uso. Um dos empregos mais comuns e relevantes da língua é a literatura, ou seja, o conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país e transmissor de determinada visão de mundo.

Haja vista o discurso literário ser um dos discursos com que Foucault (1996) se preocupa e a literatura consistir numa das formas de descrever memórias, moldando um dos pilares da cultura nacional, buscou-se neste artigo fazer a análise de uma obra do gênero textual biografia levando-se em conta os procedimentos de controle do discurso descritos pelo teórico, com base na publicação *A ordem do discurso*, de maneira a inferir como o discurso literário, exclusivamente a biografia, interfere, ou não, no pensamento de determinado grupo social. Ainda, traçou-se a retrospectiva da origem e do desenvolvimento do gênero biografia, intercalando-a à perspectiva foucaultiana, a fim de constatar as adaptações do gênero ao longo do tempo.

A obra escolhida para análise foi *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, do escritor Wilson Gelbcke, que traz um relato sobre a vida de Olívia Maia Mazzolli, que desenvolveu em Joinville, sua cidade natal, um importante trabalho voluntário em prol de famílias carentes de ajuda. Perceberam-se as inferências que autor e biografada fazem a respeito de cultura, identidade, imigração e memória na narrativa, que traça um panorama geral da vida de Olívia até os seus 80 anos, contando suas histórias e a história da sua família, começando com o relato da imigração de sua mãe ao Brasil.

Na medida em que em muitos momentos ao longo da história do gênero biografia o biografado passou a ser cogitado como modelo de virtude e até mesmo como a representação da identidade nacional, estranha-se quando a narrativa se dedica exclusivamente a contar a história da vida de uma mulher, como foi o caso da obra selecionada aqui para análise, principalmente tendo essa mulher vivido no século XX, período no qual as mulheres tinham papéis socioculturais limitados em razão da prevalência do modelo familiar patriarcal.

Essa questão de gênero, por exemplo, apareceu por diversas vezes ao longo da análise parcial da biografia, talvez pelo fato de se tratar de uma obra escrita por um homem sobre uma mulher, o que acaba revelando, mesmo que indiretamente, as

diferenças de gênero impostas pela sociedade e pela época, no caso da obra examinada, o século XX, quando a mulher era mais reprimida do que é hoje em dia e tinha muito menos liberdade e poder de escolha. Assim, é necessário que o leitor perceba a construção das narrativas biográficas como uma arena de disputa e como um campo de força de agentes sociais desiguais (THOMPSON, 1989).

Foram verificados na obra, ainda, preconceitos velados e tentativas de apagamento de parcelas da população, com o propósito, também velado, de manter a hegemonia e a “pureza” da identidade regional, com o intuito de se forjar uma identidade regional e uma história singular para o município de Joinville, que insiste em manter uma tradição única, a alemã, embora já se tenham registros de que o grupo de imigrantes e habitantes da cidade era muito mais variado. Veem-se claramente, portanto, apagamentos a fim de sustentar a história oficial.

Tendo em vista que Foucault (1996) afirma que o indivíduo que se põe a escrever um texto escreve conforme sua época e tal como ele a modifica, essa análise seria outra caso fosse escrita por um homem, por exemplo, ou em outro século, outra criação, ou outras visões de mundo.

Pode-se concluir, pelo visto até aqui, que os desafios no campo da biografia vão na direção de repensar modelos já consagrados, considerados por traços nem sempre originais para uma sociedade com identidades e culturas diversas. Isso se reflete, por exemplo, na permanência de um olhar unilateral e linear tanto pela história como pela literatura. Isso significa a ampla circulação de narrativas biográficas que raramente permitem transformações em seus significados, seus atores ou reconheça o caráter mutante da cultura. De qualquer maneira, como bem aponta a voz dissonante de Florbela Espanca<sup>7</sup> (2012), no seu poema “Ruínas”, os caminhos futuros são possíveis pelo contínuo reconstruir de visões que se pensam como imutáveis.

Se é sempre Outono o rir das Primaveras,  
Castelos, um a um, deixa-os cair...  
Que a vida é um constante derruir  
De palácios do Reino das Quimeras!

---

<sup>7</sup> Poetisa portuguesa. No início do século XX, foi uma das primeiras mulheres a frequentar o curso secundário. Além de poetisa, foi tradutora, contista, professora de português e colaborou com inúmeros jornais e revistas.

## 1.5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. **Dimensões**, Vitória, v. 32, p. 292-313, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/8338/5916>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 17 mar. 2016.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltersin Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. Introdução. *In*: \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 6-56.
- CANDAU, Joël. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas. *In*: \_\_\_\_\_. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Pereira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 21-57.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.
- ESPANCA, Florbela. **Poemas seleccionados**. Lisboa: Atlântico Press, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Franga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!** Joinville: Letradágua, 2004.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GROTH, Marlise. Cenef: entidade faz a defesa da família. **AN Cidade**, Joinville, 19 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/1999/mar/19/0cid.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- HOLETZ, Mirna de Liz. A tia em que eu queria me espelhar. *In*: GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!** Joinville: Letradágua, 2004.
- HUYSSSEN, Andrew. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In*: \_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídias**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-40.
- KOTHE, Flávio. Cânone e valor. *In*: \_\_\_\_\_. **O cânone colonial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. p. 103-140.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 131-142, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/benito-schmidt-grafias-da-vida-reflexoes-sobre-a-narrativa-biografica.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32, p. 127-141, jul./dez. 2008. Acesso em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2003/1582>>. Acesso em: 8 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 765-799, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a11v14n3.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

THOMPSON, Edward. **Tradición, revuelta y conciencia de clase**. Barcelona: Crítica, 1989.

TODOROV, Tzvetan. As identidades coletivas. In: \_\_\_\_\_. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

## 2 O DESENVOLVER DE UMA MEADA MULTICOLOR: BIOGRAFIA, GÊNERO, PAISAGENS E O DISCURSO OFICIAL EM JOINVILLE<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O artigo dedica-se à análise da obra *Eu, Wittich Freitag*, de autoria da historiadora Raquel S. Thiago (2000). Faz-se aqui uma tentativa de discussão de uma obra enquadrada no gênero textual biografia como objeto de estudo de uma investigação que trata dos discursos do campo patrimonial. Na segunda parte, buscam-se elementos que expliquem as escolhas e os atores que determinam os sujeitos históricos que têm o direito a ter sua vida contada e as suas memórias perpetuadas, com base nos conceitos de Candau (2016) e Pollak (1989; 1992). Ademais, parte-se das possibilidades que a biografia também apresenta ao ser considerada como fonte de estudo, pelo viés de Schmidt (2014), como o fato da sua indissociabilidade da construção do discurso oficial que permeia o âmbito nacional, igualmente sentida nas cidades. No caso específico de Joinville (SC), onde se passa a maior parte da narrativa, discutem-se, ainda, as tensões e negociações oriundas das manifestações culturais e expressões de grupos sociais e que condicionam de certa maneira o tempo e o espaço retratado na obra examinada, conforme visão de Canclini (1990), Bhabha (1999) e Schwarcz (2013).

**Palavras-chave:** biografia; patrimônio; literatura; memória.

### **Abstract:**

The article is an analysis of the book *Eu, Wittich Freitag*, by the historian Raquel S. Thiago (2000). It occurs here an attempt of discussion of a book classified as a biography, considering it the study object of an investigation about the speeches of the patrimonial field. On the second part, elements are mentioned thinking on the choices and the actors that determine the historical subjects whose have the right of having their story told and their memories perpetuated, based on the concepts by Candau (2016) and Pollak (1989; 1992). Besides, we cite the possibilities of the biography as a study source, according to Schmidt (2014), like its indissociability at the construction of the official speech that permeates the national sphere, likewise in the cities. Specifically about Joinville (SC), where the largest part of the narrative takes place, there are discussions about the tensions and trades from the cultural manifestations and expressions from the social groups, which affects in a certain way the time and the place that appear on the analyzed book, in accordance with Canclini (1990), Bhabha (1999) and Schwarcz (2013).

**Keywords:** biography; heritage; literature; memory.

---

<sup>1</sup> O artigo segue as normas da revista *Antares: Letras e Humanidades*, para a qual foi submetido à publicação em 13 de outubro de 2017. Até a data da impressão deste volume, não se obteve resposta quanto à submissão.

## 2.1 INTRODUÇÃO

A memória pode ser pensada como a capacidade de armazenamento de informações, mas as suas acepções também trazem à tona a ideia de que ela é um elemento essencial de um indivíduo, ou seja, a base da identidade dele. A memória, porém, é subjetiva e, como nos diz Candau (2016, p. 9), “acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”. A memória que é lembrada e relembrada ao longo do tempo consiste num enquadramento e tem objetivos claros, além de ser bastante estratégica<sup>2</sup>. Esse enquadramento de memórias, explica Henry Rousso (*apud* POLLAK, 1989), tem limites, pois não pode ser construído arbitrariamente, mas deve satisfazer a certas exigências de justificação.

Embora seja individual, a memória muitas vezes é compartilhada, o que a faz com que se torne coletiva. Logo, do viés individual para o coletivo, a memória passa a atingir um grupo social maior e garante o poder de interferir socialmente na dinâmica de mundo e na recuperação de registros de diferentes contextos, ficando por vezes salvaguardada em formas materiais, como um documento ou um livro (ABREU, 1998).

Nesse sentido, este artigo tem como principal pressuposto suscitar reflexões a respeito do padrão que se encontra em narrativas literárias. Especificamente nesse caso tratamos do gênero textual biografia, cuja intenção é retratar a realidade social por meio de um ator social escolhido por conta de sua história de vida, em geral de sucesso e destaque. É importante salientar, no entanto, que nesse tipo de texto se propaga também determinada visão de mundo a qual nem sempre é um retrato coerente do grupo social ali descrito. Ao ler textos biográficos, ou textos de maneira geral, precisamos atentar-nos quanto às tensões e aos conflitos entre os diversos grupos que integram o mesmo cenário, já que nenhuma sociedade é isenta de jogos de poder, em prol de não subjugar nem ressaltar um grupo ou outro. Aqui, portanto, serão debatidas questões como: Por que um conjunto típico de atores sociais é mais usualmente representado do que outro? Que memórias legitimam a história da coletividade? O discurso mnemônico é de fato democrático?

---

<sup>2</sup> Afinal concordamos com o autor quando ele afirma que memorar todas as experiências de todos os indivíduos seria impossível.

Com base nessas premissas, este artigo pretende analisar a obra biográfica *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago, que conta a história de vida do empresário e político Wittich Freitag. Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, porque na cidade construiu e consolidou a primeira fábrica de refrigeradores da Região Sul brasileira, a Consul, marco para a industrialização joinvilense. Ele também criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Atuou como vereador, deputado estadual e por duas vezes foi prefeito, exercendo seu trabalho sempre de Joinville.

A narrativa passa-se basicamente em Joinville, onde Wittich Freitag morou desde cerca dos 20 anos até o seu falecimento, e por ela temos a descrição de cenários, temporalidades e de grupos sociais que compõem a cidade na contemporaneidade do biografado. Joinville era inicialmente habitada por indígenas e portugueses, época em que ainda levava o nome de Colônia Dona Francisca, nome em homenagem à princesa D. Francisca, filha de D. Pedro I, por a terra fazer parte de seu dote. Após o casamento, D. Francisca e o marido, Francisco Fernando de Orléans, conhecido como o príncipe de Joinville, venderam essas terras para o alemão Mathias Schroeder, proprietário de linhas de navios que traziam imigrantes da Europa para o Brasil. Esse foi o ponto de partida para o crescimento da cidade. Joinville foi fundada em 1851, quando a ela chegaram imigrantes alemães, suíços e noruegueses. Com população atual de mais de 500 mil habitantes, a cidade destaca-se atualmente no cenário nacional por ser um importante polo industrial da Região Sul (BUSARELLO, 2013; JOINVILLE EM FOCO, 2009).

A análise aqui pretendida tem como premissa a ideia de pluralismo metodológico. Assim, toda e qualquer estratégia metodológica usada para a obtenção do entendimento do objeto investigado é válida (LACEY, 2012). Logo, procurou-se mesclar autores renomados e teorias convergentes a fim de se chegar a discussões substanciais a respeito do texto biográfico como um dos discursos que interferem nas ideias que envolvem o campo patrimonial. Afinal, a vida modelar que está inscrita na narrativa da história desses homens influencia a escolha dos sujeitos históricos a serem fixados na memória social coletiva, bem como as negociações entre as manifestações culturais dos diferentes grupos sociais que compartilham tempo e espaço.

## 2.2 BIOGRAFIA COMO GÊNERO: LIMITES ENTRE FICÇÃO E REALIDADE

De pai e mãe alemães e nascido em Blumenau, onde se criou, Wittich Freitag chegou a Joinville por volta de seus 20 anos, onde construiu sua carreira profissional, fosse como empresário, fosse como político. Ele também fundou as Lojas Freitag e a W. F. Empreendimentos Imobiliários. Foi casado por toda a vida com Lilli e com ela teve três filhas, Diva, Rúbia e Lívia. Faleceu em 1998.

O primeiro ponto a que devemos nos atentar em relação à análise da obra é o biografado *per se*. Ele era nascido em Blumenau, mas construiu sua carreira em outro município, Joinville, cidade que constituiu toda a sua história com base na imigração, por meio dos discursos historiográficos e da imprensa (COELHO, 2011). A imigração para Joinville começou na segunda metade do século XIX e tinha como função principal a busca por trabalho. Por outro lado, a cidade de Joinville é intitulada como Manchester catarinense por conta de seu caráter industrial. Assim, atribuiu-se ao imigrante, com grande destaque ao germânico, a origem do progresso industrial e nele se fundamentou a matriz cultural de uma população disciplinada e respeitada por seu trabalho (COELHO, 2011; MACHADO, 2009). Nesse sentido, Wittich Freitag possui as características tradicionais de um sujeito histórico com elevadas chances de ter uma biografia, por ser um indivíduo que se enquadra nas características: imigrante, germânico e do ramo da indústria. Desse exemplo, pode-se inferir que esse gênero literário até os dias atuais continua a ser utilizado como uma forma de reforçar o discurso sobreposto vigente.

A narrativa, contada em primeira pessoa, começa pelas histórias dos ancestrais do biografado. Sua origem é descrita a partir de seus descendentes, da Alemanha do fim do século XIX: “Imagens memorialísticas herdadas de meus ancestrais, portanto, minhas de direito e de fato” (S. THIAGO, 2000, p. 19). Tais situações e imagens, vividas não por quem as conta, mas transmitidas a ele como que por herança, são chamadas por Pollak (1992) de acontecimentos vividos por tabela, ou seja, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Wittich Freitag não tem essas memórias por sua experiência propriamente dita, mas elas lhe são oriundas de seus anteriores e, assim como um bem material, elas também lhe são herdadas. Isto é, constituem seu patrimônio e, por isso, ele tem o direito de as contar.

Além disso, como “imagens memorialísticas” (S. THIAGO, 2000, p. 19) também podemos entender o espaço e as paisagens em que se desenrolaram os episódios

vividos por aquela família. Afinal, as histórias narradas têm como resultado o desenvolvimento atual daquela coletividade e fornece base para o futuro. A intenção de rememorar tais aspectos consiste em preservar esses elementos a fim de fundamentar e manter a identidade daquele espaço (ABREU, 1998) e daquele grupo social.

O livro inicia-se com relatos sobre a infância do biografado. O narrador conta que começou os seus estudos ainda em Blumenau, numa escola particular construída por seus pais juntamente com outros moradores do bairro em que morava, também pais dos alunos que frequentavam aquela instituição de ensino. Explica ele que se tornou prática comum as escolas criadas pela própria comunidade: “Como os teuto-brasileiros faziam, na necessidade de educarem seus filhos” (S. THIAGO, 2000, p. 32). Um casal de professores foi trazido da Alemanha para que ensinasse às crianças as primeiras letras em alemão. Conforme o narrador, “era comum, entre os teuto-brasileiros, pedirem auxílio da Alemanha que, desde 1918, na época da República de Weimar, mantinha uma política cultural para o exterior, nos locais de colonização alemã” (S. THIAGO, 2000, p. 32).

Com essa informação, vemos como é importante aos grupos sociais a transmissão de sua cultura, como forma de propagação, manutenção e expansão de seus domínios e, conseqüentemente, de seu poder. Por meio da educação, é possível transmitir valores e crenças do grupo social. Nesse caso, a cultura difundida era a do alemão, grupo do qual esse conjunto de pessoas descendeu, o que acontecia principalmente pela língua, característica básica de qualquer grupo social. Para se comunicar, se manter e se identificar, o grupo social utiliza os códigos comuns que têm, ou seja, a linguagem. As crianças, nessa escola, aprendiam o alemão: “No início, cinquenta por cento das aulas eram dadas em alemão, e os outros cinquenta por cento em português” (S. THIAGO, 2000, p. 32).

A fim de formar<sup>3</sup> os indivíduos pertencentes ao seu grupo social conforme sua conveniência, o governo faz da educação (leia-se sistema escolar) grande ferramenta e utiliza-a com o propósito de transmitir seus ensinamentos e cultura comum, segundo uma visão de mundo particular, ou seja, escolhida por alguns como a principal e a que deve ser perpetuada, excluindo-se os demais conhecimentos que de alguma forma

---

<sup>3</sup> Aqui, quando se utiliza a palavra *formar*, quer-se dar vazão a dois sentidos literais que ela tem: dar ou receber ensinamentos, exemplos, especialmente morais, isto é, educar; e fazer-se, constituir-se, por mecanismos estabelecidos na língua, ou seja, dar uma estrutura (HOUAISS, 2001).

contrariam o que se deseja espalhar, ou que são simplesmente diferentes. A Alemanha, por exemplo, viu no Brasil uma grande oportunidade de expansão de seus domínios, como conta o narrador da obra analisada: “A estrutura inicial da escola era alemã, pois ainda não havia uma política educacional brasileira voltada para as necessidades dos imigrantes” (S. THIAGO, 2000, p. 33).

A respeito dessa reflexão, veem-se dois problemas: a falta de políticas públicas educacionais, ou o atraso de as fazer, pelo governo brasileiro, e a crença de que os imigrantes devem frequentar uma escola que remeta ao seu país de origem, e não ao país em que moram, fazendo com que o imigrante se sinta deslocado e seja prolongado o seu tempo de adaptação a outro lugar que não o seu de origem. Embora o imigrante more num lugar, que pode ser provisório ou não – na maioria das vezes, não se sabe –, ele não pertence a esse lugar, o que o deixa como que em suspenso em relação à casa, à identidade e à nacionalidade. Apesar de as crianças de nosso texto biográfico, por exemplo, já terem nascido no Brasil (seus pais são os estrangeiros), elas nunca deixarão de ser imigrantes, principalmente se forem sempre tratadas como imigrantes. Sobre isso, fala Sayad (1998, p. 45):

A imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.

Esse sentimento de não pertencimento acaba afetando até mesmo as atitudes e a formação da identidade social e individual, pois não se sabe se se deve ignorar sua cultura base e assumir uma nova definitivamente, ou se deve se manter a cultura anterior, prezando por suas raízes. Logo, o imigrante vive sob a constante condição da provisoriedade, com a impressão de que nenhum lugar é seu de fato.

O governo nacional só foi preocupar-se com a questão da política educacional brasileira na época da ditadura de Getúlio Vargas, que decretou a proibição do uso dos idiomas alemão e italiano, falados por dois grupos bastante numerosos que imigraram ao Brasil, implantando a Campanha de Nacionalização, situação vivida pelo narrador e vista por ele como “radical e desumana” (S. THIAGO, 2000, p. 33). Assim, o governo impôs que se aprendesse português nas escolas e impediu o ensino de línguas estrangeiras, mas o narrador se sente violado por essa atitude política:

Descendentes de imigrantes [...] só não aprenderam a falar em português por falta de professores. Na verdade, nossos pais jamais se opuseram que aprendêssemos português. Pelo contrário, era deles o interesse pelas vantagens econômicas que o domínio do português poderia nos proporcionar mais tarde (S. THIAGO, 2000, p. 33).

Além de proibir o ensino do idioma estrangeiro na escola, o governo nacional também proibiu falar outro idioma que não fosse o português na totalidade territorial brasileira. No caso de Wittich Freitag, ele conversava em alemão com os seus amigos e parentes, e por conta disso já em Joinville, no início de sua juventude, por volta dos 20 anos, foi preso, porém por pouco tempo:

Dirigimo-nos, sob o seu comando [do inspetor Montenegro, quem deu voz de prisão a Wittich], para o Ponto de Táxi 614, na esquina da Rua Dr. João Colin com a Rua XV [de Novembro], onde antigamente ficava localizado o Stein [...]. Levaram-me para o prédio onde havia funcionado o Hospício Oscar Schneider, atrás do Cemitério Municipal. Por causa do grande número de prisões de pessoas naquele período, o local passou a servir de presídio (S. THIAGO, 2000, p. 36-37).

Nessa passagem vemos os conflitos que perpassam a Segunda Guerra Mundial, antes e depois dela. A guerra teve seu fim em 1945, no entanto ainda não temos como mensurar todos os efeitos que ela acarretou, nem em termos de dinâmica de mundo, nem em relação aos indivíduos que participaram do evento direta e/ou indiretamente, sobretudo no que concerne à memória social. Memórias são permanentes, e parece que memórias difíceis se mantêm na mente por mais tempo ainda.

A memória está sujeita aos efeitos de guerra, que podem condicionar, recalcar e canalizar a memória, transformando as lembranças que se têm dela. O fato de o narrador se deter por algumas páginas nesse pequeno episódio pode ser mostra de que a situação, embora tenha terminado bem, foi marcante para ele. Vários momentos da obra se voltam a episódios relacionados à guerra, o que pode ser indicativo da relevância que o evento teve na vida de Wittich Freitag.

Com isso, vemos o desgosto dos descendentes de alemães, já brasileiros, com a atitude política do governo federal. Além disso, o que marcaria o narrador é a forma violenta com que a Campanha de Nacionalização foi feita. Os imigrantes alemães e os seus descendentes eram minoria naquele momento e tiveram sua cultura perseguida e violentada. Em momentos posteriores, porém, eles passaram a ser um

grupo que se consolidaria como a elite econômica, política e cultural da cidade. No entanto, desse assunto nada é comentado pelo narrador, talvez por ser mais interessante para ele mostrar-se como um sujeito que superou muitas adversidades, aquele que superou a violência, de maneira a conquistar a empatia do leitor. Entende-se, portanto, que movimentos e grupos sociais identificados como minorias procuram resgatar, do passado, fatos antes esquecidos ou mesmo apagados pelos grupos que controlam a sociedade (BURKE, 1992).

Compreendo que o governo brasileiro se esforçasse para que os imigrantes e seus descendentes falassem o português. Afinal, nós éramos cidadãos brasileiros. Mas não esquecemos a violência com que fomos tratados. Foi, mesmo, uma violência. Tanto em Blumenau como em Joinville a cultura germânica foi muito combatida. A Sociedade Teutônia de Blumenau foi fechada. Em Joinville a Sociedade Ginástica, além de ser fechada, teve seu patrimônio bastante desgastado: puseram fogo no meio do salão (S. THIAGO, 2000, p. 35).

Sobre esse trecho, podemos recorrer a um dos últimos trabalhos do sociólogo Elias (1997), a publicação *Os alemães*, em que analisa o desenvolvimento social da Alemanha desde o século XVII. Fundamentando-se nos episódios da história alemã, o autor fornece indícios para o entendimento da personalidade, da estrutura social e do comportamento do grupo social alemão. No mais, o autor dá ênfase aos aspectos comportamentais resultantes de todo esse processo, principalmente no tocante à classe média, no período compreendido entre o fim do século XIX e o início do século XX. Essa seria a época contemporânea à juventude dos pais de Wittich Freitag até a sua vinda ao Brasil e a classe social em que eles se enquadravam, quadro comum de uma expressiva porcentagem dos imigrantes europeus que chegaram a Joinville a fim de colonizar a região. Logo, o casal, assim como os demais pertencentes ao mesmo grupo social, foi influenciado diretamente por essa forma de pensar, que determina, conforme Elias (1997), certos traços do comportamento e das atitudes que levaram por toda a vida, transmitindo-os a suas gerações posteriores.

Um dos traços comportamentais mais sobressalentes desse grupo, na perspectiva de Elias (1997), é o sentimento de pertencimento a grupos similares, o que se externalizava pela filiação a agremiações locais. Era formada uma rede de pessoas que sentiam pertencer ao mesmo círculo e que juntas exerciam suficiente poder para estar aptas a construir um grupo autossuficiente e consciente de seus

próprios interesses, formando uma espécie de cooperativa. Nesse aspecto, o sentimento de lealdade também era bastante visível. “As pessoas [...] encontram-se realmente reunidas, em grande parte, por critérios não escritos e símbolos implícitos de filiação que, de uma forma geral, só são evidentes para os iniciados e nunca entendidos plenamente por quem está de fora” (ELIAS, 1997, p. 84), fazendo com que a unidade e a coesão sejam bastante fortes.

Pensando no conceito de hibridismo cultural proposto por Canclini (1990), visto em países miscigenados, como é o caso do Brasil, por exemplo, verificamos como é relevante para o imigrante fazer de seu novo espaço um simulacro do seu espaço anterior, sobretudo para o grupo social vindo da Alemanha, que tem inata a importância da sua coesão. Esse fenômeno está presente, como observamos anteriormente, nas escolas (em que se ensinava a base cultural de origem) e nos bairros (os grupos sociais juntavam-se cada um no “seu” bairro), para citar apenas dois lugares de ocupação, o que caracteriza certo uso da cidade, refletindo na moldura paisagística na qual se encerra o lugar.

Tais manifestações acontecem de maneira consciente, pois se tem clareza de que a forma como se lida com o espaço tem consequências diretas na formação e preservação da identidade do grupo social:

Não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem [ou seu formato “original”], mas sim de uma forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela (SCHIER, 2003, p. 81).

Ab’Sáber (2003) lembra que “os povos herdaram paisagens e ecologias”, mas há que se ter em conta que a paisagem e o modo como se interage com ela também são o resultado de uma construção social. É nesse sentido que se acredita que a consulta às fontes constituídas por livros biográficos nos auxilia a compreender o processo histórico de constituição das múltiplas narrativas da cidade e o papel de cada um dos seus atores – cujos embates constroem muitas vezes versões contrárias. O caso das biografias pode ser um exemplo da importância da preservação da memória: narrativas feitas com o conforto do distanciamento de um narrador adentraram nos livros e relatos e são portadoras de uma relevante visão que revela um olhar diferente, descrito com dados escutados em primeira mão, no entanto essas informações são quase sempre atravessadas por uma discussão entre história e memória.

O lugar é o lócus do coletivo, da intersubjetividade, onde acontecem as relações sociais, de conflitos, cooperação, poder e dominação, sendo o elemento fundamental para a definição da identidade e o cenário do compartilhamento de vivências, constituindo-se tal qual um mosaico, composto de fragmentos pacíficos e/ou conflituosos, contudo de fortes vínculos socioespaciais (SCHIER, 2003).

Um exemplo disso são os espaços construídos na cidade destinados aos diversos grupos sociais que compartilhavam a cidade de Joinville. O narrador conta:

Aos sábados quase sempre havia baile. Na [Sociedade Harmonia] Lyra, na Liga de Sociedades ou no Ginástico [Sociedade Ginástica de Joinville]. Aos domingos ainda íamos a domingueira do Ginástico. Ali conhecíamos as garotas, namorávamos e dançávamos, geralmente até às 19 horas, o que para nós era pouco (S. THIAGO, 2000, p. 43).

Nessa passagem da obra analisada é mencionado um exemplo bastante representativo do uso compartilhado do espaço. Trata-se da Sociedade Harmonia Lyra, símbolo da ocupação germânica em terras joinvilenses. O lugar foi fundado em 1858 – a associação mais antiga de Santa Catarina –, ainda na época da chamada Colônia Dona Francisca, atual Joinville, e considerado “o berço artístico, social e cultural” do município (BENCZ, 2008). Sua fundação aconteceu com o intuito de preservar parte da vida que os imigrantes tinham na Alemanha, mas fora do seu país.

Os outros dois lugares citados no trecho destacado também foram constituídos com este mesmo objetivo: ser frequentado por descendentes germânicos. A Liga das Sociedades era palco de encontros carnavalescos, cinematográficos, de chope, de tiro e esportivo (MAZZARO, 2014), enquanto a Sociedade Ginástica de Joinville era palco principalmente de eventos esportivos da cidade, como consta de sua própria página virtual:

Os colonizadores sentiram necessidade de conservar os altos ideais de Friedrich Ludwig Jahn, cognominado “Pai da Ginástica” que são: soerguer a forma moral, conservar e aprimorar a força física da juventude e, ao mesmo tempo, cultivar uma harmonia social, junto com uma recreação útil. Desde então, estava assegurada aos nossos valorosos antepassados a oportunidade de cultivarem o esporte (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 2017).

Logo, vemos que as paisagens são moldadas por pessoas por meio de sua experiência e em razão do seu envolvimento com o mundo que a rodeia, com o propósito de preservar suas raízes e criar laços de afetividade, afinal os grupos culturais provocam transformações nas paisagens preocupando-se mais com os sistemas culturais do que com os próprios elementos físicos dessa paisagem:

Paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX e XX, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidas como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes (SCHIER, 2003, p. 82).

Observam-se no livro analisado o orgulho e o sentimento de imigrante claramente nesta passagem:

O alemão tem um sentido de patriotismo diferente do brasileiro. Os imigrantes e seus descendentes continuam alemães em qualquer lugar, mesmo fora da Alemanha. Porque para eles a nacionalidade se determina pelo sangue. É por isso que um descendente de alemão se diz “de origem”, e se considera alemão; no entanto, a cidadania é do país onde está radicado (S. THIAGO, 2000, p. 34-35).

Heinz, irmão mais velho de Wittich, foi combatente na Segunda Guerra Mundial e convocado para lutar na Itália, ao lado dos aliados, isto é, contra a Alemanha: “E meu pai achou natural, porque tinha consciência de que seu filho era ‘cidadão’ brasileiro” (S. THIAGO, 2000, p. 35). No entanto o narrador continua: “O sentido de cidadania é muito antigo, para os alemães, e foi o que impediu o engajamento de grande número de imigrantes alemães ou seus descendentes na transformação do sul do Brasil numa extensão do Império Alemão” (S. THIAGO, 2000, p. 35).

Além do sentimento de pertencimento, identificamos na obra analisada outro traço apontado por Elias (1997) como típico do modelo comportamental alemão. Trata-se da importância da ancestralidade, entendida como um determinante para o enquadramento do grupo social no conjunto chamado pelo sociólogo como “boa sociedade” – havia a boa sociedade e o restante da população. Sendo a importância da ancestralidade ponto fundamental da identidade do grupo que chegou a Joinville, essa questão não poderia ser simplesmente esquecida por conta da imigração. Assim,

era interessante, do ponto de vista do grupo recém-chegado, manter a sua identidade de imigrante e tentar preservá-la até quando fosse possível.

Todavia, compreendemos hoje que a identidade é dinâmica. Logo, não é possível que ela se mantenha intacta ao longo dos anos sem interferência das outras identidades que estão a sua volta. No caso dos imigrantes, sua figura mistura-se necessariamente com a figura do colonizado, este último visto por Bhabha (1999) como um ser híbrido em termos culturais, já que traz consigo tanto a identidade cultural do grupo social a que pertence quanto a identidade cultural do colonizador. Por conseguinte, o colonizado vai ser sempre ambivalente, por carregar em seu cerne duas correntes culturais distintas, o que faz com que ele se veja na fronteira entre o espaço do outro e o seu espaço, tornando-se, por se situar no limite, o transgressor. Esse argumento, conforme o autor, constitui a base do discurso colonial, ou seja, certa forma de aparato de poder que se apoia no reconhecimento e no repúdio das diferenças, sendo elas raciais, culturais e históricas.

Igualmente, o colonizado traz em suas memórias a imagem de certos espaços e paisagens e tenta transmitir de alguma maneira sua visão de mundo para esse novo espaço que passa a habitar, o que interfere sobremaneira na construção social da cidade em que passa a viver. Sua bagagem sociocultural e pessoal, embora seja oriunda de seu local de origem, jamais é perdida. Pelo contrário, é acionada a todo o momento, inclusive nas formas de pensar e imaginar o novo espaço urbano, moldando a paisagem, a memória e os discursos oficiais da cidade, principalmente quando falamos de um município como Joinville, cuja história oficial e desenvolvimento se sustentam no trabalho do imigrante de origem germânica.

### 2.3 A BIOGRAFIA: DETALHES DO GÊNERO TEXTUAL

A narrativa biográfica aqui analisada, escrita em primeira pessoa e fundamentada em depoimentos do biografado, é de autoria de Raquel S. Thiago, nascida em Joinville e licenciada e mestre em História. Suas pesquisas versam sobre a história de Santa Catarina e sobre a formação econômica do Brasil, além de abordar temas como identidade, memória, colonização e imigração. Ela exerceu o cargo de diretora de instituições importantes em prol da memória joinvilense, como o Arquivo Histórico de Joinville e o Laboratório de História Oral da Univille, e coordenou o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão também da Univille, instituição em que

trabalhou como professora por vários anos. Essa proximidade a documentos das mais variadas ordens lhe permitia acesso constante e ilimitado a essas fontes primárias, facilitando o seu trabalho de pesquisa para compor a biografia que escreveu. Ainda, Raquel S. Thiago é membro da Academia Joinvilense de Letras e autora de livros, artigos científicos e matérias de jornal.

O estudo de caso aqui pesquisado demonstra que a biógrafa é uma profissional do campo da história e da historiografia. Tendo isso em mente, seu papel volta-se à valorização dos *homens bons*<sup>4</sup> – usando uma expressão do período colonial –, restritos a certos tipos estereotipados de indivíduos escolhidos para serem representantes da sociedade. Além disso, a preocupação de historiadores biógrafos está no desenvolvimento social da personagem e em como esta lidou/interagiu com as mudanças espaço-temporais do local em que está inserida: “Os historiadores realizam suas pesquisas não com o intuito de desvendar segredos, mas sim de explicar historicamente os percursos de seus biografados, de pensá-los a partir de seus projetos e campos de possibilidade” (SCHMIDT, 2014, p. 139). Logo, cabe aos historiadores

compreender historicamente os percursos de certos personagens, de modo a entender, por exemplo, o funcionamento de determinados mecanismos sociais e sistemas normativos, a pluralidade existente em grupos e instituições vistas normalmente como homogêneas, a construção discursiva e não-discursiva dos indivíduos, as margens de liberdade disponíveis às pessoas em diferentes épocas históricas, entre outras questões (SCHMIDT, 2014, p. 140).

Esses aspectos são evidenciados em passagens como:

Nos últimos trinta anos a cidade [de Joinville] passou por grandes transformações, principalmente em função do movimento migratório e da conseqüente expansão demográfica. Mudanças constantes na qualidade e estilo de vida refletiram imediatamente no Hospital Municipal São José e, por extensão, no Hospital Regional Hans Dieter Schmidt, fundado em 1984, para atender as novas demandas na área de saúde (S. THIAGO, 2000, p. 241).

---

<sup>4</sup> A expressão designa os integrantes das elites socioeconômicas locais, que deveriam atender a uma série de requisitos, como por exemplo ser maior de 25 anos, casado ou emancipado, católico e não ter nenhum tipo de mestiçagem racial (BOXER, 2002).

Constatamos com o trecho exibido certas transformações que aconteceram na cidade de Joinville, retratada nas páginas da biografia analisada, bem como seu crescimento, em grande parte resultado dos fortes fluxos migratórios das décadas de 1980 e 90. Acompanhando essas alterações espaciais e sociais pelos olhos de uma figura ilustre para Joinville, o leitor constrói relações com a história oficial do município – e não pelo ponto de vista das chamadas minorias sociais. Assim como explica Abreu (1998), a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas, e os fragmentos do passado que normalmente sobrevivem à ação do tempo são bastante peculiares, pois em geral estão ligados a estruturas de poder, objetivando a construção de uma história oficial de poder e de dominação.

Outro fato que pode ser um indicativo do lugar de fala da historiadora da biografia é a ênfase dada aos cenários da história, principalmente na contextualização do que o local foi antes de ser o que representava no momento em que participou do episódio:

A Loja Freitag, como ficou conhecida, foi instalada inicialmente na Rua do Príncipe, ao lado da Loja de Ferragens dos Schneider, a Casa do Aço. Em seguida vinha o Café Mascote, ponto principal de encontro entre os homens de negócio da cidade (S. THIAGO, 2000, p. 75).

Já quando falamos da trajetória do gênero textual biografia ao longo dos tempos, fica muito clara a função social que os textos biográficos exerceram perante a sociedade. Seu objetivo maior, principalmente quando nos referimos ao século XIX, época em que teve início o mundo moderno e houve o nascimento do homem “sujeito”, era criar heróis que fossem capazes de representar, ou se queria que representassem, determinado grupo social. Isso era possível por meio da exaltação do biografado, de suas glórias, feitos e história de vida impecável (DOSSE, 2015).

O próprio protagonista da narrativa analisada relata que seu gênero textual preferido eram as biografias, justamente por causa do propósito a que veio: “Na leitura, eu só gostava de biografias. Dessas leituras saíram alguns dos meus ídolos cujas experiências serviram-me de modelo na minha trajetória política e empresarial” (S. THIAGO, 2000, p. 44).

O historiador Schmidt (2014), nesse aspecto, explica que a biografia era/é tratada como um discurso ético, descrevendo vidas de sujeitos morais que fazem o bem, lembrando, porém, que o conceito de bem é relativo. Ele é um atributo histórico

definido por um jogo de forças e varia de acordo com a época e com o grupo social envolvido. O passado, por conseguinte, serve para esclarecer o futuro, oferecendo um leque de exemplos a serem imitados, e também de contraexemplos a serem evitados. Observa-se que a biografia se configurou com essa formatação desde a Antiguidade, objetivando

realizar, por meio do exemplo dos personagens biografados, uma reflexão de segundo grau sobre as normas, apresentar e reforçar as fronteiras sobre o proibido e o permitido e, sobretudo, constituir um sujeito obrigado ou ao menos inclinado a fazer o seu dever, a fazer o bem, conforme [...] os sentidos dominantes atribuídos a esses termos em cada época e em cada sociedade (SCHMIDT, 2014, p. 131).

No que diz respeito à obra analisada, é possível confirmar essa questão já no prefácio, escrito por Baltasar Buschle, político e empresário assim como o foi Wittich Freitag:

O temperamento festivo da nostálgica Joinville dos anos [19]30 e 40 tinha um poder de transformação nos migrantes de outras cidades, integrando-os rapidamente na sua cidadania. Wittich não foi exceção. [...] Ninguém torna-se prefeito de uma cidade de expressão política, geográfica e econômica como Joinville por decisão própria. São necessárias múltiplas e complexas convergências (BUSCHLE, 1999, p. 9-11).

Com esse trecho, que se configura como a porta de entrada do livro, uma preparação do leitor para o encontro com uma figura que vale a pena conhecer, conforme os atores envolvidos na narrativa, quer-se salientar que o sujeito descrito nas páginas a seguir de fato foi um cidadão exemplar perante a sociedade – a ponto de ter sido beneficiado com o título de Cidadão Honorário pela Prefeitura de Joinville e de ter ganhado uma rua com o seu nome – e que merece ter seus feitos compartilhados com todos, servindo de exemplo a ser copiado pelos demais. Além disso, sendo os imigrantes, conforme a história oficial da cidade, os responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município, é importante a todo o momento reforçar o elemento, muito significativo, da imigração joinvilense. Já nas primeiras páginas da obra analisada, percebemos que a narrativa é sobre um imigrante europeu que venceu em terras estrangeiras, corroborando o discurso que se apregoa pelo espaço e pelo tempo joinvilenses.

Nessa perspectiva, compreendemos a biografia, uma obra literária ou uma obra de arte de maneira geral como representações simbólicas, pensando nos propósitos do ordenamento social e na padronização dos indivíduos, afinal nas obras são expressos valores como credices, cultos, danças, entre outros – todos produtos culturais, ou seja, produtos forjados em dada cultura, sociedade e época, contribuindo para a formação cultural e mnemônica de determinado grupo social. Assim, a obra

insere-se no inconsciente coletivo, define pontos de vista, aguça identidades, manifesta sentimentos, congrega valores enfim, estabelece vínculos de pertença. [...] Trata-se da manifestação de valores, vontades, sonhos e atitudes que são alusão a um comportamento coletivo (ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010, p. 211).

Refletindo sob essa ótica, a biografia é uma via em prol da reprodução de costumes e de tradições julgados como corretos e que devem ser perpetuados, e nesse aspecto a narrativa examinada não fica aquém. Ao comentar sobre os natais que passou na infância, por exemplo, o narrador conta: “Feliz a criatura que na vida adulta pode cultivar esse tipo de recordação. *Essa é uma tradição que fiz questão de manter na família.* As crianças de hoje estão perdendo essa sensação de ganho, de surpresa” (S. THIAGO, 2000, p. 23, grifo nosso). Portanto, sendo o natal uma comemoração puramente cristã, e o cristianismo exercendo forte influência ainda nos dias atuais na sociedade retratada pela narrativa, faz-se imprescindível ressaltar no texto a celebração e ensinar que ela deve ser continuada. O narrador confirma esse ritual familiar mais uma vez: “Esse clima foi conservado, e [a esposa] Lilli e as meninas ainda tiveram a oportunidade de aproveitar um pouco do Natal encantado de mamãe” (S. THIAGO, 2000, p. 24).

Nesse sentido, não podemos ver o texto apenas como um reflexo do seu tempo e da sua sociedade, mas como a produção de costumes, de conhecimentos e de poderes (SCHWARCZ, 2013). Além de refletir acerca da intenção do autor ao escrever a obra, também é interessante saber quem é o autor dessa obra, em que contexto ele se insere e quais são as suas crenças, convicções e origem, haja vista não ser possível ao autor excluir-se de sua obra na totalidade; mesmo que indiretamente, o autor coloca-se ali de alguma maneira. Igualmente, não existem leituras isoladas. É preciso contemplar, no caso de análises literárias, texto, autor e contexto amplo de produção da obra e tentar perceber os meandros que a balizaram.

Modelos pictóricos, literários, cinematográficos, televisivos, publicitários, socialmente produzidos, modelam continuamente a experiência perceptiva de construção dos valores paisagísticos. Esses valores devem pois ser contextualizados em termos de tempo e de espaço, a maneira como as pessoas compreendem e se relacionam com o mundo que as rodeia depende do momento e do lugar (ALVES, 2001, p. 70).

A ideia de que a experiência perceptiva constrói os valores da paisagem é compartilhada por Schama (1996), que afirma que a paisagem é obra da mente, comportando lembranças, mitos e significados complexos. Vemos a paisagem, conforme a sua perspectiva, por meio de uma moldura particular, composta de lembranças que, juntamente com o aspecto físico paisagístico, garantem a unificação entre o que se vê e o que se pensa sobre o que vê, o que recebe influências diretas de tudo o que está à volta do indivíduo.

Concernente à evolução do texto biográfico no decorrer dos séculos, embora o livro da análise aqui presente tenha sido escrito ainda no século XX, mais precisamente em 2000, podemos verificar que a biografia ainda mantém a tendência de demarcar sujeitos de destaque na sociedade em que estão inseridos, numa constante confirmação de relações de força, poder e dominação. Há que se ressaltar, no entanto, que esses conflitos e tensões muitas vezes acontecem em detrimento de algumas minorias do próprio todo do grupo social a que o biografado pertence, pensando então no que deve ser exibido e no que deve ser escondido.

Por esse motivo, a biografia conta com uma peculiaridade bastante pertinente. É a chamada *histoire événementielle*, ou seja, “ora selecionamos personagens proeminentes ora tentamos transformá-los em figuras de proa” (SCHWARCZ, 2013, p. 52). Desse modo o narrador da biografia analisada aqui teve uma trajetória profissional bem-sucedida, se pensarmos nas visões dos segmentos que compunham a elite econômica. Com a finalidade de confirmar a importância do seu texto e a de seu biografado, a todo o momento a narrativa deve convencer o leitor de que o que ele está lendo é de vital importância, não como um instrumento de transformação social que subverte o *status quo* da sociedade brasileira, mas de superação de adversidades – o *self-made man*<sup>5</sup>. Isso fica evidente no trecho a seguir:

---

<sup>5</sup> É como os norte-americanos chamam as pessoas que conseguem subir na vida com o próprio esforço. É o indivíduo que “se fez sozinho”, que “fez o próprio caminho”. É o exemplo e modelo do ideal capitalista, segundo o qual um homem pode enriquecer trabalhando duro e graças ao próprio esforço (ANDRÉ, 2011).

Naquela época poucas pessoas possuíam refrigeradores elétricos. Eram todos importados. Lá em casa não havia um, não porque papai não pudesse comprar, mas principalmente pelo fato de que ele era contra refrigerador. Dizia que comida de refrigerador fazia mal para o estômago. Não sabia ele que seu filho mais novo iria ser um dos primeiros fabricantes de refrigeradores no Brasil! (S. THIAGO, 2000, p. 22-23).

Constata-se a mesma reverência pelo biografado mais adiante da narrativa, ao falar sobre a sua breve prisão durante a Segunda Guerra Mundial, por ter sido pego conversando em alemão com os amigos:

Apesar de tudo, foi como um orgulhoso cidadão brasileiro que, mesmo com sotaque carregado, trabalhei a minha vida inteira. Tanto como empresário, como político. Tenho a consciência tranquila. Sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de, em minha vida, mostrar, através das minhas ações, toda a gratidão que sinto pelo Brasil, que acolheu meu pai e meu bisavô, apesar dos problemas do tempo da guerra (S. THIAGO, 2000, p. 39).

A mesma característica pode ser observada em:

Em 1939, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, fui transferido para a filial da Livônus em Joinville, com escritório na Rua XV de Novembro, ao lado da Sociedade Harmonia Lyra. Nessa época a cidade já ostentava um promissor centro industrial e comercial. Eu não imaginava que um dia seria um dos responsáveis pelo destino da cidade que me recebia de maneira tão simpática (S. THIAGO, 2000, p. 42).

Acerca ainda do assunto a quem cabe ser biografado ou não, outra peculiaridade do gênero que se revela em vários momentos da narrativa investigada diz respeito às típicas personagens que são escolhidas como protagonistas das biografias.

Se levarmos em conta o percurso que o gênero biografia percorreu ao longo dos séculos, notamos que as figuras mais costumeiras a serem biografadas são homens, brancos, pertencentes à elite, ou com alto poder aquisitivo, e católicos, considerando que uma das funções sociais da biografia era construir modelos exemplares de indivíduos para que eles fossem seguidos pelos demais membros do grupo social, numa questão de ordenamento e de padronização da sociedade (DOSSE, 2015).

Esse aspecto da obra fica bastante evidente desde o início da obra, quando o narrador comenta sobre a infância do biografado, passada em Blumenau. Sobre a casa em que moravam na época, por exemplo, conta-se que ela ficava em um terreno bem grande, em que havia um pasto e vacas leiteiras, e sua mãe ou a empregada tiravam leite todos os dias. Pode-se verificar por essa passagem que a família de Wittich Freitag tinha posses. Na descrição da casa, por exemplo, é citado o elemento pé-direito alto (S. THIAGO, 2000), outro indicativo do poder aquisitivo familiar acima da média.

Outro elemento preponderante da biografia é o fato de ela privilegiar personagens masculinas, seja pensando no protagonista da obra, seja nos atores secundários, característica bastante nítida na sociedade de forma geral e em todas as áreas das ciências sociais. Podemos traçar assim um paralelo entre a realidade e a ficção, já que os mesmos embates enfrentados cotidianamente pelas mulheres – falta de representatividade e de espaço – aparecem na literatura, vista como um produto sociocultural.

Embora o texto tenha sido escrito por uma mulher, o patriarcalismo é bastante presente na narrativa e está enraizado em nossas ações muitas vezes de maneira inconsciente. Confirmamos essa ideia com o trecho em que Wittich Freitag comenta não ter tido filhos homens, mas três mulheres:

Lilli achou que eu ia ficar chateado por não ter vindo um menino, mas logo se consolou porque, além de eu não ter demonstrado desapontamento, a menina saiu muito parecida comigo. [...] Sem filhos homens, minhas três filhas e minha mulher poderiam ter transformado nossa casa em um verdadeiro matriarcado. Mas sempre vivi no meio delas com muitas regalias, mais mandando do que sendo mandado. [...] Olhando para trás, contemplo a imagem dessas quatro mulheres que, de certa forma, se sacrificaram para que eu pudesse me realizar como empreendedor e político. [...] Lívia substitui o filho homem que não tive (S. THIAGO, 2000, p. 61-63).

Dessa forma, podemos pensar o assunto pelo viés cultural, o que se reflete no modo como interagimos com o espaço e tempo em que vivemos. Sabendo que o homem sempre teve privilégios em relação à mulher, vemos que esse desequilíbrio entre os gêneros vem diminuindo pouco a pouco, mas ainda precisamos avançar muito nessa questão. Tanto biógrafa quanto biografado foram criados num contexto espaço-temporal menos confortável às mulheres do que a situação que se faz

presente atualmente. A desigualdade entre os gêneros não é mais tão evidente e conseguimos perceber a evolução de pensamento quando o narrador declara:

Atualmente é ela [a filha Lívia] quem praticamente toma todas as decisões nos negócios. Vou na empresa por hábito. As decisões são dela. Quando eu tinha uma fazenda no norte do Paraná já lhe delegava poderes para fazer os pagamentos. Depois que fez o curso de administração [de empresas], passou a interessar-se mais por este lado (S. THIAGO, 2000, p. 63).

Com o trecho anterior, observamos, portanto, evolução em termos de pensamento, entendendo que as manifestações culturais estão sempre em constante mutação e são condicionantes da dinâmica da organização espacial.

Igualmente, verifica-se em narrativas biográficas a intenção da criação de heróis, atores que merecem destaque por seus grandes feitos, atitudes e modelo exemplar de indivíduo, a quem todos devem copiar. Nesse sentido, Schwarcz (2013) esclarece que, com o propósito de criar heróis, não conseguimos no texto biográfico encontrar contradições nas atitudes do biografado nem seus passos errados. Tudo parece fluir, como se a vida fosse um desenrolar de acontecimentos pré-programados, um passo a passo, ou uma receita culinária. Todavia, sabemos que o fluxo de uma vida não é tão coerente nem tão cadenciado como conferimos nas páginas da obra.

Essa característica do gênero faz-se presente na obra averiguada:

Os dias de outono me encantavam, principalmente quando o vento levantava as folhas soltas que planavam fazendo malabarismos no ar. Ainda as tenho muito nítidas na lembrança. Talvez eu estivesse vislumbrando os voos da minha vida, que certamente dependeram muito dos ventos... Dos ventos das circunstâncias, da vontade, das oportunidades. Acho que eu me via naquelas folhas (S. THIAGO, 2000, p. 21).

O mesmo é encontrado no trecho: “Aí já não remava nas competições, mas era o patrão [do clube joinvilense de remo Atlântico], aquele que comandava a equipe. Seria um sinal dos comandos que assumiria no futuro?” (S. THIAGO, 2000, p. 43).

Com essas duas passagens, damos-nos conta de que a personagem já parecia esperar de si mesmo e da vida que se seguiria relevantes e grandiosos feitos na política, na economia e no ramo empresarial, como foi o caso do ator retratado na biografia em análise, além de poder prever o que lhe aconteceria no futuro. Fica a impressão de que o seu destino estava traçado e o biografado podia enxergá-lo ainda

na infância, constituindo assim a característica chamada por Bourdieu (2006) de “ilusão biográfica”.

De acordo com a explicação de Bourdieu (2006), a biografia consiste no relato de um conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história, mas faz-se preciso entender que ela se trata de uma criação artificial de sentido. O biógrafo, então, funciona como um costureiro, cerzindo retalhos de uma vida, de modo a formar um conjunto lógico e orientado, de modo que essa história de vida seja capaz de ser apreendida como uma unidade objetiva e subjetiva, com início, meio e fim. Tende-se a organizar os fatos em sequências ordenadas em conformidade com relações inteligíveis. Logo, o biógrafo tem a responsabilidade e a preocupação de deixar a história razoável, repleta de sentido, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos, de maneira a estabelecer conexões entre eles a fim de atingir a coerência.

Vemos essa coerência forjada muito claramente em um trecho já dos momentos finais da vida de Wittich Freitag, quando o narrador faz um balanço de sua trajetória:

Olho para trás e vejo tudo como num longo filme cujo principal protagonista sou eu. Seu roteiro contempla passagens alegres, de entusiasmo, de luta, mas também lances dramáticos, com um final que eu não diria feliz, mas coerente. Coerente com meus pensamentos, objetivos, valores, com minhas concepções (S. THIAGO, 2000, p. 246).

No recorte, fica subentendido que Wittich Freitag não usou sua vida nem as escolhas que fez ao longo dela como uma forma de evolução pessoal, profissional ou espiritual. Tem-se a impressão de que a personagem sempre agiu da mesma maneira e nunca mudou seus pensamentos, hábitos ou atitudes, entremeados por momentos alegres e tristes, mas sempre encarados igualmente. Forjou-se o destino, destino esse já traçado desde o princípio.

Criado tal e qual um modelo a ser copiado pelos leitores, o biografado aparece na narrativa como um empreendedor à procura constante do sucesso, principalmente econômico-financeiro. Afinal, vivemos em uma sociedade capitalista. Logo, ao mencionar as casas onde viveu, comenta:

Primeiro fomos morar na casa dos pais de Lilli, na Rua Timbó. Depois alugamos uma casa na Rua Alexandre Schlemm. [...] Voltamos, então, para a casa dos meus sogros. Depois alugamos a casa do senhor Gustavo Karmann, que foi morar no Rio de Janeiro. [...] Na casa da Rua Timbó moramos cerca de 30 anos, até que em 1978 resolvi construir nossa casa atual na Rua Marechal Deodoro. Batalhei muito para conseguir comprar o terreno que eu cobiçava há mais de dez anos. [...] Com cerca de 2 mil metros quadrados, incluindo o jardim, nossa casa fica num lugar privilegiado do bairro América, não longe do centro e suficientemente calmo (S. THIAGO, 2000, p. 68-69).

Observa-se no trecho o patamar de representação que o biografado traça dos espaços que habitou. Todos eles ficam em locais nobres de Joinville e próximos ao centro, além de serem pontos de fácil acesso e de boa infraestrutura. Considerado o biografado uma figura ilustre, além de ter sido prefeito do município, talvez ele não veja como relevante retratar a periferia, ou os espaços que ficam aquém em termos de desenvolvimento, sobretudo pelo fato de ele não ter possivelmente circulado por aquele espaço. Pensando aqui na construção do conceito de paisagem como uma imagem agradável aos olhos, foca-se nos pontos positivos da territorialidade, uma forma de ressaltar o ator protagonista da obra analisada e reforçar o discurso oficial de Joinville como uma cidade ordeira, pacífica e desenvolvida.

Conforme González (2009), a construção da cidade é orientada à medida que se valorizam alguns territórios em detrimento de outros, tendo em vista que a cidade não é um todo homogêneo no qual reside o mesmo grupo social. Pelo contrário, há vários grupos contidos no mesmo espaço e cada um deles tem seu interesse específico e quer valorizar o que lhe convém, sobressaindo aqueles com poderio econômico e político maior. Assim, a forma como os diversos atores sociais com distintos poderes político e econômico intervêm no processo de construção social influencia na dinâmica da cidade, e vemos o mesmo acontecer nas demais práticas sociais. Nisso, a literatura e, especificamente, as biografias não ficam de fora, ajudando a moldar e sustentar o discurso oficial circulante.

## 2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade democrática, prega-se a ideia de que todos devem ter voz e ser veículos de expressão de seu modo de viver, de seu grupo social e de sua ambiência contemporânea, porém com essa afirmação surgem as dúvidas: todos precisam ser ouvidos? Por quê? Para quê? Tais perguntas rondam estudos que se

preocupam com a memória e trabalham com os discursos que buscam construir uma amalgama das histórias da cidade e dos seus homens. Assim sendo, compreender a dinâmica do processo de escolhas daqueles de quem se pode escrever uma biografia possui aspectos de particular interesse para o pensamento das memórias, amnésias e narrativas da cidade.

Essa disputa pelo poder e pelas memórias a serem perpetuadas – desigual, é importante lembrar – objetiva a produção do espaço, um espaço específico, de glórias, conquistas e poder social, político e econômico, com toques europeu, branco, elitista e masculino.

As memórias, que dão base ao patrimônio cultural, têm de ser expressão da participação política e social, para que permaneçam enquanto houver sentidos e se queiram guardá-las. O que acontece, contudo, é que a memória não é democrática, ao contrário do que se julga, ou se apregoa, e se elegem certos representantes a terem suas memórias perpetuadas, representantes que também são eleitos por alguns apenas. Como nos afirma Candau (2016, p. 16), “de fato, o jogo da memória [...] é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos”, “consequência de processos dinâmicos de inclusão e de exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias [...], recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados” (CANDAU, 2016, p. 27). Com isso, temos uma memória parcial do grupo social ao qual retrata e da realidade ali descrita, como é o caso dos textos biográficos, que apresentam determinada parcela da sociedade representada por certo tipo de atores sociais, que são minoria se formos pensar nos indivíduos que formam a sociedade brasileira.

Traçando um paralelo entre esses aspectos e a obra que foi analisada neste artigo, vemos que, para reafirmar a importância do biografado para o grupo social do qual ele fazia parte, lançou-se mão por diversas vezes de trechos que exaltavam seus feitos e postura correta, de caráter, para com a família, a empresa e a política, num claro indicativo de que aquele indivíduo é merecedor de suas glórias e de ter suas memórias perpetuadas *a posteriori*, retrato exato do panorama do discurso biográfico através dos séculos no mundo ocidental.

Outro ponto a ser destacado na análise de obras literárias é o lugar de fala do autor da narrativa. Nesse caso, trata-se de uma historiadora que trabalha com questões relacionadas à memória, história, identidade, colonização e imigração, o que interfere sobremaneira no discurso apregoadado. Sabendo de seu foco de investigação,

podemos inferir que ela tenha escolhido tal personagem para ser biografada pelo fato de ela ser a figura do imigrante bem-sucedido no território que escolheu para firmar raízes. Igualmente, a forma como o biografado/narrador lida com suas memórias pode revelar a configuração de identidade do grupo social retratado na obra, pensando na autora como historiadora, cujas funções sociais são descrever e construir a chamada história oficial. Além disso, com formação acadêmica em História e sendo investigadora de tais temas, notamos que o foco da historiadora Raquel S. Thiago ao escrever o texto analisado se pautou principalmente nesses assuntos, a começar pelo protagonista da obra, figura sobressalente na área política e industrial da cidade, além de ser imigrante e filho de colonizadores.

Desse modo, a biografia reproduz um modelo de indivíduo exemplar da sociedade, a fim de que seus passos e suas atitudes sejam copiados pelos demais pertencentes do grupo social. Um método de narrar que possui uma experiência de séculos e cuja receita se adapta às mais diversas paisagens e atores. Logo, concordamos com Schwarcz (2013) quando diz que o texto literário não é uma representação fiel de seu tempo nem de seu espaço, mas é moldado conforme seus propósitos.

Ainda, verificamos como o discurso oficial de Joinville está presente de maneira contundente na narrativa, principalmente a questão do imigrante que deu certo em terras alheias, pensando esse texto como mais um reforço da história que se perpetua pela cidade, além das interações socioespaciais múltiplas de que o narrador lançou mão para ter a história de vida do biografado contada nas páginas da obra. Observa-se nos inúmeros episódios narrados o cruzamento de diferentes cenários, espaços e temporalidades, resultado da influência dos diversos grupos sociais que compõem Joinville.

## 2.5 REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Território**, ano 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun. 1998.

AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALVES, Teresa. Paisagem: em busca do lugar perdido. **Finisterra**, n. 36, v. 72, p. 67-74, 2001. Disponível em: <[revistas.rcaap.pt/finisterra/article/viewFile/1622/1317](http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/viewFile/1622/1317)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ANDRÉ. O que é um *self-made man*? **Oficina de Ideias**, 2011. Disponível em: <<http://oficinadeideias54.blogspot.com.br/2011/10/o-que-e-um-self-made-man.html>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

BENCZ, Vanessa. Sociedade Harmonia-Lyra, em Joinville, completa 150 anos. **A Notícia**, 2008. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2008/05/sociedade-harmonia-lyra-em-joinville-completa-150-anos-1890617.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. *In*: \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 395 p. p. 105-128.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português: 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BURKE, Peter. **A história como memória social: o mundo como teatro**. Lisboa: Difel, 1992.

BUSARELLO, Gabriela. Joinville – SC. **Vida de Turista**, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.vidadeturista.com/destinos/joinville-sc.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

BUSCHLE, Baltasar. Prefácio. 1999. *In*: S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Miguel Hidalgo: Gualbo, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2011.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSANI, Valdocir Antonio. Patrimônio cultural, leitura e formação: a atuação docente. **Projeto História**, n. 40, p. 205-222, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6130/4452>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

GONZÁLEZ, Martha de Alba. Representaciones y prácticas sociales en torno a políticas urbanas: la movilización NIMBY frente a la redensificación de las zonas centrales de la ciudad de México. **Sociología Urbana y Representaciones Sociales**, ano 3, n. 6, p. 43-72, mar. 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

JOINVILLE EM FOCO. **História de Joinville**. 2009. Disponível em: <<http://joinville-em-foco.blogspot.com.br/2009/07/historia-de-joinville.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

LACEY, Hugh. Pluralismo metodológico, incomensurabilidade e o *status* científico do conhecimento tradicional. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 425-53, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v10n3/02.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2017.

MACHADO, Diego Finder. **Redimidos pelo passado? Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008)**. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MAZZARO, Rafaela. Liga da Sociedade. **Minha história, meu patrimônio**, 2014. Disponível em: <[http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an\\_especiais\\_patrimonio/liga/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/liga/index.html)>. Acesso em: 17 jun. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? *In*: \_\_\_\_\_. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 45-72.

SCHAMA, Simon. Introdução. *In*: \_\_\_\_\_. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Disponível em: <[http://www.geoplan.net.br/material\\_didatico/Schier\\_2003\\_conceito%20de%20paisagem.pdf](http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Schier_2003_conceito%20de%20paisagem.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24, p. 51-73, 2013.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE. **Nossa história**. Disponível em: <<http://www.sociedadeginasticajlle.com.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

### 3 O GÊNERO BIOGRAFIA E A PAISAGEM CULTURAL: CONSTRUÇÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL<sup>1</sup>

#### THE TEXTUAL GENDER BIOGRAPHY AND THE CULTURAL LANDSCAPE: CONSTRUCTIONS OF THE CULTURAL HERITAGE

#### EL GÉNERO TEXTUAL BIOGRAFÍA Y EL PAISAJE CULTURAL: CONSTRUCCIONES DEL PATRIMONIO CULTURAL

##### **Resumo:**

Este texto pretende verificar a importância da literatura, por meio do gênero textual biografia, para a construção de representações do patrimônio cultural de determinado grupo social com foco na paisagem cultural. A literatura consiste num conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, por vezes retratando o povo, os lugares, as tradições e os costumes, conforme conceitos de Bosi (2005) e Esquinsani e Esquinsani (2010). Para o desenvolvimento do trabalho, procurou-se ressaltar quão significativa é a paisagem cultural em textos da literatura, com base no que dizem Morais (2011) e Olanda e Almeida (2008). Afinal de contas, a paisagem cultural na literatura consiste numa representação conforme a perspectiva do autor, de acordo com a visão de Schama (1996). A investigação, de cunho descritivo e qualitativo, terá a linguagem como o ponto primordial da abordagem, com base em fontes bibliográficas e documentais. Portanto, intenciona-se com isso perceber se é possível considerar textos literários em estudos sobre a paisagem cultural, além de constatar se a literatura pode ser vista como auxílio na construção do patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural; paisagem cultural; literatura; discurso patrimonial; papel da literatura.

##### **Abstract:**

This article aims to verify the importance of literature, through the textual gender biography, to the construction of cultural heritage representations from a specific social group, focusing on the cultural landscape. The literature is a group of literary books of noticeable aesthetic value from a country that, many times, depicts its people, places, traditions and habits, according to the concepts of Bosi (2005) and Esquinsani e Esquinsani (2010). To develop this investigation, we highlight how significant the cultural landscape is in literary texts, based on Morais (2011) and Olanda and Almeida (2008). After all, cultural landscape in literature is a representation according to the author's perspective, in accordance to Schama (1996). The descriptive and qualitative investigation had the language as the main point of the approach, based on the analysis of bibliographic and documental sources. Therefore, we intend to check if it is

---

<sup>1</sup> Este artigo segue as normas da revista *Confluências Culturais*, na qual foi publicado. Ver: BOLDORINI, Marília Garcia; MEIRA, Roberta Barros. O gênero biografia e a paisagem cultural: construções do patrimônio cultural. *Confluências Culturais*, Joinville, v. 5, n. 2, p. 107-116, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.univille.br/index.php/RCCult/article/view/297>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

possible to consider literary texts in studies about the cultural landscape, besides to determine if the literature may assist the cultural heritage construction.

**Keywords:** cultural heritage; cultural landscape; literature; patrimonial speech; literature function.

**Resumen:**

Este artículo pretende verificar la importancia de la literatura, por medio del género textual biografía, para la construcción de representaciones del patrimonio cultural de determinado grupo social, con enfoque en el paisaje cultural. La literatura es un conjunto de obras literarias de reconocido valor estético de un país, a veces retratando el pueblo, los sitios, las tradiciones y las costumbres, conforme los conceptos de Bosi (2005) y Esquinsani y Esquinsani (2010). Para el desenvolvimiento de este trabajo, he procurado resaltar cuán significativa es el paisaje cultural en textos literarios, con base en Morais y Olanda y Almeida (2008). A fin de cuentas, el paisaje cultural en la literatura es una representación de acuerdo con la perspectiva del autor, en acuerdo con la visión de Schama (1996). La investigación, de carácter descriptivo y cualitativo, tiene el lenguaje como el punto primordial del abordaje, con base en fuentes bibliográficas y documentales. Por lo tanto, se tiene con eso el objetivo de percibir se es posible considerar textos literarios en estudios sobre el paisaje cultural, además de constatar se la literatura puede ser vista como una ayuda en la construcción del patrimonio cultural.

**Palabras clave:** patrimonio cultural; paisaje cultural; literatura; discurso patrimonial; papel da literatura.

### 3.1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz alguns resultados de uma dissertação de mestrado que trata dos valores e significados do gênero textual biografia e o confronto entre os discursos literários, históricos e patrimoniais na construção da paisagem cultural da cidade de Joinville (SC). O objetivo parcial deste estudo, por sua vez, foi verificar a importância da literatura, por meio do gênero textual biografia, para a construção de representações do patrimônio cultural de determinado grupo social com foco na paisagem cultural. Afinal, conforme Benjamin (1994), a narrativa e suas variações não são isentas de parcialidade. Portanto, nenhum texto é neutro. Todo e qualquer texto expressa um ponto de vista peculiar e específico de quem o escreve. Um poderoso suporte para a construção de identidades é a narrativa (ARRUDA, 2006), englobada pelo discurso literário.

Na realidade, registra-se acréscimo no interesse por livros de memórias, e um dos mais populares é a biografia. Esse tipo de texto resulta na demonstração de tensões entre o homem e as estruturas sociais, construindo uma relação dialética e assegurando à narrativa o caráter de moldar um sujeito (AVELAR, 2010).

Essa proliferação de livros de memórias no mercado editorial pode ser explicada por Huyssen (2000), que constata que a nossa cultura está obcecada com a memória e teme o esquecimento. Assim, faz questão de registrar tudo, como uma forma de manter o passado sempre presente. São os espectros do passado assombrando a sociedade e articulando, pela via do deslocamento, um medo crescente do futuro, num tempo em que a crença no progresso está profundamente abalada. Por isso o passado está vendendo mais do que o futuro.

Uma parte dos exemplares de livros de memórias hoje encontrados em livrarias é composta com base em depoimentos orais, por jornalistas e/ou escritores que não possuem conhecimentos específicos sobre os indivíduos em foco. Inúmeras obras são apenas iniciativas comerciais, motivadas por um mercado editorial ansioso por consumir memórias e biografias de figuras públicas da atualidade (AMADO; FERREIRA, 2006). Borges (2009 *apud* AVELAR, 2010), por exemplo, preocupa-se com a questão de não consumir o biografado como um produto, afinal a vida é diferente do objeto que expomos e vendemos.

A biografia consiste em uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa. Em termos etimológicos, Borges (2005 *apud* ALMEIDA, 2014) esclarece que a palavra *biografia* vem do grego *bios*, que significa vida; *graphein*, escrever; e *ia*, partícula formadora do substantivo abstrato. Então, biografia constitui a escrita da vida.

A questão fundamental do estudo da biografia é, segundo Avelar (2010), o fato de, por intermédio dela, ser possível fazer uma análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos. O detalhamento biográfico tem a funcionalidade de ilustrar a realidade mais ampla por meio de um indivíduo que é usado como exemplo, como uma imagem de uma construção social.

A biografia é um tipo de discurso pertencente ao conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, ou seja, a literatura. Logo, a literatura consiste numa das narrativas que constroem o patrimônio em seus diversos momentos.

O filósofo e linguista Todorov (2010), por exemplo, acredita que a língua, modo pelo qual se dá a literatura, não é uma ferramenta neutra, mas está impregnada de pensamentos, uma vez que descreve a realidade transmitindo uma visão de mundo. Ortiz (2013) compartilha dessa mesma ideia no momento em que traz o termo “raças linguísticas” para referenciar-se a famílias de idiomas, que superam o elemento natural e passam a confeccionar a mentalidade do povo.

Então, compreender um dos instrumentos da linguagem tem fundamental importância na questão da identidade nacional e do patrimônio cultural desse grupo. A língua é tão relevante para Todorov (2010) que ele pensa que é a característica mais saliente e determinante da composição da identidade cultural. Comum a milhões de pessoas, trata-se de parte preciosa da nossa identidade e cultura essencial, afinal por ela se torna possível o domínio dos códigos comuns que permitem entender o mundo.

Essa compreensão de mundo de que Todorov (2010) fala ocorre por meio de representações, as quais não são simples reflexos dos fatos, nem somente aproximações estatísticas. Elas, em vez de refletirem passivamente a natureza das coisas, organizam-se de modo peculiar. Desse modo, são o resultado de combinações e escolhas que poderiam ter sido diferentes. Por conseguinte, a representação que temos a respeito de cultura não é automática, mas fruto de uma construção que se processa a todo instante.

A discussão trazida pelo linguista acerca das representações de cultura, pilar essencial da identidade nacional e que se reflete no patrimônio cultural, teve impulso no Brasil na década de 1930, logo após a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo no ano de 1922.

Tal movimento tinha como propósito trazer à cena cultural novos valores estéticos identificados com as vanguardas europeias, mas ao mesmo tempo voltadas para a valorização de um passado nacional, desvalorizado até então, e a ruptura com o academicismo em alta na época. Os modernistas pregavam o resgate de um Brasil mais mestiço, ou seja, mais indígena, africano, caboclo e caipira, e menos dependente dos padrões europeus.

Um dos articuladores desse evento foi o intelectual Mário de Andrade, que sempre tratou das questões relativas ao patrimônio cultural, à memória e à identidade nacional, ressaltando a todo o momento sua importância para a formação do povo brasileiro.

Assim, a pedido do ministro da Educação à época, Gustavo Capanema, Mário de Andrade – então diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo – elaborou um documento, conhecido mais tarde como o anteprojeto da Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), cujo objetivo era organizar um serviço de fixação e defesa do patrimônio artístico nacional.

Iniciou-se, portanto, uma síntese cultural que procurava abarcar as múltiplas faces da brasilidade (IPHAN, 2015). A visão de cultura de Mário de Andrade reconhecia a importância de todas as manifestações do povo brasileiro, do erudito ao popular, do saber científico ao saber empírico, contudo não bastava reunir todo o conhecimento brasileiro; era preciso divulgá-lo também.

Tudo isso se refletiu no anteprojeto do Sphan. O documento norteou sua política pelas noções de tradição e civilização, com ênfase na relação com o passado. Logo, os bens culturais classificados como patrimônio deveriam fazer a mediação entre os heróis nacionais, as personagens históricas, os brasileiros de ontem e de hoje, tudo isso com a intenção de educar a população a respeito da unidade e permanência da nação (CPDOC, 2015; IPHAN, 2014).

Todavia, o Decreto-Lei federal n.º 25/1937, quando foi instituído, limitava-se ao direito de propriedade e trazia como definição brasileira sobre patrimônio histórico e artístico nacional aquilo que podia ser tombado. Tal proposta girava em torno de ideais de civilização e tradição (OLIVEIRA, 2010).

O conceito de patrimônio cultural foi ampliado somente na Constituição Federal de 1988, citando além dos bens concretos também os imateriais, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (CARREIRA, 2012), e em 2000, com a missão de construir por intermédio do patrimônio a identidade cultural nacional.

Quando pensamos em patrimônio cultural, identidade nacional e representações do povo brasileiro, Arruda (2006) explica que, desde a chegada dos europeus às Américas, a natureza tem sido um dos principais temas para a produção de discursos, símbolos e imagens sobre o país. A natureza não assumiu os mesmos significados para os vários grupos sociais que a habitaram ou a utilizaram. Tais significados também mudaram ao longo dos anos, embora se lute para que se alcance uma representação capaz de ser entendida como única, tendo em vista a homogeneidade da cultura nacional.

Assim, procura-se alcançar com este artigo respostas para as seguintes perguntas: a literatura pode ser um dos descritores dessa espacialidade para auxiliar na construção do patrimônio cultural? Pode-se considerar a biografia, de maneira específica, em análises sobre a paisagem cultural?

### 3.2 REVISÃO DA LITERATURA

Este artigo parte do princípio de que a literatura é um exemplar dos valores estéticos e culturais do país e que por meio dela é possível entender tensões da sociedade naquele contexto sócio-histórico, de maneira a ajudar na construção do patrimônio cultural de determinado grupo social, enfocando a paisagem cultural.

Sobre o assunto, Bosi (2005) explica que a literatura é a representação das ideologias dominantes, provando que toda obra literária reproduz os traços básicos do seu tempo, e assegura que a melhor literatura acolhe passivamente a imagem da sociedade que fornece a ela o cotidiano anestesiado pelos discursos espalhados sobre o que aí está. Navarrete (2011) concorda com o teórico, ao reafirmar que a literatura como construção ideológica é determinada pela posição do autor na estrutura social. Logo, a obra literária só é possível de ser compreendida com base na realidade, seja social, seja econômica, exterior a ela. Tem o mesmo raciocínio o patriarca do pensamento conservador francês Louis de Bonald, por exemplo, que conceituava a literatura como expressão da sociedade.

Na análise de uma obra, investigar o jogo das representações do real e das experiências imaginárias acerca do mundo exterior propicia olhar sobre o conjunto de elementos materiais e circunstanciais que influenciam um organismo vivo e de um grupo social, como aquele estabelecido pela família, profissão, classe econômica, contexto geográfico a que pertence uma pessoa.

Além disso, as representações exercem influência considerável sobre os comportamentos adotados pela sociedade e como imagem de mundo forçosamente incompleta e infiel, embora compartilhada pela maioria da população. Qualquer percepção é uma construção. Então, faz-se necessário escolher entre tais percepções.

A paisagem cultural na biografia, por exemplo, ou na literatura de forma geral, consiste numa representação conforme a perspectiva do autor. É disso que nos fala Schama (1996) quando afiança que, embora estejamos acostumados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos diferentes, elas são inseparáveis, pois a paisagem é obra da mente, sendo composta de lembranças e de estratos de rochas. Arruda (2006) ainda assegura que a literatura consiste no relato dos eventos em determinado território, sobre o qual a geografia e a história projetavam seus

conhecimentos para referendar as possibilidades de hegemonia e soberania da nação e a construção de um sentido de comunidade.

Para enfatizar essa questão, recorre-se à afirmativa de Moraes (2011, p. 6): “Os textos literários expressam contextos espaço-temporais, como [...] a urbanização da sociedade, as cidades, as expressões culturais e as religiosidades. Logo, há uma geograficidade nos textos literários”.

Dessa geograficidade contida na literatura falam Olanda e Almeida (2008, p. 8):

A leitura e a interpretação de obras literárias tornam-se, para o geógrafo humanístico, objetos de investigação, pois revelam e informam sobre a condição humana: os estilos de vida, as características sócio-culturais, econômicas e históricas e os diferentes meios físicos de determinada área retratada. Nessa acepção, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período.

Em seu artigo, as autoras trazem o teórico Tissier (1991 *apud* OLANDA; ALMEIDA, 2008), que vê as obras literárias como o encontro da literatura e da geografia, afinal o texto diz respeito a um lugar específico, vinculado à paisagem, ao conteúdo humano e social. Por consequência, a geografia, englobando o lugar, o conteúdo humano, o cotidiano, as representações e a paisagem cultural, serve como pano de fundo para a arte.

Assim, entende-se que a literatura reinventa o mundo mediante concepções subjetivas das personagens enfocadas nas narrativas, bem como dos lugares, nas paisagens literárias. Ou seja, o espaço é peça-chave na obra literária, pois ele é o recurso da instalação das ficções, ou verossimilhanças, e suporte das fantasias, materializando-se e ganhando autonomia sobre o mundo externo (MORAIS, 2011).

Portanto, do cruzamento entre o discurso literário, o contexto e a geograficidade retratados em livros de literatura, chegou-se então ao termo paisagem cultural, que não se limita às visibilidades panorâmicas, porém engloba ainda a sensibilidade e a percepção política, social, econômica, cultural e religiosa (MORAIS, 2011).

Compactuam com essa afirmação Fraga e Silveira (2014), que complementam o conceito de paisagem com a ideia do reflexo e da marca impressa na sociedade dos homens na natureza. Tal qual um espelho, ela acaba por refletir ferramenta e cenário. Também, está em constante evolução, móvel e frágil, nem estática, nem condenada.

Escolheu-se a biografia para tratar da importância da literatura para a construção de representações do patrimônio cultural, enfocando a paisagem cultural, pois na biografia se tem um retrato da sociedade exemplificada em um indivíduo, mediante uma narrativa que tece fatos particulares da vida dele. Então, é possível ilustrar uma realidade ampla via uma pessoa geralmente icônica para aquele grupo social.

Nessa linha de raciocínio deparamos com Levi (2006), que explica que a biografia compõe um canal privilegiado por intermédio do qual questionamentos e técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia, porém ela é diferente de uma obra ficcional, já que pode ser posta à prova de verificação pelos critérios e métodos do estudo científico.

Todavia, Schmidt (2004), ao discutir como os historiadores estão praticando o gênero biográfico, mais precisamente a maneira como estão escrevendo a vida de suas personagens, não vê por parte dos historiadores grande interesse teórico pela narrativa biográfica, apesar de sua numerosa produção de obras do gênero.

Os historiadores buscam nas obras literárias apenas inspiração estética formal, ou seja, questões de estilo propriamente dito, enquanto poderiam se atentar às diversas e peculiares possibilidades cognitivas oferecidas por essas referências. Eles não podem ficar imunes às provocações, além de estéticas, epistemológicas que vêm da literatura.

Logo, questiona-se: a literatura tem função histórica? Como assegura Almeida (2014, p. 310), “antes de ser uma fonte para se conhecer a história, Borges aponta que não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em tempos e espaços”.

Não se pode considerar, tampouco, que o contexto seja imutável e homogêneo no tempo e no espaço. Ele sofre modificações e o biógrafo deve perceber essas mudanças e indicar no texto como essas alterações afetam o comportamento do biografado (ALMEIDA, 2014, p. 304).

Por conseguinte, volta-se à mente a todo o momento a questão: a literatura em geral, exemplificada aqui pelo gênero textual biografia – tendo em vista ser ela o objeto de pesquisa aqui –, pode ser vista como um dos pilares da construção do patrimônio cultural?

Conforme o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC, 2015), o patrimônio é aquilo que representa simbolicamente a identidade e a memória da nação. Já na perspectiva de Silva (2001, p. 26 *apud* ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010), patrimônio cultural são todas as coisas criadas pelo homem mediante a projeção de valores. Bruno (1998 *apud* OLIVEIRA, 2010), por sua vez, conceitua patrimônio como o conjunto de objetos derivados das relações do homem com o meio ambiente e com outros homens, bem como a interpretação dessas relações.

Logo, uma obra literária pode ser considerada tanto patrimônio cultural imaterial, pois contribui para a formação cultural e memória de um povo, quanto material, como livro e outras mídias, por ser físico, tangível e palpável (ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010). Ou seja, consiste num bem material que, se tomado em seu alcance, amplitude e representação simbólica, vai além de qualquer materialidade suposta:

Insere-se no inconsciente coletivo, define pontos de vista, aguça identidades, manifesta sentimentos, congrega valores enfim, estabelece vínculos de pertença. [...] Trata-se da manifestação de valores, vontades, sonhos e atitudes que são alusão a um comportamento coletivo (ESQUINSANI; ESQUINSANI, 2010, p. 211).

Na obra são expressos valores não materiais, como credices, cultos, danças, que não compreendem produtos culturais apreensíveis fisicamente, num suporte material. Por consequência, pode-se pensar a literatura como um bem patrimonial de estatuto híbrido.

Esquinsani e Esquinsani (2010) afirmam que a única forma de salvaguardar e divulgar o patrimônio cultural contido em uma obra literária é por meio da leitura dessa obra. Eles ainda fazem uma comparação entre a leitura e o tombamento, a restauração e/ou a conservação do patrimônio; ambas as ações exercem as mesmas funções: salvaguardar e divulgar o patrimônio cultural.

Quando se fala em ler a obra a fim de salvaguardar o patrimônio contido nela, vai-se além de uma atividade curricular. O ato envolve memória pessoal e coletiva, referendando o patrimônio cultural do grupo e adensando tanto a história pessoal quanto a coletiva, mobilizando a mente e o afeto, e também se olha o potencial identitário do livro, em detrimento da visão de consumo cultural.

### 3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, derivada de uma dissertação de mestrado, ainda está em construção. Assim, apresentam-se aqui resultados parciais alcançados até agora. Embora não tenha sido finalizada até esse momento, a investigação já identificou algumas questões no que concerne à discussão.

Pensou-se no gênero textual biografia para trabalhar a questão da paisagem cultural pela ausência de discussões concernentes à geograficidade no texto biográfico. Em pesquisas feitas em relação ao assunto, viu-se que a temática foi muito discutida nos gêneros textuais jornalísticos, por exemplo, em romances, poesias, contos e fábulas, mas nada se encontrou sobre paisagem cultural na biografia, embora seja impossível não associar a descrição da vida de um indivíduo a fatos da época e da sociedade em que ele está inserido. Afinal, o gênero descreve uma história de vida, vida que só se desenrola em decorrência dos acontecimentos a sua volta e do local em que se vive.

Quando falamos de patrimônio ambiental e de paisagem cultural representados na literatura de determinado grupo social, percebemos que um dos temas mais importantes e icônicos desses textos é a natureza. Com base nela foram produzidos representações, discursos, símbolos e imagens sobre o país, que foram diferentes conforme o grupo social que a habitava ou a usava. Com diversos significados através do tempo, sempre se procurou alcançar uma representação única, objetivando a homogeneidade da cultural nacional.

Como dito por diversos autores aqui expostos, a natureza é a maior riqueza brasileira e deve-se partir daí a construção da identidade nacional, pois o cruzamento entre a natureza e o tempo produziu e ampliou a ideia de patrimônio para provar que este é específico, singular e que se diferencia dos outros (ARRUDA, 2006). Fora isso, a literatura consiste numa das formas de descrever o povo, a paisagem e as memórias, formando um dos pilares da cultura nacional. Logo, não deve ser excluída nem deixada de lado em estudos sobre a paisagem cultural.

## 3.4 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. **Dimensões**, Vitória, v. 32, p. 292-313, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/8338/5916>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. *In*: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 110-125, 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 315-334, 2005.

CARREIRA, Grace Laine Pincerato. Patrimônio cultural imaterial: do anteprojeto de Mário de Andrade à Constituição de 1988: aspectos relevantes. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS, 1., Fortaleza, set. 2012. **Anais...** Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.direitosculturais.com.br/download.php?id=118>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2015. Disponível em: <[cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN](http://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN)>. Acesso em: 2 jun. 2016.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSANI, Valdocir Antonio. Patrimônio cultural, leitura e formação: a atuação docente. **Projeto História**, n. 40, p. 205-222, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6130/4452>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

FRAGA, Nilson Cesar; SILVEIRA, Heitor Matos da. Paisagens desveladas e (re)criadas pelas artes: o território identitário do Contestado. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, p. 554-571, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/20314/15366>>. Acesso em: 5 maio 2016.

HUYSSSEN, Andrew. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In*: \_\_\_\_\_. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Pereira. São Paulo: Contexto, 2000. p. 9-40.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. 2014. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Mário de Andrade**. 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1024/mario-de-andrade>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

MORAIS, Marcelo Alonso. O estudo de paisagens culturais através da literatura de matriz africana: uma experiência em escola. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-7, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST1/018%20-%20Marcelo%20Alonso%20Moraes.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2016.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 3, p. 23-56, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/download/2660/2422>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12490/11722>>. Acesso em: 5 maio 2016.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Memória, história e patrimônio: perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 131-151, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1184/728>>. Acesso em: 4 maio 2016.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 609-633, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SCHAMA, Simon. Introdução. *In*: \_\_\_\_\_. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 131-142, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/benito-schimdt-grafias-da-vida-reflexoes-sobre-a-narrativa-biografica.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

TODOROV, Tzvetan. As identidades coletivas. *In*: \_\_\_\_\_. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010.

## 4 O CONTAR SOBRE A CIDADE: A BIOGRAFIA E AS MEMÓRIAS QUE DISTINGUEM O LUGAR<sup>1</sup>

### TELLING ABOUT THE CITY: BIOGRAPHY AND THE MEMORIES THAT DISTINGUISH THE PLACE

### EL CONTAR SOBRE LA CIUDAD: BIOGRAFÍA Y LAS MEMORIAS QUE DISTINGUEN EL LUGAR

#### **Resumo:**

Reflete-se sobre o papel das biografias na escrita das memórias da cidade por meio de um paralelo entre *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), para averiguar como memória, narrativas e paisagem cultural de Joinville (SC) aparecem nos discursos. Questiona-se a construção do contar biográfico, ressaltando as interferências dessas narrativas nas discussões de memória e patrimônio cultural, reforçando/negando os discursos oficiais da cidade. Como discurso oficial, tomamos como narrativa *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, de Carlos Ficker (1965), importante influenciador do discurso que envolve Joinville.

**Palavras-chave:** paisagem cultural; biografia; literatura.

#### **Abstract:**

We reflect about the role of biographies in the writing of city memories through a parallel between *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, by Wilson Gelbcke (2004), and *Eu, Wittich Freitag*, by Raquel S. Thiago (2000), to examine how Joinville's memory, narratives and cultural landscape appear in the speeches. We interrogate the construction of the biographic telling, emphasizing the interferences of these narratives in the discussions about memory and cultural heritage, reinforcing/denying the city official speeches. As official speech, we selected the narrative *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, by Carlos Ficker (1965), important influencer of the speech that involves Joinville.

**Keywords:** cultural landscape; biography; literature.

#### **Resumen:**

Reflexionamos sobre el papel de las biografías en la escrita de las memorias de la ciudad por medio de un paralelo entre *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), y *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), para averiguar cómo memoria, narrativas e paisaje cultural de Joinville (SC) aparecen en los discursos. Cuestionase la construcción del contar biográfico, resaltando las interferencias de esas narrativas en las discusiones de memoria y patrimonio cultural, reforzando/negando los discursos oficiales de la ciudad. Como discurso oficial,

---

<sup>1</sup> O artigo segue as normas da revista *Diálogos*, para a qual foi submetido à publicação em 29 de outubro de 2017. Até a data da impressão deste volume, não se obteve resposta quanto à submissão.

tomamos como narrativa *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*, de Carlos Ficker (1965), importante influencia del discurso que envuelve Joinville.

**Palabras clave:** paisaje cultural; biografía; literatura.

#### 4.1 INTRODUÇÃO

O homem, como o ser social que é, não vive sozinho, e sua vida desenrola-se considerando as relações que trava com aqueles que estão a seu redor. Essas relações, entretanto, não se restringem à interação homem-homem; elas acontecem no que se refere a tudo, seja material, seja imaterial, já que o homem também faz parte da natureza. Portanto, ele molda o espaço que habita, o qual, por sua vez, também interfere em sua constituição. Ambos recebem e sofrem influência igualmente de um e de outro, passando por transformações para a melhor adaptação mútua.

Por essa característica, o ser humano acaba por criar vínculos com o território em que reside, com a intenção de instituir um lugar para pertencer e que lhe pertença. Nas palavras de Besse (2013, p. 38), “habitar é, por um lado, marcar (e organizar) um espaço e, por outro lado, ser marcado por ele. O lugar marca-nos e nós marcamos o lugar”.

A esse conjunto de relações existenciais mantidas pelos seres humanos com o mundo que os rodeia, relações essas experimentadas de diferentes modos, tanto em função da matriz cultural individual e coletiva quanto das temporalidades que exercem influência nos homens, se dá o nome de paisagem: “O homem está no mundo e o mundo está no homem: a paisagem é o nome e o local dessa circulação entre homem e mundo, dessa mistura” (BESSE, 2013, p. 34). Por conseguinte, a paisagem faz parte do nosso estar no mundo e consiste num elemento fundador das nossas identidades pessoais e coletivas.

Todavia, é importante ressaltar que essa paisagem que o homem molda e por ela é moldado é compartilhada em diferentes níveis. Esse compartilhamento ocorre na maioria das vezes sem problemas quando nos referimos a residências, por exemplo, mas a situação muda de figura quando esse espaço ultrapassa os muros e portões de casas e prédios e alcança espaços maiores, como a cidade e o país. As complicações acontecem nesses casos em razão da heterogeneidade dos grupos sociais que residem nesses espaços. Todos querem que os locais sejam configurados

à sua maneira. Logo, esses lugares tornam-se um campo de tensões e embates com o propósito de privilegiar um único ponto de vista, que resulta na formatação almejada.

Sendo assim, a diversidade está presente nos variados regimes de espacialidade, e a paisagem também é atravessada por ela: “Cada pessoa, de acordo com a sua trajetória, consciência e experiência, vê as paisagens de forma diferente e única, sendo que nela se insere de determinada forma. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e seus olhares” (VERDRUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p. 133).

Entende-se então que a leitura da paisagem é uma construção contínua social e, ao mesmo tempo, particular. Nela se sobrepõem identidades, conhecimentos, memórias e sentimentos individuais, associados aos processos culturais e à carga simbólica que exercem interferência nos organismos. “As ações de perceber e representar a paisagem passam por valores estéticos, plásticos e emocionais em relação ao meio. E interpretar essas imagens e representações pressupõe a compreensão de determinada matriz cultural” (VERDRUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p. 133).

Quando se fala de representações das paisagens, elas são compreendidas aqui à luz da teoria proposta por Chartier (2002). O historiador afirma que as representações consistem em categorias fundamentais de percepção e apreciação do real. Trata-se de variáveis condicionadas por classes sociais e meios intelectuais e produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas próprias de dado grupo. Mediante esses esquemas intelectuais incorporados se dá a criação de figuras que propiciam ao presente sentido, ao outro a inteligibilidade e ao espaço a decifração.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem o utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

Um dos discursos a que se refere Chartier (2002) é a literatura, uma das ferramentas usadas para a construção de estratégias e práticas que tendem a impor ideias, a legitimar um projeto ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por esse ângulo, a literatura pode ser vista como um campo de concorrências e de competições cujo objetivo gira em torno do poder e da dominação, mesmo que isso signifique o menosprezo dos desiguais. Os atores que escrevem

literatura “descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 2002, p. 19).

Nesse sentido, tem-se como pressuposto no presente estudo perceber de que maneira a memória, as narrativas e a paisagem cultural da cidade de Joinville (SC) são trazidas nos discursos literários de seus diferentes atores. Os discursos em foco nesse caso são textos biográficos, haja vista a biografia trabalhar basicamente com fontes documentais, bibliográficas, iconográficas e mnemônicas, servindo por isso como objeto de estudo tanto da literatura quanto da história. Pensou-se na investigação de biografias por elas serem uma fonte de pesquisa que engloba memória e identidade. Ademais, seus textos são dependentes de variáveis de tempo e espaço que interferem diretamente na vida exposta em suas páginas. Essa peculiaridade faz com que funcionem como uma base com características maleáveis para delineamentos do grupo, dos lugares, dos costumes, dos hábitos, entre outros, além de ser uma narrativa que se reconstrói pelos séculos, adaptando-se às visões demandadas pelas narrativas patrimoniais.

Posto isso, a ideia deste artigo é traçar um paralelo comparativo entre textos biográficos com o intuito de averiguar nos discursos principalmente a questão da paisagem e como esta aparece nas narrativas. Para tanto, selecionaram-se duas obras que bem representam discussões que envolvem memória, identidade e protagonismo *versus* coadjuvação. São elas: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke<sup>2</sup> (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago<sup>3</sup> (2000).

A primeira publicação mencionada, *Primavera em pleno outono*, conta a história de vida de Olívia Maia Mazzolli, professora e ex-funcionária da Receita Federal. Olívia é natural de Joinville, nasceu na década de 1920 e, juntamente com o seu marido, atuou como voluntária em trabalhos sociais no auxílio de famílias em necessidade, por meio do Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef).

---

<sup>2</sup> O autor do material é membro da Academia Joinvilense de Letras, nasceu em São Paulo (SP) em 1933 e mora em Joinville desde 1947. Após a aposentadoria, dedica-se exclusivamente à escrita, desde 1997, e é autor de obras juvenis, romances, poemas e biografias, além de também fazer as ilustrações dos próprios livros.

<sup>3</sup> A autora da obra, assim como de outros livros, artigos científicos e matérias de jornal, é natural de Joinville e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Suas pesquisas envolvem história, história de Santa Catarina e história regional, sobretudo nos seguintes temas: história, identidade, memória, colonização e imigração. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

Já a segunda biografia analisada é *Eu, Wittich Freitag*, que narra episódios da vida do empresário e político Wittich Freitag. Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, pois na cidade construiu e consolidou a primeira fábrica de refrigeradores da Região Sul brasileira, a Consul, marco para a industrialização joinvilense, e criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Atuou como vereador, deputado estadual e por duas vezes foi prefeito, exercendo seu trabalho sempre de Joinville.

No intuito de averiguar se as biografias reforçam o discurso oficial corrente joinvilense, ou se de alguma maneira se posicionam de maneira contrária, basear-nos-emos no livro de Carlos Ficker *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*<sup>4</sup> (1965), um grande influenciador do discurso midiático que envolve Joinville, bem como suas políticas públicas. Sua escolha como discurso oficial deu-se porque o material é amplamente utilizado por pesquisadores locais desde seu lançamento, em 1965, funcionando como suporte para as narrativas que rondam a cidade.

#### 4.2 BIOGRAFIAS E O DISCURSO OFICIAL CORRENTE: MEMÓRIAS EM DISPUTA

Guedes (2007) esclarece que a história de Joinville se iniciou ainda em 1846. As terras onde hoje está a cidade foram concedidas ao príncipe francês François Ferdinand Philipe como dote por ocasião de seu casamento com a princesa Francisca Carolina, irmã de D. Pedro II. Resultado de um empreendimento comandado pelo príncipe e executado pela Companhia Colonizadora de Hamburgo, chamada de Colônia Dona Francisca, em 9 de março de 1851 aportaram nas proximidades onde atualmente é o Mercado Público Municipal levadas de um grupo de imigrantes alemães, suíços e noruegueses. Esse feito ficou conhecido como o marco inicial da fundação de Joinville enquanto município<sup>5</sup>.

No entanto, conforme as pesquisas de Ficker (1965), a data estabelecida como a oficial para a fundação de Joinville é apenas simbólica: “A Colônia Dona Francisca,

---

<sup>4</sup> É válido ressaltar que o livro é o vencedor de um concurso promovido pela Fundação Tupy S.A. sobre a melhor história da sua comunidade, nesse caso, a comunidade joinvilense. Ficker fez pesquisas tanto no Brasil quanto na Europa, considerando que Joinville enquanto colônia era comandada por uma empresa cuja sede ficava em terras europeias, e seu livro, de acordo com a introdução nele presente, constitui a história definitiva de Joinville.

<sup>5</sup> Atualmente a cidade é a maior de Santa Catarina, ficando à frente até mesmo da capital catarinense, Florianópolis, e se destaca no cenário nacional por conta de seu caráter industrial.

já assim denominada pelos seus idealizadores em Hamburgo, teve o marco inicial de sua vida, a 22 de maio de 1850, quando desembarcados os seus primeiros moradores, às margens do Rio Cachoeira” (FICKER, 1965, p. 57-58). Segundo ele, uma sucessão de erros em documentos acabou tornando-se uma verdade:

Sendo a obra [*Colonização do Estado de Santa Catharina*, de Jacinto de Matos] citada por muitos historiadores, o erro (e não somente este!) repete-se em todas as divulgações sobre a história de Joinville, com uma persistência incrível, tornando-se, finalmente, a mais pura verdade histórica (FICKER, 1965, p. 89).

Por esse trecho, é possível perceber a força e o poder que as informações têm quando registradas em, principalmente, documentos oficiais e livros que se autointitulam de verdade histórica. Como o maior grupo de imigrantes aportou em Joinville em 1851, o grupo anterior acabou esquecido pela historiografia.

Todavia, Ficker também recebe grande parcela do poder de contar a história *correta* de Joinville quando Oswaldo Cabral, do Instituto Histórico Brasileiro, passa na introdução da obra a ideia de que o historiador tem a função de escrever a historiografia oficial, pois só ele trabalha com os fatos tal e qual aconteceram:

A empreitada, assim, não era fácil, se se quisesse escrever uma história real, exata, precisa, minuciosa, da ex-Colônia Dona Francisca. [...] Não é obra de sociólogo. É trabalho de cronista, de historiográfico, que relata os fatos, tão minuciosamente quanto possível e os situa no tempo e no espaço (CABRAL, 1965, p. 10-11).

Ficker compartilha dessa perspectiva, ao ressaltar: “Não aceitamos história, a não ser quando exata, legítima, pura, baseada cientificamente em documentos devidamente autenticados” (FICKER, 1965, p. 14).

Tal postura colocaria de lado as mudanças que ocorreram no campo da história sobretudo após a circulação das ideias defendidas por movimentos como a chamada Escola dos Annales. Cardoso e Brignoli (1979, p. 25) chamam a atenção para o fato, aclarando que não se tratava mais de construir a história “saltando de fato singular a fato singular”. Os objetos de análise deixaram de ser personagem de uma história marcadamente política ou militar que se centrava nas ações dos heróis ou dos gênios. A reconstituição da vida cotidiana e de uma história que não se apoiava só em fontes oficiais ensejaria os futuros novos estudos. Ou como bem diz Febvre (1989, p. 24):

Os textos, sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio [...]. Mas, também um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunha de uma história viva e humana, saturada de pensamentos e de ação em potência.

Desde o prefácio, Ficker perpetua o conceito da colonização como sinônimo ao progresso: “Há um século, Joinville nascia como colônia de imigrantes europeus em terras de Santa Catarina” (FICKER, 1965, p. 13), correlacionando aos imigrantes adjetivos como “força de vontade”, “luta contínua” e “empenho” (FICKER, 1965, p. 13). A fala é corroborada por Cabral (1965, p. 11):

O Autor, sem diminuir o valor do imigrante, que tem a coragem de enfrentar o desconhecido para instalar uma nova existência, não subestima o extraordinário concurso dos que o ajudaram na epopeia, já governo, já empresários e muito também o dos elementos nacionais envolventes, que abriram os braços para acolher os imigrantes, compreendendo-lhes as dificuldades com simpatia, reconhecendo-lhes a fibra lutadora e tudo fazendo para facilitar esta desejada aculturação de que é Joinville um dos mais estupendos e edificantes exemplos de que nos podemos orgulhar.

Foi baseada nessa imigração que se estruturou a maior parte da historiografia local. Dessa forma, as origens de Joinville foram afirmadas sobre o imigrante europeu, procurando-se minimizar a participação daqueles que os antecederam, fossem eles indígenas, brasileiros ou negros (GUEDES, 2007), embora existam registros de sua presença no local antes mesmo da chegada dos novos colonizadores: “Não é exato, pois, afirmar-se que em 1851 as grandes zonas destinadas à colonização europeia, seriam ínvio e desconhecido sertão. Eram, ao contrário, bastante habitadas as cercanias” (FICKER, 1965, p. 32). Ficker (1965, p. 32) cita como moradores à época senhores de fazenda e escravos, além dos índios, aqui já associando os últimos à barbárie e à selvageria.

Por causa das relações predatórias da elite portuguesa no tocante à natureza e aos recursos naturais e da rejeição por parte dos europeus sofrida pelo grupo social que estava instalado naquele espaço, os índios, considerados bárbaros e não civilizados (RONCAGLIO, 2009), não houve sentimento de pertencimento ao território nem identificação com os habitantes nativos por todo o Brasil, e em Joinville aparentemente a situação não foi diferente. Conta Ficker (1965, p. 283), por exemplo: “O aborígine foi sempre o terror dos colonos. [...] Em 1836, uma família inteira foi

aniquilada pelos bugres, no local onde, em 1852, o norueguês Peter Lyng instalou a Olaria, hoje esquina Rua do Príncipe e Rua São Pedro”.

A imagem que os colonizadores tinham dos grupos indígenas era a de que eles, por não serem civilizados conforme os moldes europeus habituais, não teriam cultura e, por isso, atrapalhariam o progresso que a colonização traria à região: “A reabertura do picadão e a sua reconstrução [da estrada que ligaria a colônia a Curitiba] deve-se ao principal fato de defesa contra os selvagens” (FICKER, 1965, p. 139).

Sendo a história joinvilense contada pelo olhar da colonização principalmente germânica, não é estranho o fato de se terem escolhido como protagonistas de biografias que se passam na cidade duas personagens com tal característica. Tanto Olívia Maia Mazzolli quanto Wittich Freitag compartilhavam a descendência alemã, viveram em Joinville a maior parte de suas vidas – Freitag não era natural de Joinville, mas chegou à cidade por volta dos 20 anos e nunca mais a deixou – e na cidade constituíram carreira e família, obtendo sucesso em todos os aspectos de sua trajetória, ao menos de acordo com as suas biografias. Vê-se nas duas obras a questão do imigrante que deu certo, quase que uma panfletagem do discurso que ronda a imagem de Joinville aos olhos dos outros.

Essa imagem é reforçada por Ficker (1965) em sua obra. Embora o escritor admita que havia habitantes em Joinville antes do projeto de colonização da cidade, mencionando sobretudo os escravos, a sua obra encerra-se com os seguintes dizeres: “Termina, com a exposição das razões mais evidentes do êxito da colonização e industrialização, a história de Joinville e a crônica da Colônia Dona Francisca” (FICKER, 1965, p. 439). Observa-se, portanto, a supervalorização do imigrante germânico, em detrimento das demais populações que compunham a região à época e que também colaboraram na criação e no desenvolvimento de Joinville, ou seja, uma campanha de colonização vitoriosa, apesar de Cabral salientar na introdução da obra a “absoluta isenção” (CABRAL, 1965, p. 11) com que Ficker se refere ao programa de imigração.

Em um ponto de sua narrativa, porém, Ficker (1965, p. 61) afirma que, para a construção da colônia, “empreitaram-se brasileiros, moradores da redondeza, que ofereceram seus serviços”, pois os colonos não apresentavam as características necessárias para desbravar nem para abrir clarões na mata virgem, derrubando árvores e preparando o chão para as primeiras plantações, ou seja, homens fortes e trabalhadores rurais experimentados, como era o caso dos brasileiros.

Na obra o brasileiro é descrito como o trabalhador forte, experiente na agricultura e necessário para o desbravamento da mata virgem, ligando-o ao trabalho braçal puro e simples: “Os trabalhadores brasileiros, que prestaram serviços insuperáveis no desmatamento das florestas, roçando e queimando os terrenos dos colonos inexperientes” (FICKER, 1965, p. 98). Esse discurso da mão de obra primária prestada pelo brasileiro não difere do discurso que ronda a educação nacional, vide as mais recentes modificações sofridas pelo setor. Enquanto isso, sobre os colonos, Ficker associa-os a todo o momento ao progresso da colônia:

Os 61 noruegueses [...] representaram [...] fator importante no desenvolvimento da colônia, por serem principalmente operários e artífices como carpinteiros, pedreiros e ferreiros. [...] Destacava-se a residência de nove noruegueses, que construíram a sua casa assobradada, com um acabamento profissional e em regime de coletividade, dividindo despesas e lucros em partes iguais (FICKER, 1965, p. 80).

A ideia, explícita nas três narrativas em foco neste artigo, de valorizar o imigrante olvidando-se dos indivíduos que na região já viviam antes da colonização, ou diminuindo-os, demonstra o jogo pela ocupação do território. Ao sobrepor uma representação a outras, verificamos que os interesses de certos grupos acabam prevalecendo, fazendo com que o mundo social seja construído de maneira parcial, e essa construção social perpassa também pela paisagem. Afinal de contas, a paisagem afirma o papel central das experiências sensoriais na fabricação de identidades.

Hoje em dia já se sabe que as identidades, independentemente de quais sejam, são fenômenos sociais, dinâmicos e dialéticos, são múltiplas e flexíveis no tempo e no espaço, estabelecidas em semelhanças e diferenças, mantidas e formadas não só por elementos sociais, coletivos e psíquicos, mas também por elementos simbólicos e materiais (CASTRO, 2008). Para Meneses (1984), toda identidade, pessoal ou coletiva, é sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e só capaz de ser transformada também socialmente. Todos os valores, significações e papéis atribuídos necessitam de legitimidade social. Portanto, por ser resultado da construção de uma imagem forjada e supostamente instituída, é propícia a manipulações.

Assim, na busca por uma identidade coletiva, para ser definidos sentimentos de unidade, continuidade e coerência, investe-se numa integração supostamente harmoniosa, que neutralize os conflitos e mascare as contradições. Isso se alcança, então, por meio de representações que determinados grupos sociais têm do que acreditam simbolizar o todo. Entre esse todo, molda-se uma paisagem cultural que busca se harmonizar nas áreas centrais da cidade com uma história oficial formulada no passado e que procura dar as cartas no presente. Uma paisagem com sentimentos que é fruto de um contato real vindo de uma cidade que se pensa como uma ilha e não como um arquipélago. Como bem formula Ginzburg (2004, p. 113), “nenhum homem é uma ilha, nenhuma ilha é uma ilha”.

Um mito bastante presente na obra de Ficker (1965) no que concerne à paisagem é a questão da natureza intocada. O autor abre sua obra com a imagem de que Joinville, antes da colonização, era uma floresta virgem e intacta, cujo propósito era servir de terreno para a construção de uma cidade que se edificaria por conta do progresso trazido pelos imigrantes que ali chegariam e a colonizariam. A página de abertura de seu livro, por exemplo, traz a figura de uma mata densa e a legenda: “Começou em 1843 a história da colonização desta área, vasta e fértil, coberta de florestas virgens...” (FICKER, 1965).

Arruda (2006) defende a ideia de que a natureza, um dos componentes da paisagem cultural, consiste no pilar de sustentação da identidade nacional. Assim, trata-se de um suporte da identidade do espaço da nação. A natureza tem sido usada para a construção de singularidades e identidades regionais ou nacionais em larga escala e, desde a chegada dos europeus às Américas, ela é um dos principais temas para a produção de representações, discursos, símbolos e imagens sobre o país (ARRUDA, 2006; 2009).

No caso brasileiro, por exemplo, Roncaglio (2009) relata que o país – com grande exuberância e abundância da natureza e riquezas naturais infinitas, como Pero Vaz de Caminha conta em sua famosa carta do descobrimento<sup>6</sup>, de 1500 (RONCAGLIO, 2009) – foi colonizado por povos de visão antropocêntrica e de

---

<sup>6</sup> Considerada o primeiro documento escrito da história do Brasil e também o primeiro da literatura nacional, compondo a escola literária denominada de quinhentista, a Carta de Pero Vaz de Caminha consiste no registro das impressões do fidalgo português Caminha sobre a terra que mais tarde viria a ser chamada de Brasil. O texto pode ser visto integralmente na página virtual disponível em: <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

concepção criacionista judaico-cristã, o que fez com que a natureza “se submetesse pacificamente” aos caprichos e desejos dos conquistadores e fossem implantados aqui o extrativismo predatório e a monocultura, os dois levados à última consequência. O mesmo caso aconteceu em Joinville e é descrito na obra de Ficker (1965).

Herança do sistema colonial, tal exploração interferiu diretamente e interfere até hoje na paisagem cultural do território brasileiro, sobretudo pelo fato de que os limites entre paisagem natural e a paisagem resultante da ação humana se tornam cada vez mais evidentes. Os dois tipos são testemunha de fases de uma indissociável relação da história humana (DELPHIM, 2009).

No caso específico de Joinville, a cidade iniciou-se como uma colônia de caráter basicamente agrícola: “[Em 1855] A indústria é representada por duas fábricas de cigarros, uma olaria, uma fábrica de louças de barro, 2 engenhos de arroz, um engenho de mandioca, duas moendas de milho e dois engenhos de açúcar” (FICKER, 1965, p. 149).

A característica agrícola da cidade também é vista na biografia de Olívia, que conta que por muitos anos um engenho de erva-mate, do qual seu pai era gerente, serviu de sustento à família:

Eleutério sempre foi um lutador. Depois de casar, deixou de ser caixeiro-viajante para trabalhar como gerente de indústria ervateira, liderada em Joinville por Abdon Batista e Procópio Gomes de Oliveira. Gerenciou o engenho durante muitos anos, enquanto a erva-mate tinha bom mercado (GELBCKE, 2004, p. 20).

A respeito da indústria ervateira, na qual o pai de Olívia prestou seus serviços, consegue-se ver a ascensão ao longo do tempo:

Viera a Estrada Dona Francisca influir decisivamente na criação da indústria ervateira em Santa Catarina, instalando-se em 1877 três engenhos de erva-mate em Joinville. A iniciativa partiu de Antônio Sinke [...], para montar usina própria na Rua do Príncipe, esquina da Rua Cachoeira (hoje Princesa Isabel) [...]. Foi a erva-mate, inegavelmente, um fator econômico preponderante no desenvolvimento de Joinville. Da exportação passou-se para a construção de engenhos e, com a industrialização da erva-mate, tornou-se Joinville centro industrial e comercial, e mais importante praça do produto (FICKER, 1965, p. 310-311).

No entanto, verifica-se ao longo do livro de Ficker (1965) que esse caráter essencialmente agrícola foi transformando-se ao longo do tempo, lenta e progressivamente, com intervalos prolongados, até ocorrer a decadência da imagem agrícola para a cidade assumir a figura de um parque industrial.

Conforme o autor, os trabalhos de implantação do povoado nascente resultaram na cidade, nas indústrias e na sua riqueza consequente: “O centro da Colônia Dona Francisca desenvolveu-se rapidamente com a construção de novas casas e a instalação de pequenas indústrias e ofícios diversos, por enquanto só para consumo interno [ainda em 1852]” (FICKER, 1965, p. 131-132).

Vê-se também que Ficker associa as três imagens básicas de seu livro – o imigrante, o progresso e a indústria –; cada elemento contribuindo para o desenvolvimento do outro: “Muitos imigrantes, chegados de zonas europeias já industrialmente desenvolvidas, trouxeram para cá as aptidões e a indispensável iniciativa de transformar, passo a passo, um território de mata virgem em uma zona das mais industrializadas do sul do Brasil” (FICKER, 1965, p. 231).

A industrialização da cidade é motivo de orgulho para Ficker, assim como o é para Wittich Freitag, talvez por este ter sido responsável pela fundação de duas grandes empresas no município. Freitag conta que nos fins de semana que a sua filha que morava em Curitiba (PR) vinha a Joinville, a família costumava ir jantar na Churrascaria Familiar e depois: “Na saída, lá pelas dez horas da noite, antes de voltarmos para casa, eu acabava levando todo mundo para a fábrica [referindo-se ao seu próprio empreendimento]. Geralmente era hora da saída dos operários. Eu me orgulhava daquela cena” (S. THIAGO, 2000, p. 65).

Logo, a paisagem pode ser empregada enquanto categoria de análise do espaço, de maneira a entender a relação que trava com os sujeitos que fazem parte dela, num processo de percepção no qual há a intersecção entre a esfera física, concreta e visual de um território e as memórias e os referenciais culturais individuais e coletivos (VERDRUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016).

Igualmente, Santos (2004) afiança que o espaço é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, haja vista suas características e seu funcionamento, também pelo que oferece a alguns e recusa a outros e ainda pela seleção de localização feita entre as atividades e os homens. Assim, o espaço deve ser entendido como uma testemunha da história escrita por processos do passado e

do presente e como um conjunto de formas representativas de relações sociais de outrora e dos dias atuais.

Como um dos registros dessas memórias e referenciais culturais, a literatura é uma das formas de representação tanto dessa identidade forjada quanto da paisagem cultural que deve sustentar essa narrativa. Por ser reflexo da sociedade, a paisagem cultural na literatura consiste numa representação em conformidade com a perspectiva do autor que a escreve, como afirma Schama (1996). Compartilham dessa ideia Verdrum, Vieira e Pimentel (2016, p. 138):

A narrativa é um sistema aberto à memória coletiva que se materializa na paisagem através do tempo, toda vez que um grupo determinado inscreve cotidianamente suas trajetórias sobre um suporte físico e material, deixando suas marcas e contribuindo para a manutenção das relações identitárias com o lugar.

Constatam-se, dessa forma, nas duas biografias analisadas as relações que ambas as personagens travam com o espaço em que estão inseridas, num misto de convivência e de reforço de dada soberania. São citados nos textos somente pontos centrais da cidade de Joinville, por onde circulavam os biografados: “Nos quatro anos de namoro, nos encontrávamos aos sábados, às três da tarde. Eu ia pela Rua Doutor João Colin e ela [a então futura esposa, Lilli] vinha da sua casa, na Rua Timbó” (THIAGO, 2000, p. 45-46). Também são mencionados fatos que indicavam o progresso joinvilense em razão do seu povo trabalhador e honesto, herança talvez de seus colonizadores. Entre as várias passagens da obra de Freitag ressaltando a boa índole característica do grupo social alemão, já no prefácio se encontra que possivelmente esse foi o motivo de ele ter obtido sucesso em vida: “As suas origens ancestrais e herança cultural refletiram-se inconscientemente no modo de ser, nas atitudes e nos propósitos de vida” (BUSCHLE, 2000, p. 9).

De acordo com Santos (2004), como qualquer outra estrutura social, o espaço acaba por manter a estrutura que a sociedade em que nele está inserida reflete, seu dinamismo sendo consequência da cisão da sociedade global e igualmente sua distribuição sobre o território. Olívia consegue perceber esse fato na cidade em que reside:

Hoje, diante dos fatos e da história, compreendo muito bem que a nossa sociedade local, à época, compreendia apenas duas classes: a da elite, rica, dos coronéis, dos homens públicos e políticos, dos empresários... e a classe pobre, dos empregados e funcionários. Nossa família pertencia a esta, a classe pobre<sup>7</sup> (GELBCKE, 2004, p. 20).

A biografada faz uma leitura particular de Joinville, entendendo o espaço como um campo de forças desiguais cujo domínio advém do poder econômico. Ela vê sua cidade diferentemente de Wittich Freitag, talvez por vir de uma classe social distinta da dele, além da questão de gênero. Olívia define o espaço mais pelas diversas possibilidades econômicas concretas do que por outro motivo, mas não se abstém do fato de que os comportamentos pessoais contribuem para modelar o espaço. Essa seria a razão para a evolução espacial não acontecer da mesma forma em todos os lugares.

Ao contrário de Olívia, Ficker (1965, p. 387) posiciona-se diferentemente quanto ao assunto, ao se referir aos pontos de lazer da cidade: “Em Joinville goza-se quanto possível e sem distinção de classes nem idades”. Wittich Freitag, conforme sua biografia, compartilha a opinião do escritor, ao falar sobre o fim do seu segundo mandato frente à prefeitura:

Terminado o mandato e depois de tantos anos comandando os destinos da maior cidade de Santa Catarina, não digo que me sinto realizado, posto que ainda são muitas as carências que afligem nossa comunidade, mas posso dizer que voltei ao aconchego da minha família com a satisfação de haver contribuído para reduzir, nos limites das minhas possibilidades, as injustiças e distâncias sociais (S. THIAGO, 2000, p. 244).

Não nos esqueçamos, contudo, da posição social que Freitag ocupava na cidade. Ficker (1965), igualmente, assume a postura de Freitag. Enfatiza, por toda a extensão da sua obra, o progresso da então Colônia Dona Francisca, num misto de orgulho por pertencer àquelas terras e de satisfação por o projeto da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, cujo propósito era erigir uma cidade por meio de colonizadores, ter dado certo: “Uma sociedade que vai evoluindo numa absoluta

---

<sup>7</sup> Como o texto de Gelbcke (2004) sofre constantes interferências do depoimento literal de Olívia, sendo portanto intercaladas falas do narrador e falas de Olívia na mesma narrativa, optou-se por apontar com uma nota de rodapé os casos em que é a voz de Olívia que aparece, para demarcar a fala da biografada, já que para a pesquisa a diferenciação dessas duas vozes é fato expressivo à análise. Logo, nos casos em que há nota de rodapé, trata-se da fala literal de Olívia.

integridade de justiça e moral, é que se fica sabendo do quanto estes costumes trazidos pela colonização alemã, têm feito em benefício das futuras épocas brasileiras” (FICKER, 1965, p. 367-368).

Conta ele que a introdução de “inteligência e capital” (FICKER, 1965, p. 103) mediante a segunda leva de imigrantes formou o núcleo colonial Schroedersort, com a instalação de vendas, empórios, lojas e o estabelecimento de ofícios como seleiros, padeiros, ferreiros e tantos outros. Em razão disso, Schroedersort tornou-se o centro cultural, industrial e comercial da colônia, recebendo o nome de Joinville:

Dali partiu o sopro vivificador que, não obstante os contratempos e dificuldades encontradas, ou talvez exatamente porque encontrou esses obstáculos, fecundou os planos da Sociedade Colonizadora, de fundar uma cidade chamada “Joinville”, para garantir ao empreendimento colonial o mercado e o consumidor (FICKER, 1965, p. 103).

Por essa perspectiva, diz Santos (2004) que o espaço não significa a mesma coisa para todos. Sendo assim, tratá-lo como se ele fosse dotado de uma representação única e comum seria uma espécie de violência contra o indivíduo que pertence a esse espaço, bem como as soluções todas fundamentadas nessa tese não fariam sentido: “Não se pode negar a tendência que tem a organização do espaço de fazer com que se reproduzam suas principais linhas de força” (SANTOS, 2004, p. 165).

Não se sabe o motivo que levou os alemães terem tamanho destaque em relação à construção da cidade de Joinville, entretanto esse ponto é sentido por todos os lados. Ficker (1965), por exemplo, traz em sua obra um artigo do *Jornal do Commercio* de 1852 escrito pelo coronel Antônio João Vieira em que mais uma vez esse pensamento é sobressalente:

Pode-se esperar com bons fundamentos que a Colônia Dona Francisca vingará e prosperará com a perseverança dos alemães, que nesta e n'outras províncias têm dado sobejas provas com a sua constância no trabalho, com o seu denodo, e com honestidade do seu proceder, do quanto valem e de quanto são apreciáveis para a colonização do nosso país (*apud* FICKER, 1965, p. 118-119).

Muito provavelmente essa seja a razão de as zonas de mais desenvolvimento e, por consequência, que recebem mais investimentos serem aquelas voltadas à região do Mercado Público Municipal, considerado o berço de Joinville, onde se instalaram os primeiros imigrantes da cidade, que chegaram por aquela via. Sendo os imigrantes europeus de mais valor do que os habitantes de Joinville daquela época, a tendência era que a gestão da cidade se voltasse mais ao espaço que era preenchido por eles.

Tem essa mesma visão Foucault (1994), o qual afirma que o espaço é fundamental em qualquer exercício de poder, tendo em vista que ele serve como um reforço das estruturas e relações sociais já existentes. Para Certeau (2011, p. 201), por sua vez, “a cidade é o teatro de uma guerra dos relatos”.

Quando o espaço é submetido a tal discussão, chega-se à conclusão de que a estrutura espacial é dependente direta da economia que a permeia, no entanto os fatores que compõem a sua organização não se limitam a isso. A questão política também possui papel essencial na discussão da organização espacial. Além da região do Mercado Público, outra área muito bem valorizada em Joinville fica num ponto específico da zona norte da cidade próxima ao centro, onde se concentram as residências dos prefeitos que o município já teve, como é o caso de Freitag.

Sobre isso, Arantes (1994, p. 191) afirma que os habitantes da cidade se situam em determinados espaços urbanos. Nos espaços em comum no dia a dia são construídas as fronteiras e bordas simbólicas, as quais podem separar, aproximar, nivelar, hierarquizar os grupos sociais e suas mútuas relações, ordenando as categorias.

Essas fronteiras simbólicas podem ser reconhecidas quando se veem aflorar sociedades recreativas e culturais, por exemplo, ocorrências bastante comuns na historiografia de Joinville:

Outro assunto que merece observação especial nas histórias das colônias, principalmente alemãs, será a influência que tiveram, na formação moral e cultural dos colonos, as sociedades culturais, recreativas e beneficentes que, desde a formação do primeiro povoado, se fundaram onde quer que grupos de colonos se estabelecessem (FICKER, 1965, p. 196).

Ficker (1965) dá grande destaque principalmente à Sociedade de Cultura, fundada na cidade em 1855 por um grupo de alemães e cuja intenção era “promover a prosperidade em todos os sentidos da agricultura e da indústria, ajudar os colonos recém-chegados” (FICKER, 1965, p. 166). Segundo o autor, era “realmente a primeira formação cultural de um organismo social em transformação, devido ao afastamento da terra natal e sob pressão de novas influências” (FICKER, 1965, p. 166).

Observa-se aqui que as sociedades culturais têm bastante importância para os germânicos, como bem explica Elias (1997). O autor, que estudou a fundo padrões do comportamento alemão dos séculos XIX e XX, afirma que, por causa da incerteza de *status*, das transformações das relações de poder e do desequilíbrio de poder entre grupos estabelecidos e grupos marginais, sobretudo no século XIX, houve a necessidade de se buscar, por parte dos alemães, uma identidade social.

Pensando nisso, conforme Elias (1997), os membros dos grupos similares passaram a formar uma rede de pessoas que sentiam que pertenciam ao mesmo círculo e que juntas exerciam suficiente poder para estar aptas a constituir um grupo autossuficiente e excluir todas as outras desse círculo de relações. Tal postura auxiliou para reforçar a solidariedade, o sentimento de pertença e de identidade, assim como de superioridade sobre todos os de fora do grupo. Quem sabe dessa ideia se tira a hipótese de os alemães serem tão bem valorizados na construção de Joinville em comparação aos demais grupos.

Embora existam lugares específicos para os grupos sociais, há também lugares que se superpõem, se entrecruzam, tornando-se um espaço comum e compartilhado por todos, independentemente da temporalidade em que ele está inscrito. É o caso das ruas centrais da cidade e das praças, lugares em que todas as variantes do município se encontram. Observa-se ainda que os pontos de encontro dificilmente mudam com o passar dos anos e em geral mantêm a mesma configuração. Na obra de Ficker, tem-se:

Grandes festejos foram programados para a visita de Sua Alteza Real o Conde d’Eu<sup>8</sup>, a 12, 13 e 14 de dezembro de 1884 [...]. Formou-se um préstio de mais de 20 carruagens e carros de colonos, todos enfeitados e ornados com folhas de palmeiras e flores. Às seis horas da tarde, o cortejo chegou ao Palácio do Príncipe<sup>9</sup>. Na Alameda das

---

<sup>8</sup> Nobre francês, foi marido de Princesa Isabel, filha do imperador do Brasil D. Pedro II.

<sup>9</sup> Hoje sede do Museu Nacional de Imigração e Colonização.

Palmeiras<sup>10</sup>, que já nessa época apresentava um aspecto impressionante, os carros passaram entre alas do povo, colegiais e crianças festivamente trajadas (FICKER, 1965, p. 322).

Wittich Freitag também faz ponderações sobre o local, porém um pouco mais adiante da intitulada por Ficker como Alameda das Palmeiras:

Ainda lembrando a juventude, recordo a Praça Nereu Ramos, na Rua do Príncipe, onde havia o *footing*, uma espécie de passeata das moças. Elas andavam para lá e para cá e nós, marmanjos, ficávamos parados, só na paquera! Em Joinville a maioria das moças era bastante tímida. Durante a passeata elas nos olhavam de um jeito muito gracioso, mas tímido. Era ali que praticamente iniciavam-se a maioria dos namoros (S. THIAGO, 2000, p. 44).

Para Olívia, a lembrança que tem da mesma rua envolve as comemorações do fim da Segunda Guerra Mundial, ponto de encontro de todos que eram contrários ao combate:

Então chegou oito de maio de 1945... Dia da Vitória! Alegria nas ruas, a guerra finalmente acabara. Espontaneamente, todas as samaritanas [da Cruz Vermelha] foram para a rua do Príncipe, onde havia um coreto, e lá cantaram hinos e fizeram discursos cívicos sobre os feitos dos pracinhas<sup>11</sup> (GELBCKE, 2004, p. 41).

Ademais, é possível ver por meio das transformações na paisagem diferentes usos para o mesmo espaço, conforme a temporalidade em que se inscreve, cada tempo correspondendo a uma específica prática para melhor uso do espaço de acordo com a necessidade da época. O narrador da biografia de Wittich Freitag, por exemplo, fala a respeito de um imóvel localizado à Rua Borba Gato, o primeiro manicômio da cidade: “Levaram-me para o prédio onde havia funcionado o Hospício Oscar Schneider, atrás do Cemitério Municipal. Por causa do grande número de prisões de pessoas naquele período [em decorrência da Campanha de Nacionalização], o local passou a servir de presídio” (S. THIAGO, 2000, p. 37).

Ficker (1965, p. 64) também faz algumas análises sobre as modificações da paisagem:

---

<sup>10</sup> Atualmente é conhecida por Rua das Palmeiras.

<sup>11</sup> Fala literal de Olívia.

Hoje em dia, o ribeirão Matias, devido ao desmatamento sistemático das florestas, nada tem de caudaloso, atravessando todo o centro da cidade, ocultando-se sob canalização de ferro e cimento, encabulado com todos os detritos que ajuda em sua escura e submersa caminhada, para desaguar, sempre modesto, no Rio Cachoeira.

Outro assunto que exerce bastante influência na formação das cidades e dos grupos sociais que nela habitam é a religiosidade. Sendo a religião uma das mais importantes marcas de ordenamento dos grupos sociais – no lançamento da pedra fundamental da igreja protestante Ottokar Doerffel<sup>12</sup> diz que “o problema mais crucial da Colônia é a falta de assistência religiosa” (FICKER, 1965, p. 186), fala na qual se observa o poder do discurso religioso em relação aos grupos sociais –, viu-se a relevância de serem implantadas na colônia crenças religiosas.

Para resolver a questão, houve na Colônia Dona Francisca ao mesmo tempo a construção de templos tanto para os evangélicos protestantes como para os católicos. Todavia, provavelmente por contar com grande parcela da população – maioria na colônia em 1857: 1.484 evangélicos para 213 católicos (FICKER, 1965) –, ou por ser a religião originalmente oriunda do grupo alemão, deu-se muito mais ênfase à religião protestante, com direito a festividades a fim de celebrar o lançamento da pedra fundamental da edificação, enquanto não havia nem sido enviado ainda à colônia um vigário católico: “Trabalhava-se simultaneamente nos templos das duas confissões, achando-se a casa de oração protestante já com a pedra fundamental assentada em comovente solenidade em julho do mesmo ano [1857]” (FICKER, 1965, p. 189).

Ficker (1965) conta que sempre se deu mais destaque ao protestantismo na colônia, enquanto referenciais católicos ficaram em segundo plano. Esse protagonismo é sentido até mesmo nos documentos oficiais da colônia: “Infelizmente não existem os mesmos documentos com relatos minuciosos dos festejos, como os encontrados nos fundamentados da igreja protestante” (FICKER, 1965, p. 189). Festejos relativos ao catolicismo só foram ocorrer em 1863, com a tradicional festa da cobertura de seu prédio. Defronte ao templo, houve as cerimônias, e deu-se um jantar no Salão Ravache, de acordo com as velhas tradições da Europa. Constata-se assim mais uma vez a disputa por territórios e fronteiras, mesmo que por vias simbólicas.

---

<sup>12</sup> Vindo da Alemanha, chegou a Joinville em 1854, de onde nunca mais saiu. Exerceu cargos públicos na cidade e fundou o jornal, todo escrito em alemão, *Kolonie-Zeitung (Jornal da Colônia)*, cuja circulação durou quase 80 anos (FICKER, 1965).

Outra disputa comum quando se fala de territorialidades se oriunda do uso da língua, entendida como um dos pilares de um grupo social e base para a percepção de mundo dos indivíduos. Sendo o primeiro elemento de identificação de um grupo social e determinante da composição da identidade cultural, a língua teve bastante influência na Colônia Dona Francisca. Em seu início, em 1851, aportou na cidade a primeira grande leva de imigrantes, na qual havia três grupos distintos: suíço, alemão e norueguês. Por conta da dificuldade imposta pela barreira da língua, cada grupo acabou desbravando uma região da colônia (FICKER, 1965).

A língua igualmente esteve presente nas questões educacionais da colônia. Conta Ficker (1965, p. 178):

Uma das mais constantes preocupações do Diretor [Léonce] Aubé, foi a do ensino primário. Pela resolução do Governo Imperial, as aulas nas Colônias de principal população alemã, deveriam ser dadas nos dois idiomas [português e alemão]. Acontece que o professor de primeiras letras, enviado pela Presidência da Província, Sr. Carlos O. Schlappal, somente lecionava em língua portuguesa alegando que os seus diminutos vencimentos não lhe permitiam lecionar em duas línguas. O resultado não foi de surpreender: aulas do professor J. H. Auler, subvencionadas pela Sociedade Colonizadora (com 25\$000 por mês), tiveram uma frequência cada vez maior, enquanto que a escola do professor Schlappal acusava reduzido número de alunos.

O reconhecimento da importância da língua pela gestão governamental também está presente nas biografias analisadas neste artigo. Wittich Freitag, por exemplo, conta que foi preso em Joinville em decorrência da língua alemã, que falava com seus companheiros de pensão, em um jogo de baralho, além de a língua ter sido proibida, assim como o italiano, por Getúlio Vargas, na Campanha de Nacionalização. Já Olívia relata que, à época da campanha, estudava no Colégio Bom Jesus, escola tipicamente alemã de Joinville, em 1935, enquanto o Brasil “lutava para se libertar de ideias integralistas” (GELBCKE, 2004, p. 28). A biografada rapidamente esclarece como foi tal época no Colégio Bom Jesus: Anna Maria Harger, então diretora da escola, conforme ela, “foi submetida a fortes pressões”<sup>13</sup> (GELBCKE, 2004, p. 29) por causa da nacionalização do ensino e proibição do uso do idioma estrangeiro, em razão da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>13</sup> Fala literal de Olívia.

Nos capítulos finais de seu livro, Ficker (1965) afirma: “Termina aqui [em 1901] a história colonial de Joinville e da Colônia Dona Francisca”, na clara intenção de demonstrar que ambas as histórias, da colônia e da cidade, se confundem. Não é mais possível saber o que é colônia e o que é cidade, muito embora boa parcela dessas histórias seja apagada. Num trecho trazido do prosador, orador e jornalista Crispim Mira sobre Joinville de 1905, assim é dito: “Joinville, que trinta anos atrás era uma colônia exclusivamente alemã, tem agora vinte mil habitantes entre alemães, luso e teuto-brasileiros” (*apud* FICKER, 1965, p. 364), num nítido indicativo de que somente a parcela alemã da população angariou os méritos do desenvolvimento da cidade, além de os negros e os chamados brasileiros, por exemplo, não serem sequer mencionados.

Também é interessante perceber o tom bucólico que é dado a Joinville por parte de Ficker (1965), que ressalta em inúmeras passagens como a cidade é pacata, ordeira e tranquila: “Nova e singelamente pura, Joinville é sem lhe dizer favores, cidadezinha de verdadeiro encanto” (FICKER, 1965, p. 365), e que seu habitante goza de uma “vida tranquila e pacífica” (FICKER, 1965, p. 270). Salienta-se, com isso, o progresso da cidade, direcionando-o à ordem e à modernização, discurso que aparece fortemente na mídia que circula pela região, embora Joinville seja atualmente o maior município de Santa Catarina e, por isso, tenha granjeado algumas questões que envolvem sobretudo a violência, problemas típicos de uma cidade grande.

#### 4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se aqui uma nova maneira de pensar a paisagem urbana, “como um todo coerente solidamente ajustado, que enquadra drasticamente as nossas atividades” (CARDOSO, 2013, p. 9), remetendo-nos à ideia de Bourdieu (2006) sobre a ilusão biográfica. Tal qual uma narrativa que conta uma vida lógica, cronológica e coerente, contrariando a própria vida real, assim também acontece em relação às imagens paisagísticas que vemos ao longo dos textos. Elas aparecem como suporte, cenário para a história que se almeja contar. Por isso, devem estar em consonância com os demais elementos que compõem a narrativa, ajudando a manter, ao menos aparentemente, o sentido e a linearidade do texto biográfico.

Viu-se com as análises aqui presentes que o homem molda o espaço e por ele é moldado, numa interferência recíproca, mas nem sempre pacífica. Afinal de contas,

o espaço é heterogêneo e deve comportar toda a diversidade nele presente. No entanto essa convivência com o diferente na maioria das vezes não acontece de maneira tranquila, o que acaba privilegiando alguns em detrimento de outros. Esse privilégio é em grande parte obtido pela posição econômica e política e acaba supervalorizando os chamados pertencentes à elite, ou seja, aqueles que detêm o poder simbólico.

Ao ler memórias sobre a cidade, constata-se como são conhecidos, por exemplo, os nomes que ali aparecem. Seja por conta de serviços prestados, seja pela influência política e social, os mesmos nomes de antigamente se fazem presentes nos dias atuais em ruas, praças e edifícios, talvez como uma homenagem ou um reconhecimento, mas também como certa demonstração de poder e força simbólica.

O destaque dado a um grupo social em relação ao outro impacta também na configuração da identidade coletiva. À procura de uma identidade para o grupo única, homogênea e singular, a paisagem urbana tende a ser um dos suportes dessa representação.

Percebeu-se, então, que o livro de Ficker (1965) ajudou a moldar o imaginário dos moradores de Joinville, assim como o da gestão municipal e o discurso midiático, principalmente acerca do turismo, forjando uma identidade local única e singular: a do colonizador alemão, aquele que trouxe a Joinville o progresso e o desenvolvimento industrial. Não obstante o apagamento de alguns grupos, sobretudo os chamados grupos minoritários, para a manipulação dessa identidade, a imagem de Joinville como uma cidade alemã é reforçada pelas biografias que se analisaram aqui, num claro indicativo que são essas as memórias, as do grupo mais potente, que devem ser perpetuadas e espalhadas.

Ao mencionar o espaço, as narrativas promovem grande esforço de constituição da delimitação e individualização das culturas e do território quando em confronto com outros territórios, com vistas a sua homogeneização. Conforme as palavras de Sevcenko (1985), a literatura “aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social”. Logo, deve-se sempre, ao tratar de obras literárias, considerar o meio que ela relata, pois a literatura é um dos meios de divulgação das representações do real à vista de experiências imaginárias acerca do mundo exterior. Todo material literário expressa contextos espaçotemporais e, como se viu, é um poderoso suporte para a construção de identidades.

## 4.4 REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 191-203, 1994.

ARRUDA, Gilmar. “Minha terra tem palmeiras”: paisagem, patrimônio e identidade nacional. *In*: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs.). **Patrimônio cultural ambiental**. São Paulo: Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 110-125, 2006.

BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. *In*: CARDOSO, Isabel Lopes; TAVARES, André (Eds.). **Paisagem patrimônio**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 33-53.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BUSCHLE, Baltasar. Prefácio. 1999. *In*: S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

CABRAL, Oswaldo. Introdução. *In*: FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965. p. 9-14.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CARDOSO, Isabel Lopes. Paisagem e patrimônio: aproximações pluridisciplinares. *In*: \_\_\_\_\_. TAVARES, André (Eds.). **Paisagem patrimônio**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 7-15.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. **O uso do conceito de identidade na arqueologia**. 2008. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/V23N1-2008/2008v1n23a9.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2016.

CERTEAU, Michel de. Os fantasmas da cidade. *In*: \_\_\_\_\_. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 189-202.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002. (Coleção Memória e Sociedade).

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. O patrimônio natural no Brasil. *In*: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs.). **Patrimônio cultural ambiental**. São Paulo: Annablume, 2009.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.

FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.

FOUCAULT, Michel. Espaço e poder. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 138-145, 1994.

GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono**: a jovem Olívia faz 80 anos! Joinville: Letradágua, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. A escravidão em uma colônia de “alemães”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0464.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, p. 33-36, 1984.

RONCAGLIO, Cynthia. A ideia da natureza como patrimônio: um percurso histórico. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 19, p. 111-128, jan./jul. 2009.

S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHAMA, Simon. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VERDRUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Maurício Ragagnin. As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 131-150, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/5240/3848>>. Acesso em: 24 set. 2017.

## 5 A PAISAGEM INSCRITA NA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS HOMENS: O CASO DE DUAS BIOGRAFIAS JOINVILENSES<sup>1</sup>

### Resumo:

É objeto deste artigo um balanço que avalie as memórias da cidade de Joinville (SC) por meio de textos biográficos, trazendo os espaços que são apontados nas narrativas e como eles interferem no contar biográfico, pela perspectiva de Mayol (2011). Nesse sentido, o texto faz um paralelo comparativo entre as obras biográficas *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), numa tentativa de averiguar de que maneira a paisagem cultural da Joinville do século XX aparece nas memórias e nas narrativas discursivas dos seus diferentes atores, conforme os conceitos de Sack (1986), Santos (2004) e Haesbaert (2007). Averiguamos também as possibilidades de atores de sexos distintos narrarem de forma similar ou diferente os lugares presentes nas histórias. A análise levanta questões sobre o mundo feminino e o mundo masculino, pensando a questão do gênero como um determinante para a circulação nos espaços sociais, pela luz das reflexões de Perrot (2006; 2017a; 2017b), Pinsky (2017) e Zimmermann e Medeiros (2004). Enquanto um dos componentes das inúmeras teias de disputa verificadas na sociedade, o assunto gênero envolve tanto os temas que aparecem nas narrativas quanto os cenários que as ambientam.

**Palavras-chave:** paisagem cultural; gênero; biografia; literatura.

### 5.1 INTRODUÇÃO

Pesquisadores do campo da literatura, assim como Cândido (1993), têm em mente que os autores buscam estímulos externos para a montagem de seus textos. Logo, a realidade do mundo torna-se componente da estrutura literária, e a narrativa constitui-se com base em materiais não literários, os quais são manipulados a fim de se transformarem em aspectos de uma organização estética regida pelas leis daqueles que a escrevem. Concorda com essa ideia Costa (2015), que afirma que a exterioridade e a interioridade compõem um circuito contínuo. Assim, corpo, mundo e obra acontecem na linguagem.

Um desses estímulos externos é o espaço que ambienta as narrativas. Tais espaços são entendidos por Santos (2004) como o testemunho de um momento do mundo: “O espaço portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um

---

<sup>1</sup> Este texto, com algumas modificações, foi enviado no formato de capítulo de livro para fazer parte da coletânea intitulada *Geografias literárias: diálogos, narrativas e reflexões*, que está sendo organizada pela professora Jussara Fraga Portugal, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), e integra o seu eixo 1, “Geografia, literatura e (auto)biografias/memórias: diálogos”. A publicação está prevista para o primeiro semestre de 2018. Até a data da impressão deste volume, não se tinha mais informações sobre o projeto.

modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada” (SANTOS, 2004, p. 173).

Todavia, é imprescindível atentar-se para o fato de que a descrição de determinado espaço, ou também denominado de paisagem cultural, é dependente da memória e variável, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Assim como a paisagem é moldada pela sociedade, esta também é moldada por ela (VERDRUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016). Nesse jogo mútuo de moldagem e de ser moldado é que se conhece a paisagem, principalmente por meio da literatura, um dos recursos que a língua utiliza para se proliferar, propagando a visão particular de mundo do grupo social descrito ali, e também de seu autor.

Ao mencionar paisagens e lugares nas narrativas, conforme Certeau (2011), esses espaços tornam-se habitáveis. Para ele, “habitar é narrativizar. Fomentar ou restaurar esta narratividade é portanto também uma tarefa de restauração” (CERTEAU, 2011, p. 200-201).

Assim, compreende-se neste artigo a paisagem enquanto categoria de análise do espaço, já que, como dizem Verdrum, Vieira e Pimentel (2016), ela é a expressão da ação dos seres humanos sobre a natureza, além de poder ser verificados nela a sucessão de relações e o resultado histórico acumulado, pois leva em consideração sua dinâmica constante e suas infinitas possibilidades de transformação. Por isso, o espaço, para Claval (2002), jamais surge como um suporte neutro, por ser baseado na memória coletiva e contar com o aspecto sentimental. Afinal, a paisagem não reflete somente o funcionamento da sociedade, mas também demonstra as relações emocionais entre ela e o observador.

Os espaços da cidade tornam-se peças importantes nas memórias contadas em textos biográficos. Santos (1958, p. 7), por exemplo, considera que “a cidade constitui uma forma particular de organização do espaço, uma paisagem”. De fato, no caminho das pedras criado pelas biografias, são mais evidentes a paisagem da cidade e suas narrativas de poder, tradições, segregações, memórias e “os nomes das pessoas e os de seus lugares” – como recita Adélia Prado (2005, p. 54). Diante da incorporação de novas abordagens, o diálogo entre a geografia e a literatura pode revelar um conjunto de dados que até então ocupava lugar secundário nos trabalhos disciplinares, mas que clarificam um passado que não se reduz à dicotomia entre mulheres e homens, mas que está profundamente marcado por seus enfrentamentos.

Para tanto, são trazidas neste artigo as memórias a respeito da cidade de Joinville (SC) contidas em dois textos biográficos: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke<sup>2</sup> (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago<sup>3</sup> (2000).

*Primavera em pleno outono* conta a história de vida de Olívia Maia Mazzolli, professora e ex-funcionária da Receita Federal. Olívia é natural de Joinville, nasceu na década de 1920 e, juntamente com o seu marido, atuou como voluntária em trabalhos sociais no auxílio de famílias em necessidade, por meio do Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef).

Já a segunda biografia analisada é *Eu, Wittich Freitag*, que narra episódios da vida do empresário e político Wittich Freitag. Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, pois na cidade construiu e consolidou a primeira fábrica de refrigeradores da Região Sul brasileira, a Consul, marco para a industrialização joinvilense, e criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Atuou como vereador, deputado estadual e por duas vezes foi prefeito, exercendo seu trabalho sempre de Joinville.

Apontam-se, mediante a análise desses dois textos biográficos, sobretudo os espaços que em ambas as narrativas aparecem, pensando em como esses espaços interferem no contar biográfico. A reflexão ocorre pela perspectiva de Mayol (2011), que trabalha as relações entre os objetos no campo social, estudando o vínculo entre os espaços público e privado.

Ainda, como um dos elementos que compõem as diversas teias de poder e disputa da sociedade, a questão de gênero é levantada, constatando como ela reflete na circulação dos indivíduos nos espaços sociais. Procuraram-se, então, personagens de gêneros distintos, assim como também o são os autores das obras, numa tentativa de averiguar de que maneira o tema é retratado, observando semelhanças e diferenças em relação ao tratamento dado à temática.

---

<sup>2</sup> O autor do material é membro da Academia Joinvilense de Letras, nasceu em São Paulo (SP) em 1933 e mora em Joinville desde 1947. Após a aposentadoria, dedica-se exclusivamente à escrita, desde 1997, e é autor de obras juvenis, romances, poemas e biografias, além de também fazer as ilustrações dos próprios livros.

<sup>3</sup> A autora da obra, assim como de outros livros, artigos científicos e matérias de jornal, é natural de Joinville e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Suas pesquisas envolvem história, história de Santa Catarina e história regional, sobretudo nos seguintes temas: história, identidade, memória, colonização e imigração. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

As possibilidades de reviravoltas e mudanças nos temas literários são inúmeros se sintonizarmos o trabalho com as questões de gênero e as novas experiências de pensar as múltiplas paisagens. Assim, a biografia carrega em si as memórias das épocas passadas e os espaços dos homens e das mulheres que as viveram. Contudo, igualmente, trazem à baila o ponto de vista pessoal não apenas dos biografados, mas dos narradores que abordaram essas vidas.

## 5.2 ESPAÇOS FEMININOS × ESPAÇOS MASCULINOS: O GÊNERO EM PAUTA

Ao pensar a categoria espacial na literatura, precisa-se levar em conta que a ideia do espaço vivido, como bem diz Besse (2013), consiste na forma espaçotemporal segundo a qual o habitar humano se desenvolve no mundo. Como as paisagens são locais em que estamos inseridos, tornamo-nos parte integrante dessa paisagem, observando-a, por isso, do interior.

Costa (2015) compartilha tal concepção e explica que escrita e experiência de mundo acontecem no plano da narrativa. Sendo essa experiência de mundo fundamentada na memória, não se têm, portanto, neutralidade nessa descrição nem simetria entre escrita e realidade. Pelo contrário, veem-se tensões e embates entre forças heterogêneas, que transparecem em símbolos e representações da escrita. Esses símbolos e representações na escrita tornam-se imagens que delimitam um espaço interior e um exterior.

Dessa maneira, a paisagem deixa de ser uma parcela do espaço captada ou apreendida por aquele que a olha, para transformar-se em experiência essencial (AZARA, 2015). Descrever a paisagem e os espaços percorridos significa, conforme Cardoso (2013), fazer do espaço história e narrativa e participar da construção das experiências paisagísticas de uma geografia afetiva, de proximidade e de contato com o mundo e com o espaço. Ou seja, trata-se de uma maneira de estar e habitar no mundo.

Por esse motivo, pensou-se em unir a ideia de espaços e a narrativa biográfica, afinal a biografia consiste na exposição da vida de um indivíduo que acontece na interação com o mundo em que ele está inserido, e certos fatos só ocorrem por conta do contexto espaçotemporal que o circunda.

Nesse sentido, verificam-se a respeito dos espaços mencionados nas duas narrativas em análise neste artigo focos distintos em ambos os casos. Conforme a

biografia de Olívia, *Primavera em pleno outono*, percebe-se que o seu narrador dá mais ênfase a episódios que acontecem nos ambientes domésticos, e é grande o controle masculino em relação à mulher até mesmo dentro de casa:

Quando minha irmã Lassy me visitava, em seus últimos anos de vida, olhando o quadro recordava que um namorado queria lhe dar um ovo de Páscoa de presente, às escondidas de papai. Ela desceu ao porão da casa para recebê-lo através das grades de ferro da janela. Como o ovo não passava pelas grades, foi quebrado e ela recebeu o presente aos pedaços... Longe dos olhos de papai<sup>4</sup> (GELBCKE, 2004, p. 21).

Já o narrador da biografia de Freitag e o seu biografado vão um pouco mais além, explorando mais o espaço urbano e os pontos da cidade que Freitag costumava frequentar, revelando que homens e mulheres não visitavam necessariamente os mesmos espaços:

Quase sempre eu trabalhava à noite, na Livônius, mas deixava a janela aberta para a Rua XV. Lá pelas tantas chegava o pessoal. Paravam o carro e buzonavam até que eu saísse. O que fazíamos de farra não está no gíbi! Até às quatro da manhã, no bar do Ravache, onde, numa ocasião, chegamos a quebrar as lâmpadas. Mas pagamos tudo depois (S. THIAGO, 2000, p. 43).

Enquanto Freitag anda por diversos lugares e entra em contato com vários grupos e camadas, não sendo raros até mesmo os destinos internacionais, o mundo por onde Olívia circulava era um pouco mais restrito, a ponto de seu pai interferir no caminho por ela traçado: “Quando comecei a lecionar em Pirabeiraba, eu ia de bicicleta. Doze longos quilômetros de Joinville... Papai logo acabou com essa aventura. Fui então morar na casa de meu irmão Waldemaro, que era intendente de Pirabeiraba”<sup>5</sup> (GELBCKE, 2004, p. 42). Subir as escadas moldadas por essas memórias pode revelar o cerceamento de espaços considerados hostis – em que as mulheres da época aprendiam que o seu campo de atuação era uma parte menor daquele aberto para os homens. Talvez, o texto citado aclare-nos a emotividade feminina quando se consegue escapar do mundo doméstico.

Nessa perspectiva, constata-se a diversidade do mundo, de acordo com Besse (2013), também por meio da diversidade do regime das espacialidades, da pluralidade

---

<sup>4</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>5</sup> Fala literal de Olívia.

e coexistência das formas do espaço e dos regimes culturais e sociais desse espaço. Ou seja, nota-se a diversidade do mundo na diversidade da paisagem, que reflete a diversidade das maneiras de habitar o mundo. Portanto, a paisagem é elemento importante das experiências na fabricação de identidades sociais e territoriais.

Conforme Claval (2002), a experiência do lugar e do espaço faz-se pelo corpo, e estratégias de poder e dominação perpassam pela paisagem. Logo, com base nesses trechos destacados, temos a ideia de que os espaços femininos são mais restritos e a atuação da mulher mais limitada espacialmente, e o contrário dá-se com os homens, haja vista a quantidade de detalhes fornecida sobre os espaços frequentados por Freitag, dando a impressão de que ele comanda o seu lugar – em oposição à abordagem dada a Olívia, que simplesmente é descrita como uma figura que se adapta ao espaço. Essa diferença de foco talvez seja reflexo da visão de mundo da sociedade no tocante ao feminino *versus* masculino.

A situação, porém, não se resume aos biografados; ela repete-se, por exemplo, com os pais dos biografados, corroborando a ideia de que mulheres e homens são destinados a diferentes espaços na nossa sociedade. Sobre os pais de Freitag, temos a seguinte passagem:

No convívio familiar, [meu pai] foi uma figura importante para nós. Trabalhava o dia inteiro. Saía muito cedo, de manhã, de modo que só nos encontrávamos ao meio-dia. Mas à noite ele estava sempre presente, e toda a família conversava, trocava ideias. [...] De mamãe, nesses momentos, recordo seu capricho na arrumação da mesa. Toalhas sempre engomadas, talheres e copos bem postos. Era uma mulher elegante e vaidosa. Chegava a ser perfeccionista. Na maneira de vestir-se, na postura, em tudo. Já com idade bastante avançada, não saía do quarto sem ter certeza de que o coque do seu cabelo estava simetricamente arrumado (S. THIAGO, 2000, p. 29).

Nesse sentido, observamos que as mulheres tendem a ocupar lugares secundários quando o assunto se refere a textos biográficos, sendo parcamente representadas, à exceção de grandes nomes midiáticos e celebridades. Elas são trazidas ao corpo do texto como simples ponto de apoio, ou pilares dos ambientes domésticos. A preocupação com a aparência e o bom desempenho nos afazeres de casa transcendem as falas dessas figuras femininas, que aparecem quase sempre sem voz. Não se pode deixar de aludir que a grande dificuldade está no tentar entender como era o moldar dessas paisagens femininas considerando o tempo em que elas viveram. Desse modo, torna-se importante aqui contemplar também as

continuidades de discursos de extrema separação entre os mundos feminino e masculino que se permitem entrever na longa trilha da criação de textos literários, como no caso das biografias.

Valorizando a história masculina em detrimento da feminina, reflexo do sistema machista, ainda que velado, da sociedade ocidental, e verificado através dos tempos na grande maioria dos grupos sociais, fica mais fácil para o homem, como protagonista das histórias do mundo, contá-las a seu bel-prazer, retratando dessa forma o mundo de acordo com a sua perspectiva, seus hábitos, costumes e cultura. Quando ele assim o faz, transforma a si mesmo em dono daquele território (SACK, 1986), concedendo-lhe poder e representatividade.

Segue essa linha de pensamento Haesbaert (2007), para quem o ser humano é um animal territorial, cujo movimento complexo de territorialização inclui a vivência concomitante em diversos territórios, configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento. Essa multiterritorialidade desencadeia sentidos de pertencimento, incluindo as divisões de gênero.

Ao contar a história de Freitag, por exemplo, o narrador entende que ele é o protagonista da história, e a sua mulher, alguém que o apoiou a fim de atingir seus objetivos:

Houve um tempo em que eu [Wittich Freitag] era obrigado a trabalhar quase a semana inteira em São Paulo. Saía na segunda-feira e voltava no sábado. Quando eu voltava, coitada da Lilli. Eu trazia roupa suja, que ela lavava na tábua, aos sábados à noite, secava no domingo de manhã e passava no domingo à tarde para que eu tivesse tudo em ordem na segunda pela manhã, quando saía para a lida novamente (S. THIAGO, 2000, p. 67).

De acordo com Perrot (2017a), são três os pontos que acabaram fazendo com que as mulheres fossem subjugadas em comparação aos homens no que concerne à perpetuação de suas histórias. Em primeiro lugar, às mulheres era dada pouca ou nenhuma visibilidade, pois passavam muito tempo em casa, cuidando do lar, do marido e dos filhos, em vez de circular por espaços públicos, alvo de interesse da sociedade e dos relatos. O segundo ponto consiste no fato de o acesso às letras pelas mulheres ter se dado muito tardiamente. Isso fez com que deixassem poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Também, julgavam-se, por causa do pensamento social

predominante, não merecedoras de importância e acabavam elas mesmas destruindo seus registros ou anulando-se deles, revelando assim a baixa autoestima que nutriam dentro de si. Por fim, e cremos de fundamental relevância, tem-se o julgamento do outro: “Quanto aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos” (PERROT, 2017a, p. 17).

Logo, “mergulhadas em silêncios impostos e sufocadas por imagens distorcidas, elas mesmo por muito tempo desprezaram a importância de sua história” (PINSKY, 2017, p. 10). Um enraizado estereótipo em relação às mulheres e presente nas biografias analisadas é o fato da crença de que a mulher só se sentirá plenamente realizada e feliz após contrair matrimônio. Também se observa que, depois da união, nada mais é feito individualmente; tudo faz parte do casal, tal qual se verifica no trecho a seguir da biografia de Olívia a respeito dos anos posteriores ao seu casamento com Humberto, seu marido:

Olívia e Humberto deram o exemplo de um relacionamento digno de ser seguido. Estiveram sempre juntos, desde que souberam pertencer um ao outro. Olívia não interrompeu sua vida pública. Com o companheiro Humberto deu continuidade as suas atividades e teve uma vida mais aprazível, mais alegre (GELBCKE, 2004, p. 68-69).

Com essa fala, observa-se que, segundo o narrador, a vida de Olívia tornou-se “mais aprazível, mais alegre” (GELBCKE, 2004, p. 69) com o casamento e, por conseguinte, com o marido. A importância do casamento também é vista ao longo da biografia em todos os momentos em que Olívia se refere a um casal. Ela faz questão de citar tanto o nome da esposa quanto o do marido, a fim de afirmar o valor da união no matrimônio, numa demonstração de que nada ali é feito individualmente depois da formação do casal. Verifica-se, então, como dizem Verdrum, Vieira e Pimentel (2016), que as pessoas também sofrem interferência da matriz cultural do coletivo de determinada sociedade, o que acaba influenciando suas ações e formas de pensar. Para Mayol (2011), o indivíduo é obrigado a levar em conta o seu meio social, inserir-se nele, a fim de poder viver aí.

Logo, constata-se historicamente que as mulheres quase nunca são protagonistas de histórias, mas quando isso acontece geralmente o são de histórias contadas por homens, pelo viés, portanto, masculino. “A mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus

camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes” (PERROT, 2006, p. 186). Tal situação é evidente no relato sobre a vida de Olívia. O narrador atenta-se detalhadamente a vários episódios sobre a sua trajetória, porém, a partir do momento em que se casa com Humberto Mazzolli, todos os acontecimentos narrados acontecem no plural.

Ou seja, Olívia e Humberto tornam-se um só quando decidem ser um casal. Após o falecimento do marido, em 1989, o narrador encerra a obra com episódios acontecidos em 2004, porém dedica apenas três páginas a todos esses anos, em que aparece o saudosismo de Olívia apenas. Então, vê-se nesse caso que, mesmo quando é dado à mulher o protagonismo da obra, em certo momento ela acaba por se transformar em coadjuvante de sua própria história, cabendo a ela o segundo plano.

Em razão da imposição e da demarcação dos espaços de poder na sociedade, lideradas pelos homens, a quem eram dados mais livre acesso às coisas do mundo e o protagonismo biográfico, conforme Perrot (2017a), as mulheres então tomaram para si a coadjuvação da narrativa e, nessa esteira, também o segundo plano na história, como se estivessem fora do tempo, ou dos acontecimentos, destinadas à obscuridade e confinadas no silêncio.

Limitadas a seus lares e na ânsia por seu lugar no mundo, elas passaram a escrever histórias que refletiam a sua vida doméstica e suas famílias, escritas na privacidade do seu quarto, tornando as correspondências (que enviavam aos maridos nas guerras, filhos em internatos, ou a parentes distantes), os diários e as autobiografias gêneros especificamente femininos, adequados ao caráter de intimidade que carregam em sua essência. Os diários, por exemplo, eram prática recorrente sobretudo entre as adolescentes, ação até mesmo incentivada pela Igreja, na intenção de utilizar tal relato como instrumento de direção de consciência e de controle social (PERROT, 2017a).

Vê-se na biografia de Olívia uma passagem que pode servir de exemplo para esse caso:

Frida [mãe de Olívia] conheceu uma prima na Alemanha e as duas, enquanto moças, trocaram muitas cartas, mantendo um diálogo que parecia não ter fim. Elas foram crescendo e assumindo compromissos. No decorrer dos anos, a correspondência foi rareando... até parar. Então veio a Primeira Guerra Mundial e logo depois a Segunda Grande Guerra. Quando tudo finalmente acabou, a correspondência entre as primas foi reativada de maneira comovente (GELBCKE, 2004, p. 16).

Por causa do caráter mais intimista que os relatos mais comuns no mundo feminino pleiteavam e da relação mais afetiva que a mulher trava com a memória, Zimmermann e Medeiros (2004) explicam que o que era produzido pelas mulheres, ou o que elas tinham a contar, não era interessante nem relevante aos olhos da sociedade – “Mãe enviou fotografias dos filhos”<sup>6</sup> (GELBCKE, 2004, p. 17); “Uma linda e comovente carta, lembrando da alegria quando garoto de cinco anos ao receber pacotes com mantimentos, chocolate e café”<sup>7</sup> (GELBCKE, 2004, p. 17). Suas produções tinham como essência a vida doméstica e familiar, tendo em vista que conheciam somente esse contexto, contrastando com o que a sociedade requeria, sobre vida pública, grandes feitos e acontecimentos fantásticos. Por viver experiências em sua grande maioria passadas nos espaços domésticos, muitos detalhes da paisagem e do cotidiano são contados como algo muito valioso, como de fato o são. Essas falas conservam aspectos relegados aos espaços pouco estudados ou “sombreados” – para utilizar a expressão de Hardman (1988). Considerar os discursos femininos como irrelevantes também faz parte de uma cantilena ainda em vigor e que arrasta consigo as demarcações dos espaços de poder.

Ao verificar as biografias mais costumeiras ao longo da historiografia do gênero textual, nota-se que é frequente a história do homem público e capaz de feitos significativos para dada sociedade. Esse é o caso da narrativa sobre a vida de Freitag. O biografado exerceu o cargo de vereador e prefeito da cidade de Joinville por duas vezes. Logo, uma biografia sua para o município e para a classe política é muito relevante. Trata-se da história do herói que passa por diversas adversidades até alcançar o sucesso.

Observa-se esse contraste bastante discrepante principalmente quando se fala de século XIX, época em que o conhecimento histórico passou a ser puramente objetivo e científico, e viu-se fortemente a racionalização dos saberes – o inverso do mundo conhecido pela maioria das mulheres. As mulheres, enquanto portadoras de uma memória das sensibilidades, dos sentimentos, dos detalhes tanto de ordem pública e privada, das pequenas coisas como fotos, objetos pessoais, são jogadas no calabouço do privado e trazidas para os discursos triunfantes masculinos como o avesso da ordem e do progresso, embora ainda assim tenham vontade de se manifestar em relação aos fatos que as circundam: “Sua última carta continha

---

<sup>6</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>7</sup> Fala literal de Olívia.

comentários muito curiosos sobre os fatos que estavam acontecendo após a queda do muro de Berlim<sup>8</sup> (GELBCKE, 2004, p. 17).

Também, ao longo da história às mulheres cabiam as atividades do lar e da família, desde que elas estivessem, no entanto, nas classes média e alta. Mulheres de uma classe social mais inferior eram de grande valia para a sobrevivência das famílias e ajudavam na provisão do lar, já que participavam ativamente do mercado de trabalho, em função da precariedade das condições sociais, que sempre foi uma constante na história da humanidade (ZIMMERMANN; MEDEIROS, 2004). Vemos essa situação claramente na narrativa sobre Olívia, que enfrentou períodos difíceis, juntamente com a sua família, por conta do desemprego do pai, gerente de um engenho de erva-mate que acabou ficando sem trabalho em razão da queda do mercado. Para suprir os problemas financeiros da família, a solução encontrada foi fabricar balas e bombons em casa, atividade da qual todos os membros da família participavam:

Como era bom... A gente ao redor da mesa, inclusive minhas irmãs mais velhas com os respectivos noivos, embrulhando balas e bombons feitos ao forno quente, às tachadas, com minha mãe de rostinho vermelho ao calor do fogo. Todos nós nos ocupando na embalagem das balas<sup>9</sup> (GELBCKE, 2004, p. 27).

Vemos a mesma situação ocorrer com a esposa de Freitag, mas nesse caso o objetivo era outro. Ao contrário de auxiliar nas finanças domésticas, como Olívia fazia, talvez por ocupar uma posição diferente desta, Lilli usava seu trabalho como passatempo:

A Freitag e Cia. Ltda. continuou trabalhando apenas com artigos para bebê com o nome Baby Shop Freitag que, sob a direção de Lilli, tem alcançado bons resultados. Atualmente ela se distrai bastante com a loja, que rende o suficiente para seus alfinetes (S. THIAGO, 2000, p. 77).

Todavia, vemos na mesma narrativa a ampliação dos espaços femininos reconhecida na geração familiar seguinte, reflexo possivelmente do progresso do pensamento social ou pela falta de filhos homens: “Como eu estava totalmente

---

<sup>8</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>9</sup> Fala literal de Olívia.

envolvido na política, tudo foi resolvido – e bem resolvido – por minha filha Lívia, minha sucessora na gestão dos negócios. Hoje ela administra outra empresa da família, a W. Freitag Empreendimentos Imobiliários Ltda.” (S. THIAGO, 2000, p. 77).

Conforme Zimmermann e Medeiros (2004), pela perspectiva histórica, as funções exclusivas da mulher são o lar e a maternidade, e nos relatos em que as mulheres sobressaem percebemos que ainda se mantém uma identidade fixa feminina em função da dominação masculina. Essa questão é bastante clara na biografia de Freitag, cujas esposa, principalmente, e filhas se reduziram na intenção de dar suporte a ele:

Sem filhos homens, minhas três filhas e minha mulher poderiam ter transformado nossa casa em um verdadeiro matriarcado. Mas sempre vivi no meio delas com muitas regalias, mais mandando do que sendo mandado. Todos os dias, depois do almoço, eu sentia necessidade de descansar, e aí de quem fizesse barulho! Eu tocava a campainha e elas já sabiam que era hora de ficarem quietas. Nesse aspecto fui um pouco autoritário. Além disso, Lilli me protegia muito, me apoiava, e ordenava que na minha hora de descanso as filhas fizessem silêncio. [...] Olhando para trás, contemplo a imagem dessas quatro mulheres que, de certa forma, se sacrificaram para que eu pudesse me realizar como empreendedor e político (S. THIAGO, 2000, p. 61).

Assim, tendo campos de atuação diferentes e práticas sociais distintas, mulheres e homens constroem memórias e, por que não, vidas de maneiras muito diferentes, edificando a seu próprio modo seu passado, seu discurso e sua imagem. Explica Perrot (1989 *apud* ZIMMERMANN; MEDEIROS, 2004, p. 37): “Os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória”.

Entende-se, por conseguinte, que o universo feminino é bastante diferente do universo masculino muito além apenas do que se refere a aspectos físicos e biológicos. Ambos são marcados por experiências históricas, valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciados em todas as esferas (RAGO, 1998), o que acaba transparecendo em seus relatos sobre o mundo que dividem, diferentemente, porém.

Por toda a criação diferenciada entre homem e mulher, é impossível o assunto feminino *versus* masculino não aparecer de alguma maneira nas narrativas, sejam elas escritas por homens, sejam escritas por mulheres. Enquanto o homem tem o

mundo aos seus pés e acesso ilimitado a ele, o mundo feminino sempre foi muito menor e mais restrito. Era permitido à mulher apenas o que o pai e, posteriormente, o marido acreditavam que era o melhor, levando-se em conta a opinião da sociedade. Quando muito a mulher podia se manifestar a respeito de temas sociais e morais.

Todavia, as mulheres ganham espaço singular na cidade por meio da caridade (PERROT, 2017b). É o que observamos em relação a Olívia, que participou ao longo de sua vida de várias organizações em prol daqueles que enfrentavam dificuldades sociais. Primeiramente, organizou a Associação Santa Zita das Empregadas Domésticas de Joinville: “O chamariz era que iríamos alfabetizá-las e lhes ensinar trabalhos manuais. Nosso objetivo maior, no entanto, era lhes dar ensinamentos morais, relacionamento e boas maneiras”<sup>10</sup> (GELBCKE, 2004, p. 58). O trabalho, conforme Olívia, era gratificante, mas funcionou até o seu casamento – mais uma prova da importância do casamento em sua vida: “Depois disso, ninguém levou a Associação Santa Zita adiante”<sup>11</sup> (GELBCKE, 2004, p. 58).

A associação foi bastante significativa, a ponto de as beneficiadas comparecerem à cerimônia de casamento de Olívia, que aconteceu na catedral da cidade. Um bom número de empregadas domésticas formou uma ala com flores no pátio da igreja enquanto ela passava vestida de noiva. Segundo a biografada, “foi a primeira frustração que causei à minha preconceituosa sogra, ao ver a homenagem prestada pelas empregadas, em sua maioria graciosas negras e mulatas”<sup>12</sup> (GELBCKE, 2004, p. 58). Nessa época imperavam os discursos sobre a germanidade e o *volk* alemão era classificado como unidade de raça ou de sangue a ser preservada na nova pátria (SEYFERTH, 2000). As pessoas que não eram de “origem” alemã eram discriminadas.

Posteriormente, Olívia participou da União Cívica Feminina, de 1964 a 1982, e em 1977 ajudou a fundar, juntamente com o marido e o Movimento Familiar Cristão (MFC), o Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef), cuja sede ficava na Rua Abdon Batista. Trata-se de uma entidade filantrópica sem fins lucrativos, com objetivos claros de orientar e estudar o comportamento das famílias. Por intermédio do atendimento individual, grupal e familiar, queria-se melhorar o relacionamento entre as pessoas, conforme Olívia (GELBCKE, 2004, p. 74):

---

<sup>10</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>11</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>12</sup> Fala literal de Olívia.

O Cenef cresceu e passou a contar com uma equipe de voluntários digna de louvor, como orientadoras, psicólogos, psicopedagogos, pedagogos, fonoaudiólogos, médicos e advogados. Com alegria e orgulho, vejo o Cenef atingir números meritorios de atendimentos, em seus vinte e quatro anos de atividades sociais<sup>13</sup>.

No mesmo ano, 1977, Olívia se juntou ao Fraterno Auxílio Cristão (FAC), entidade ligada à igreja que reunia mantimentos para serem distribuídos às famílias carentes. O trabalho era feito nos fundos do Colégio Santos Anjos. Olívia sentia-se “na obrigação de fazer o bem pelas classes mais necessitadas” (GELBCKE, 2004, p. 57).

Outro ponto detalhado na narrativa e de importância para a vida da biografada e para a história de Joinville foi ter sido instalado no município no ano de 1942 o curso de Samaritanas da Sociedade da Cruz Vermelha, associação cuja função era ajudar os combatentes feridos em guerra, haja vista a Segunda Guerra Mundial, que se deflagrava pelo mundo. Olívia, como “destemida e brava mulher” (GELBCKE, 2004, p. 7), não se fez de rogada e se juntou ao grupo para colaborar no que diz respeito aos cuidados médicos dos feridos nos confrontos oriundos da disputa: “Tudo a gente fazia com alegria... Tenho a impressão de que por volta de cinquenta mulheres, casadas ou não, aderiram ao chamado para serem samaritanas da Cruz Vermelha”<sup>14</sup> (GELBCKE, 2004, p. 41). As aulas do curso tinham como cenário o Hospital Municipal São José, mas eram vários os pontos de atendimento espalhados pela cidade, entre eles um situado na Creche Conde Modesto Leal, local em que Olívia estava afixada para prestar assistência. A instituição também recebia aulas teóricas de médicos recém-formados. Vemos, portanto, com esse episódio, a força e atuação da mulher em tempos de crise.

Para Cauquelin (2013), a paisagem externaliza uma cultura, e os valores que o pensar essa paisagem induz pertencem ao registro existencial, emotivo, da presença imanente. Assim como a paisagem tem o poder de afastar, delimitando certos espaços, também é capaz de aliar as diferenças, juntar os opostos, tornando sensível a unidade do mundo. É o que acontece com certos lugares cujo objetivo principal era mesclar os diferentes sexos, por exemplo, em prol sobretudo de ver e ser visto, almejando possivelmente um futuro relacionamento. Tem-se acerca disso o seguinte relato de Olívia: “Lembro-me de um baile no Clube Joinville. Eu não era muito de ir a

---

<sup>13</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>14</sup> Fala literal de Olívia.

festas, mas ela [a irmã Eládia] mandou-me um vestido pronto e eu acabei indo ao meu primeiro baile”<sup>15</sup> (GELBCKE, 2004, p. 31).

Já a respeito do baile oficial em comemoração ao centenário da cidade, a biografada explica que no evento todas usariam vestidos longos e caprichados. No mesmo dia ocorreu o falecimento de um dos tios de Olívia, mas sua mãe só contou o fato para ela e para as irmãs no dia seguinte, para não “atrapalhar a nossa animação de moças casadoiras”<sup>16</sup> (GELBCKE, 2004, p. 53), pois estavam ansiosas pelo baile que aconteceria naquela noite. Na biografia de Wittich Freitag também se encontram episódios semelhantes:

Aos sábados quase sempre havia baile. Na Lyra, na Liga das Sociedades ou no Ginástico. Aos domingos ainda íamos à domingueira do Ginástico. Ali conhecíamos as garotas, namorávamos e dançávamos, geralmente até às 19 horas, o que para nós era pouco. Só parávamos quando os músicos paravam (S. THIAGO, 2000, p. 43).

Já como um casal, Olívia conta que frequentava com Humberto pontos bastante conhecidos da cidade: “Íamos aos bailes na Liga de Sociedades e Clube Joinville, cinema no Colon, chopinho no antigo Sopp, especial no Polar, missas na Catedral, passeios pela Estrada da Ilha...”<sup>17</sup> (GELBCKE, 2004, p. 66).

Com base no que foi discutido aqui, verifica-se que espaços são instituídos, mesmo que inconscientemente, com base no contexto cultural. Veem-se limites e até onde um pode ir e o outro não, conforme a imposição desses limites e a definição dos lugares e das modalidades de passagem. De acordo com Claval (1999), apropriar-se de um espaço é marcá-lo, tomando posse desse espaço por meio da lógica simbólica. A exploração do espaço pelos grupos sociais acontece de tal forma que esse espaço passa a integrar um sistema de representações, tornando-se assim objeto de discurso e uma categoria social.

---

<sup>15</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>16</sup> Fala literal de Olívia.

<sup>17</sup> Fala literal de Olívia.

### 5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises aqui propostas, buscou-se entender determinadas nuances da sociedade que dão toques na dinâmica interna da cidade, bem como de sua configuração espacial, de modo a atender às necessidades dos indivíduos que ali residem e possibilitar o funcionamento daquele grupo social.

Constatou-se que a estrutura social da cidade de Joinville, cenário em que se passa a maior parte dos dois textos biografados selecionados para a discussão, reflete de certa forma o pensamento vigente da sociedade. As personagens das duas narrativas analisadas percorrem seus caminhos, andam pelas ruas e visitam lugares tradicionais do município. Os espaços sociais por onde circulam homens e mulheres, no entanto, conforme as biografias examinadas aqui, são diferentes. Esse aspecto constitui, então, um indicativo da disputa por território, a qual ocorre veladamente entre os membros de uma mesma sociedade. As lutas pelo poder remetem a disputas e desigualdades entre os gêneros, o que é retratado na paisagem cultural das cidades e também de certa maneira nas memórias que cada indivíduo guarda de sua vivência no mundo.

Trata-se de um contrato social implícito em que cada personagem, por conta do seu gênero, sabe seu papel e o lugar que melhor ocupa – papéis esses que levam em consideração aspectos culturais e o jogo dos comportamentos estereotipados.

Por fim, lembramos aqui que as palavras nem sempre são somente aquilo que declaram em alta voz. As imagens coladas pelos narradores fazem muitas vezes esquecer as travessas silenciosas da história das mulheres. A viagem ao passado contada pelas biografias precisa conjurar novas visões sobre a paisagem inscrita na história das mulheres e dos homens.

### 5.4 REFERÊNCIAS

AZARA, Michel Mingote Ferreira de. Paisagem sensível: a percepção do espaço urbano na obra de Samuel Rawet. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 27-40, 2015.

BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. *In*: CARDOSO, Isabel Lopes; TAVARES, André (Eds.). **Paisagem patrimônio**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 33-53.

CÂNDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARDOSO, Isabel Lopes. Paisagem e património: aproximações, pluridisciplinaridades. *In: \_\_\_\_\_*; TAVARES, André (Eds.). **Paisagem património**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 7-15.

CAUQUELIN, Anne. Paisagem e virtual, dois mundos separados. *In: CARDOSO, Isabel Lopes; TAVARES, André (Eds.). Paisagem património*. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 19-31.

CERTEAU, Michel de. Os fantasmas da cidade. *In: \_\_\_\_\_*; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 189-202.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator**, América do Norte, ano 1, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Orientar-se e reconhecer-se. Marcar, recortar, institucionalizar e apropriar-se do espaço. *In: \_\_\_\_\_*. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. Cap. 8.

COSTA, Erick Gontijo. Um nó de sangue na garganta: a experiência do poema em Herberto Helder. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 10-26, 2015.

GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!** Joinville: Letradágua, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. Cidades errantes: representações do trabalho urbano-industrial nordestino no século XIX. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS*, 12., 1988, São Paulo. **Anuário da ANPOCS...** São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 64-80.

MAYOL, Pierre. Morar. *In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 35-185.

PERROT, Michelle. A mulher popular rebelde. *In: \_\_\_\_\_*. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 4. ed. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 185-212.

\_\_\_\_\_. Escrever a história das mulheres. *In: \_\_\_\_\_*. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017a. p. 13-39.

\_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

PINSKY, Carla Bassanezi. Introdução. *In: PERROT, Michelle. Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-11.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, v. 11, p. 89-98, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

SACK, Robert David. **Territorialidade humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **A cidade como o centro da região**. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 143-176, 2000.

VERDRUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Maurício Ragagnin. As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 131-150, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/5240/3848>>. Acesso em: 24 set. 2017.

ZIMMERMANN, Tania; MEDEIROS, Márcia. Biografia e gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, v. 9, n. 1, p. 31-44, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/download/227/180>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

## 6 O BIÓGRAFO E OS SEGREDOS DA NARRATIVA BIOGRÁFICA: O ROTEIRO PARA AS MEMÓRIAS DE JOINVILLE<sup>1</sup>

### THE BIOGRAPHER AND THE SECRETS OF THE BIOGRAPHICAL NARRATIVE: THE SCRIPT TO JOINVILLE'S MEMORIES

### EL BIÓGRAFO Y LOS SECRETOS DE LA NARRATIVA BIOGRÁFICA: LA RUTA PARA LAS MEMORIAS DE JOINVILLE

#### Resumo:

Desde o século XVII, quando houve o chamado nascimento do autor, a questão da autoria textual passou a ter bastante relevância, seja quanto ao público, seja quanto ao mercado editorial, conforme Foucault (2009). Nesse sentido, o artigo traça um perfil sobre o elemento da autoria, explorando entrevistas semiestruturadas feitas com os autores de duas narrativas biográficas – *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), pelos conceitos de Arfuch (2010), Benjamin (1994), Lejeune (2014) e Sarlo (2007). Ademais, a abordagem tem como perspectiva a relação entre o processo de desenvolvimento do texto biográfico e questões peculiares concernentes ao gênero, refletindo acerca do modo de fazer a biografia. Ressalta-se, igualmente, o discurso dos entrevistados e o que diz a literatura específica, com base em Dosse (2015), Levi (2006) e Schmidt (2014). Além disso, o lugar de fala dos entrevistados também é averiguado aqui, na medida em que um deles é historiador, e o outro escritor profissional. Por fim, procura-se apontar, nesse caso, as diferenças e/ou as similaridades de percepção sobre o que narrar a respeito do/a biografado/a e como desenvolver essa narrativa.

**Palavras-chave:** literatura brasileira; biografia; autoria; Raquel S. Thiago; Wilson Gelbcke.

#### Abstract:

Since the 17th century, when there was the called author's birth, the question of textual authorship has have a lot of importance, in terms of the public, in terms of the editorial market, according to Foucault (2009). In this sense, the article delineates a profile about the authorship element, exploring semiestructural interviews with the authors of two biographical narratives: *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, by Wilson Gelbcke (2004), and *Eu, Wittich Freitag*, by Raquel S. Thiago (2000), through the light of the concepts by Arfuch (2010), Benjamin (1994), Lejeune (2014) and Sarlo (2007). Furthermore, the approach has as perspective the relationship between the process of the development of the biographical text and peculiar questions that concern the gender, thinking about the way we produce a biography. We highlight, likewise, the interviewees' speech and also what the specific literature says, based on Dosse (2015), Levi (2006) and Schmidt (2014). Besides, the

---

<sup>1</sup> O artigo segue as normas da revista interdisciplinar *INTERthesis*, para a qual foi submetido à publicação, com exceção das figuras, em 6 de dezembro de 2017. Até a data da impressão deste volume, não se obteve resposta quanto à submissão.

interviewees' speech place is analyzed here too, considering one of them is a historian and the other one a professional writer. Finally, we intend to show, in this case, the differences and/or similarities of perception on what narrate about the biography subject and how to develop the narrative.

**Keywords:** Brazilian literature; biography; authorship; Raquel S. Thiago; Wilson Gelbcke.

### **Resumen:**

Desde el siglo XVII, cuando hubo el llamado nacimiento del autor, la cuestión de autoría textual pasó a tener mucha relevancia, sea cuanto el público, sea cuanto el mercado editorial, según Foucault (2009). En ese sentido, el artículo traza un perfil sobre el elemento de la autoría, explorando entrevistas semiestructuradas hechas con los autores de dos narrativas biográficas – *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), y *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), por los conceptos de Arfuch (2010), Benjamin (1994), Lejeune (2014) y Sarlo (2007). Además, el enfoque tiene como perspectiva la relación entre el proceso de desenvolvimiento del texto biográfico y cuestiones peculiares relativas al género, reflexionando sobre el modo de hacer la biografía. Se resalta, igualmente, el discurso de los entrevistados y lo que define la literatura específica, con base en Dosse (2015), Levi (2006) y Schmidt (2014). Adicionalmente, el lugar de fala de los entrevistados también es averiguado aquí, en la medida en que uno de ellos es historiador, y el otro escritor profesional. Por fin, busca-se apuntar, en ese caso, las diferencias y/o las similitudes de percepción sobre que narrar en lo que se refiere al biografiado/a y como desenvolver esa narrativa.

**Palabras clave:** literatura brasileña; biografía; autoría; Raquel S. Thiago; Wilson Gelbcke.

## 6.1 INTRODUÇÃO

Na Antiguidade, os textos literários eram transmitidos pela oralidade. Logo, cada indivíduo os contava à sua maneira, e não era preocupação a questão da autoria, porém a situação mudou de figura com o passar do tempo, a partir do momento em que se percebeu que os discursos poderiam ser transgressores. Conforme Foucault (2009), isso fez com que os textos passassem a ser vistos como objetos de apropriação, sendo uma questão determinante ao texto e ao autor o regime de propriedade, pelo qual o autor eventualmente poderia ser punido caso o que tivesse escrito não fosse entendido como adequado.

Afinal, como bem diz Kothe (1997), a literatura dissemina valores, o que põe em xeque o seu compromisso com a verdade e a fidedignidade do que diz. Explica ele que no Brasil, por exemplo, a literatura escrita é privilégio de minorias, fazendo com que a tendência seja silenciar problemas das camadas inferiores da sociedade,

ou mesmo falar em seu nome a respeito delas, sem, no entanto, se presenciarem determinadas situações específicas.

Nos dias atuais, “os discursos ‘literários’ não podem ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto” (FOUCAULT, 2009, p. 276).

Igualmente reflete Lejeune (2014). Para ele, o autor, além de ser uma pessoa real, é produtor de discursos, cuja função é essencial numa sociedade letrada. A ele se atribui a responsabilidade de toda a enunciação textual, ao contar a história dele ou a de outro indivíduo, já que é em seu nome que se resume toda a existência do texto escrito.

Nesse sentido, tendo o autor importância fundamental no que se refere aos textos de sua criação, este artigo, que faz parte de uma investigação que trata dos valores e significados do gênero textual biografia e do confronto entre discursos literários, históricos e culturais, intenciona apresentar a voz do autor por trás das narrativas. São trazidos aqui trechos das entrevistas semiestruturadas feitas com os autores das obras *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!* e *Eu, Wittich Freitag*, cujas autorias são, respectivamente, de Wilson Gelbcke (2004) e Raquel S. Thiago (2000), que funcionaram como base da pesquisa.

Assim, suas falas são analisadas com o propósito de entender o processo de criação e de desenvolvimento das publicações, na tentativa de compreender o modo de fazer textos biográficos, comparando tal processo entre ambos os autores e também o que diz a literatura específica. Ainda, são observados o processo de pesquisa e escrita da narrativa e as diferenças e semelhanças entre o lugar de fala dos entrevistados, considerando que um deles é historiador por formação, e o outro, escritor profissional.

Cabe ressaltar, antes de mais nada, que a ideia de trabalhar com textos biográficos partiu do que afirma Arfuch (2010) quanto ao gênero textual biografia. Para ela, toda obra biográfica é, em certos aspectos, coletiva, na medida em que exprime conceitos da época, dos costumes, de uma classe, de grupos sociais, de gerações. Isto é, trata-se, sob determinado ângulo, de uma expressão de identidade coletiva. Conseqüentemente, as histórias de vida tornam-se significativas principalmente por conta do seu caráter coletivo, tanto pensando em formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais.

Sob essa ótica, trabalhar com biografias fornece um panorama maior sobre a sociedade que aparece naquele contexto sob à luz de certa personagem, além de reforçar, ou questionar, aspectos apontados pelos discursos que circulam nessa sociedade.

## 6.2 O VIVER SOB O OLHAR CRÍTICO: A IDEIA DO NARRADOR

Vista como uma potente representação de memórias, a biografia está presente no cenário literário desde a Antiguidade. Daquela época até os dias de hoje, ela tem função relevante na sociedade, atuando como uma ferramenta de perpetuação de modelos exemplares de bons cidadãos, além de ser uma forma de explicar as relações que o indivíduo estabelece com o contexto em que está inserido (DOSSE, 2015).

Além disso, o escritor – não apenas de biografias, mas de qualquer texto literário –, conforme Cândido (2006), exerce na sociedade papel primordial, pois quando ele escreve um texto deixa de ser indivíduo e passa a exprimir a sua originalidade e as ideias que tem em relação ao mundo que observa em conformidade com o seu próprio ponto de vista, correspondendo a certas expectativas dos leitores. Dessa forma, toda obra literária é dependente da posição social do escritor e da formação do público que vai ler aquela obra.

Sabendo-se da importância do gênero textual biográfico para a sociedade e tendo consciência do poder que o autor lança a si mesmo ao propor-se a escrita de uma narrativa, discute-se aqui o processo de criação e de desenvolvimento de duas obras por meio da voz dos próprios autores. Portanto, aqui são travados diálogos entre as vozes dos biógrafos dos textos selecionados para análise e de estudiosos da memória social e do gênero biográfico, procurando constituir um texto polifônico e pensando cada interlocutor de seu próprio lugar de fala.

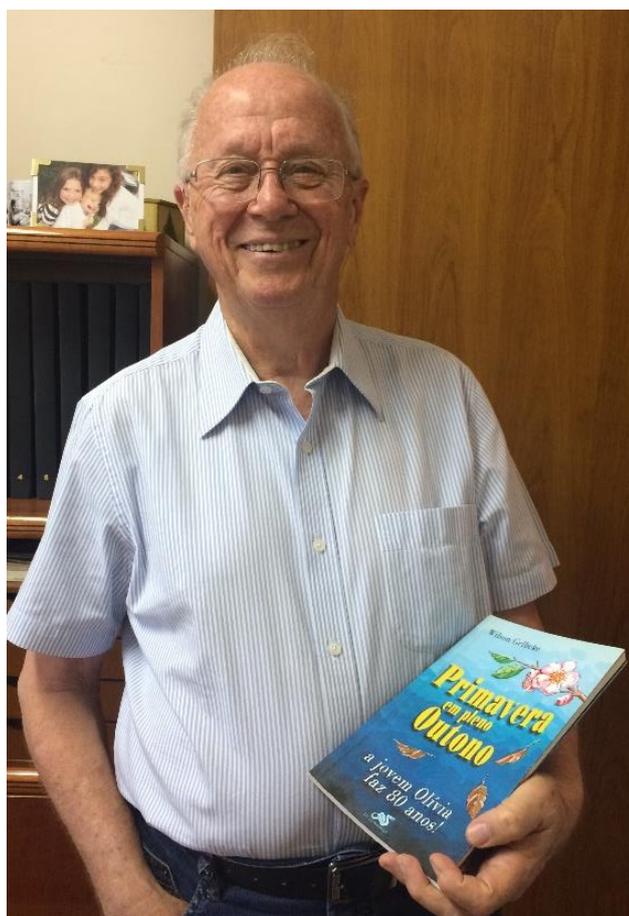
A ideia apresentada neste artigo de dar voz aos autores das publicações baseia-se nas reflexões do filósofo Walter Benjamin (1994) sobre a figura do narrador. Para ele, os vestígios da autoria estão bastante presentes de muitas maneiras diferentes nas narrativas e, tal qual o artesanato, que é marcado pela mão do artesão, é impossível não imprimir na narrativa a marca do narrador.

Sendo assim, escolheram-se duas obras biográficas que se passam majoritariamente no mesmo local, a cidade de Joinville (SC), e na mesma época, o

século XX, da década de 1920, quando se deu o nascimento dos protagonistas das narrativas, até os anos 2000, data de publicação das duas obras.

*Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, primeira publicação do gênero textual biografia do escritor Wilson Gelbcke (2004), discorre sobre a vida da professora e ex-funcionária da Receita Federal Olívia Maia Mazzolli<sup>2</sup> relatada por ela própria ao autor. Já o autor do material, Wilson Gelbcke (Figura 1), nasceu em São Paulo (SP) em 1933, mas mora em Joinville desde 1947. Aposentado, tornou-se escritor somente em 1997. É autor de obras juvenis, romances, poemas e biografias. Também é pintor e faz as ilustrações de seus livros. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

**Figura 1** – Wilson Gelbcke e sua biografia sobre Olívia Maia Mazzolli, *Primavera em pleno outono*, de 2004



Fonte: primária, 2017

---

<sup>2</sup> Olívia é natural de Joinville e, juntamente com o seu marido, atuou como voluntária em trabalhos sociais a fim de ajudar famílias em necessidade, por meio do Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef). Ela também atuou como professora do magistério e como auditora fiscal da Receita Federal.

Ao ser questionado sobre o motivo que o levou a escrever a biografia de Olívia, Gelbcke (2017) conta:

*Você trouxe aqui para mim esse livro biográfico aqui, Primavera em pleno outono, que é de uma grande amiga. [...] E quando ela estava para completar 80 anos, pela amizade que a gente tinha, ela veio e contou a história primeiro para a gente. [...] E mostrou muita coisa escrita, fotografias etc. [...] “Eu gostaria muito de saber se isso aqui fica bem eu falar no dia do meu aniversário.” [...] Eu li aquilo tudo, vi aquilo tudo. “Puxa vida, querida amiga, uma coisa que eu vou lhe dizer. É quase uma palestra que você quer fazer”. Mas, quando eu olhei, disse assim: “Você vai falar, você vai mostrar as fotografias. E o falar, o mostrar etc., isso com o tempo se esquece. Por que você não faz isso aqui...? O importante não é o falar, o mostrar; é o escrever. [...] E a gente então ali começou. Começamos a ter essa vontade, essa ideia de realmente escrever.*

Por meio dessa fala, constata-se a importância da escrita para a sociedade letrada, cujo registro escrito permanecerá ao longo do tempo, ou seja, não será esquecido, ao contrário do que é falado, por exemplo. Ao fazer tal afirmativa, Gelbcke (2017) concorda com Sarlo (2007), para quem a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência. Logo, para a teórica, há na dualidade testemunho/narração e experiência dependência mútua; isto é, eles não existem separadamente, nem um sem o outro.

Por sua vez, *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000), conta a história de vida do empresário e político Wittich Freitag<sup>3</sup>. Já Raquel S. Thiago, autora da obra, é natural de Joinville e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ela foi professora da Universidade da Região de Joinville (Univille), das disciplinas História de Santa Catarina e Formação Econômica do Brasil, e hoje está aposentada<sup>4</sup>. É membro da Academia Joinvilense de Letras e autora de livros, artigos científicos e matérias de jornal.

---

<sup>3</sup> Nascido em Blumenau (SC), Wittich foi um importante empreendedor para Joinville, pois na cidade construiu e consolidou a primeira fábrica de refrigeradores da Região Sul brasileira, a Consul, e criou posteriormente a Empresa Brasileira de Compressores S.A. (Embraco). Ainda, atuou como vereador, deputado estadual e por duas vezes foi prefeito, exercendo seu trabalho sempre de Joinville.

<sup>4</sup> Suas pesquisas envolvem história, história de Santa Catarina e história regional, principalmente nos seguintes temas: história, identidade, memória, colonização e imigração.

**Figura 2** – Raquel S. Thiago e sua biografia sobre Wittich Freitag, *Eu, Wittich Freitag*, de 2000



Fonte: primária, 2017

Assim como no caso anterior, a intenção de contar a história de Wittich Freitag partiu de quem viveu aquelas experiências, embora a autora da obra, diferentemente do caso da biografia de Olívia, tenha tido proximidade com o biografado apenas em termos profissionais; não existia amizade entre biografado e biógrafa. Explica a autora, Raquel S. Thiago (2017):

*Esse livro foi iniciado pela professora Dúnia [de Freitas] como uma biografia. E ela chegou a escrever bastante coisa como uma biografia. Depois ela ficou muito doente e não conseguiu terminar o livro. Aí ficou aquele impasse. E aí vieram para mim. Aí a minha posição é que eu escreveria outro livro. [...] A minha motivação foi estritamente profissional. Vieram me contratar. Como era uma pessoa que eu não tinha restrições e sabia que eu não tinha amizade, intimidade...*

No entanto, é interessante ressaltar que S. Thiago não considera o que escreveu uma biografia, e sim um livro de memórias. Fora isso, ela se coloca no papel de *ghost writer*<sup>5</sup> perante a obra:

*Eu considero que o que eu escrevi não foi uma biografia. Foi uma memória, porque na verdade tudo o que está dito nesse livro não fui eu quem falou. Inclusive esse livro, depois eu estava refletindo, deveria ter sido assinado pelo próprio Wittich Freitag. Porque eu fui a pessoa que fez a redação, a ghost writer, mas até porque tudo o que está ali está nas fitas (S. THIAGO, 2017).*

Ao fazer reflexões sobre a cultura pós-moderna e o comércio de autoria na escrita, aponta Accioly (2002) para o estímulo do uso da figura do *ghost writer* por conta do desenvolvimento do mercado de autobiografias, tido por ela como um dos gêneros da literatura de massa. O mercado da autobiografia está em grande crescimento, com números de venda maiores a cada ano, e, segundo ela, biografia de gente famosa vende, principalmente se escrita em primeira pessoa: “O leitor constituído pelo mercado cultural prefere, muitas vezes, um ‘eu’ fictício, um autor ‘fake’, a ser confrontado com uma multiplicidade que, apesar de real, provoca estranheza e ameaça derrubar mitos que lhes são caros” (ACCIOLY, 2002, p. 35). Logo, o *ghost writer* vem no intuito de consolidar a figura identitária do autor e da autoria como lugar de poder.

Por essa razão, como não teve liberdade de atuação no texto, de certa maneira já pronto, pois nada podia ser alterado, S. Thiago (2017) vê o seu trabalho como semelhante ao de um *ghost writer*, partindo do princípio de que escrever é uma habilidade específica. No caso de Wittich Freitag, ele tinha a história – experiências de sua vida. Coube a S. Thiago dar qualidade literária a ela: “*Eu acho que qualquer texto tem que ter um pouquinho de qualidade literária, para ficar agradável de ler, né. Senão fica muito maçante*” (S. THIAGO, 2017).

Igualmente, é em função disso que a autora não considera o seu texto uma biografia, e sim memórias, afinal o texto biográfico tem como pressuposto mostrar elementos contraditórios do contexto e as diversas representações de uma mesma personagem (LEVI, 2006), diferentemente do que acontece em memórias, que tem como princípio a escrita de si, tal qual uma autobiografia (LEJEUNE, 2014).

---

<sup>5</sup> Profissional terceirizado a quem parte do processo de confecção de um livro é transferido, sobretudo e geralmente a escrita do texto (ACCIOLY, 2002).

Constata-se, então, que o desejo de ter sua vida relatada em um livro partiu dos próprios biografados, por motivos distintos, porém, mas procurando alcançar o mesmo objetivo: registrar suas experiências nas páginas de uma obra, por considerar aquilo importante de ser dito e digno de fazer parte de algum modo da história da cidade, já que os dois tiveram certa influência no cenário joinvilense: Olívia no campo da caridade, por meio de ações sociais, enquanto Wittich Freitag se destacou nos segmentos político e econômico do município.

Conforme diz Sarlo (2007), a vontade individual de despir-se em palavras deriva do anseio de tornar-se sujeito. Ao comunicar suas experiências, o indivíduo molda um sentido para essas experiências, afirmando dessa maneira sua posição como sujeito numa sociedade em que sobressair é a cada dia que passa mais pujante. Os relatos da memória que o sujeito guarda para si funcionariam, de acordo com a teórica, como a “cura’ da alienação e da coisificação” humanas (SARLO, 2007, p. 39).

Interessante ressaltar, além disso, que a produção de ambos os livros foi paga pelos próprios biografados. Na ocasião do lançamento da sua biografia, Wittich Freitag já havia falecido, mas ele participou de todo o processo de desenvolvimento da obra, fornecendo entrevistas para a sua biógrafa (S. THIAGO, 2017). Já Olívia fez o livro com a intenção de reverter o dinheiro das vendas ao Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef), entidade filantrópica em prol de famílias carentes de Joinville fundada por ela e seu marido (GELBCKE, 2017).

O anseio de transformar suas experiências em algo mais durável fez com que Gelbcke construísse uma relação com o gênero biográfico ao longo de sua carreira literária:

*Quando sai o primeiro livro, alguém que lê o primeiro livro diz: “Puxa vida, eu gostaria também de ter a minha biografia”. E aí de repente mais um pede, mais um pede. Então essas coisas praticamente não param, elas continuam... [...] Eu aposentei em 1994, mas foi em 1997 que eu fui escrever o primeiro livro. Olha, de 1997 para agora são 20 anos. Então foi praticamente um livro por ano. É bastante (GELBCKE, 2017).*

Assim, a relação do escritor com textos biográficos passou a ser intensa: sete dos seus 17 livros atualmente publicados serem biografias. O autor contou que no início não pensava em escrever biografias; ele pretendia ser um romancista, no entanto suas experimentações biográficas fizeram com que outras pessoas o convidassem para escrever suas biografias (GEBLCKE, 2017). Como ele mesmo diz:

*Quando eu faço um livro, você sempre deve dar um bom exemplo de alguém ler [...]. O que que se pode dizer que tem de importante o livro? Mostrar que em Joinville tem personagens que fazem, que praticam o bem, que fazem as coisas para o bem da cidade. E não só para o bem da cidade, o bem da cultura, dar bons exemplos. Bom exemplo também eu acho que é isso (GELBCKE, 2017).*

Já S. Thiago tem outra perspectiva acerca do assunto:

*Fazer uma biografia de uma pessoa viva é muito perigoso. Imagine uma figura como o seu Wittich Freitag... Eu dar a minha opinião, eu falar sobre ele. Então, eu não tenho liberdade para falar mal, não tenho liberdade para falar bem. Iria ser um relatório. Então eu penso que na escrita tudo ficaria muito prejudicado. A própria autenticidade da obra. É uma questão de honestidade mesmo. Agora, se fosse lá do Ottokar Doerffel, lá de trás, que a história já tem um período... É outra coisa. É outra realidade, outro panorama (S. THIAGO, 2017).*

A autora posiciona-se com cautela perante um projeto biográfico, pela pouca liberdade que lhe é disponibilizada para lidar com o assunto, já que, segundo suas palavras, fica complicado assumir opiniões, sejam elas favoráveis, sejam contrárias, sobre o biografado na presença dele.

Esse foi o motivo para preferir escrever a sua obra em primeira pessoa, e não em terceira, como normalmente acontece nos textos biográficos, dando-lhe mais aparência de autobiografia: *“Ele [Wittich Freitag] queria escrever as memórias dele, então ele queria contar a vida dele. Eu parti do princípio de que, se ele queria contar a vida dele, deveria ser em primeira pessoa. E a família achou ótimo. E o livro acho que ficou bom dessa forma” (S. THIAGO, 2017).*

A respeito do modo de desenvolver a narrativa, em primeira pessoa, como no caso da biografia de Freitag, ou em terceira pessoa, como na biografia de Olívia, embora o texto intercale várias falas da própria biografada, em primeira pessoa, portanto, Lejeune (2014) elabora a ideia de que, quando a biografia é escrita em primeira pessoa, exclui-se a possibilidade de desconfiança, de forma tal que o objetivo do texto biográfico é atestar a veracidade do que se diz. Ou seja, a narrativa é historicamente fala e da ordem da mentira, constituindo o que em teoria ele chama de “pacto autobiográfico”, o qual aparece disperso e repetido ao longo do texto. Conforme essa ideia, no livro sobre Freitag, o pacto autobiográfico está presente desde o título da publicação – *Eu, Wittich Freitag* –, é desenvolvido no preâmbulo e confirmado na extensão do texto, com o emprego do pronome pessoal *eu*.

Toma esse mesmo partido Sarlo (2007), ao dizer que a autenticidade de uma experiência posta em relato é falha, tendo em vista que o sujeito que conta suas histórias veste uma máscara, ou se esconde atrás de uma assinatura: “Tudo o que uma ‘autobiografia’ consegue mostrar é a estrutura especular em que alguém, que se diz chamar de eu, toma-se como objeto. Isso quer dizer que esse eu textual põe em cena um eu ausente, e cobre seu rosto com essa máscara” (SARLO, 2007, p. 31).

Por essa razão, Gelbcke está adiando um projeto que já está mais ou menos pronto, uma autobiografia:

*Eu contei a minha história desde 1931, 32, 31 era meu pai, 32, 33 eu nasci. Tem toda a minha história. Está tudo aqui uma história. Mas aí eu me pergunto: “Tu vai escrever isso? A tua história?”. Aí o que que vem? Geralmente quando você faz a própria história, aí tem sempre um lado que olha isso positivamente, e tem o lado: “Está querendo se mostrar? Está querendo... O que que é isso?” (GELBCKE, 2017).*

Nessa esteira está Arfuch (2010), que afiança que o relato de uma vida consiste em nada menos do que uma “*fábula* da (própria) vida” (ARFUCH, 2010, p. 71, grifo do original), narrada uma vez ou outra, constituindo-se, pois, no objeto da biografia. Sobre esse aspecto, S. Thiago (2017) comenta acerca do lançamento do seu livro, em 2004:

*Na época o PT [Partido dos Trabalhadores, de oposição a Wittich Freitag, pertencente a outro partido], que odiava o seu Freitag. Até ele é meu amigo, do PT. Veio um e disse assim: “É, a Raquel humanizou o seu Freitag”, porque eles diziam que ele era nazista, que ele era isso. Ele tinha uma cara assim... Pode ver que no livro ele está com aquela cara fechada, mas ele não era nada disso. Ele era uma pessoa... Ele tinha uma certa afetividade, mas que não aparentava. Então disse que eu humanizei. Aí eu digo: “Olha, vão lá ver nas entrevistas o que ele falou”. Até procurei assim não fazer uma coisa melada, porque não é a cara dele, mas era um pai de família, um marido.*

Por esse ângulo, ao traçar o retrospecto do gênero textual biografia, verifica-se que ao longo dos séculos esse tipo de texto teve como função primeira a identificação de modelos de indivíduos com comportamento exemplar, a fim de que o leitor se espelhasse naquela personagem e incorporasse em si as qualidades que ela tinha (DOSSE, 2015).

A ideia de que biografias precisam ser de pessoas importantes e de destaque na sociedade parece estar ainda bastante presente entre os autores entrevistados, herança histórica mesmo hoje presente na mentalidade social:

*Uma vontade realmente de fazer com que o livro fosse um exemplo do que é... Por que não seguir um caminho como esse, um caminho como esse? Então, dando uma demonstração, e eu não... Não é apenas esse livro. Isso para mim tem sido sempre uma preocupação, uma vontade até de escrever uma coisa sobre isso, sabe? [...] Quando eu faço um livro, você sempre deve dar um bom exemplo de alguém ler e dizer: "Puxa vida! Por que eu estou reclamando disso se aqui há um belo [exemplo] que deu certo, do que é o correto?" (GELBCKE, 2017).*

Para Gelbcke (2017), ao escrever uma biografia é necessário pensar no exemplo que o biografado vai deixar ao leitor:

*Então esses autores que fizeram biografias, eles fazem desses biografados pessoas que podem ser sempre lembrados e exemplos que devem ser seguidos, porque é raro uma biografia de um exemplo a não seguir, é um pouco raro. A não ser que um cara faça uma biografia com o estilo justamente de machucar. De repente, teve um cara que fez só de mal, prejudicou a cidade... E não foi ele que pediu, mas alguém fez o livro dele dizendo: "Olha o mal exemplo, e isso é aquilo". E não deixa de ser uma biografia também.*

Vê-se então que a biografia, ou os gêneros textuais semelhantes a ela, embora calcada no terreno da não ficção, está sempre flertando com a ficção, num jogo de verdade ou mentira, ou de verossimilhança. Por esse motivo, o texto biográfico pode ser objeto de estudo tanto da literatura quanto do campo historiográfico. Essa estratégia funciona como uma maneira de enaltecer o indivíduo biografado, ou de ao menos não o criticar. Afinal de contas, parte-se do princípio de que, se o sujeito está sendo biografado, ele merece aquela honra de alguma forma. Ou seja, é de seu merecimento ter suas memórias registradas em livro e permanecer na sociedade além da própria vida. Nesse sentido, Dosse (2015) afirma que o ostracismo é um desfecho pior do que a morte.

### 6.3 PORTAS ADENTRO: O BIÓGRAFO EM PRIMEIRO PLANO

As reflexões deste artigo vão ao encontro do que pensou Arfuch (2010) ao desenvolver *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Nesse trabalho, a teórica afirma que sua preocupação ao discutir o gênero biográfico e todos

os demais que seguem essa mesma linha não é tanto em relação ao “conteúdo” do relato em si ou a verdade do ocorrido; são as estratégias que de fato importam: “Sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto de olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*” (ARFUCH, 2010, p. 73, grifo do original).

Assim, o ponto primordial deste artigo é discutir as estratégias lançadas no texto pelo escritor ao discorrer sobre a vida do seu biografado. Quais episódios foram escolhidos para fazer parte da narrativa? Por que esses episódios especificamente, e não outros? A experiência autoral teve alguma influência em como a história seria contada? Qual foi a intenção de ser escolhido determinado foco narrativo? O cenário em que se passa a história foi pensado de que maneira?

Sob esses aspectos, verifica-se que o autor, por meio do seu livro, oferece uma infinidade de possibilidades de interpretação ao leitor, possibilidades essas fundamentadas na estrutura do texto e no jogo das relações internas que apresenta e que, portanto, devem ser coerentes com o que está exposto naquelas páginas. Logo, com base nessas estratégias lançadas pelo autor em sua narrativa o leitor reconstruirá o contexto do que lê a fim de ser capaz de compreender a obra (JOUVE, 2002).

Afinal de contas, será o nome do autor a estampar a capa da publicação e será ele o responsável pelo conteúdo da obra. É nessa ideia que pensa Gelbcke (2017) ao escrever um livro: “*Eu, já que eu sou o autor, o meu nome que vai estar aqui, eu tenho que olhar não só a história que eu vou contar, mas por que foi contada dessa forma. E quem vai ler, pelo menos na minha cabeça tem isso. Que eles leiam e que deem os aplausos*”. Vê-se, então, que o objetivo final de toda publicação é a satisfação do leitor. Sem leitor, livro nenhum faz sentido.

Deve-se ter em mente, porém, que a relação que o autor propõe ao leitor é sempre assimétrica, afinal autor e leitor estão afastados um do outro no tempo e no espaço. Embora esteja afastada do seu autor, afirma Foucault (2009) que a escrita consiste na “abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer” (FOUCAULT, 2009, p. 268), afinal o autor caracteriza de certo modo o discurso e, por isso, tem por função fazer circular certos discursos na sociedade. Pensa-se por esse viés o poder que tem o autor ao publicar uma obra.

Concorda com o filósofo Benjamin (1994), ao dizer que o narrador não está de fato presente na atualidade da leitura, no entanto retira da sua própria experiência o

que ele conta. Isso faz com que a narrativa conserve suas forças e seja capaz de desenvolver-se mesmo após longo período de tempo.

Ao refletir sobre essas questões especificamente no tocante ao gênero textual biografia, Levi (2006) propõe dois focos diferentes quanto à narrativa. Ela pode enfocar tanto a vida de uma personagem abstraindo-se do fato histórico quanto o contrário, ou seja, enfatizar o fato histórico abstraindo-se do destino individual. Independentemente do foco, entretanto, o autor deve atentar-se ao contexto, à superfície social em que age o indivíduo, já que este atua em conformidade com as relações que determinado contexto oportuniza.

Então, um dos questionamentos feitos na entrevista realizada com os autores Gelbcke e S. Thiago se deu sobre o processo de construção da narrativa. Acerca do tema, S. Thiago (2017) explica:

*O livro foi a partir de entrevistas com o próprio Wittich Freitag. Depois eu fiz muitas entrevistas com funcionários, pessoas que conviveram com ele da política, da empresa, da sociedade. Até ali atrás [do livro] tem o que eles disseram. Então na verdade esse livro ele [Wittich Freitag] conta, não sou eu. [Conta] um pouco da história empresarial e da história política.*

Além das entrevistas, a autora também diz que conversou com alguns familiares de Freitag e usou jornais e revistas para confirmar se os acontecimentos relatados nas fitas de gravação de fato aconteceram no período apontado, indicando a importância de se ter um contexto coerente como pano de fundo para a narrativa: “A grande fonte minha é o depoimento. Essa é minha fonte principal. Aí eu vou checar nos jornais, vou ver se o tempo que ele está se referindo ele não se enganou. Também tem isso tudo. Tudo tem que ser checado, a questão factual” (S. THIAGO, 2017), embora ela tenha ressaltado na entrevista que escreveu a publicação como uma escritora, e não como uma historiadora: “É um livro escrito por uma escritora formada em História, pesquisadora e historiadora” (S. THIAGO, 2017).

Quando se trata do gênero textual biografia ou mesmo autobiografia, para Lejeune (2014), ao contrário de todas as formas de narrativa ficcional, compõem-se textos referenciais. Ou seja, eles baseiam-se no mesmo princípio do discurso científico ou histórico, propondo informações a respeito de certa realidade externa cujos fatos são prova de verificação. Logo, esse tipo de texto não busca a simples verossimilhança, como o romance, por exemplo, mas a semelhança com o verdadeiro. “Não o ‘efeito de real’, mas a imagem do real” (LEJEUNE, 2014, p. 43).

Por sua vez, Gelbcke (2017) restringiu a base da sua narrativa às entrevistas com a própria biografada, salientando, porém, que é o autor, ou seja, ele mesmo, quem deu o formato à história contada:

*Uma biografia é uma coisa diferente de escrever um livro sobre romance, sobre poema, sobre tudo isso. A biografia é sobre um assunto. Ou é sobre uma empresa, ou sobre um personagem, sobre alguém. Então você conversa. E nesse momento não é você, você conta a história que lhe é narrada. A vantagem de contar essa história é que você saber... Porque alguém tem uma bela história, mas não sabe como contar essa bela história. O que eu devo fazer? E assim vai (GELBCKE, 2017).*

Nesse sentido, sobre a seleção dos episódios que integram a narrativa, Gelbcke (2017) relata que a experiência autoral faz diferença nesse momento:

*Quando se faz uma biografia [...], é sempre importante você mostrar o início, o meio e o fim. Como é que aconteceu. [...] Não precisa falar quando nasceu, quando era criança, isso, não. De repente a biografia é sobre um personagem que, ele é... Uma função dele... É um médico, e ele faz isso e quer mostrar o que ele já fez. Aí já é diferente. Mas no caso dela aqui [de Olívia], sendo a primeira biografia que eu fiz, eu me encantei com tudo isso e trabalhamos juntos. [...] Então a biografia é o autor que escreve com o biografado. Cabe ao biografado contar o máximo que pode, mas, ao contar, ele tem a história dele e deixou de lado alguma coisa que ele nem tá lembrando, mas você pergunta: “Por que aquilo aconteceu?”. Puxa, tem mais aquilo. Com isso, você vai desenvolvendo (GELBCKE, 2017).*

Vê-se, portanto, que Gelbcke investiga mais a vida pessoal de Olívia, e não discorre tanto sobre a sua vida profissional:

*Porque no livro eu busquei também certas coisas que ela escrevia. A parte profissional também tem. [...] Se eu for colocar tudo o que ela tem aqui, o livro ficaria bem mais grosso. Então a gente vai selecionando aquilo que você olha [...]. No caso dela, tratando-se da amizade que a gente tem e tratando-se de quem são os companheiros com que a gente sempre esteve junto, era muito mais lógico ao escrever ter um livro que está assim. Então até na hora em que a gente escreveu esse livro, era para não esquecer essa pessoa, aquilo que era. Não vem ao caso ela, por exemplo, ela durante anos e anos foi do imposto de renda e cuidar do profissional, e tal e coisa. Mas isso a gente deixou de lado. Isso aqui, por quê? Porque, meu Deus, aquilo que a gente gostava dela era aquele momento que ela tem de sempre ajudar. [...] Ela sempre foi muito de colaborar, de ajudar as pessoas, sabe? Isso sempre esteve dentro dela. Ainda hoje. Ainda hoje ela ainda tem muito disso. [...] A ideia do livro era isso. Mostrar que ela já tem 80 anos (GELBCKE, 2017).*

Faz o contrário S. Thiago (2017). A autora menciona detalhes a respeito da vida pessoal de Wittich Freitag apenas para familiarizar o leitor em relação à personagem. Ela dá apenas pinceladas em questões mais íntimas, utilizando esse recurso como uma maneira de começar o relato, de introduzir o leitor naquele mundo:

*Porque ele se destacou como um cidadão que não nasceu em Joinville, mas veio muito jovem para cá. Tornou-se um empresário, um empresário também de uma geração muito importante [...]. E pelo fato de ele também criar fábricas de geladeiras, o que era muito difícil no Brasil, né. E, também, por ele ser um empresário que atuou após a Segunda Guerra Mundial e durante, o que tem muito a ver, o que está ali no livro. É um dos cenários. [...] E outra por ele ter sido político também, foi uma pessoa importante, foi um líder, assim. [...] Então, quer dizer, o que marcou a estrutura foi muito óbvio. Deu aquela vida particular dele ali, até para mostrar a formação dele, para ver o caminho, a contextualização nas mãos, para produzir esse trabalho (S. THIAGO, 2017).*

S. Thiago, no entanto, expressa que desejava poder ter ido mais adiante em algumas questões: “[Ter ido mais a fundo] com outras coisas, abordando mais como ele via a questão econômica, política. Então eu tive que puxar um pouco da história, colocar como pano de fundo, para dar um contexto, que era um contexto que ele [Wittich Freitag] não negava” (S. THIAGO, 2017). Portanto, a escritora concorda que um dos pontos principais da biografia é o contexto sociopolítico, econômico e cultural em que o biografado está envolvido, já que seus acontecimentos só ocorrem por conta do contexto em que o indivíduo biografado se insere:

*Não vou dizer que era uma preocupação, porque não era uma coisa que estava assim evidente. Mas é a coisa natural. Porque a paisagem, o contexto, o ambiente, tudo o que se dá está dentro de uma paisagem, um contexto e de um ambiente. Precisa de um ambiente. Então isso é automático. [...] Tanto é que eu nem pensei nisso de mostrar Joinville. É mostrar o contexto em que ele estava [...]. Eu estou relatando fatos dentro de uma cidade (S. THIAGO, 2017).*

Já Gelbcke tem uma visão menos incisiva sobre o assunto:

*Eu acho que toda, não só o livro, não só esse aqui, mas eu acho que todo livro biográfico, se é de uma pessoa de Joinville ou uma empresa de Joinville, você precisa falar sobre a cidade, você precisa dizer o que que isso traz de bem realmente para a cidade (GELBCKE, 2017).*

Uma das hipóteses para as diferentes percepções dos autores quanto aos biografados é o fato de S. Thiago ter formação em História, o que acarreta em certa preocupação, mesmo inconsciente, de explicar historicamente os percursos de seus biografados, o que é o ponto principal, como afirma Schmidt (2014), de uma biografia escrita por um historiador. Diferentemente de jornalistas e escritores em geral, cujo foco permanece na vida pessoal da personagem, os historiadores trabalham a biografia como um suporte para o esclarecimento de fatos históricos, a ponto de S. Thiago (2017) assegurar: “[O livro conta] *um pouco da história empresarial e da história política. E eu acho muito interessante porque na questão da política ali existem dados que não existem em lugar nenhum. É a história que ele contou*”. Assim, constata-se que o texto biográfico pode ser utilizado também como fonte primária de investigação, embora ainda se veja esse cenário especificamente com cautela, sobretudo por parte de historiadores mais conservadores.

Afinal, como afirma Sarlo (2007), narrar uma história faz com que o narrador inscreva a experiência contada em certa temporalidade, que pode ser ou não ser a sua, mas que não é a do acontecer; trata-se apenas da temporalidade de sua lembrança. No entanto, ao se construir essa narração, uma nova temporalidade é fundada e ela e, a cada nova repetição, tende a se atualizar.

Outra hipótese para essa diferença pode ser o gênero das personagens. Pensando a literatura como um dos retratos que descrevem a sociedade, ela não poderia deixar de lado a questão homem *versus* mulher, numa sociedade marcada pelo protagonismo masculino na grande maioria dos quadros sociais. O homem predomina na conjuntura das biografias, ganhando destaque na obra, e a mulher é em geral vista como o suporte para que ele alcance a posição almejada. Cândido (2006, p. 38, grifo do autor) afiança que isso acontece porque “a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada”.

Esse panorama foi encontrado na análise do discurso das biografias analisadas, apresentada em momento anterior, e vê-se que a ideia da distinção de gêneros está presente também na fala dos entrevistados. Acreditam eles que, por os biografados serem de gêneros diferentes, suas narrativas devem ter focos distintos. Explica S. Thiago (2017):

*Eu nunca escrevi a vida de uma mulher. Acho que a mulher é mais complexa. Deve ser mais complicado. [É] A impressão que dá, mas também depende porque eu aí não me foquei na vida particular dele [de Wittich Freitag], foi mais a vida de cidadão, como empresário e como político. Apenas um capítulo ali para dar a questão de família, mas não entrei. Por exemplo, a vida de uma mulher. Vem uma pessoa aqui para contar a vida, os dramas, os amores, os desamores, os filhos. É outra coisa.*

Com base nesse trecho da entrevista, é possível perceber que a autora pactua com a crença de que a mulher tem mais aspectos a se retratar em uma obra biográfica do que o homem e que, se é uma vida feminina a ser contada numa biografia, se faz imprescindível abordar assuntos de caráter mais íntimo e particular, como dramas e amores, além da questão dos filhos, associando a mulher à maternidade e suscitando a ideia de que a função social da mulher é a reprodução, a geração de filhos para a formação de uma família. Quando o homem é o protagonista da obra, tem-se essa perspectiva de maneira oposta. O que importa é sua vida como cidadão e profissional, promovendo, por conseguinte, a sua figura de provedor da família.

Gelbcke (2017) conta que não teve dificuldade em narrar a vida de uma pessoa de um gênero diferente do seu por causa da amizade que biografada e biógrafo têm há muitos anos, fazendo com que ele a conhecesse na intimidade – lançando aqui mais uma vez a ideia de que, por ser mulher, é preciso tratar de assuntos de natureza mais privada em sua biografia:

*Se essa pessoa, eu não tivesse uma relação com ela, não fosse bem relacionado, e apenas eu seria o autor de um livro, e essa pessoa... Eu fui escolhido porque essa pessoa soube que eu era escritor. [...] Porque, antes disso tudo, você precisa conhecer a pessoa, você precisa entender como ela lida com as coisas, como ela imagina as coisas etc. Nesse caso, foi um caso diferente. Muito antes de a gente resolver fazer a história, nós já conhecíamos boa parte da história, porque nós já convivíamos juntos, e nós tínhamos uma admiração muito grande, como temos ainda hoje (GELBCKE, 2017).*

Por diversas vezes na sua entrevista, Gelbcke (2017) salienta a admiração que sente por Olívia, sua biografada. Embora a ideia da biografia tenha partido dela, o autor sente-se honrado de poder dar forma a sua história e dividir com ela a assinatura da obra.

A identificação entre autor e personagem é ressaltada por vários autores que discutem os inúmeros gêneros textuais que se assemelham à biografia. Lejeune (2014), por exemplo, assegura que a (auto)biografia só é possível quando existe

relação de identidade entre autor, narrador e personagem. Em alguns casos, essa identificação é tão explícita que chega até a parecer que ambos – biografado e biógrafo – se fundem num mesmo ser: a personagem protagonista da narrativa. Foi o que aconteceu em relação à biografia de Wittich Freitag, conforme S. Thiago (2017):

*Era a vida dele. Eu sempre escrevi como se... Eu incorporava ele. Tanto é que a filha disse assim: "Meu Deus, Raquel, como é que você conseguiu isso? Porque parece que é papai que está falando". Então eu incorporava mesmo, porque ele já estava morto [Wittich faleceu no fim do processo de escrita da publicação]. Aí as pessoas amigas, as pessoas mais velhas alemãs, logo que foram comprar o livro: "Meu Deus, como você pôde? É o seu Freitag falando". Eu digo: "Pois é! Eu incorporei ele".*

Com isso, observa-se que o texto biográfico é uma reunião de memórias, sejam elas individuais, sejam coletivas, das mais diversas ordens, negociadas, processadas e inseridas em uma temporalidade que já não é a mesma do momento da escrita. Ou seja, trata-se de uma maneira de reconstituir fatos do passado dando a eles referências atuais, podendo essas referências partirem do autor da publicação, do narrador da história ou do próprio indivíduo biografado.

#### 6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a escrita biográfica, busca-se por meio de memórias consolidar a importância de uma figura específica e que de alguma maneira se destacou na sociedade. Como foi visto neste artigo, uma grande fonte de pesquisa é o próprio indivíduo a ser biografado, ou seus familiares e aqueles que com ele conviveram. Esses depoimentos atuam como fonte primária para a biografia, ou os gêneros textuais a ela relacionados. É preciso ter em vista, porém, que a neutralidade pode ficar comprometida nesse quesito, considerando que o biografado é descrito apenas por ângulos singulares.

Numa biografia, temos três entidades diferentes atuando de forma conjunta – autor, narrador e biografado –, e são essas três figuras que decidirão a configuração da obra, os aspectos que ela abordará e os assuntos de que tratará. Um mesmo protagonista pode ter sua vida contada diferentemente diversas vezes; tudo vai ficar a cargo e depender de como o narrador vai manejar esse contar e do enfoque que acredita ser o mais adequado.

Todavia, ao examinar a trajetória dos textos biográficos ao longo dos séculos, constata-se que o princípio biográfico é sempre o mesmo: enaltecer o biografado. A biografia surge na sociedade como uma homenagem, o que não significa apagar feitos negativos, porém. Logo, a biografia é o resultado do diálogo entre autor, narrador e biografado, procurando a perspectiva que melhor lhes convém.

Além disso, verifica-se que ao ser elaborada uma biografia, à personagem a ser biografada passa a ser atribuída uma nova identidade, fruto de mecanismos e estratégias de que o narrador lançou mão em seu texto.

Nesse sentido, pode-se compreender que a biografia consiste às vezes na criação de mitos regionais. Por outro lado, raramente é uma história dos socialmente mal ajustados. Isso não quer dizer, no entanto, que o narrador, ao privilegiar principalmente os fatos considerados belos e sublimes, deixe de enveredar pelas ideias, costumes e conflitos sociais de uma época. Ao definir os sujeitos históricos considerados nobres e privilegiar certa forma de narrar, o biógrafo acaba por elucidar ângulos estratégicos na construção de uma história marcada pelos níveis de tensão entre os espaços femininos e os espaços masculinos. Igualmente, ao matizar os tons que exprimem a história vivida por mulheres e homens, a relação entre biógrafo e biografada, e vice-versa, parece definidora da naturalização das diferenças no narrar como algo que tinha de ser. Ou melhor, o direito dado aos homens de contar as suas próprias memórias com mais livre-arbítrio e mediações interpenetram o contar das memórias das mulheres.

## 6.5 REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Maria Inês. Comércio de autoria: um sintoma da cultura pós-moderna. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 27-40, 2002.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In*: \_\_\_\_\_. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. (Ditos e Escritos, III).

GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono**: a jovem Olívia faz 80 anos! Joinville: Letradágua, 2004.

\_\_\_\_\_. **Wilson Gelbcke**: entrevista [21 nov. 2017]. Joinville. Entrevista concedida a Marília Garcia Boldorini. Joinville, 2017.

JOUVE, Vincent. O que é a leitura? *In*: \_\_\_\_\_. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 17-33.

KOTHE, Flávio. Cãnone e valor. *In*: \_\_\_\_\_. **O cãnone colonial**. Brasília: Editora UnB, 1997. p. 103-140.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

S. THIAGO, Eneida Raquel. **Eneida Raquel S. Thiago**: entrevista [22 nov. 2017]. Joinville. Entrevista concedida a Marília Garcia Boldorini. Joinville, 2017.

S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. *In*: \_\_\_\_\_. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho, procurou-se traçar um perfil de textos biográficos regionais ponderando sobre dois pontos principais: os valores e significados que o gênero textual biografia dissemina aos leitores nas páginas de suas publicações; e o seu comportamento em relação aos demais discursos circulantes na sociedade.

Nesse sentido, consideraram-se a biografia e, por conseguinte, todos os demais gêneros que integram o quadro da literatura um dos vários discursos que influenciam no pensamento social e, por sua vez, em tudo o que é construído com base em e em decorrência dele. Assim como o discurso histórico e o discurso patrimonial, tomou-se a premissa de que o discurso literário teria sua parcela de interferência na construção das memórias, das narrativas e das paisagens culturais da cidade de Joinville, escolhida como o centro da investigação.

Como é um gênero que abarca inúmeros aspectos subjetivos e objetivos tanto do indivíduo como da sociedade, além de abranger diversas temporalidades, o texto biográfico permite discussões e debates das mais variadas ordens, podendo funcionar como modelo, referência e panorama de grupos sociais, de espaços e de épocas. Por conta dessa característica, mediante a biografia é possível pensar a relação da escrita seja em termos literários, seja em termos históricos, por seu texto ser fundamentado na reconstrução de experiências que ocorreram em temporalidades anteriores e em adaptações às perspectivas de mundo contemporâneas.

Ademais, a biografia nada mais é do que, *a priori*, uma escusa para retratar a sociedade e o panorama histórico, político, social e cultural de determinada época, na medida em que o indivíduo só pode ser explicado, bem como suas atitudes e comportamento perante o mundo, haja vista o contexto que o envolve. Concilia-se, então, uma pluralidade de campos que têm por fachada o biografado assumindo papel central nessa composição literária.

Com isso em mente, toda obra literária – e sobretudo a biografia, por ser baseada em fatos verossímeis – carrega em seu cerne representações do real no que se refere ao mundo exterior. Assim, é importante que o leitor tenha consciência de que as manifestações literárias e artísticas como um todo, seja ela de qual tipo for, e não importa que autoria tenha, consistem em uma maneira exclusivamente parcial, limitada, em alguns casos até obscura, de outro mundo de experiências, crenças e

emoções, sugerindo cautela quando vamos nele adentrar. Sendo as representações um conjunto da reunião de lembranças e de aspectos palpáveis, não é possível trabalhar literatura de forma descontextualizada, já que a literatura consiste também em uma construção social.

Por esse ângulo, duas obras biográficas foram selecionadas como objeto de estudo desta dissertação – *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke (2004), e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago (2000). Mediante a análise apresentada aqui, ficaram claras teias de disputa que envolvem a todos os habitantes do município, do menor ao maior grau, independentemente de etnia, gênero ou posição social. Poder e representatividade foram dois aspectos que se sobrepujaram entre os demais, o que impacta diretamente na dinâmica social urbana joinvilense. Veem-se, por exemplo, diferentes percepções dos dois biografados no que concerne aos mesmos assuntos, talvez por serem oriundos de classes sociais distintas ou terem gêneros diferentes, e também por ocuparem lugares desiguais perante a sociedade joinvilense.

Uma das representações fortemente sentidas neste trabalho gira em torno da construção da representação da paisagem cultural pautada na natureza, entendida como a maior riqueza do Brasil. Procurou-se, então, construir a história do país baseada em um ponto em comum entre os seus habitantes: a natureza intocada, transformada em um dos grandes símbolos da nação.

Essa narrativa construída foi reproduzida por diversas vezes – de certa maneira também nas biografias analisadas –, e viu-se que Joinville também suporta a sua história nesta ideia: a floresta virgem e intacta que recebeu colonizadores vindos da Europa para dar início a um novo projeto de cidade, constituída pelo progresso trazido por meio da exploração da terra, que estava ali para servir ao homem, conforme a concepção criacionista judaico-cristã – igualmente importada das terras europeias. Isso provocou grande impacto na paisagem cultural tanto do Brasil quanto de Joinville, influenciando diretamente nas memórias e narrativas a respeito do país e da cidade, embora hoje em dia Joinville se apoie mais na narrativa de parque industrial do que de uma cidade com atuação agrícola.

Comprova-se por intermédio dessa ideia a tese de que a paisagem pode ser empregada como categoria de análise e que, por meio dela, é possível entender a relação travada entre paisagem e sujeito. Contrapondo essa questão com a biografia, verifica-se que a paisagem está ali instalada para dar suporte à narrativa. Desse

modo, deve estar em consonância com a história que se pretende contar, ajudando a manter a logicidade e a linearidade do texto.

Todavia, ao discutirmos as paisagens por onde circulam os gêneros feminino e masculino, com base nas biografias analisadas neste trabalho, observou-se que homens e mulheres circulam por diferentes espaços sociais. Os ambientes frequentados por eles não são em geral os mesmos, e esse aspecto influencia sobremaneira na forma como a narrativa é contada.

Conforme os textos biográficos, a mulher ficava mais restrita ao ambiente doméstico. Logo, suas funções giravam mais em torno daquele contexto, enquanto ao homem era permitida mais liberdade, e, por conseguinte, ele tinha espaço maior de atuação na sociedade. Essa característica social não deixou em nenhum momento de aparecer nos textos biográficos, despontando claramente no momento em que a mulher guarda em suas memórias recordações afetivas, de momentos íntimos com a família e amigos, além da presença fundamental do casamento como um marco em sua vida. A memória masculina, ao contrário, contempla ações em ambientes sociais e não tão privados, principalmente no mercado de trabalho.

Destarte, e lembrando que as análises apresentadas nesta dissertação englobam o século XX, é indiscutível o lugar que cabia à mulher em nossa sociedade, e também o lugar social do homem, nessa época. Constata-se então pelas narrativas a promoção de representações em relação à mulher e ao homem que se perpetuam até hoje, especialmente entre os mais velhos, como por exemplo a figura da mulher ligada à maternidade e a do homem à provisão da casa.

Além disso, em busca da homogeneidade cultural, intermediada pela construção da identidade local, viram-se preconceitos no que se refere aos grupos minoritários e apagamentos de parcelas da população, forjando-se uma história singular e única para o município de Joinville. Tais aspectos foram vistos nos dois textos analisados, embora um deles tenha uma mulher como protagonista, Olívia Maia Mazzolli, cenário bastante raro também quando nos referimos a registros biográficos. A figura feminina predominou em *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, contudo mesmo assim foram vistos certos elementos que a colocavam em vários momentos em segundo plano. Então, mantém-se o questionamento: até quando a mulher ficará com o papel da coadjuvação de sua própria história?

Em um texto intitulado *Os silêncios do corpo da mulher*, a historiadora francesa Michelle Perrot (2003) analisa o esquecimento que foi imposto às mulheres pela

história. Ainda, é possível facilmente perceber um profundo sentimento de apagamento que ressoa na poesia da poetisa portuguesa Florbela Espanca (1996): “Sou aquela que passa e ninguém vê”. Aliás, não se poderia também esquecer que essa amnésia da história emoldura muitas vezes a biografia, mas quiçá a afirmação da história das mulheres possa resultar em uma nova narrativa.

Com o avanço das investigações sobre história social, no entanto, os indivíduos passaram a ser vistos igualmente como sujeitos das ações que movem o curso dos acontecimentos, e não mais como agentes de menos ou mais atitudes, tentando posicionar a mulher em pé de igualdade ao homem. Ajudou nesse movimento também as pesquisas que se preocuparam com o gênero feminino e o desmistificar de um sexo até então tido como frágil aos olhos daqueles que tinham acesso à escrita, afinal as mulheres são agentes históricos de tanta importância quanto os homens. Então, a mulher agora ascendeu à condição de objeto e sujeito da história, embora ainda haja resistência nessa direção.

Demonstra-se, portanto, que a atribuição de valor a bens culturais nunca foi unânime. Ela continua a travar uma batalha, velada na maioria das vezes, no tocante a que grupos sociais ou elementos da história ganharão representatividade a ponto de ser os símbolos que carregam a responsabilidade de envolver na totalidade – se isso é possível, ou se algum dia será – um Estado-nação, em uma constante dinâmica de dominação e poder e, na outra ponta, de subordinação.

Se alguns indivíduos são referência no segundo plano, têm-se aquelas figuras que sobressaem, ou são julgadas como merecedoras de destaque. É o caso de Wittich Freitag, o biografado do outro livro analisado. Wittich Freitag simboliza o homem branco, elitista e com toques europeus, típica personagem escolhida para ser biografada, aquele que representa as memórias que devem ser perpetuadas e apregoadas objetivando a produção de um espaço de glórias e conquistas nos campos político, social e econômico. Ou seja, é o nítido ícone de superação no mundo ocidental capitalista, sinônimo do poder, embora vivamos em um mundo democrático, em que se propaga a ideia de que todos devem ser capazes de se expressar e merecem ser ouvidos.

Atualmente todos acreditam ter o direito de contar a sua história, seja em forma de biografia, seja em autobiografia, caso pensem que lhe será conveniente ou os ajudará a alcançar e firmar o seu espaço, numa confirmação de sua existência e numa tentativa de transformar-se em sujeito. Traçando um paralelo entre o gênero textual

biografia, a sociedade e o mercado editorial, enfatiza-se como essa tríade influenciou o discurso biográfico ao longo dos séculos.

Delineando a evolução da biografia através dos tempos e com base nas análises aqui apresentadas, porém, verificou-se que todos são veículos de expressão na teoria, mas na prática as narrativas não contemplam a todos. As memórias que permanecem são daqueles que alcançaram êxito no poder. Isso faz com que as relações com os indivíduos que não se encaixam nesses determinados grupos sejam desumanizadas e, por sua vez, tais indivíduos sejam manipulados, por não estarem resguardados socialmente do mesmo modo como aqueles que detêm o poder. Logo, a realidade sofre um recorte em todos os campos, o que interfere diretamente nos diferentes vieses que compõem o grupo social e nas ideias de unidade nacional e identidade.

Essa diferenciação das memórias, em se tratando de cidades e paisagens culturais, influencia também nos espaços sociais. A maneira como a sociedade é descrita e os lugares por onde circulam seus integrantes nessas narrativas ajudam a moldar a dinâmica estrutural da cidade, procurando atender aos indivíduos que compartilham aquele espaço. Todavia, como consequência da grande heterogeneidade dos componentes de um mesmo grupo social, é impossível abranger de maneira uniforme a todos. Por isso, alguns são escolhidos como privilegiados, enquanto outros recebem pouca atenção quanto à configuração espacial. Fecha-se um pacto territorial desproporcional em razão mais uma vez do poder e da representatividade.

Sendo assim, os discursos carregam consigo, mesmo que veladamente, ideologias. Pensando o texto biográfico como discurso, buscou-se examinar a biografia pela perspectiva do autor que a escreve, o qual carrega consigo, por sua vez, crenças, valores e visões de mundo particulares. Por mais que haja o afastamento entre autor e narrativa, necessário em qualquer texto literário, aquele ocultando-se por trás da máscara do narrador, é impossível não ver a sua figura em algumas cenas, por ele também ser influenciado pelos movimentos da sociedade em que está inserido.

Por essa razão, faz-se necessário que mais reflexões aconteçam a respeito da figura do autor, já que ele é produtor de discursos e, portanto, criador de representações acerca do biografado e dos aspectos sociais, políticos, culturais e temporais que o cercam. A responsabilidade do autor é imensa nesse quesito,

considerando que muitas vezes o discurso literário alça voos maiores, atingindo os discursos culturais, históricos e patrimoniais.

Discorrer sobre a vida de um indivíduo, criando uma identidade para ele, como ocorre nos textos biográficos, requer neutralidade e distância da personagem, mas esses dois pontos vão ficando cada vez mais difíceis de alcançar à medida que vai se desenrolando o processo de pesquisa e escrita da narrativa. Afinal, quanto mais alinhado todos os elementos estiverem, melhor para a coesão e coerência textuais. Por isso, em muitos casos, a isenção de valores cai por terra. Nessa ótica, a biografia resulta na junção de três figuras – biografado, narrador e autor –, cada um procurando o melhor ângulo daquela narrativa e de si próprio.

Igualmente, o texto que aqui se apresenta, juntamente com todas as reflexões contidas nele, seria outro caso fosse escrito por outro sujeito, ou mesmo se fosse mantido o seu escritor, mas não a temporalidade de sua escrita.

Em resumo, entre idas e vindas, percebe-se como a todo momento a evolução do gênero textual biografia anda conjuntamente com a evolução dos tempos e também da sociedade. A literatura de modo geral é um dos inúmeros reflexos do grupo social a que pertence e um dos descritores da realidade, não podendo ser deixada de lado em pesquisas cujo foco são as relações sociais. Mesmo os biografados são figuras em geral proeminentes na sociedade e cujas vidas se descrevem com o claro intuito de serem reproduzidas como modelo exemplar, a fim de serem usadas no futuro, com vistas à perpetuação daquela representação e de seus atos, tido como corretos, às gerações vindouras.

Constatou-se, então, que a literatura, por intermédio do texto biográfico, é um dos difusores de memórias e narrativas do grupo social que descreve e, conseqüentemente, de seu patrimônio cultural, reforçando determinados discursos em busca da homogeneidade da historiografia e da identidade coletiva, objetivando com isso a unidade e uma história singular e única. O grande exemplo desse caso é o fato de as duas obras analisadas, bem como os discursos que se interpuseram entre ambas, associarem a figura do imigrante, com destaque ao alemão, à ideia de progresso, um elemento em mútua dependência do outro, narrativa na qual Joinville escora a sua própria narrativa.

Dessa maneira, refletida sobretudo pela linguagem escrita, a literatura pretende representar as relações que travamos com o mundo, numa tentativa de detalhá-las para os que compartilham dessas relações, dando legitimidade e especificidade ao

grupo social a que pertence. Todavia, a legitimidade e especificidade que a literatura ambiciona propiciar, ou impor, é questionável em certas situações. Logo, são necessários leitores pensantes que indaguem o que leem, a fim de não se assujeitarem perante o que leem.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Território**, ano 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun. 1998.
- AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios da natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ACCIOLY, Maria Inês. Comércio de autoria: um sintoma da cultura pós-moderna. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 27-40, 2002.
- ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. **Dimensões**, Vitória, v. 32, p. 292-313, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/8338/5916>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- ALVES, Teresa. Paisagem: em busca do lugar perdido. **Finisterra**, n. 36, v. 72, p. 67-74, 2001. Disponível em: <[revistas.rcaap.pt/finisterra/article/viewFile/1622/1317](http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/viewFile/1622/1317)>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ANDRÉ. O que é um *self-made man*? **Oficina de Ideias**, 2011. Disponível em: <<http://oficinadeideias54.blogspot.com.br/2011/10/o-que-e-um-self-made-man.html>>. Acesso em: 7 dez. 2017.
- ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 191-203, 1994.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2010.
- ARRUDA, Gilmar. “Minha terra tem palmeiras”: paisagem, patrimônio e identidade nacional. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs.). **Patrimônio cultural ambiental**. São Paulo: Annablume, 2009.
- \_\_\_\_\_. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 110-125, 2006.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <[periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024](http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024)>. Acesso em: 17 mar. 2016.
- AZARA, Michel Mingote Ferreira de. Paisagem sensível: a percepção do espaço urbano na obra de Samuel Rawet. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 27-40, 2015.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltersin Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. Introdução. *In*: \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 6-56.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. 5. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BENCZ, Vanessa. Sociedade Harmonia-Lyra, em Joinville, completa 150 anos. **A Notícia**, 2008. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2008/05/sociedade-harmonia-lyra-em-joinville-completa-150-anos-1890617.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. *In*: CARDOSO, Isabel Lopes; TAVARES, André (Eds.). **Paisagem patrimônio**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 33-53.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. *In*: \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 395 p. p. 105-128.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 315-334, 2005.

\_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português: 1415-1825**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BURKE, Peter. **A história como memória social: o mundo como teatro**. Lisboa: Difel, 1992.

BUSARELLO, Gabriela. Joinville – SC. **Vida de Turista**, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.vidadeturista.com/destinos/joinville-sc.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

BUSCHLE, Baltasar. Prefácio. 1999. *In*: S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

CABRAL, Oswaldo. Introdução. *In*: FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965. p. 9-14.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Miguel Hidalgo: Grialbo, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas. *In*: \_\_\_\_\_. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Pereira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 21-57.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CARDOSO, Isabel Lopes. Paisagem e património: aproximações pluridisciplinares. *In*: \_\_\_\_\_. TAVARES, André (Eds.). **Paisagem património**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 7-15.

CARREIRA, Grace Laine Pincerato. Patrimônio cultural imaterial: do anteprojeto de Mário de Andrade à Constituição de 1988: aspectos relevantes. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS, 1., Fortaleza, set. 2012. **Anais...** Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.direitosculturais.com.br/download.php?id=118>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. **O uso do conceito de identidade na arqueologia**. 2008. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/V23N1-2008/2008v1n23a9.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2016.

CAUQUELIN, Anne. Paisagem e virtual, dois mundos separados. *In*: CARDOSO, Isabel Lopes; TAVARES, André (Eds.). **Paisagem património**. Porto: Dafne/Chaia, 2013. p. 19-31.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). **Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2015. Disponível em: <[cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN](http://cpdoc.fgv.br/produção/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/SPHAN)>. Acesso em: 2 jun. 2016.

CERTEAU, Michel de. Os fantasmas da cidade. *In*: \_\_\_\_\_. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 189-202.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002. (Coleção Memória e Sociedade).

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CLAVAL, Paul. "A volta do cultural" na geografia. **Mercator**, América do Norte, ano 1, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/192/158>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Orientar-se e reconhecer-se. Marcar, recortar, institucionalizar e apropriar-se do espaço. *In*: \_\_\_\_\_. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. Cap. 8.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Editora Univille, 2011.

COLI, Jorge. Materialidade e imaterialidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 34, p. 67-77, 2012.

COSTA, Erick Gontijo. Um nó de sangue na garganta: a experiência do poema em Herberto Helder. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 10-26, 2015.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. Biografia como gênero: o salto literário. A contribuição de Ruy Castro. **Cerrados**, n. 21, p. 17-22, 2006.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. O patrimônio natural no Brasil. *In*: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs.). **Patrimônio cultural ambiental**. São Paulo: Annablume, 2009.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ESPANCA Florbela. **Poemas**: Florbela Espanca. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Poemas seleccionados**. Lisboa: Atlântico Press, 2012.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSANI, Valdocir Antonio. Patrimônio cultural, leitura e formação: a atuação docente. **Projeto História**, n. 40, p. 205-222, jun. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6130/4452>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.

FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Franga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. Espaço e poder. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, p. 138-145, 1994.

\_\_\_\_\_. O que é um autor? *In*: \_\_\_\_\_. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. (Ditos e Escritos, III).

FRAGA, Nilson Cesar; SILVEIRA, Heitor Matos da. Paisagens desveladas e (re)criadas pelas artes: o território identitário do Contestado. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, p. 554-571, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/20314/15366>>. Acesso em: 5 maio 2016.

GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. Escola dos Annales. **InfoEscola: Navegando e Aprendendo**, 2017. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!** Joinville: Letradágua, 2004.

\_\_\_\_\_. **Wilson Gelbcke: entrevista** [21 nov. 2017]. Joinville. Entrevista concedida a Marília Garcia Boldorini. Joinville, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONZÁLEZ, Martha de Alba. Representaciones y prácticas sociales en torno a políticas urbanas: la movilización NIMBY frente a la redensificación de las zonas centrales de la ciudad de México. **Sociología Urbana y Representaciones Sociales**, ano 3, n. 6, p. 43-72, mar. 2009.

GROTH, Marlise. Cenef: entidade faz a defesa da família. **AN Cidade**, Joinville, 19 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/1999/mar/19/0cid.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. A escravidão em uma colônia de “alemães”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo, 2007. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0464.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. Cidades errantes: representações do trabalho urbano-industrial nordestino no século XIX. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 12., 1988, São Paulo. **Anuário da ANPOCS...** São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 64-80.

HOLETZ, Mirna de Liz. A tia em que eu queria me espelhar. In: GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!** Joinville: Letradágua, 2004.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

HUYSSSEN, Andrew. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In*: \_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídias. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-40.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan). **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. 2014. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Mário de Andrade**. 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1024/mario-de-andrade>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

JOINVILLE EM FOCO. **História de Joinville**. 2009. Disponível em: <<http://joinville-em-foco.blogspot.com.br/2009/07/historia-de-joinville.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

JOUVE, Vincent. O que é a leitura? *In*: \_\_\_\_\_. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 17-33.

KOTHE, Flávio. Cânone e valor. *In*: \_\_\_\_\_. **O cânone colonial**. Brasília: Editora UnB, 1997. p. 103-140.

LACEY, Hugh. Pluralismo metodológico, incomensurabilidade e o *status* científico do conhecimento tradicional. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 425-53, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v10n3/02.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2017.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

MACHADO, Diego Finder. **Redimidos pelo passado? Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008)**. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MAYOL, Pierre. Morar. *In*: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 35-185.

MAZZARO, Rafaela. Liga da Sociedade. **Minha história, meu patrimônio**, 2014. Disponível em: <[http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an\\_especiais\\_patrimonio/liga/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/liga/index.html)>. Acesso em: 17 jun. 2017.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, p. 33-36, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Marcelo Alonso. O estudo de paisagens culturais através da literatura de matriz africana: uma experiência em escola. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-7, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST1/018%20-%20Marcelo%20Alonso%20Morais.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2016.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. *In*: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas; União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 179-202.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 3, p. 23-56, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/download/2660/2422>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12490/11722>>. Acesso em: 5 maio 2016.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Memória, história e patrimônio: perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 131-151, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1184/728>>. Acesso em: 4 maio 2016.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 609-633, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PERROT, Michelle. A mulher popular rebelde. *In*: \_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 4. ed. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 185-212.

\_\_\_\_\_. Escrever a história das mulheres. *In*: \_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017a. p. 13-39.

\_\_\_\_\_. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

\_\_\_\_\_. Os silêncios do corpo da mulher. *In*: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Raquel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003. p. 13-28.

PINSKY, Carla Bassanezi. Introdução. *In*: PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-11.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, v. 11, p. 89-98, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465/2389>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

RONCAGLIO, Cynthia. A ideia da natureza como patrimônio: um percurso histórico. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 19, p. 111-128, jan./jul. 2009.

S. THIAGO, Eneida Raquel. **Eneida Raquel S. Thiago: entrevista** [22 nov. 2017]. Joinville. Entrevista concedida a Marília Garcia Boldorini. Joinville, 2017.

S. THIAGO, Raquel. **Eu, Wittich Freitag**. Joinville: Movimento e Arte, 2000. 268 p.

SACK, Robert David. **Territorialidade humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **A cidade como o centro da região**. Salvador: Livraria Progresso, 1958.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. *In*: \_\_\_\_\_. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? *In*: \_\_\_\_\_. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 45-72.

SCHAMA, Simon. Introdução. *In*: \_\_\_\_\_. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Disponível em: <[http://www.geoplan.net.br/material\\_didatico/Schier\\_2003\\_conceito%20de%20paisagem.pdf](http://www.geoplan.net.br/material_didatico/Schier_2003_conceito%20de%20paisagem.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 131-142, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/benito-schimdt-grafias-da-vida-reflexoes-sobre-a-narrativa-biografica.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32, p. 127-141, jul./dez. 2008. Acesso em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2003/1582>>. Acesso em: 8 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 765-799, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a11v14n3.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24, p. 51-73, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 143-176, 2000.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE. **Nossa história**. Disponível em: <<http://www.sociedadeginasticajille.com.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

THOMPSON, Edward. **Tradición, revuelta y conciencia de clase**. Barcelona: Crítica, 1989.

TODOROV, Tzvetan. As identidades coletivas. In: \_\_\_\_\_. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

VERDRUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Maurício Ragagnin. As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 131-150, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/5240/3848>>. Acesso em: 24 set. 2017.

ZIMMERMANN, Tania; MEDEIROS, Márcia. Biografia e gênero: repensando o feminino. **Revista de História Regional**, v. 9, n. 1, p. 31-44, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/download/227/180>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – CAPA DO LIVRO *PRIMAVERA EM PLENO OUTONO: A JOVEM OLÍVIA FAZ 80 ANOS!*, DE WILSON GELBCKE

APÊNDICE B – CAPA DO LIVRO *EU, WITTICH FREITAG*, DE RAQUEL S. THIAGO

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):  
RAQUEL S. THIAGO

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):  
WILSON GELBCKE

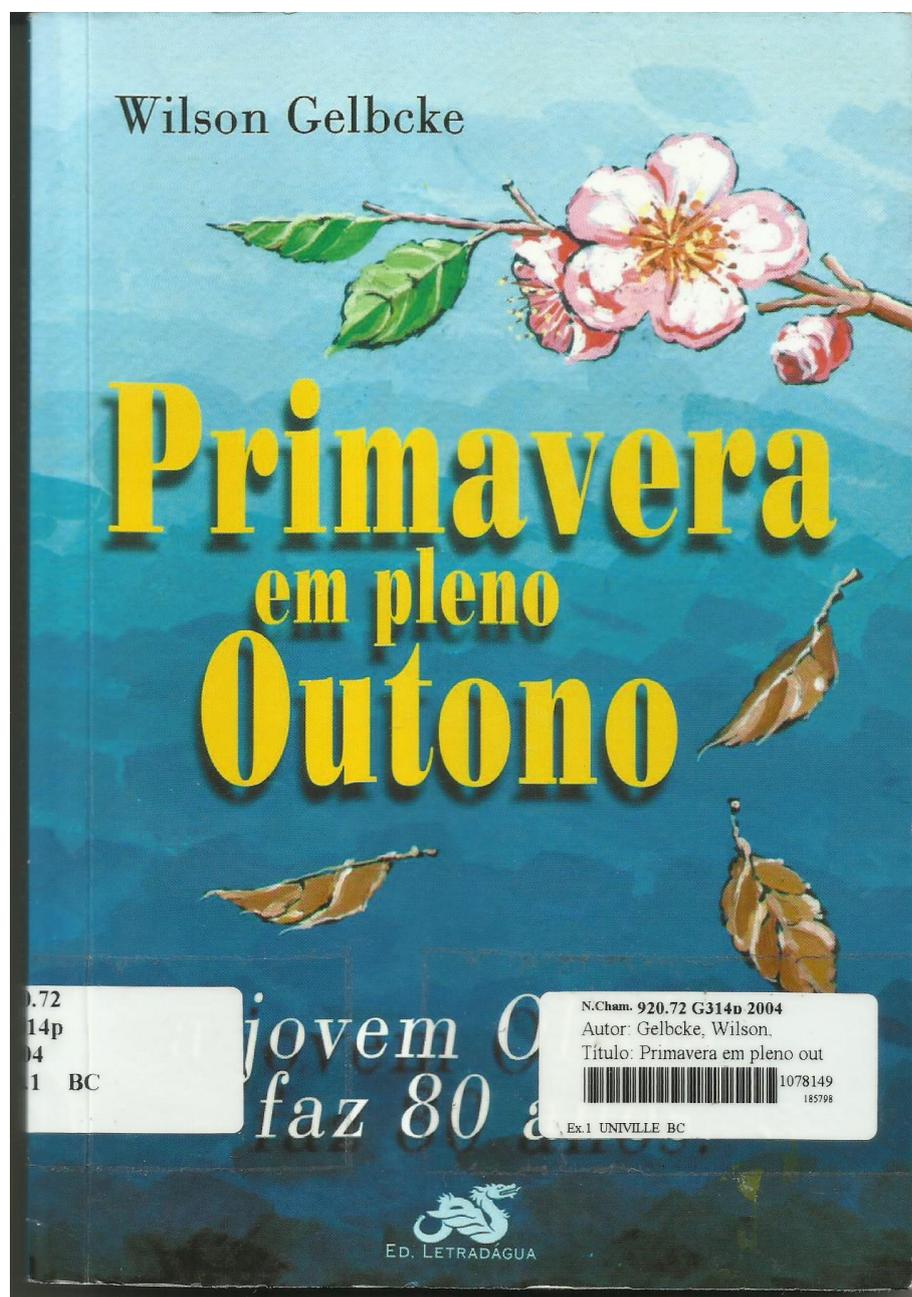
APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA

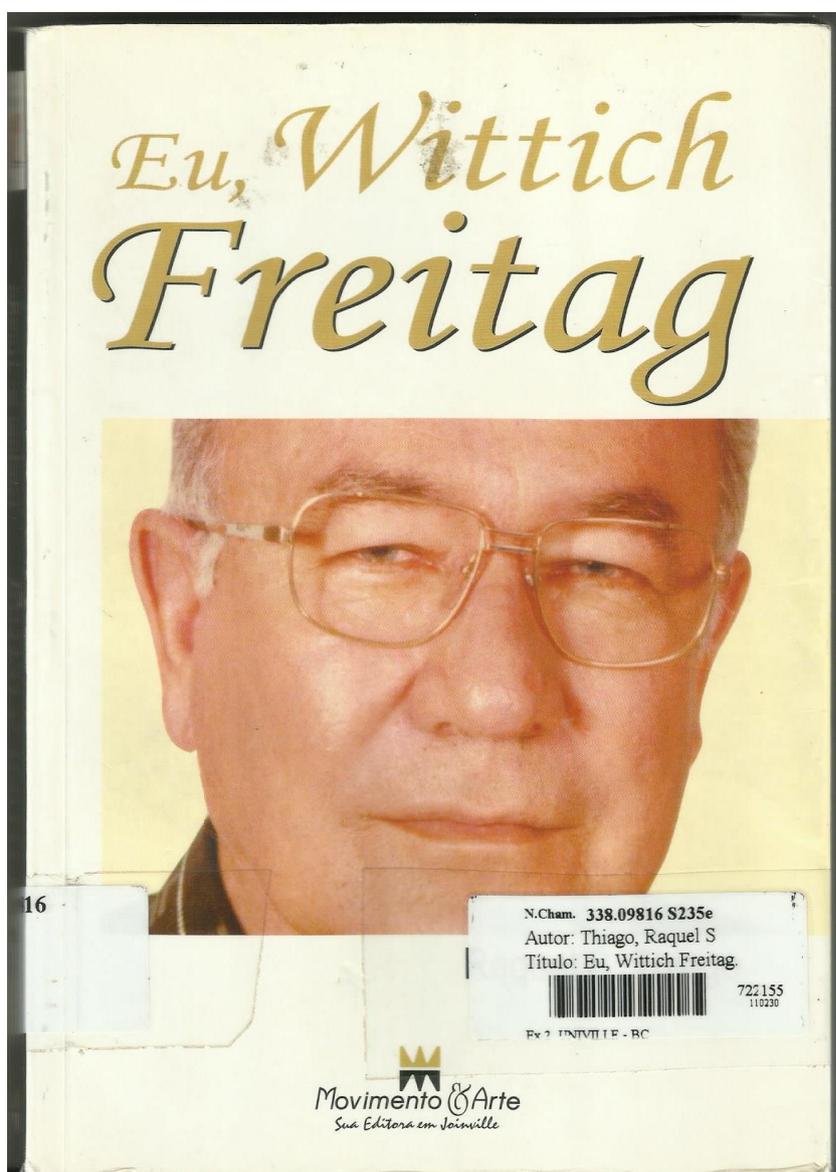
APÊNDICE F – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM: RAQUEL S. THIAGO

APÊNDICE G – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM: WILSON GELBCKE

APÊNDICE H – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

APÊNDICE A – CAPA DO LIVRO *PRIMAVERA EM PLENO OUTONO: A JOVEM OLÍVIA FAZ 80 ANOS!*, DE WILSON GELBCKE



APÊNDICE B – CAPA DO LIVRO *EU, WITTICH FREITAG*, DE RAQUEL S. THIAGO

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):  
RAQUEL S. THIAGO

Convidamos o/a senhor/a a participar da pesquisa *As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville (SC)*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e vinculada à linha de pesquisa Patrimônio e Sustentabilidade, sob a responsabilidade da pesquisadora Marília Garcia Boldorini e orientação da professora Roberta Barros Meira. A investigação pretende analisar os valores e significados do gênero textual biografia e o confronto entre discursos literários, históricos e patrimoniais na construção da paisagem cultural de Joinville. Sua participação é voluntária e dar-se-á por meio de entrevista semiestruturada, que será realizada em local e hora de sua escolha.

Aceitando participar da investigação, o/a senhor/a contribuirá diretamente com a pesquisa, cujo objetivo geral é verificar o papel desempenhado pelas concepções de determinadas paisagens culturais por autores do gênero textual biografia na construção do discurso patrimonial de Joinville no século XX.

O/a senhor/a tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, mesmo após concordar com ela, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo. O/a senhor/a não terá nenhuma despesa, tampouco receberá remuneração para tal. Também, terá a liberdade de se recusar a responder a perguntas que lhe ocasionar constrangimento de alguma natureza, sem que a recusa lhe acarrete prejuízos, bem como, caso seja do seu interesse, ter livre acesso aos resultados do estudo.

Ressalta-se que a sua participação é opcional e representa riscos ou desconfortos mínimos, além de ser de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa, cujos benefícios serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo do patrimônio cultural.

Com o seu consentimento, a entrevista será gravada, para utilização na pesquisa e posteriormente também. Além disso, haverá a doação do material ao Laboratório de História Oral (LHO) da Univille, o qual será responsável pela guarda do material depois de sua doação ao acervo permanente do laboratório.

Para qualquer informação, entre em contato com a pesquisadora, no endereço Rua Visconde de Mauá, n.º 2.268, apto. 303B, bairro Santo Antônio, Joinville, ou pelo telefone (47) 99911-6091, a qualquer horário, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, pelo telefone (47) 3461-9235, ou no endereço Rua Paulo Malschitzki, n.º 10, Zona Industrial, *Campus* Universitário, CEP 89219-710, Joinville, Bloco B, sala 31.

Após ser esclarecido/a sobre as informações do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação do sujeito, que está em duas vias. Uma delas é sua, e a outra, da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, o/a senhor/a não será penalizado/a de forma alguma.

Pesquisadora responsável:

Nome: Marília Garcia Boldorini  
Assinatura: Marília Garcia Boldorini

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO**

Eu, Euclides Rangel S. Thiago, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado/a e esclarecido/a sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: pinhelly, 22 de novembro de 2012

Assinatura do sujeito ou responsável legal:

Telefone para contato:

(47) 3425-4857 (47) 99127-7447

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):  
WILSON GELBCKE

Convidamos o/a senhor/a a participar da pesquisa *As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville (SC)*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e vinculada à linha de pesquisa Patrimônio e Sustentabilidade, sob a responsabilidade da pesquisadora Marília Garcia Boldorini e orientação da professora Roberta Barros Meira. A investigação pretende analisar os valores e significados do gênero textual biografia e o confronto entre discursos literários, históricos e patrimoniais na construção da paisagem cultural de Joinville. Sua participação é voluntária e dar-se-á por meio de entrevista semiestruturada, que será realizada em local e hora de sua escolha.

Aceitando participar da investigação, o/a senhor/a contribuirá diretamente com a pesquisa, cujo objetivo geral é verificar o papel desempenhado pelas concepções de determinadas paisagens culturais por autores do gênero textual biografia na construção do discurso patrimonial de Joinville no século XX.

O/a senhor/a tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, mesmo após concordar com ela, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo. O/a senhor/a não terá nenhuma despesa, tampouco receberá remuneração para tal. Também, terá a liberdade de se recusar a responder a perguntas que lhe ocasionar constrangimento de alguma natureza, sem que a recusa lhe acarrete prejuízos, bem como, caso seja do seu interesse, ter livre acesso aos resultados do estudo.

Ressalta-se que a sua participação é opcional e representa riscos ou desconfortos mínimos, além de ser de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa, cujos benefícios serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo do patrimônio cultural.

Com o seu consentimento, a entrevista será gravada, para utilização na pesquisa e posteriormente também. Além disso, haverá a doação do material ao Laboratório de História Oral (LHO) da Univille, o qual será responsável pela guarda do material depois de sua doação ao acervo permanente do laboratório.

Para qualquer informação, entre em contato com a pesquisadora, no endereço Rua Visconde de Mauá, n.º 2.268, apto. 303B, bairro Santo Antônio, Joinville, ou pelo telefone (47) 99911-6091, a qualquer horário, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, pelo telefone (47) 3461-9235, ou no endereço Rua Paulo Malschitzki, n.º 10, Zona Industrial, *Campus* Universitário, CEP 89219-710, Joinville, Bloco B, sala 31.

Após ser esclarecido/a sobre as informações do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação do sujeito, que está em duas vias. Uma delas é sua, e a outra, da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, o/a senhor/a não será penalizado/a de forma alguma.

Pesquisadora responsável:

Nome: Marília Garcia Boldorini

Assinatura: Marília Garcia Boldorini

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO**

Eu, Wilson Gelbcke, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado/a e esclarecido/a sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Joinville, 24/11/2017

Assinatura do sujeito ou responsável legal:

[Assinatura]

Telefone para contato:

3422 4280 - 999844944

## APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville

**Pesquisador:** MARILIA GARCIA BOLDORINI

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 64767117.1.0000.5366

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.977.038

**Apresentação do Projeto:**

Conforme exposto em parecer consubstanciado nº 1.959.905.

**Objetivo da Pesquisa:**

Conforme exposto em parecer consubstanciado nº 1.959.905.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Conforme exposto em parecer consubstanciado nº 1.959.905.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Conforme exposto em parecer consubstanciado nº 1.959.905.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Conforme exposto em parecer consubstanciado nº 1.959.905, contudo, a folha de rosto e o termo de uso de imagem e/ou som foram anexados e estão de acordo com a Resolução 466/12 e complementares.

**Recomendações:**

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 17.

**Bairro:** Zona Industrial

**CEP:** 89.219-710

**UF:** SC

**Município:** JOINVILLE

**Telefone:** (47)3461-9235

**E-mail:** comitetica@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO  
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 1.977.038

Univille Universidade).

Segundo a Resolução 466/12, no item

#### XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville", de CAAE 64767117.1.0000.5366 teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) MARILIA GARCIA BOLDORINI, de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062>

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

#### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_850538.pdf	13/03/2017 11:55:29		Aceito
Outros	XXX_Carta_Resposta_2017.docx	13/03/2017 11:54:19	MARILIA GARCIA BOLDORINI	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto2.pdf	13/03/2017	MARILIA GARCIA	Aceito

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 17.

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: [comitetica@univille.br](mailto:comitetica@univille.br)



Continuação do Parecer: 1.977.038

Folha de Rosto	folhaDeRosto2.pdf	11:53:18	BOLDORINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Uso_Imagem_Wilson_Gelbcke.doc	10/03/2017 18:29:47	MARILIA GARCIA BOLDORINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Uso_Imagem_Raquel_S_Thiago.doc	10/03/2017 18:29:37	MARILIA GARCIA BOLDORINI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	10/03/2017 17:58:50	MARILIA GARCIA BOLDORINI	Aceito
Outros	Proposta_ao_CEP.docx	08/02/2017 14:44:03	MARILIA GARCIA BOLDORINI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_5.docx	08/02/2017 14:43:10	MARILIA GARCIA BOLDORINI	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOINVILLE, 22 de Março de 2017

---

**Assinado por:**  
**Eleide Abril Gordon Findlay**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 17.

**Bairro:** Zona Industrial

**CEP:** 89.219-710

**UF:** SC

**Município:** JOINVILLE

**Telefone:** (47)3461-9235

**E-mail:** comitetica@univille.br

## APÊNDICE F – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM: RAQUEL S. THIAGO

**Autorização para uso de imagem**

Eu, Raquel S. Thiago, abaixo assinado(a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa “As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville”, cujo objetivo é verificar o papel desempenhado pelas concepções de determinadas paisagens culturais por autores do gênero textual biografia na construção do discurso patrimonial de Joinville no século XX.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Joinville, 22 de novembro de 2017.

## APÊNDICE G – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM: WILSON GELBCKE

**Autorização para uso de imagem**

Eu, Wilson Gelbcke, abaixo assinado(a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa “As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville”, cujo objetivo é verificar o papel desempenhado pelas concepções de determinadas paisagens culturais por autores do gênero textual biografia na construção do discurso patrimonial de Joinville no século XX.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Joinville, 21 de novembro de 2017.

## APÊNDICE H – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

**Entrevista com Sr. Wilson Gelbcke, de *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!***

- Qual foi a sua motivação/seu objetivo ao escrever um texto biográfico? Existe alguma relação entre você e o gênero especificamente?
- O que o levou a escolher essa biografada?
- Como foi o envolvimento entre biografada e biógrafo?
- Como se deu a pesquisa sobre a vida da biografada? Quais fontes foram utilizadas? Jornais, livros e revistas, ou somente relatos dos familiares/amigos e da própria biografada?
- Como foi o processo de escolha dos episódios que iriam compor a narrativa?
- A experiência autoral influenciou de alguma maneira na escolha de como os episódios seriam contados?
- Conte-me sobre o processo de escrita da biografia. Por que foi escolhida a narrativa intercalada com falas da biografada?
- Como foi o processo de um homem escrever sobre a história de vida de uma mulher? Conte-me sobre as dificuldades e facilidades ao narrar experiências vividas por um gênero diferente do seu.
- A narrativa gira mais em torno de elementos do ambiente doméstico da biografada, e não enfoca tanto no seu lado profissional, por exemplo. Existe algum motivo de esse ter sido o foco da narrativa, e não outro?
- De que maneira a obra pode influenciar/interferir no pensamento do leitor em relação à biografada? Em algum momento houve preocupação com o tipo de mensagem que a obra passa quanto a ela?
- Como foi a recepção do público perante a obra depois de pronta? Há algum número sobre a quantidade de cópias vendida?
- A obra trata de uma personagem relevante para a história de Joinville. Então, o que essa biografia pode trazer para a cidade de pontos positivos e negativos?
- Houve preocupação em descrever a paisagem joinvilense e a sociedade em que a biografada estava inserida? Se sim, que fontes foram usadas e como aconteceu esse trabalho de relatar tais aspectos?

- Qual é o impacto da obra em relação à história da cidade de Joinville, onde a narrativa acontece?
- Sua publicação pode de alguma maneira influenciar no pensamento dos cidadãos quanto ao município?

### **Entrevista com Sra. Raquel S. Thiago, de *Eu, Wittich Freitag***

- Qual foi a sua motivação/seu objetivo ao escrever um texto biográfico? Existe alguma relação entre você e o gênero especificamente?
- O que o levou a escolher esse biografado?
- Como foi o envolvimento entre biografado e biógrafo?
- Como se deu a pesquisa sobre a vida da biografado? Quais fontes foram utilizadas? Jornais, livros e revistas, ou somente relatos dos familiares/amigos e do próprio biografado?
- Em que ponto a profissão de historiadora contribuiu para a escrita da obra?
- Como foi o processo de escolha dos episódios que iriam compor a narrativa?
- A experiência autoral e de historiadora influenciou de alguma maneira na escolha de como os episódios seriam contados?
- Conte-me sobre o processo de escrita da biografia. Por que se escolheu narrar a biografia em primeira pessoa?
- Como foi o processo de uma mulher escrever sobre a história de vida de um homem? Conte-me sobre as dificuldades e facilidades ao narrar experiências vividas por um gênero diferente do seu.
- A narrativa gira principalmente em torno dos aspectos profissionais do biografado. Existe algum motivo de esse ter sido o foco da narrativa, e não outro?
- De que maneira a obra pode influenciar/interferir no pensamento do leitor em relação ao biografado? Em algum momento houve preocupação com o tipo de mensagem que a obra passa quanto a ele?
- Como foi a recepção do público perante a obra depois de pronta? Há algum número sobre a quantidade de cópias vendida?
- A obra trata de uma personagem relevante para a história de Joinville. Então, o que essa biografia pode trazer para a cidade de pontos positivos e negativos?

- Houve preocupação em descrever a paisagem joinvilense e a sociedade em que a biografada estava inserida? Se sim, que fontes foram usadas e como aconteceu esse trabalho de relatar tais aspectos?
- Qual é o impacto da obra em relação à história da cidade de Joinville, onde a narrativa acontece?
- Sua publicação pode de alguma maneira influenciar no pensamento dos cidadãos quanto ao município?

## **ANEXOS**

ANEXO A – NORMAS DA REVISTA *EM TESE*

ANEXO B – NORMAS DA REVISTA *ANTARES: LETRAS E HUMANIDADES*

ANEXO C – NORMAS DA REVISTA *CONFLUÊNCIAS CULTURAIS*

ANEXO D – NORMAS DA REVISTA *DIÁLOGOS*

ANEXO E – NORMAS DA REVISTA *INTERTHESIS*

## ANEXO A – NORMAS DA REVISTA *EM TESE*

O periódico *Em Tese* receberá colaborações de Doutores e Mestres, bem como de alunos regularmente vinculados a programas de pós-graduação de universidades do Brasil e/ou do exterior, cujos textos abordem questões teóricas e críticas pertinentes aos Estudos Literários.

Serão aceitos textos em português, espanhol, francês e inglês.

Só será aceito para publicação, de cada autor ou conjunto de autores, um trabalho (artigo ou resenha) por edição.

Cada autor ou conjunto de autores poderá publicar apenas um artigo por ano.

A revista se reserva o direito de publicar o artigo na língua original ou em tradução, de acordo com decisão de sua Comissão Editorial, desde que com a anuência do autor.

Os autores devem enviar seus Artigos e Ensaios para as seções Dossiê, Teoria da Literatura e Ensino da Literatura, Crítica Literária, outras Artes e Mídias, Tradução e Edição, ou, *Em Tese*. Os trabalhos serão submetidos à aprovação dos membros do Conselho Editorial, o qual poderá sugerir aos autores que revisem seus textos de acordo com as observações indicadas no parecer.

### 1) Artigos e Ensaios

Os autores devem enviar seus trabalhos, atendendo às orientações abaixo. Os artigos que não obedecerem a esses requisitos de normalização serão sumariamente recusados:

a. Os autores devem inicialmente cadastrar-se no portal da revista e submeter o artigo através do sistema.

b. O arquivo submetido deve estar nos formatos “.doc” (Microsoft Word), “.odt” (OpenOffice) ou “.rtf” (Rich Text Format).

c. Formatação: os artigos e ensaios devem ter entre 10 (dez) e 20 (vinte) páginas (textos com menos de 10 páginas serão avaliados inicialmente pela editoria), digitados em Word, fonte Times New Roman, tamanho 12 (com exceção das citações e notas), espaçamento 1,5 entre linhas e parágrafos. As páginas devem ser configuradas no formato A4, sem numeração, com margens de 2 cm, justificadas. Os textos das notas de rodapé: corpo 10, espaço simples, sem adentramento de parágrafo.

d. Título e subtítulo: na primeira linha, centralizados, negrito, fonte Times New Roman corpo 12, somente primeira letra em maiúscula em ambos.

e. Indicação de autoria: duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, somente as iniciais dos nomes em maiúscula (ex.: CAC), seguido de nota de rodapé indicando titulação e instituição.

f. Resumo: resumo em Português e em mais uma língua (Inglês, Espanhol ou Francês). Texto de 150 aproximadamente, deve ser em fonte Times New Roman, corpo 12, alinhamento justificado, entrelinha simples, três linhas abaixo do nome do autor. O termo "Resumo" deve estar em caixa alta, sem negrito, seguido de dois pontos.

g. Palavras-chave: devem ser situadas duas linhas abaixo do RESUMO e inserir de três a cinco palavras. Colocar o título "PALAVRAS-CHAVE", em caixa alta, sem negrito, e separar cada termo por ponto e vírgula.

Atenção: Traduzir o Resumo para o inglês, francês ou espanhol (ABSTRACT, RÉSUMÉ ou RESUMEN) e as Palavras-chave (KEYWORDS, MOTS-CLÉS ou PALABRAS-CLAVE): colocar três linhas abaixo do item anterior (palavras-chave).

h. Citações: as citações curtas (de até três linhas) devem integrar o corpo do texto, ser assinaladas entre aspas e seguidas da indicação da referência bibliográfica em nota de rodapé, figurando ao pé da página em que seu número aparece. As notas de indicação bibliográfica devem ser apresentadas observando-se a seguinte norma: sobrenome do autor em maiúsculas, título do livro (em itálico) ou texto consultado e número da página (se for o caso): ADORNO. *Dialética negativa*, p. 222.

Deve-se repetir a norma em toda nota, mesmo no caso da referência já ter sido utilizada. Não utilizar 'idem' ou similares.

i. As citações longas (mais de três linhas) devem constituir um parágrafo independente, recuado (4 cm da margem esquerda), fonte tamanho 10, espaçamento entre linhas simples, dispensando aspas, seguidas da indicação da referência bibliográfica em nota ao pé da página.

j. Referências:

Livros: SOBRENOME DO AUTOR, Prenome sem abreviatura. Título do livro (em negrito) : (subtítulo, se houver). Nome do tradutor (se houver). número da edição (a partir da segunda), local de publicação, editora, data.

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Capítulo de livro: SOBRENOME DO AUTOR DO CAPÍTULO, Prenome sem abreviatura. Título do capítulo: (subtítulo, se houver). In: SOBRENOME DO AUTOR DO LIVRO, Prenome sem abreviatura. Título do livro (em negrito) : (subtítulo, se houver). Local de publicação: Editora, Data, páginas inicial e final do capítulo.

Artigos de periódicos: SOBRENOME DO AUTOR, Prenome sem abreviatura. Título do artigo: (subtítulo, se houver), Nome do periódico (em negrito), local, número do volume, número do fascículo, mês e ano da publicação, páginas inicial e final do artigo.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e o renascimento do trágico. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 112, dez/2005, p. 174-82.

Trabalhos Acadêmicos (teses e dissertações): SOBRENOME DO AUTOR, Prenome sem abreviatura. Título (em negrito): (subtítulo, se houver). Ano de publicação. Tipo de documento (Titulação) — Instituição de Ensino, Local da Instituição, Ano da defesa ou da apresentação.

HIDALGO, Luciana. *Lima Barreto e a literatura da urgência: a escrita do extremo no domínio da loucura*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Instituto de Letras da UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

Caso tenha sido utilizado outro tipo de suporte, que não o bibliográfico, seguir as observações abaixo:

CD-ROM: SOBRENOME DO AUTOR, Prenome sem abreviatura. Título (em negrito) . Local de publicação: Editora, Data. Indicar o volume de CD.

Ex: SPINELLI JUNIOR, Jayme. *Conservação de acervos bibliográficos e documentais* . Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, [200-]. 1 CD-ROM

Sites da Internet: AUTORIA ou ENTIDADE. Título (em itálico). Local (cidade) de publicação: Editor, data de publicação. Disponível em: < endereço eletrônico>. Acesso em dia, mês, ano.

Ex.: MILLEN, Mânia. *Literatura sem fronteiras*. Rio de Janeiro: O Globo, 30 mar. 2007. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa>. Acesso em 31 mar. 2007.

ANEXO B – NORMAS DA REVISTA *ANTARES: LETRAS E HUMANIDADES*

Observação: Ao submeter seu arquivo por meio deste Sistema Eletrônico de Editoração, procure excluir qualquer informação que possa identificar a autoria (no arquivo do Word, verifique e elimine também o seu nome no menu "Arquivo - Propriedades").

1. Os trabalhos deverão ser inéditos, exceção feita apenas àqueles textos vertidos de outras línguas estrangeiras para o português. Cópia e autocópia não serão aceitas.

2. Os textos precisam estar acompanhados de resumo (até dez linhas) e palavras-chave (no máximo cinco), com suas respectivas versões em inglês (abstract e keywords). Os artigos em língua estrangeira devem possuir resumo e palavras-chave em português.

3. Os textos devem obedecer as seguintes características técnicas: extensão mínima de 12 e máxima de 25 laudas, em página A4, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento igual a 1,5 e formato Word.

4. As citações com até cinco linhas devem constar no texto principal, destacadas por aspas duplas. As citações que excederem esse limite ficam em destaque, com margem esquerda recuada em 3 cm e sem aspas.

5. As notas, quando necessárias, devem se restringir a comentários explicativos e estar inseridas no pé da página, em fonte Times New Roman, corpo 10, espaços simples.

6. As referências mencionadas no corpo do texto devem ser abreviadas (nome do autor, ano da obra e o número da página) e entre parênteses. Exemplo: (BOURDIEU, 2000, p. 134).

7. As referências completas, obedecendo às normas da ABNT, devem estar listadas no final do texto.

8. Os arquivos de imagens (fotos, gráficos, tabelas etc., em cores ou em preto e branco), além de inseridos no texto, devem ser encaminhados em separado, na extensão (tipo de arquivo) em que foram originalmente criados e em alta resolução para impressão (300 dpi).

9. Nenhum material enviado à revista será devolvido ao remetente.

10. Por se tratar de uma publicação pela Internet, diferente, portanto, do suporte tradicional, Antares: Letras e Humanidades entende que as questões jurídicas que porventura derivarem da cessão de matérias serão de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

11. Após a submissão, os autores poderão acompanhar o processo logando-se na página.

12. Somente serão consideradas válidas as submissões que estiverem adequadas às Normas de Submissão.

Observação: Para submeter sua matéria, cadastre Login e Senha.

## ANEXO C – NORMAS DA REVISTA *CONFLUÊNCIAS CULTURAIS*

Os trabalhos enviados à Revista Confluências Culturais com a finalidade de publicação devem ser submetidos eletronicamente atendendo aos critérios descritos a seguir.

- Aceitam-se trabalhos em português, inglês e espanhol. O título de cada contribuição deve vir em português, inglês e espanhol. Os artigos devem ainda conter resumo em português seguido de palavras chave e suas versões correspondentes em inglês e espanhol. Os trabalhos devem conter no mínimo 5 (para ensaios curtos, resenhas, relatos de projetos e relatos de experiência) e no máximo 15 páginas, em entrelinha de 1,5 espaço, corpo de letra 12, fonte Times New Roman ou Arial, títulos em corpo 14. Para resumos de teses e dissertações, recomenda-se o máximo de 500 palavras;
- Os textos devem ser anexados em arquivos eletrônicos em formato Word (mínimo 6.0, com extensão de arquivo .doc ou .docx). Os trabalhos não podem conter identificação de seu(s) autor(es). Os dados de identificação de autoria devem vir em documento à parte, também anexado como arquivo eletrônico denominado Dados do(s) autor(res), no qual devem constar: Título do trabalho / Nome do(s) autor(es) / Filiação institucional (Universidade/Departamento/Unidade) / Endereço completo e E-mail do autor principal / Informações complementares que o(s) autor(es) julgue(m) necessárias;
- Citações e referências: A Editora Univille segue as normas da ABNT relativas à preparação e apresentação de documentos em geral e, no que diz respeito à apresentação de citações e referências, segue as recomendações das Normas ABNT 6023 e 10520, ambas de agosto/2002, optando pelo sistema autor-data para a padronização dos trabalhos nela produzidos. Citações breves, que não excedem três linhas, devem ser grafadas ao longo do texto, no mesmo corpo deste, entre aspas, seguida ou antecedida da fonte, como mostram os exemplos a seguir, extraídos de artigos publicados na Revista Univille v. 11, n. 2, dez. 2006.

1.º exemplo: De acordo com Silva (1999, p. 32), e interpretando o Pacto de Estabilidade e Crescimento, entende-se por “disciplina das finanças públicas quando o déficit fiscal programado ou verificado não exceder o rácio de 3% do produto interno bruto (PIB) e o rácio da dívida pública não exceder 60% do PIB.

2.º exemplo: Lembrando que ética é uma ciência prática, “não só porque trata da praxis (prática) humana, mas porque visa dirigi-la (DE FINANCE, 1988, p. 10), no contexto da arte-educação mais fortemente esta pode se manifestar.

A referência completa à fonte constará na lista de referências, no fim do trabalho, em ordem alfabética, com entrada pelo sobrenome do autor ou pelo nome da instituição/organização autora (Norma NBR-6023 da ABNT).

Citações longas, com mais de três linhas, devem ser apresentadas em corpo 11, recuadas em bloco a 4 cm da margem esquerda. A menção à fonte pode ser feita antes ou após o texto, do mesmo modo que nos exemplos anteriores.

- As notas explicativas devem vir no final dos textos, antes das referências bibliográficas, numeradas sequencialmente;
- Imagens ou ilustrações devem vir em resolução mínima de 300 dpi. Tanto as imagens como tabelas e quadros deverão estar inseridos na sequência correta do texto;
- Além de artigos inéditos são aceitas contribuições em formato de ensaio curto, resenha de livros, teses ou dissertações atuais e entrevistas. Na medida do possível os diferentes textos devem observar os critérios de formatação acima expostos, exceto quanto à formulação de resumo/resumen/abstract.

ANEXO D – NORMAS DA REVISTA *DIÁLOGOS*

Para facilitar o trabalho de análise dos consultores, os textos enviados para publicação deverão:

- Ser digitados em editor de texto “word 97-2003” “Times New Roman”, tamanho 12. As citações destacadas e as notas de rodapés devem ser em fonte 10;

Os artigos não devem exceder a 25 laudas (30 linhas com 70 toques em espaço duplo). As sínteses e resenhas deverão ter no máximo 05 laudas.

Título do trabalho em português, em inglês e espanhol;

Os artigos podem ser apresentados nos idiomas português, inglês, espanhol e francês.

Não deve ser colocado (em hipótese alguma) o(s) nome(s) do(s) autor(es) e demais referências. Para essas informações há um campo próprio na plataforma digital da revista;

Resumo em português, em inglês e em espanhol, com no máximo 100 palavras, seguido de palavras-chave nos três idiomas (no máximo 6 vocábulos) que indiquem o conteúdo do artigo;

Atenção: Diálogos publica artigos de autores com titulação mínima de mestre. Mestrandos e alunos de Iniciação Científica poderão ter seus trabalhos avaliados, desde que apresentados em co-autoria com o orientador.

Quanto ao texto, exige-se:

Nas citações textuais, recomenda-se a norma NBR-10520/2003. A entrada de autores nas referências deverá ser idêntica da citação no texto. O sobrenome do autor deverá ser escrito somente com a primeira letra maiúscula, seguido do ano da publicação da literatura utilizada, como no exemplo: Martins (1995);

Caso o nome do autor e o ano estejam entre parênteses, deverão estar separados por vírgula, em letras maiúsculas como no exemplo: (DAEMON, 1974);

As citações que contenham até três (3) linhas não serão destacadas em blocos, devendo permanecer com a mesma fonte do texto e entre aspas. Deverão, também, conter a indicação do sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido do ano de publicação e da página utilizada, como no exemplo: (MARTINS, 1994, p. 10);

As citações de mais de três (3) linhas deverão vir destacadas em blocos e recuadas, coincidindo a margem esquerda com a entrada de parágrafo e a margem direita com o texto;

Deverá ser usada a mesma fonte do texto, porém em tamanho menor, (10) sem aspas e espaçamento simples;

Os quadros, as tabelas e as figuras deverão ser numerados em algarismos arábicos (com suas respectivas legendas), de preferência incluídos no texto;

Os pontos gráficos e as linhas não deverão ser coloridos; deverão estar legíveis e simplificados para facilitar a redução;

Utilizar somente notas de rodapé de caráter explicativo, numeradas automaticamente.

As referências, contendo somente os autores citados no trabalho, deverão ser apresentadas em ordem alfabética ao final do trabalho, de acordo com as normas da ABNT-NBR-6023-2003.

O DOI dos artigos, quando existirem, deverão ser indicados ao final da referência.

A Comissão Editorial não aceitará textos fora das normas estabelecidas acima, reservando-se a decisão final quanto à publicação dos mesmos. Os artigos publicados e a exatidão das referências bibliográficas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es). Os editores não se responsabilizam pela redação nem pelos conceitos emitidos pelos colaboradores.

## ANEXO E – NORMAS DA REVISTA *INTERTHESIS*

1. A Revista Internacional Interdisciplinar *INTERthesis*, publicada pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, aceita para avaliação artigos inéditos, concisos e consistentes, preferencialmente com abordagem interdisciplinar, estabelecendo pontes entre disciplinas principalmente em áreas temáticas tais como:

- Condição Humana na Modernidade;
- Estudos de Gênero;
- Sociedade e Meio Ambiente.

Serão aceitas contribuições nas seguintes modalidades:

a) Artigo: deve ser original, contribuição de caráter acadêmico e/ou técnico-científico destinada a divulgar resultados de pesquisa científica, de natureza empírica, experimental ou conceitual (mínimo de 12 e máximo de 18 páginas, incluindo títulos, resumos, tabelas, figuras, mapas e referências);

b) Revisão: avaliação crítica sistematizada da literatura sobre determinado assunto; deve-se citar o objetivo da revisão, especificar (em métodos) os critérios de busca na literatura e o universo pesquisado, discutir os resultados obtidos e sugerir estudos no sentido de preencher lacunas do conhecimento atual (mínimo de 12 e máximo de 18 páginas, incluindo títulos, resumos, tabelas, figuras, mapas e referências);

c) Ensaio: reflexão circunstanciada, com redação adequada ao escopo de uma publicação científica, com maior liberdade por parte do autor para defender determinada posição, que vise aprofundar a discussão ou que apresente nova contribuição/abordagem a respeito de tema relevante (mínimo de 12 e máximo de 18 páginas, incluindo títulos, resumos, tabelas, figuras, mapas e referências).

2. Artigo submetido por aluno(a) de pós-graduação (Mestrado e/ou Doutorado) somente será aceito se escrito em co-autoria com o(a) Orientador(a), conforme sugere a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

3. Todos os artigos são apreciados por dois avaliadores, através do sistema *Blind Review*, ou seja, “avaliação cega” e caso necessário será enviado ainda a um terceiro avaliador.

4. Os originais poderão ser:

- a) Aceito/aprovado para publicação sem restrições;
- b) Aprovado se cumpridas as modificações sugeridas, sem necessidade de retornar ao parecerista;
- c) Aprovado se cumpridas as modificações sugeridas, com necessidade de releitura pelo parecerista;
- d) Parcialmente rejeitado, necessita de ampla revisão e deverá ser reapresentado para nova avaliação/parecer;
- e) Rejeitado.

5. É de responsabilidade do(s) autor(es) promover(em) as devidas revisões gramaticais no texto encaminhado bem como se preocupar com a obtenção de autorização de direitos autorais com relação ao uso de imagens, figuras, tabelas, métodos etc. junto a outros autores ou editores, quando for o caso.

6. Texto aceito para publicação que deseje ser traduzido para o inglês sugere-se a correção pelo American Journal Experts ([www.journalexerts.com](http://www.journalexerts.com)) e deverá ser custeado pelos autores.

7. A INTERthesis reserva-se o direito de evitar a publicação de um mesmo autor ou co-autor em intervalos menores do que seis edições.

8. O conteúdo dos trabalhos é de responsabilidade exclusiva de seus autores.

9. Quando as alterações forem referentes apenas a aspectos gramaticais, ortográficos e de ordem normativa, com vistas a manter a homogeneidade da publicação, editores e editores assistentes têm o direito de fazer as modificações necessárias, respeitando o estilo do autor. Nos demais casos, o autor reformulará o texto conforme o que for solicitado retornando-o no prazo máximo estipulado pelo editor que poderá ser de até 30 dias para releitura/nova avaliação.

10. Quando for sugerido na “avaliação por pares” revisão gramatical mais acurada do manuscrito poderá ser sugerido aos autores que se responsabilizem pela revisão a ser realizada por um profissional formado em Letras, quando são observadas as normas da Língua Portuguesa culta.

11. Os artigos e demais trabalhos publicados na INTERthesis passam a ser propriedade da revista. A impressão, total ou parcial, fica sujeita à expressa menção da procedência de sua publicação citando-se a edição, data da publicação, endereço eletrônico e data do acesso.

12. Os textos podem ser apresentados em três idiomas português, espanhol ou inglês.

13. Os artigos deverão ser redigidos conforme a norma de apresentação de artigos da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – NBR6022 de maio de 2003.

14. Para os artigos em língua espanhola ou inglesa, os autores deverão utilizar as normas brasileiras, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), conforme exposto no item anterior.

15. Anonimato:

a) No texto submetido para avaliação NÃO deve constar o(s) nome(s) do(s) autor(es), co-autor(es), suas qualificações e/ou local/instituição a que é (são) vinculado(s). Não é permitido nenhum tipo de menção que identifique autoria do texto;

b) Solicita-se ao(s) autor(es) que antes de submeter o texto, retire o(s) nome(s) da autoria ou qualquer identificação do texto ou qualquer identificação do arquivo enviado, inclusive na opção propriedades do “Word”.

16. Submissão eletrônica: Os artigos deverão ser remetidos via plataforma em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/about/submissions#onlineSubmissions>.

17. O arquivo contendo o manuscrito, que será anexado (transferido), durante a submissão, não poderá ultrapassar o tamanho de 3 MB.

18. Se o autor já estiver cadastrado, é necessário somente fazer o Login e iniciar os passos para a submissão do trabalho. Se ainda não estiver cadastrado é necessário usar o link. Não está cadastrado? Cadastre-se no sistema <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/user/register>, preencher o formulário e completar as informações.

19. Em seguida, utilize o link Autor e inicie o processo de submissão do artigo. São cinco passos, lembre-se de salvar no final de cada etapa:

Início: escolher em qual seção se encaixa o texto (Artigo, Ensaio ou Resenha) e indicar o idioma do texto;

- a) Confirme marcando nas caixas de seleção que a submissão está em conformidade com as condições da revista antes de prosseguir ao 2º Passo do processo;
- b) Transferência do Manuscrito: Transferir o arquivo em .doc ou .docx, lembrando de remover qualquer tipo de identificação de autoria;
- c) Inclusão de Metadados: Preencher os dados de autoria, inclusive o resumo de biografia. Caso tenha mais de um autor, clicar em “incluir autor” e preencher os dados. Preencher os campos de título e resumo em caixa baixa. Preencher os campos de indexação, palavras-chave é item obrigatório;
- d) Transferência de Documentos Suplementares: Etapa opcional. Podem ser anexados documentos como autorizações de publicação e uso de fontes ou complementos ao artigo como tabelas, figuras, gráficos, mapas e fotos inerentes ao texto enviado;
- e) Confirmação: confirmação de que o arquivo foi anexado ao sistema e conclusão da submissão. 20.

Características gerais do texto: O texto submetido deve ser digitado em Word 2003 (ou superior). A formatação do texto e das referências deve seguir as especificações abaixo:

#### 1) Formatação do texto

Como formato e características gerais, o texto deve ser/ter:

- a. Digitado em Word;
- b. Espaço 1,5 cm;
- c. Alinhamento justificado;
- d. Letra tipo Arial, corpo 12;
- e. Papel em formato A4;
- f. Margens superior/inferior – direita/esquerda = 2,5 cm;
- g. Parágrafo com recuo na primeira linha = 1,25 cm;

h. Se possível, evite notas de rodapé. Ao utilizá-las, contudo, elas devem vir ao final da página, em numeração contínua, fonte Arial, tamanho 10, espaçamento simples, alinhamento justificado.

2) O manuscrito deve ser elaborado nesta sequência:

Elementos pré-textuais (1ª página):

a. Título e subtítulo (se houver) na língua do texto;

I. No cabeçalho deve ficar em alinhamento justificado, em letras maiúsculas, negrito, fonte Arial 12, espaçamento entre linhas simples e ter no máximo 15 palavras.

b. Resumo na língua do texto;

I. Resumo deve ter no mínimo 100 e no máximo 250 palavras, expondo a abordagem principal do texto;

II. Deve ser claro e conciso, num único parágrafo, evitar citar elementos que identifique o(s) autor(es), instituição a que está vinculado, ficar em alinhamento justificado, fonte Arial 12, espaçamento entre linhas simples contendo o objetivo, metodologia, resultados e conclusões, seguindo a norma da ABNT NBR6028/2003;

c. Palavras-chave na língua do texto.

I. Devem ser apresentadas, 05 (cinco) palavras-chave que melhor representem o assunto do artigo. As palavras devem ser separadas por ponto, conforme exemplo: Palavras-chave: Uma palavra. Duas. Três. Quatro. Cinco palavras.

Elementos textuais (Corpo do texto do artigo):

a. O manuscrito deve ser apresentado em espaçamento 1,5, justificado, fonte Arial 12, e parágrafo com recuo na primeira linha de 1,25 cm;

b. Sugere-se que o texto obedeça à seguinte sequência: Introdução, Metodologia ou Procedimentos metodológicos/operacionais, Capítulos ou subdivisões do corpo do trabalho, Considerações Finais ou Conclusões, e Referências.

Títulos das seções em caixa alta, negrito.

Tabelas, figuras, gráficos e mapas

- a. Qualquer tipo de ilustração apresentada deve ser inserida no texto, o mais próximo possível do trecho a que se pretende ilustrar, evitando expressões como “Figura a seguir” ou “tabela abaixo” e utilizando sempre a numeração: Conforme tabela 5. De acordo com o gráfico 10;
- b. O tamanho das ilustrações não deve exceder as margens;
- c. As tabelas com informações estatísticas devem seguir as normas de apresentação tabular do IBGE/1993. Define-se tabela, a forma não discursiva de apresentar informações, na qual se destacam os números e informações estatísticas;
- d. A identificação de uma tabela deve ser feita através de números arábicos precedidos da palavra Tabela e seguidos de seu título. Essa identificação deverá aparecer acima da referida tabela;
- e. A tabela não é fechada com traços nos lados direito e esquerdo, ou seja, não há delimitação lateral. Recomenda-se que as tabelas presentes no artigo possuam uniformidade gráfica, quanto a cores e layout, utilizando fonte Arial 10 no máximo para os dados apresentados, ou, no caso de fonte externa, pode ser apresentada como imagem JPEG. A fonte deve ser indicada abaixo da mesma, conforme exemplo no final deste documento;
- f. As demais ilustrações, como desenhos, mapas, organogramas, fotografias e outras, devem ser inseridas no texto em formato JPEG e enviadas também em documentos suplementares independentes, através do sistema online da revista, no mesmo formato. A identificação aparece na parte inferior da imagem, com a numeração de ordem sendo a mesma identificada no texto. A fonte deve vir em seguida. A formatação da legenda deve ser em fonte Arial tamanho 10, negrito. Ver exemplos no final deste documento;
- g. As fontes utilizadas para quaisquer tipos de ilustração, exceto quando for elaboração do próprio autor, deverão ser referenciadas ao final do artigo.

#### Citações

- a. As citações diretas com até três linhas devem estar entre aspas duplas, no corpo do texto. As citações devem ser elaboradas de acordo com a norma da ABNT NBR10520/2002, usando obrigatoriamente o sistema autor-data. Exemplos: Carvalho e Schmitz (1990, p.149) afirmam que "até os anos 70 os princípios do fordismo

guiaram internacionalmente a administração na indústria automobilística e em outras indústrias de produção em massa”. Ou "Até os anos 70 os princípios do fordismo guiaram internacionalmente a administração na indústria automobilística e em outras indústrias de produção em massa” (CARVALHO; SCHMITZ, 1990, p.149). b. As citações diretas com mais de três linhas (citação longa) devem ser destacadas:

- I. com recuo de 4 cm da margem esquerda;
- II. em fonte 10;
- III. espaçamento simples;
- IV. pôr espaçamento antes e depois de 12 pt;
- V. sem aspas;
- VI. em caso de supressão de texto, utilizar [...].

Exemplo:

São abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado etc. [...] ainda vivemos uma sociedade em que a produção em função de lucros permanece como princípio organizador básico da vida econômica. Portanto, precisamos de alguma maneira representar todos os grandes eventos ocorridos desde a primeira grande recessão do pós-guerra, em 1973, maneira que não perca de vista o fato de as regras básicas do modo capitalista de produção continuarem a operar como forças plasmadoras invariantes do desenvolvimento histórico-geográfico (HARVEY, 2002, p.117).

Elementos pós-textuais: (após término do corpo do manuscrito, antes das Referências):

- a. Dar/Inserir quebra de página – os Títulos, resumos e palavras-chave em outras línguas devem ficar em uma só página;
  - b. Títulos e subtítulos (se houver) em línguas estrangeiras (inglês e espanhol);
  - c. Resumos em línguas estrangeiras (inglês e espanhol).
- I. Abstract e Resumen, em alinhamento justificado, fonte Arial 12, espaçamento entre linhas simples.
  - d. Palavras-chave em línguas estrangeiras (inglês e espanhol).

I. Keywords e Palabras clave, em alinhamento justificado, fonte Arial 12, espaçamento entre linhas simples, devem ser separadas por ponto e iniciadas com letra maiúscula.

## 21. Referências

a) Dar/Inserir quebra de página e iniciar o item Referências. As referências são alinhadas somente a margem esquerda do texto e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo. Devem ser apresentadas em ordem alfabética;

b) No item das “Referências” somente devem constar os textos, artigos e documentos que foram utilizados no corpo do texto. Utilizar a norma NBR 6023/2002 para a elaboração das referências;

c) Quanto ao primeiro nome do autor, deve-se optar por escrevê-lo ou por extenso ou utilizando-se somente a inicial do primeiro nome, devendo-se seguir um só modo para todas as obras referenciadas;

d) A revista recomenda que vinte por cento (20%) das referências bibliográficas e/ou citações sejam de artigos que façam parte de bases internacionais como, por exemplo: SciELO, Scopus ou ISI Web of Knowledge, com menos de 10 anos;

e) Solicita-se evitar no artigo a autocitação, citação de monografias, anais, resumos, resumos expandidos, jornais e magazines;

f) Para um mesmo autor referenciado em sequência, deve-se repetir seu nome, não utilizando sublinhados.

I. Livro Quando há apenas um autor:

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

SCHÜTZ, Edgar. **Reengenharia mental**: reeducação de hábitos e programação de metas. Florianópolis: Insular, 1997.

Quando houver dois ou três autores:

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

CASTILLO, G.; KOSTOF, S.; TOBIAS, R. **A history of architecture: settings and rituals**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

Quando houver mais de três autores:

CAJUEIRO, Daniel Oliveira *et al.* **Modelo de localização industrial para o planejamento de um pólo de alta tecnologia**. Brasília: IPEA, 2005. 18p. (Texto para discussão, 1.134).

MAGALHÃES, A. D. F. *et al.* **Perícia contábil**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRITO, E. V. *et al.* **Imposto de renda das pessoas físicas: livro prático de consulta diária**. São Paulo: Frase Editora, 1996.

Quando houver organizador (Org.), coordenador (Coord.) ou editor (Ed.):

BOSI, A. (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

VERSIANI, Flávio Rabelo; BARROS, José Roberto Mendonça de (Org.). **Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização**. São Paulo: Saraiva, 1978.

Quando não há local de publicação:

KRIEGER, Gustavo; NOVAES, Luís Antonio; FARIA, Tales. **Todos os sócios do presidente**. 3. ed. [S.I.]: Scritta, 1992. 195 p.

Quando não há o nome da editora:

VALÊNCIA, I. **Das mulheres e das flores**. Belo Horizonte: [s.n.], 1974.

Quando não há data da edição: sempre deve ser indicada uma data, seja de publicação, de distribuição, do *copyright*, de impressão ou outra. Se nenhuma data puder ser determinada, coloca-se uma data aproximada entre colchetes [ ], como segue: [1971] data certa, mas não indicada no material [1989?] data provável da publicação [ca1965] data aproximada da publicação.

Quando o autor for uma entidade:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Administração Geral. **A educação no Brasil na década de 80**. Brasília: MEC, 1990. 106 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2000. 3 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. **Recuperação ambiental da bacia hidrográfica do Rio Cascavel**. Cascavel: FUNDETEC. 1995. 164 p.

Quando a obra tiver título e subtítulo:

CERTEAU, M. de. **Histoire et psychanalyse: entre science et fiction**. Paris: Gallimard, 1987.

Autoria desconhecida: Quando não existe nome de autor, a primeira palavra significativa do título é escrita em caixa alta. Não se usa o termo “anônimo”. Exemplo:

O PENSAMENTO vivo de Nietzsche. São Paulo: Martin Claret, 1991. 110p. II. Capítulo de livro III.

MOURA, Rosa. Políticas públicas urbanas: ausências e impactos. *In*: MENDONÇA, Francisco (Org.). **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004. p.149-168.

PINHEIRO, Armando Castelar; GIAMBIAGI, Fabio; GOSTKORZEWICZ, Joana. O desempenho macroeconômico do Brasil nos anos 90. *In*: GIAMBIAGI, Fabio; MOREIRA, Maurício Mesquita (Org.). **A economia brasileira nos anos 90**. Rio de Janeiro: BNDES, 1999. p.11-41.

LIMA, L. de O. Ativação dos processos didáticos na escola secundária. *In*: LIMA, L. **A escola secundária moderna: organização, métodos e processos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976. cap. 12, p. 213-234.

HORTA, J. S. B. Planejamento educacional. *In*: MENDES, Dumerval Trigueiro (Org.). **Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p.195-239.

IV. Artigo em periódico

V. TORRES, Haroldo da Gama *et al.* Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 47, p. 97-128, jan./abr. 2003.

ARAÚJO, S. M. P. Indústria automobilística e sindicato: atuação renovada no Paraná dos anos 2000. **Cadernos do CRH**, Salvador, v. 19, n. 46, p. 49-62, 2006.

SCHNEIDER, Sergio; BLUME, Roni. Ensaio para uma abordagem territorial da ruralidade: em busca de uma metodologia. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 197, p. 109-135, jul./dez. 2004.

AZZONI, Carlos R.; CARMO, Heron E. do; MENEZES, Tatiane. Comparações da paridade de poder de compra entre cidades: aspectos metodológicos e aplicação ao caso brasileiro. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 91-126, abr. 2003.

#### VI. Dissertação e Tese

Dissertação de Mestrado:

RODRIGUES, M. V. **Qualidade de vida no trabalho**. 1989. 180 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

Tese de doutorado:

DELGADO, Paulo Roberto. **Precarização do trabalho e condições de vida: a situação da Região Metropolitana de Curitiba nos anos 90**. 2001. 163 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

FANTUCCI, I. **Contribuição do alerta, da atenção, da intenção e da expectativa temporal para o desempenho de humanos em tarefas de tempo de reação**. 2001. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

#### VII. Acesso via Internet

Artigo de Internet com autor:

MOULIN, Carolina. Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 26, n. 76, jun. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092011000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092011000200008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 dez. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092011000200008>.

CAPITANI, Daniel Henrique Dario; MIRANDA, Sílvia Helena Galvão de; FILHO, João Gomes Martines. Determinantes da demanda brasileira por importação de arroz do Mercosul. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 49, n. 3, set. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032011000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032011000300002). Acesso em: 27 dez. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032011000300002>.

SCAFFO, Maria Fátima; FARIAS, Francisco Ramos. A transmissão dos protocolos de gênero como dispositivo de submissão feminina à violência conjugal. **INTERthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 134-159, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p134/20572>>. Acesso em: 28 dez. 2011.

MONT'ALVAO, Arnaldo. Estratificação educacional no Brasil do século XXI. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582011000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582011000200006)>. Acesso em: 28 dez. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582011000200006>.

Artigo de Internet sem autor especial:

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Brasília, v.26. n.3, 1997. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline>>. Acesso em: 19 mai. 1998.

VIII. Verbetes de dicionário

ÉTICA. *In*: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Instituto de documentação. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1986. p. 433-435.

## AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Marília Garcia Boldorini

RG: 5.178.435-1

Título da Dissertação: As singularidades patrimoniais no contar biográfico: paisagem, memórias e narrativas de Joinville

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 19 de março de 2018.

Marília Garcia Boldorini

Nome